UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução

Henrique de Toledo Groke

A caminho de casa

Tradução comentada de *Philosophie de la Relation* de Édouard Glissant

Versão corrigida

São Paulo
2020

Henrique de Toledo Groke

A caminho de casa

Tradução comentada de *Philosophie de la Relation* de Édouard Glissant

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos créditos para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Zavaglia.

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G873c

Groke, Henrique de Toledo.

A caminho de casa: Tradução comentada de *Philosophie de la Relation* de Édouard Glissant / Henrique de Toledo Groke; orientadora Adriana Zavaglia. – São Paulo, 2020.
238 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Letras Estrangeiras e Tradução.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução comentada. 3. Filosofia da Relação.
4. *Philosophie de la Relation*. 5. Édouard Glissant. I. Zavaglia, Adriana, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA TESE

Termo de Ciência e Concordância da Orientadora

Nome do aluno: Henrique de Toledo Groke

Data da defesa: 24/04/2020

Nome da Profa. orientadora: Adriana Zavaglia

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 23/06/2020

(Assinatura da orientadora)

GROKE, Henrique de Toledo. **A caminho de casa – Tradução comentada de *Philosophie de la Relation* de Édouard Glissant**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos créditos para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovada em 24 de abril de 2020.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Adriana Zavaglia (Presidente)
Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura _____

Profa. Dra. Claudia Consuelo Amigo Pino
Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura _____

Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Assinatura _____

Prof. Dr. Michel Mingote Ferreira de Azara
Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura _____

Prof. Dr. Maurício Mendonça Cardozo
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Assinatura _____

Dedico o afeto que compõe este trabalho

à Manuela

meu amor-menina

minha outra vida

noutro caminho

inteiramente dela

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À minha orientadora, Profa. Dra. Adriana Zavaglia, por suas leituras, revisões e sugestões aos textos e traduções de minha pesquisa, sugestões ao formato e à abordagem da pesquisa e por propiciar minha participação no grupo de estudos Marcas e Marcadores Culturais.

À Profa. Dra. Diva Barbaro Damato por sua participação e estímulo a esta pesquisa no Exame de Qualificação. Ainda, em homenagem à sua memória, agradeço pelo amadurecimento crítico proporcionado pelo curso de suas disciplinas, pela introdução à obra de Édouard Glissant, por suas contribuições e participação em minha pesquisa e defesa de mestrado e por sua amizade.

À Profa. Dra. Heloísa Pezza Cintrão por sua participação, críticas e sugestões à minha pesquisa na ocasião do Exame de Qualificação deste doutorado.

Às colegas de pós-graduação Violeta, Raquel, Renata, Marion e Olga, pelos debates acadêmicos e compartilhamentos mútuos de pesquisa.

A Maira, Cristina e Eliane, por seu amor e apoio durante o desenvolvimento deste doutorado.

O pintor Paul Gauguin amou a luz da Baía de
[Guanabara
O compositor Cole Porter adorou as luzes na noite
[dela

A Baía de Guanabara
O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou
[a Baía de Guanabara
Pareceu-lhe uma boca banguela

E eu, menos a conhecera, mais a amara?
Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la estrela
O que é uma coisa bela?

O amor é cego
Ray Charles é cego
Stevie Wonder é cego
E o albino Hermeto não enxerga mesmo muito bem

Uma baleia, uma telenovela, um alaúde, um trem?
Uma arara?
Mas era ao mesmo tempo bela e banguela a
[Guanabara
Em que se passara passa passará um raro pesadelo
Que aqui começou a construir sempre buscando o
[belo e o Amaro

Eu não sonhei:
A praia de Botafogo era uma esteira rolante de
[areia branca e óleo diesel
Sob meus tênis
E o Pão de Açúcar menos óbvio possível
À minha frente
Um Pão de Açúcar com umas arestas insuspeitadas
À áspera luz laranja contra a quase não luz, quase
[não púrpura
Do branco das areias e das espumas
Que era tudo quanto havia então de aurora

Estão às minhas costas um velho com cabelos nas
[narinas
E uma menina ainda adolescente e muito linda
Não olho pra trás mas sei de tudo
Cego às avessas, como nos sonhos, vejo o que
[desejo

Mas eu não desejo ver o terno negro do velho
Nem os dentes quase não púrpura da menina
(Pense Seurat e pense impressionista
Essa coisa de luz nos brancos dentes e onda
Mas não pense surrealista que é outra onda)

E ouço as vozes
Os dois me dizem
Num duplo som
Como que sampleados num Sinclavier:

"É chegada a hora da reeducação de alguém,
Do Pai, do Filho, do Espírito Santo, amém.
O certo é louco tomar eletrochoque,
O certo é saber que o certo é certo.
O macho adulto branco sempre no comando
E o resto ao resto, o sexo é o corte, o sexo.
Reconhecer o valor necessário do ato hipócrita
Riscar os índios, nada esperar dos pretos."

E eu, menos estrangeiro no lugar que no momento,
Sigo mais sozinho caminhando contra o vento
E entendo o centro do que estão dizendo
Aquele cara e aquela:
É um desmascaro,
Singelo grito:
"O rei está nu"
Mas eu desperto porque tudo cala frente ao fato de
[que o rei é mais bonito nu.
E eu vou e amo o azul, o púrpura e o amarelo
E entre o meu ir e o do sol, um aro, um elo.
(Some may like a soft brazilian singer
But I've given up all attempts at perfection)

O estrangeiro
Caetano Veloso

RESUMO

GROKE, Henrique de Toledo. **A caminho de casa: Tradução comentada de *Philosophie de la Relation* de Édouard Glissant**. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2020.

Esta tese gravita ao redor da tradução comentada de capítulos selecionados do ensaio *Philosophie de la Relation – poésie en étendue* (2009), último ensaio extenso publicado em vida por Édouard Glissant (1928-2011), escritor, poeta e filósofo martinicano. O critério para a seleção apresentada foi a ocorrência da palavra "case", a qual, por sua função e seu sentido interpretados por mim, tem uma pronunciada importância no complexo estético do ensaio, sendo possível dizer que se trata de um de seus principais elementos articuladores. Numa trajetória de concentração, apresento (1) a exposição de algumas noções do pensamento glissantiano, (2) a análise do ensaio *Philosophie de la Relation* guiada pelas ocorrências de "case", no que se inclui a atenção à construção de seu sentido e ao desdobramento de suas funções poéticas e filosóficas, e (3) o relato do processo tradutório introduzido por uma contextualização preliminar e que expõe, em seguida, o texto original e duas traduções subsequentes do conjunto de capítulos escolhidos acompanhadas por comentários a respeito das dificuldades e soluções de tradução que considere mais relevantes ou significativas. A partir desse relato e em movimento de abertura e fragmentação, apresento, à guisa de conclusão ou considerações finais, textos mais ou menos digressivos que coagulam e desenvolvem reflexões provocadas pelo processo tradutório específico em que me embrenhei.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Tradução comentada; *Philosophie de la Relation*; Filosofia da Relação; Édouard Glissant.

ABSTRACT

GROKE, Henrique de Toledo. **On the way home: Commented translation of Édouard Glissant's *Philosophie de la Relation***. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2020.

This thesis revolves around the commented translation of selected chapters of the essay *Philosophie de la Relation – poésie en étendue* (2009), the last extensive essay published in life by Édouard Glissant (1928-2011), writer, poet and Martinican philosopher. The criterion for the selection presented was the occurrence of the word "case", which, due to its function and its meaning interpreted by me, has a pronounced importance in the aesthetic complex of the essay, being possible to say that it is one of its main articulator elements. In a trajectory of concentration, I present (1) the exposition of some Glissant's philosophic notions, (2) the analysis of the essay *Philosophie de la Relation* guided by the occurrences of "case", which includes attention to the construction of its meaning and the unfolding of its poetic and philosophical functions, and (3) the account of the translation process introduced by a preliminary contextualization and which then exposes the original text and two subsequent translations of the chosen set of chapters accompanied by comments regarding the translational difficulties and solutions that I considered most relevant or significant. Based on this report and in a movement of openness and fragmentation, I present, at the usual place of a conclusion or final considerations, more or less digressive texts that coagulate and develop reflections caused by the specific translation process in which I involved myself.

Keywords: Translation Studies; Commented translation; *Philosophie de la Relation*; Philosophy of Relation; Édouard Glissant.

Sumário

Aproximação	10
 Capítulo 1 <i>Em meio à Relação</i> Esboço de algumas noções do pensamento de Édouard Glissant	 17
 Capítulo 2 <i>"Você não encontrará a casa"</i> Uma leitura de <i>Philosophie de la Relation – poésie en étendue</i>	 40
 Capítulo 3 <i>Relato de uma tradução, tessitura de uma relação</i> Processo tradutório dos trechos selecionados de <i>Philosophie de la Relation</i>	 76
 <i>Traficções</i>	 167
 Referências bibliográficas	 198
 Apêndice Primeiras traduções de trechos e capítulos preliminarmente selecionados para compor a tradução comentada acompanhada do registro de dificuldades e reflexões iniciais provocadas pelo processo tradutório	 204

Aproximação

Antecedentes

Meu primeiro contato com a obra de Édouard Glissant (1928-2011), escritor, poeta e filósofo martinicano, ocorreu no curso da disciplina de graduação "Literatura dos Países de Expressão Francesa I" ministrada pela Profa. Dra. Diva Barbaro Damato. Os trechos de *Introduction à une Poétique du Divers* (GLISSANT, 1995) apresentados nessa ocasião provocaram-me tal identificação que não pude, desde então, deixar de estar com certa frequência em algum tipo de contato a obra glissantiana. No caso da pesquisa de mestrado, orientado pela Profa. Dra. Claudia Amigo Pino, elaborei uma aproximação crítica e estética entre o "ensaio poético" glissantiano e o romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa (GROKE, 2011). Comecei a formular essa proposta quando, já em contato com Glissant, participei de um grupo de estudos coordenado pelo Prof. Dr. Willi Bolle e cuja principal atividade era a aplicação de uma oficina teatral chamada "atores da violência – atores do diálogo" baseada no romance rosiano. Tratava-se de uma adaptação com recortes de falas de diversos personagens a cuja encenação se seguia um debate com o público e os participantes.

Nessa época que antecedeu o mestrado, a questão tradutória se apresentara para mim pela primeira vez de forma mais evidente quando o grupo, denominado *grandesertão.br*, teve a oportunidade de levar a oficina para a Alemanha e a França, em contextos acadêmicos e não acadêmicos. Assim, para produzir a versão em língua francesa, baseei-me na edição francesa e na qual localizei os trechos correspondentes àqueles usados no roteiro da oficina. Lembro-me de algumas reações, como a grande surpresa pela mudança do título – pois fora traduzido por *Diadorim* sem qualquer relação com o título original, o que aparentemente interferia no próprio foco da narrativa – e a incompreensão sobre outros aspectos do texto traduzido, como a mudança geral no estilo e na linguagem. Meu trabalho ainda muito inexperiente de tradução daqueles poucos trechos e a percepção da complexidade que o texto de *Grande sertão: veredas* impõe aos tradutores impediram que eu formasse uma opinião consistente a respeito da edição francesa, apesar do impulso

nesse sentido. Assim, o que mais me marcou foi a curiosidade pela motivação daquelas escolhas e, portanto, o início mais claro de minhas reflexões a respeito do ato tradutório e suas complexidades.

Não houve desdobramentos imediatos dessa experiência e, algum tempo depois, durante o mestrado, o interesse mais específico pela questão tradutória ressurgiu pelo contato com uma tradução brasileira de *Introduction à une Poétique du Divers*, a mesma obra pela qual tive o primeiro contato com Édouard Glissant e que, em nossa edição, se intitulava *Introdução a uma Poética da Diversidade* (GLISSANT, 2005a). Novamente, algumas surpresas e incompreensões me assaltaram, a começar pelo título, e, dessa vez, pensando num tema de pesquisa para o doutorado, o campo da tradução me apareceu como possibilidade real.

Após o mestrado, a decisão por centrar o doutorado num título de Édouard Glissant se deu pela falta que eu sentia de uma maior presença de suas ideias em nosso contexto, isto é, pelo desejo de contribuir para o aumento da circulação de sua poética – em que se incluem sua estética e sua filosofia – em meu próprio meio. Essa circulação já ocorre no Brasil pela atuação de pesquisadores como Claudia Pino, Véronique Dahlet, Eurídice Figueiredo, Enilce Rocha, Michel Azara e a pioneira Diva Damato, entre outros. Mas, justamente pela atualidade das questões a que Édouard Glissant se dedicou, relacionadas aos contextos brasileiro e mundial, creio que há espaço para mais vozes e perspectivas nesse diálogo. Mas é temerário apegar-se a esse juízo de falta ou de insuficiência porque isso facilmente pode se converter em defesa de algum tipo de valor intrínseco ou conteúdo que "necessita" ou "merece" ser difundido.

Obviamente, essa é a minha opinião, fato evidente pelo tema da pesquisa e pela expressão de minha postura em relação ao pensamento glissantiano de forma geral. Mas essa é também a questão: trata-se antes de tudo de uma percepção pessoal, a qual apenas acusa recepção na medida em que reverbera em outras percepções pessoais e assim integra e colabora numa pluralidade. De minha parte, essa consciência não impede a afirmação da atualidade, e mesmo urgência, do pensamento de Édouard Glissant. Na realidade, frente ao barulho e à exasperação de purismos, racismos e fascismos, é a aposta no diálogo e no debate, questionando suas bases caducas, que pode retomar a busca e a esperança de um convívio digno da diversidade humana.

Partida

Assim, para a forma de minha contribuição, decidi pela tradução comentada pelo fato de possibilitar a união da produção de uma tradução que poderia se desprender da pesquisa com os debates sobre a interpretação do texto original e sobre a produção do texto traduzido. No caso de Édouard Glissant, esses debates se entrelaçam em muitos pontos, pois sua filosofia também trata de aspectos cognitivos e interpretativos, porém em contextos mais amplos do que a crítica literária e os Estudos da Tradução em sua atuação mais específica, à qual obviamente não se limitam necessariamente.

O ensaio escolhido para a efetuação da tradução comentada foi *Philosophie de la Relation* (2009). Como ocorre com os ensaios de Édouard Glissant de forma geral, ele constitui um exemplo do que denominei "ensaio poético" em minha dissertação de mestrado (GROKE, 2011, p.18). O subtítulo do ensaio, *poésie en étendue*, é também índice dessa justaposição dos aspectos poético, crítico e filosófico. Mas o principal fator que me fez decidir pelo ensaio mencionado como objeto principal da pesquisa é o seu caráter de texto da maior maturidade do autor. Escrito após décadas de formulações e reformulações de suas perspectivas, ele apresenta uma espécie de inventário que aborda diversas noções elaboradas ao longo de seu percurso intelectual. Nesse sentido, poderia ser considerado uma síntese de seu pensamento e um legado filosófico. Além disso, penso que a insinuação desta pesquisa pelo campo da tradução pode evidenciar outras potencialidades da obra de Édouard Glissant um pouco além dos rótulos mais fáceis como estudos culturais e pós-coloniais, com os quais, todavia, os Estudos da Tradução também dialogam.

O percurso, as partes do texto

O título da tese foi motivado pela frequente aparição do tema do *percurso* como um mediador de relações e de reflexão crítica no desenvolvimento da pesquisa. Na verdade, esse tema está presente desde as vésperas de minha pesquisa de mestrado. No doutorado, ele se manifestou em âmbitos como: narrativas de trajetórias e vivências no espaço e na paisagem, na travessia de fronteiras mais ou menos concretas entre eles e entre suas porções conhecidas e desconhecidas; a construção progressiva do sentido de forma análoga ao reconhecimento de uma paisagem por meio da escuta e da interpretação do texto fonte e das referências críticas; e na criação das trilhas que são os discursos e caminhos lógicos produzidos, sejam análises ou traduções.

Quanto às partes da tese, elas se articularam em torno da tradução comentada dos capítulos selecionados do ensaio escolhido e também desenharam uma certa dinâmica de movimentos que podem ser tratados como duas etapas subsequentes de uma trajetória, uma concentradora e outra dispersiva. Primeiramente, como início da trajetória de concentração, o Capítulo 1, "Em meio à Relação", expõe algumas noções e poéticas do pensamento glissantiano de forma geral a fim de situar o leitor em tais temas, mas também para dar lastro à análise de *Philosophie de la Relation* enquanto integrante da bibliografia de Édouard Glissant.

Essa análise é apresentada no Capítulo 2, "Você não encontrará a casa", como mais um estágio de aprofundamento no diálogo com a obra de Glissant por meio da análise específica e tematizada do ensaio cuja tradução seria apresentada em seguida. Seus objetivos são a continuidade da exposição da arte glissantiana ao leitor e a preparação para a apresentação do ato tradutório do capítulo seguinte. Assim, no Capítulo 2, procedi a uma interpretação focada nas ocorrências da palavra "case", a qual, por sua função e seu sentido interpretados por mim, tem uma pronunciada importância no complexo estético de *Philosophie de la Relation*, o que me permitiu concluir que se trata de um de seus principais elementos articuladores poéticos e filosóficos. Tanto essa perspectiva se consolidou para mim que ela estabeleceu o critério final de seleção dos capítulos a serem traduzidos, visto que a tradução integral não seria factível nos prazos disponíveis. Tal critério foi de fato a ocorrência da palavra "case", o que alude também ao percurso, pois esse "casebre" era o objetivo das incursões feitas e narradas pelo autor nas passagens autobiográficas do ensaio.

Após a vista mais geral do Capítulo 1 e a interpretação tematizada no Capítulo 2, o Capítulo 3, "Relato de uma tradução, tessitura de uma Relação", constitui o ponto mais imersivo da tese na obra de Édouard Glissant e nos trechos selecionados de *Philosophie de la Relation* por justamente apresentar a tradução comentada em si, isto é, embrenhar-se ainda mais no texto do ensaio a fim de formular a tradução, expor as dificuldades e argumentar pelas soluções fixadas. A título documental e ilustrativo do início desse processo, encontram-se como Apêndice ao final da tese as primeiras traduções, notas e reflexões da seleção ainda preliminar das partes do ensaio. Objetivamente, o Capítulo 3, como relato do processo tradutório, é introduzido por uma contextualização preliminar e expõe em tabelas o texto original e duas traduções subsequentes acompanhadas por comentários a respeito de tal processo.

As reflexões provocadas por essa experiência iniciam, no mesmo capítulo, a trajetória de abertura, a princípio sobre o gênero "tradução comentada" e o traduzir de forma geral, mas também sobre outros temas suscitados pela pesquisa de forma geral. Embora eu não tenha sempre explicitado referências, é preciso dizer de antemão que isso se motivou pela dificuldade de sistematizar uma escrita intuitiva instigada pelo estilo de Édouard Glissant e pela profusão de relações surgidas. Apesar disso, muitos autores contribuíram durante o doutorado para o embasamento e o estímulo a reflexões em diálogo com o pensamento de Édouard Glissant. Alguns dos quais cito a seguir.

Wilhelm von Humboldt, em seu texto chamado "Sobre a natureza da linguagem em geral", considera o papel mediador da língua na relação homem-mundo e, descrendo da possibilidade real de uma língua única mundial, afirma: "seria portanto melhor multiplicar as diferentes línguas, na medida permitida pelo número de seres humanos habitantes do planeta" (HUMBOLDT, 2006, p.9). A afinidade que vejo com Édouard Glissant encontra-se primeiramente na negação de uma relação unívoca e essencial dos sentidos expressos por uma língua, mas também na consequente constatação da pluralidade legítima das relações humanas com o mundo.

Em outro plano, mas igualmente questionador de essencialismos, Gideon Toury, em "Excursus B. 'Translation of literary texts' vs. 'literary translation'", observa a diversidade de práticas tradutórias em função de uma diversidade de normas características de cada ato de tradução. Entre outras coisas, ele critica e decompõe um senso comum que tende a equivaler a "tradução literária" à "tradução de textos literários", porque pressupõe uma constância ou essencialidade do que é considerado literário. O autor afirma que há, nesse caso, um eixo de variação entre a "adequação" às normas do sistema do texto de partida e a busca de uma "aceitabilidade" no sistema do texto de chegada e que o ato tradutório necessita sempre ser contextualizado (TOURY, 2012, p.197-211).

Como último exemplo, sem de forma alguma esgotar as referências com que tive contato durante a pesquisa e que influenciaram minhas reflexões, Maurício Mendonça Cardozo, em seu artigo "Tradução e o (ter) lugar da relação", explora a percepção relacional da tradução, contexto em que o afirma, em grande sintonia com a descrição glissantiana da noção de opacidade:

Como um valor de operação, o que percebemos e circunscrevemos como sendo o outro impõe-se como um valor de outro na economia de nossa

relação com um outro factual, mas isso não implica assumirmos, como pressuposto, a possibilidade de paridade ou coincidência entre esse outro e as percepções que temos dele. (CARDOZO, 2018, p.289-290)

Essas e outras referências, em sua discussão de aspectos variados das relações de significação da consciência humana e suas construções com os elementos do mundo, juntamente às minhas interpretações do pensamento de Édouard Glissant, provocaram uma série de reflexões que, apesar de paralelas ou digressivas, não pude me furtar a desenvolver. Assim, a partir do fim da exposição do processo tradutório, ainda no Capítulo 3, expus não apenas uma abertura e dispersão temática, mas uma fragmentação formal que não parecia interessante reduzir ou aglutinar, pois, enquanto pequenas conclusões, esses desenvolvimentos poderiam caber na forma final da tese por justamente configurarem a conclusão possível, já que retomavam temas uns dos outros. Isto é, eu os incluí por considerá-los parte relevante do que a pesquisa produziu, mesmo que antes e talvez por uma predisposição minha, mas certamente por influência do estilo de Glissant, por sua relação difícil e digressiva com o leitor e por sua diversidade estética.

Elaborei para esses textos a denominação de *traficções* procurando expressar uma fusão entre: *tradução*, por seu sentido figurado de reformulação ou paráfrase; *ficção*, enquanto invenção e construção narrativa; e *tráfico*, como menção a algum tipo de contravenção formal, mas também numa tentativa de converter a alusão ao terrível tráfico de seres humanos escravizados num *tráfico poético* que cantasse o direito de todos à dignidade. Essas traficções são assim uma espécie de conclusão espraiada da pesquisa na forma de pequenas teses ao redor do pensamento sobre a tradução e a linguagem, mas inevitavelmente transbordam para outros temas conectados, incluindo aspectos filosóficos e afetivos relativos à minha própria vida cotidiana.

De maneira geral, embora eu as tenha apresentado dessa forma não convencional, muitos elementos dos capítulos se articulam com esses espraiamentos. Por meio dessas articulações, cheguei a conclusões como a de que as dificuldades experimentadas ou tidas como especiais do ato tradutório, são, antes e também, questões de linguagem, isto é, de expressão e interpretação. Isso, por sua vez, é uma questão cognitiva de constituição das subjetividades e de suas perspectivas, o que leva à consideração das relações entre subjetividades como a base de um tecido simbólico e social, de forma análoga a uma paisagem compartilhada em diferentes modos e medidas. Dessa forma, numa via de mão

dupla, o real, cujo sentido não é dado nem se oculta em qualquer parte, só pode ser interpretado por alguma "subjetividade" e, através dessas interpretações, formam-se e se relacionam as subjetividades entre si. Essa é a maneira pela qual a percepção da inessencialidade de identidades e sentidos leva, a meu ver, ao aguçamento da responsabilidade de cada um de nós na composição de um real.

Desenvolvi também uma reflexão em direção oposta, isto é, me perguntando, para aquém das alteridades externas, como se configuraria internamente cada subjetividade. Por essa reflexão, levantei a hipótese de que uma individualidade poderia ser uma agregação em que não houvesse conflitos entre seus componentes, mas atuação concertada. Também nesse sentido, o que abordei como o "laboratório da tradução comentada", na problematização da coincidência dos sujeitos tradutor e pesquisador, me levou à percepção de que eu figurava como cobaia de mim mesmo, isto é, que minha cognição era objeto de si própria e, assim, me questionei sobre as decisões e as notas de registro do processo tradutório e em que medida havia ali alguma espécie de encenação e de evidenciação de uma diversidade ou pluralidade interna ao sujeito.

Finalmente, embora essas reflexões e outras que expressei em minha tese não tragam necessariamente uma originalidade, como se verá, e partam de uma percepção pessoal, acredito que, ainda mais em nossos dias, como já externei, é importante persistir no debate de tais temas tendo em vista o refluxo reacionário e autoritário que nos ameaça com riscos reais e imediatos a todos nós. Pode-se dizer que essas posturas se baseiam num *cosmoplanismo* mais do que num eventual *terraplanismo*, isto é, resistem em fazer qualquer questionamento quanto às suas próprias perspectivas em nome de alguma reflexão sobre o convívio e a relação entre as humanidades, pois temem a relativização e a transformação de seus valores. Daí o valor do debate e da crítica para a sobrevivência das diversidades.

Capítulo 1

Em meio à Relação

Esboço de algumas noções do pensamento de Édouard Glissant

*O senhor vê: existe cachoeira; e pois?
Mas cachoeira é barranco de chão,
e água se caindo por ele, retombando;
o senhor consome essa água, ou desfaz
o barranco, sobra cachoeira alguma?*

João Guimarães Rosa
Grande sertão: veredas

Sintomas de uma transição

Vivemos um tempo de crises diversas – sanitárias, políticas, econômicas, sociais, morais, ambientais, humanitárias – que podem ser vistas como faces de uma crise mais ampla e generalizada do pensamento e do comportamento humanos. Minha aposta, em concordância com Édouard Glissant, é de que se trata de um processo de superação de um conjunto de posturas toxicamente intolerantes, já que, por um lado, estas são reedições grosseiras e caricatas – embora preocupantemente deletérias – de colonialismos e autoritarismos associados a imperialismos globais e locais e, por outro, não parece plausível haver retorno pacífico a situações passadas de domínio absoluto do racismo, do machismo e da homofobia, o que se acompanha de uma pesada normatização, e consequente estereotipação, do que seria "ser negro", "ser branco", "ser indígena", "ser mulher" e "ser homem" e de seus papéis sociais, para citar exemplos mais sensíveis ou evidentes.

Algo constante nessas posturas parece ser a crença, de viés moralista, em sua própria neutralidade como fato da realidade ou, antes, na superioridade de seus valores, mesmo que estes não resistam a debates mais racionais. É essa a base das posições que denunciam a "ideologia de gênero", a "doutrinação" no sistema público de ensino, o "vitimismo" dos movimentos feminista e negro. Isso tudo é, na verdade, a recusa ao debate e a qualquer questionamento de seus pressupostos morais, históricos ou religiosos. Não à toa, essas três dimensões assumem aura mítica. Nosso cotidiano atual inclui avanços de um Estado policial, interferência política externa, instabilidade política e econômica mundial ou regional, guerras de informação e propagação de notícias falsas (ou *fake news*) a manipular processos democráticos que ressuscitam elementos da Guerra Fria, guerras de fato e genocídios,

grandes migrações forçadas, vulnerabilização e abuso em massa de crianças, mulheres e homens confrontados com a miséria e ao risco de morte, surgimento e queda de grupos extremistas e terroristas e o próprio terrorismo de Estado.

Além da crença de que não é plausível a aceitação pacífica da normalização de retrocessos, a aposta na superação desse triste estado das humanidades baseia-se também em reedições, porém de natureza outra e diversa da exasperação moralista e do apego a formas e valores caducos. São aquelas que, mesmo enquanto reedições carregadas do aprendizado passado, são ainda críticas e não receiam abandonar dogmas para conceber alternativas modestas e pragmáticas. Embora localizadas ou particulares, essas alternativas, ainda periféricas e silenciosas e/ou silenciadas, em sua maior parte, comunicam-se com tempos e espaços distintos para seu próprio enriquecimento e busca das soluções de que suas comunidades necessitam. Elas ocupam locais, disseminam-se e influenciam seu entorno na mesma medida em que as velhas formas se esgotam ou se tornam insuportáveis. Não é difícil identificá-las, pois, de forma geral, orientam-se pelas diferentes, necessárias e interdependentes sustentabilidades: ambiental, econômica, política, social, cultural.

Construções

A intervenção crítica, estética e filosófica de Édouard Glissant pode ser associada a todos esses campos mesmo que de forma um pouco menos direta em alguns casos. Ela não se manifesta como expressão de algo necessariamente novo, seja uma utopia ou uma ideologia, mas busca, em meio às violências físicas e simbólicas, ocultas e evidentes, os processos que as causam e, conseqüentemente, os processos concorrentes que resistem ou delas resultam como resposta de lógica inversa – e não *reversa* –, estes, sim, propostas práticas de desarmamento dessas violências. O autor procura, assim, evidenciar outras possibilidades de convivência sem, todavia, formular qualquer modelo.

O pensamento glissantiano passa por diferentes campos do conhecimento e gêneros da prática literária e não se filia específica ou explicitamente a nenhum deles, o que pode, enfim, situá-lo na filosofia e na poética em seus sentidos mais amplos como criação de expressão crítica, literária e de conhecimento. Esse pensamento oferece ao seu leitor o questionamento das delimitações desses campos pela constante imbricação de formas e conteúdos de filosofia, poesia, autobiografia, ficção, crítica literária e artística, economia, elementos da geologia e das ciências do Caos, entre outros, mesmo que em alguns casos o

autor diga ou admita fazer uso não autorizado de certos termos ou expressões, principalmente quando estes se distanciam mais das ciências humanas.

Não se quer afirmar aqui que isso seja algo novo. A transgressão de fronteiras nos campos do saber foi e é praticada por muitos pensadores, o que se dá, ao menos atualmente, ao lado do crescimento de áreas transdisciplinares como os próprios Estudos da Tradução. Por isso, acredito não ser imprescindível ou mesmo produtivo que se explore a situação do autor em alguma genealogia intelectual. Mesmo que isso seja possível, como há os que o fazem para fins didáticos, talvez, não me parece que seja coerente com o próprio pensamento do autor martinicano. Isso não significa desprezar questões de contexto; ao contrário. O contexto que busco aqui é mais de afinidade e convergência crítica: num espaço crítico construído para o debate de ideias que julguei oportuno fazer colaborar, o que tampouco significa prescindir da busca de pertinência. Essas afinidades intuídas passam invariavelmente pelo senso crítico. Em contato com a obra de Édouard Glissant, elas parecem revelar-se como a partilha que o autor nomeou como *lugares-comuns* por indicar pontos de encontro de pensamentos do mundo, a exemplo do que notou entre algumas de suas formulações e outras de origens distintas e distanciadas. Minha pesquisa pode ser, então, entendida como a exploração e o mapeamento de alguns desses lugares-comuns.

Similarmente às questões de forma e pertencimento intelectual dão-se os desenvolvimentos conceituais e argumentativos de Glissant. Nas construções críticas de seus ensaios – porção da bibliografia do autor à qual a presente pesquisa deu preferência –, essa similaridade se manifesta como reformulação e desdobramento progressivo como exercício contínuo de não cristalização. Não se trata apenas de reformular, pois isso é algo comum mesmo nas formulações que se pretendem estanques e perenes. Trata-se, então, de assimilar a efemeridade da fixação conceitual. Assim, em lugar de *conceitos*, entendidos como aquilo que o pensamento concebe e dá à luz, apartando-os de si e conferindo-lhes uma espécie de autonomia no ambiente da razão, é possível falar, em Glissant, de *noções*. O termo se associa à imprecisão e à imperfeição, isto é, ao movimento aproximativo do próprio conhecimento, diferentemente da essencialidade ou do acabamento atribuídos aos conceitos e seu processo de geração. Decorre disso que suas noções constituem uma constelação sem centralidade fixa em lugar do que poderia ser uma hierarquia conceitual. Além disso, muitas noções são referidas como *pensamentos* e *poéticas* ("poética da

Relação", "pensamento do tremor" etc.), procedimento pelo qual o autor extrapola sua função instrumental em direção à prática dos processos e posturas que elas descrevem.

Pensamento e discurso, espaço e percurso

Em minha dissertação de mestrado (GROKE, 2011), apresentei o pensamento de Édouard Glissant por meio de uma analogia entre o que me pareciam ser seus percursos de escritor e filósofo e o de sua vida no contexto histórico e social de sua terra natal, a Martinica. Essa analogia, cuja base era um processo de expansão, ainda é válida e parece fortalecer-se à medida que os elementos de seu pensamento se transformam e se rearticulam no exercício interpretativo e crítico de minha pesquisa. Disso decorre uma advertência inicial, talvez desnecessária por conta dos desenvolvimentos da tese, mas da qual me aproveito como primeiro lance na abordagem mais direta do pensamento glissantiano a levar-nos aos próximos: principalmente no estado mais recente da poética e da filosofia glissantianas e mesmo tendo em conta essa trajetória intelectual que parte de algum modo do particular, o autor não apresenta qualquer tendência a uma militância preservacionista quanto a elementos culturais específicos. E tampouco ele se dirige ao extremo oposto, isto é, a busca de algo universalmente humano.

Em lugar do apego a um desses polos – as fixações particularistas e potencialmente exotizantes ou o pressuposto de uma essência universal do ser humano –, Glissant propõe a *Relação*. Trata-se talvez da noção de maior recorrência ou, ao menos, de maior reverberação em suas formulações. Em suas palavras:

[...] je me méfie un peu de la notion d'universel [...]. L'universel peut être une manière de cacher ou d'essayer d'oublier les réalités quand elles sont trop contraignantes. Je pense que plutôt que de l'universel, je parlerais de quelque chose qui est tout à fait nouveau pour nous dans le monde actuel, [...] la Relation. [...] **la Relation est la quantité finie de toutes les particularités du monde sans en oublier une seule.** [...] la Relation est une autre forme d'universel aujourd'hui. C'est une autre manière à nous tous, d'où que nous venions, d'aller vers l'autre et d'essayer, comme je dis souvent, de se changer en échangeant avec l'autre sans se perdre ni se dénaturer. Et je pense que sans cette révolution nous continuerons à souffrir les souffrances que le monde endure aujourd'hui. (GLISSANT, 2013, destaque meu)¹

¹ Tradução minha: "[...] eu desconfio um pouco da noção de universal [...]. O universal pode ser uma maneira de esconder ou de tentar esquecer as realidades quando elas são muito opressoras. Eu acho que, antes do que algo universal, eu diria que se trata de alguma coisa que é totalmente nova para nós no mundo atual, [...] a Relação. [...] **a Relação é a quantidade finita de todas as particularidades do mundo sem esquecer uma delas sequer.** [...] a Relação é uma outra forma de universal hoje. É uma outra maneira de todos nós, de onde quer

Tomada isoladamente, a definição de Relação como "a quantidade finita de todas as particularidades do mundo" pode parecer um conceito orientado à exaustão do real. Todavia, essa *finitude* remete à percepção de que há uma determinada quantidade de elementos realizados em cada momento e não quer dizer que a Relação os representa integralmente. Esses elementos não são simbolicamente representáveis em sua totalidade, pois se trata do conjunto dos mais diversos aspectos das realidades humanas, isto é, todos os níveis e amplitudes das *diferenças* existentes.

Para nos aproximarmos mais dessa conceituação glissantiana, vamos partir do uso cotidiano do termo "relação". Há duas acepções mais correntes, tanto em português brasileiro quanto para o termo francês "relation", o que se deve à etimologia compartilhada no contexto da proximidade histórica entre os dois idiomas. São elas: (1) ligação, vínculo, conexão e (2) inventário, relatório, narração. O primeiro sentido trata da interação entre coisas e não de algo que poderíamos considerar eminentemente substantivo. Não que a existência de um termo dessa natureza seja incomum. Isso é um processo normal da linguagem, talvez o mais fundamental, uma abstração simbólica, isto é, a elaboração de signos que unem significantes e significados da mesma forma como o exercício crítico ou filosófico e o ato mais cotidiano de interpretação buscam sintetizar processos objetivando-os em conceitos, o que é também uma abstração.

Se desconsiderássemos a descrição do próprio autor e nos ativéssemos ao primeiro sentido mencionado, privilegiaríamos o sentido de *interação* na interpretação da noção de Relação, isto é, ela designaria apenas o estado de convívio, contato e influência recíproca entre as particularidades e não às particularidades em si. Suponho tal coisa porque a temática da constituição identitária individual e coletiva no contexto dos relacionamentos humanos é predominante no pensamento de Édouard Glissant. Mas a fala citada faz-nos atentar para o que contempla a segunda acepção do termo na construção filosófica abordada. E isso pode ser feito de forma aliada à primeira, a qual não deve ser abandonada, pois o autor parece ter desenvolvido a noção de Relação contemplando esses dois sentidos mais correntes.

O segundo sentido está mais próximo da origem no termo latino *relatio* que significa literalmente "ação de levar de novo". Disso derivam os sentidos figurados de "relatório",

que venhamos, de ir ao encontro do outro e de tentar, como digo frequentemente, de transformar-se em troca com o outro sem se perder nem se desnaturalizar. E penso que, sem essa revolução, nós continuaremos a sofrer os sofrimentos que o mundo enfrenta hoje.

"deliberação", "testemunho", "narração", "exposição" etc. (FARIA, 1962, p.855 e GAFFIOT, p.1335, 1934) por aludirem à representação linguística como veículo e agente desse transporte simbólico do objeto a que se referem transformado em discurso. Desse campo parece proceder a descrição citada, pois remete a um inventário das particularidades do mundo humano. Porém, mesmo como inventário do real, a Relação é inabarcável por seu volume, complexidade e por seu estado de permanente transformação.

Nous tournions autour de la pensée du Chaos, pressentant qu'elle circule elle-même à contresens de l'acception ordinaire du "chaotique" et qu'elle ouvre sur un donné inédit: la Relation, ou totalité en mouvement, dont l'ordre flue sans cesse et dont le désordre est à jamais imaginable. (GLISSANT, p.147, 1990)²

Além do conjunto das diferenças, há uma ordem ou ordens, dinâmicas de interação coletiva, também em constante fluxo e reordenamento. Imaginar a Relação requer que se ultrapasse a aparência "caótica" que ela pode assumir à primeira vista – "caótica" em seu sentido popular e pejorativo, isto é, enquanto objeto desprovido de qualquer ordenamento identificável, portanto, inacessível à interpretação – em direção a algo próximo do pensamento e das ciências do Caos, os quais procuram os elementos e os processos que compõem a complexidade de uma ordem, mesmo assim, existente.

Virtualmente inesgotável para a capacidade cognitiva humana, embora finita em cada momento do fluxo de sua realização, a Relação impele ou desafia sem cessar as fronteiras e bases do conhecimento do sujeito, o que o faz situar-se *ao lado* de toda alteridade. Isto é, seu aspecto de finitude inabarcável solicita um estado contínuo de inacabamento epistêmico que desautoriza a hierarquização entre diferentes.

A Relação se torna evidente por meio dos diferentes: "La différence, ce n'est pas ce qui nous sépare. C'est la *particule élémentaire* de toute relation. C'est par la différence que fonctionne ce que j'appelle la Relation avec un grand R" (GLISSANT, p.91, 2010, *italico meu*). As particularidades, definidas pelas diferenças, são a própria vida de cada indivíduo e coletividade na medida em que são sua expressão, seus modos de ser e constituem seus itinerários, tanto materiais quanto simbólicos. É no curso desses itinerários, os quais inevitavelmente se cruzam, que Édouard Glissant diz ser possível e necessário trazer à tona

² Tradução minha: "Rondávamos ao redor do pensamento do Caos, pressentindo que ele próprio circula contrariamente à aceção de 'caótico' e que ele se abre sobre um dado inédito: a Relação, ou totalidade em movimento, cuja ordem flui sem cessar e cuja desordem é para sempre imaginável."

novas posturas e possibilidades de convivência, o que de fato sempre ocorreu e está se intensificando.

Lugares

O campo semântico da *travessia*, em seus sentidos literal e figurado, está presente de formas diferentes no pensamento glissantiano, além das que já foram inicialmente mencionadas: as menções à analogia entre os percursos intelectual e biográfico do autor e sua atenção às constituições identitárias particulares enquanto itinerários simbólicos diversos. Isso ocorre porque, para ele, o espaço geográfico é o local de ação e trânsito, de contatos e choques e, assim, é o que também movimenta e dá base ao pensamento humano. Nossa vivência e nossa interação com as alteridades *têm lugar* não apenas *em* nossos espaços vitais, mas também *com* esses espaços. Entendida dessa forma, a paisagem é um aspecto fundador e articulador de nossas individualidades e coletividades.

O curto texto introdutório de *Poétique de la Relation* (GLISSANT, 1990) traz de forma sintetizada essa relação entre pensamento, particularidades e espaço. Ele se inicia com uma crítica à postura filosófica que se retira intelectualmente de seu espaço com a pretensão de se apartar da realidade mundana:

Imaginaire:

Penser la pensée revient le plus souvent à se retirer dans un lieu sans dimension où l'idée seule de la pensée s'obstine. Mais la pensée s'espace réellement au monde. Elle informe l'imaginaire des peuples, leurs poétiques diversifiées, qu'à son tour elle transforme, c'est-à-dire, dans lesquels se réalise son risque.

La culture est la précaution de ceux qui prétendent à penser la pensée mais se tiennent à l'écart de son chaotique parcours. Les cultures en évolution infèrent la Relation, le dépassement qui fonde leur unité-diversité.

La pensée dessine l'imaginaire du passé: un savoir en devenir. On ne saurait l'arrêter pour l'estimer, ni l'isoler pour l'émettre. Elle est partage, dont nul ne peut se départir ni, s'arrêtant, se prévaloir. (GLISSANT, 1990, p. 13, itálico do autor)³

³ Tradução minha: "Pensar o pensamento significa, o mais frequentemente, retirar-se num lugar sem dimensão onde apenas a ideia do pensamento se obstina. Mas o pensamento se espaça verdadeiramente no mundo. Ele informa o imaginário dos povos, suas poéticas diversificadas que, por sua vez, ele transforma, isto é, nas quais se realiza seu risco. / A cultura é a precaução daqueles que pretendem pensar o pensamento, mas se mantêm à distância de seu percurso caótico. As culturas em evolução inferem a Relação, a superação que funda sua unidade-diversidade. / O pensamento desenha o imaginário do passado: um saber em devir. Não saberíamos detê-lo para o estimar, nem isolá-lo para o exprimir. Ele é partilha da qual ninguém pode se apartar nem,

Para Glissant, o desejo de isolar (o pensar sobre) o pensamento de seu contexto de origem é uma dissimulação característica da tendência à universalização. Mas, sendo um falseamento, uma rasura, deixa em seus pressupostos um vestígio da identidade omitida. O autor defende que há dependência e influência mútuas entre espaço, imaginários, poéticas e pensamento dos povos. Trata-se de algo que permeia os modos de existência em constante devir, as formas de organização e interpretação de sua realidade e a ação no espaço concreto do mundo.

Derivada da crítica à auto-reclusão do "pensar o pensamento", o autor alerta igualmente para a delimitação da "cultura" como objeto de análise por considerá-la uma tentativa análoga ao isolamento do pensamento, definindo esse comportamento como uma "precaução", um receio de que o caos das relações humanas confunda a análise. A postura de Édouard Glissant é a de não temer caos ou turvamento, mas aproveitá-los em suas formulações. Sem pretender distanciar-se então de tudo aquilo que o compõe como consciência individual num contexto coletivo, coloca-se ao lado de todo Outro: "as culturas em evolução inferem a Relação", isto é, como dito anteriormente, a percepção do permanente estado de devir dentro de sua própria cultura nos permitiria intuir a rede intrincada de interdependência material e simbólica das humanidades, "a superação que funda sua unidade-diversidade". Nesse contexto, o pensamento e os saberes são fluidos e partilhados; as definições e delimitações podem ser momentaneamente operacionais, mas não são imutáveis ou perenes.

Desse quadro de "unidade-diversidade" deriva a afirmação de Édouard Glissant sobre a incontornabilidade do lugar, que pode ser tomada em ao menos dois grupos de acepções. Primeiramente, e de forma mais evidente, como "indelimitável" e "incontível" (cujo pressuposto é a percepção do caráter convencional e, portanto, móvel das fronteiras físicas dos lugares e das fronteiras de sentido dos conceitos) e como "inescapável" e "insuperável" (focadas na limitação material e epistemológica do local sobre nós, um local a que pertencemos e que nos pertence):

Le lieu est incontournable.

[...] d'abord parce que nul ne vit en suspension ou en dilution dans l'air, mais aussi parce que je ne peux jamais faire le tour de mon lieu, le

detendo-se, prevalecer-se."

contenir, ni le contourner, précisément, c'est-à-dire l'enfermer. Les lieux se répètent de l'un à l'autre, il n'y a pas de limites à la Relation, quoiqu'elle soit avant tout une quantité réalisée (finie) des différents du monde. (GLISSANT, 2009, p. 46-47)⁴

O lugar não é superável, pois estamos sempre sob sua influência como elemento formador de nossa consciência. Mas, por ser indelimitável, é móvel e múltiplo: ele nos acompanha em nosso devir em que ocorre aquela difusão em que uma cor deixa um rastro e as linhas de suas fronteiras se enroscam em desenhos barrocos.

Depossessão

Porém, a percepção dessa relação com o espaço por parte de Glissant, assim como com outros elementos formadores das subjetividades, pode ser inserida no seu já mencionado itinerário crítico, que abordo mais diretamente agora. O autor identifica uma fratura fundadora, uma quase aniquilação que atingiu, em suas vítimas mais diretas, os aspectos basilares da existência humana como um todo: a captura, escravização e deportação de africanos negros em larga escala. Estimativas mais atuais dão conta de cerca de 11 milhões de pessoas comercializadas através do Oceano Atlântico, dos quais quase cinco milhões foram destinados ao Brasil, isto é, algo muito próximo da metade. O tráfico durou ao menos três séculos, de meados do século XVI a meados do XIX, época das abolições e proibições oficiais depois do que persistiu clandestinamente por algum tempo (SILVA, 2019, s/p.).

Diva Barbaro Damato interpreta essa fratura como uma *depossessão* em três dimensões fundamentais, o espaço, a língua e a história, as quais seriam trabalhadas pelo autor martinicano em propostas ficcionais e poéticas de reapropriação (DAMATO, 1996). A vista sobre as depossessões é interessante para uma aproximação e tomada mais clara de consciência sobre o que representou, concreta e simbolicamente, o tráfico para suas vítimas e, dessa forma, também provocar a reflexão sobre sua influência no presente.

Com relação ao espaço, em consonância com Glissant, Damato sintetiza assim seu papel na constituição dos povos:

⁴Tradução minha: "O lugar é incontornável. / [...] primeiramente porque ninguém vive em suspenso ou diluído no ar, mas também porque eu não posso nunca dar a volta no meu lugar, contê-lo, nem contorná-lo, precisamente, isto é, fechá-lo. Os lugares se repetem de um ao outro, não há limites na Relação, mesmo que ela seja antes de tudo uma quantidade realizada (finita) dos diferentes do mundo."

As civilizações dos povos chamados "antigos" foram lenta e pacientemente construídas. A terra ao seu redor funciona como um espaço protetor que eles conhecem e onde se reconhecem. O inimigo é o "invasor": elemento perturbador de uma ordem que esses povos elaboraram.

Mas o inimigo – mesmo vencedor – ao entrar no espaço do outro – mesmo vencido – é obrigado a ceder, a transigir, a compor. O espaço do outro sempre lhe oporá resistência. As guerras aí estão para dar seu testemunho: o espaço na Índia, na Rússia, no Vietnã, na África resistiu aos mais terríveis e sofisticados engenhos militares. (DAMATO, 1996, p.148-9)

Com essa relação em mente e somando a ela o fato de que no "Caribe, em particular na Martinica, o índio, o único a poder mediatizar este espaço para o recém-chegado, foi logo eliminado" (DAMATO, 1996, p.149), concluímos que a população colonial, via de regra, experimentará o espaço pelo estranhamento. Para os senhores da terra e dos escravizados, a prioridade seria a exploração e o lucro, para quem o estranhamento é primeiramente superado pela devastação, tal como feito com os indígenas, isto é, *tabula rasa* e imposição ao ambiente de suas necessidades. Para os escravos, tirados de sua terra e obrigados a viver em outra muitíssimo distante e distinta, em situação precária, desumanizados, identitária e culturalmente destruídos e inferiorizados (o racismo ali nascente e que ainda hoje vivemos foi e é uma das estratégias das elites para manter seu domínio), o vínculo com o novo espaço será também de estranhamento, mas mais profundo, opressor e, imaginamos, mortificante e aterrador, pois aquela paisagem será em grande medida uma espécie de aliada na manutenção de sua opressão. Nada mais oposto à terra natal e ancestral, então idealizada e que seria progressivamente substituída pela metrópole e pela cidadania francesa à medida que o racismo se consolidasse estruturalmente.

Tal como ocorre com o espaço, a história factual e mítica dos indivíduos separados de suas famílias e comunidades é rompida, pois não puderam, nas novas condições, preservar seu conhecimento, sua mitologia ou sua religião. Tampouco poderiam voltar a escrever sua história por si mesmos – mesmo que se tratasse de uma nova história:

Les Antilles sont le lieu d'une histoire faite de ruptures et dont le commencement est un arrachement brutal, la Traite. Notre conscience historique ne pouvait pas "sédimer", si on peut ainsi dire, de manière progressive et continue, comme chez les peuples qui ont engendré une philosophie souvent totalitaire de l'histoire, les peuples européens, mais s'agrégeait sous les auspices du choc, de la contraction, de la négation douloureuse et de l'explosion. Ce discontinu dans le continu, et

l'impossibilité pour la conscience collective d'en faire le tour, caractérisent ce que j'appelle une non-histoire. (GLISSANT, 1981, p.130-1)⁵

A história local, de terra habitada apenas por indígenas à condição de departamento francês, passando por colônia de exploração, permanece oculta e fragmentada, continuamente submissa, sem voz própria, tributária e periférica em relação às determinações da metrópole (DAMATO, 1996, p.170-1), o que impede principalmente que se tenha alguma ideia da ligação entre seus diferentes estados. Pode-se dizer que isso ocorre ou ocorreu em algum momento e em alguma medida com todos os territórios já colonizados. Mas no caso das Antilhas, e da Martinica em particular, o quadro parece especialmente paradigmático por conta da radicalidade das assim chamadas depossessões. Um indicativo eloquente dessa submissão da consciência histórica é a diferença de juízo dada à figura do escravo fugitivo, o *marron*. Enquanto no Haiti ele é tido como herói anônimo e possui uma estátua na principal praça da capital, na Martinica o juízo geral da população em relação a sua figura é (ou ao menos já foi) negativo, o que se dá em concordância com as autoridades e senhores coloniais que o denunciavam como criminoso (DAMATO, 1996, p.175).

Finalmente, no âmbito linguístico, ocorre de forma análoga aos processos descritos, para o que os motivos principais são dois. Primeiramente, há o já mencionado massacre da população autóctone, *tabula rasa* a erradicar toda ocupação humana anterior, incluindo os aspectos aqui em foco: conhecimento e relação com o espaço, narrativas e autoconsciência históricas e a língua cotidiana. Na Martinica, o papel mediador do indígena no plano linguístico foi aniquilado no início da história colonial. O que ele teria sido pode ser imaginado, por exemplo, pela comparação ao caso brasileiro, situação em que houve o surgimento da chamada língua geral, espécie de língua franca de uso amplo.

Em segundo lugar, por uma questão estratégica da colonização francesa. Nas palavras de Diva Damato, "a história da colonização na Martinica [...] deixa perceber que a colonização francesa nas suas intervenções sempre privilegiou a ação cultural e que a língua francesa desempenhou um papel particularmente importante nessa ação" (1996, p.192).

⁵ Tradução minha: "As Antilhas são o local de uma história feita de rupturas e cujo início é uma arrancamento brutal, o Tráfico. Nossa consciência histórica não podia se 'sedimentar', se podemos dizer assim, de maneira progressiva e contínua como para os povos que engendraram com frequência uma filosofia totalitária da história, os povos europeus, mas se agregava sob os auspícios do choque, da contração, da negação dolorosa e da explosão. Esse descontínuo dentro do contínuo e a impossibilidade de para a consciência coletiva de contorná-lo caracterizam isso que eu chamo de uma não-história."

Como pretexto principal para a imposição da língua francesa, havia o fato de que os africanos escravizados não possuíam idioma comum pela diversidade de etnias e origem cultural no interior dos contingentes reunidos a cada deportação.

Porém, logo surgiu o crioulo martinicano, língua forjada pelo conjunto da população – com exceção da elite – no contexto de suas necessidades cotidianas. A essa língua crioula, ligada à oralidade e estigmatizada como bárbara, opôs-se a língua francesa em sua autoatribuída superioridade cultural e moral, carregada da missão civilizacional, dando à luz mais um aspecto do racismo. O regime escravagista então manteve como instrumento de dominação a inferiorização do crioulo e a elevação do francês a língua de diferenciação e oposição principalmente aos escravos, aos quais era impedida a alfabetização (DAMATO, 1996, p.195). A situação persistia na experiência escolar de Édouard Glissant, que relata: "En belles rondes blanches sur le tableau neuf des rentrées scolaires: Il est interdit de parler créole dans la classe et dans la cour"⁶ (GLISSANT, 1981, p.119). Jamais consolidado como língua comunitária, o crioulo foi sendo restrito ao ambiente familiar. Como nos outros aspectos, foi substituído progressivamente na vida cotidiana pela língua francesa e pelo que ela representa como inclusão cultural, social e econômica nos parâmetros da metrópole.

Desse quadro se conclui que, salvo algum elemento ignorado e mais possivelmente minoritário, o ato colonial é fundador exclusivo (e excludente) dessas sociedades em que os povos preexistentes foram erradicados completamente e, portanto, em que não se tem a possibilidade de identificação minimamente clara de algum de seus vestígios. É isso justamente o que choca e o que dá a dimensão do que vem a ser um genocídio: a morte não apenas de uma cultura, uma etnia ou uma comunidade, mas também a morte de sua epistemologia, de sua relação com o mundo, o súbito abismo e o vazio na Relação: é também a morte de suas relações e, assim, morte parcial daqueles com os quais se relacionou e se relacionaria; um conjunto de heranças e modos de ser cujos devires, influências recebidas e a transmitir, são repentinamente esterilizados.

Se o genocídio é o aniquilamento físico, a depossessão chega à sua iminência e representa um aniquilamento simbólico e identitário, devastação dos sujeitos individuais e coletivos em que a morte física não se furta a assombrar. Não se trata de algo pontual, mas

⁶ Tradução minha: "Em belas cursivas brancas na lousa nova da volta às aulas: É proibido falar crioulo na sala e no pátio."

de um trauma profundo cujas influências são de longo prazo, chegam ao nosso presente e projetam-se em nosso futuro.

Formalidades

Na escrita ensaística de Glissant, como já dito, mesclam-se estilos em que predomina ora certa objetividade crítica, num uso mais próximo ao instrumental, ora o recurso poético da língua, seja na forma ou no teor, pela construção de imagens ou pela descrição de fenômenos naturais, por exemplo. Seria equivocado atribuir papéis centrais e auxiliares a cada um desses e outros aspectos. Por uma perspectiva acadêmica, que está longe de ser estranha a Édouard Glissant, poder-se-ia supor que ele privilegiasse recepção e interpretação objetivas e racionais de seus ensaios, mas a experiência de leitura indica o contrário. Em nota inicial a *Introduction à une Poétique du Divers* (1995)⁷, publicação considerada mais didática por reunir conferências e entrevistas, textos produzidos justamente com este fim, o escritor vê tal característica como

[...] um excesso de "teoria", ao passo que teria sido melhor abordar o Diverso e os entrelaçamentos do "Todo-o-mundo" através de um fluxo de abordagens poéticas, de descrições de paisagens e situações, de um jogo ecoando harmonias e desarmonias, que dessem conta do nosso "sendo-no-mundo", comum a todos. Mas a regra, neste caso, é tentar dizer o máximo possível no lapso de tempo que nos é concedido, e abordar, se não o que nos parece mais claro, pelo menos o que parece mais imediatamente probante. (GLISSANT, 2005b, p.7)

Sua preocupação é que prevaleça para o leitor "o sentimento de uma pesquisa – talvez inquieta ou errante – e não de um sistema fechado em si mesmo" (GLISSANT, 2005b, p. 7). Assim, de forma geral em seus ensaios, trata-se de uma colaboração em que se reforçam e complementam-se, por exemplo, o aspecto racional de determinada análise mais clara e objetiva de causas e efeitos e o aspecto estético da descrição ou construção de uma imagem, o que muitas vezes suscita no leitor uma compreensão intuitiva ou uma reverberação emocional.

Essa avaliação da variedade e do conjunto de estilos de Édouard Glissant encontra apoio, por exemplo, na posição de Jeanne Marie Gagnebin, segundo a qual a "multiplicidade das formas literárias em filosofia também assinala as diversas tentativas filosóficas de

⁷ As citações referentes a esse título serão retiradas de sua tradução brasileira publicada em 2005.

abordar aquilo que excede a linguagem discursiva racional" (2006, p. 208). Poderíamos questionar o que seria essa "linguagem discursiva racional", mas, de forma geral, parece remeter a um uso mais instrumental da língua em que se procura adotar uma correspondência entre signo e sentido tão clara e rígida quanto possível.

O que a autora coloca em questão, pela consideração de alguns aspectos das relações entre literatura, filosofia e as diversas formas textuais usadas em ambas, é justamente a fixidez dessa dicotomia que se afirma também como a separação entre pensamento e expressão. Essa posição tende a caracterizar a literatura como o domínio de um beletismo vazio e inócuo e a filosofia como o campo de excelência do exercício da objetividade crítica e racional. Haveria, porém, por parte dos autores, uma assimilação desse movimento histórico de retomadas, relocalizações, deslocamentos e reinvenções formais, os quais evidenciam as próprias transformações epistemológicas, isto é, a diversidade formal não é algo supérfluo, mas um componente determinante da arte e da filosofia:

Algumas formas literárias bastante fortes da filosofia contemporânea como o ensaio, o aforismo, o fragmento tentam, em oposição crítica à concepção totalizante dos grandes sistemas clássicos, tematizar na própria exposição, na própria apresentação do pensamento, este real que só se mostra [...] quando se desenha a figura de sua ausência. Ali, neste lugar paradoxal, nesta figuração da ausência, filosofia e literatura contemporâneas, com todas as suas diferenças, certamente se encontram. (GAGNEBIN, 2006, p. 209)

O campo artístico e filosófico também são terras da Relação. Nelas age igualmente o contato entre diferenças, agem a propagação e a recepção dos atos conjuntos de forma e sentido: diálogo de poéticas, propriamente, como práticas de invenção de interpretação do mundo e de elaboração humana do mundo.

A experiência do fosso

O primeiro texto de *Poétique de la Relation* (GLISSANT, 1990), intitulado "A barca aberta" ["La barque ouverte"], é um exemplo de uma das possíveis dinâmicas textuais de Édouard Glissant e oferece uma vista mais estruturada pelo aspecto poético daquela travessia forçada do Oceano Atlântico – vista inicialmente na abordagem das depossessões – em que o autor explicita o princípio metafórico e concreto de seu pensamento numa filiação simbólica e histórica. Sua perspectiva ultrapassa qualquer revanchismo e ressalta a

experiência do fosso como um gatilho para a percepção da Relação, um choque existencial agudo, como descreve a depossessão, uma fratura nas fundações que desconstrói ou faz ruir o que se tinha por essencial.

Assim se inicia o texto que nos quer aproximar racional e esteticamente desse desconhecido em que os escravizados subitamente mergulham: "Ce qui pétrifie, dans l'expérience du déportement des Africains vers les Amériques, sans doute est-ce l'inconnu, affronté sans préparation ni défi" (GLISSANT, 1990, p.17). Em seguida há o aprofundamento nos estratos desse desconhecido. Após a descrição sucinta dos horrores do rapto e das condições de viagem nos navios negreiros – ou *tumbeiros*, como eram também conhecidos – inicia-se a sucessão de fossos:

Le terrifiant est du gouffre, trois fois noué à l'inconnu. Une fois donc, inaugurale, quand tu tombes dans le ventre de la barque. Une barque, selon ta poétique, n'a pas de ventre, une barque n'engloutit pas, ne dévore pas, une barque se dirige à plein ciel. Le ventre de cette barque-ci te dissout, te précipite dans un non-monde où tu cries. Cette barque est une matrice, le gouffre-matrice. Génératrice de ta clameur. Productrice aussi de toute unanimité à venir. Car si tu es seul dans cette souffrance, tu partages l'inconnu avec quelques-uns, que tu ne connais pas encore. Cette barque est ta matrice, un moule, qui t'expulse pourtant. Enceinte d'autant de morts que de vivants en sursis. (GLISSANT, 1990, p.18)⁸

A petrificação anunciada na primeira frase é do crítico que imagina a cena ciente daquela violência específica e de seu desenrolar histórico, o qual chega até ele próprio. Herdeiro da situação, ele flagra naquele quadro um fosso simbólico, um "não-mundo". Mas a petrificação é também o terror de suas personagens, vítimas diretas do tráfico e antepassados do autor⁹. O recurso ao pronome de segunda pessoa solicita a empatia ou a

⁸ Tradução minha: "O aterrador está no fosso, três vezes atado ao desconhecido. Uma vez, então, inaugural, quando tu caís no ventre da barca. Uma barca, segundo a tua poética, não tem ventre, uma barca não engole, não devora, uma barca se conduz a céu aberto. O ventre dessa barca te dissolve, te precipita num não-mundo onde tu gritas. Essa barca é uma matriz, o fosso-matriz. Geradora do teu clamor. Produtora também de toda unanimidade a vir. Pois, se tu estás só nesse sofrimento, tu partilhas o desconhecido com alguns que ainda não conheces. Essa barca é tua matriz, um molde que te expulsa no entanto. Grávida de tantos mortos quanto vivos em suspensão."

⁹ Um fato histórico recente ao qual pode ser aproximado esse terror – fato este mais explorado pelos meios de massa e, portanto, mais presente em nosso imaginário – é o extermínio de judeus e outras populações pelo regime nazista alemão. O aspecto mais específico ao qual faço a aproximação é a fase da captura ou coerção e transporte das vítimas aos campos de concentração. Um procedimento mais específico que me impressiona ainda fortemente é a retirada dos pertences pessoais dos presos quando chegavam ao seu destino, o qual também era desconhecido por eles, como no tráfico de escravos. Avalio que a permissão para que levassem algum objeto pessoal, como uma mala com pertences ou um brinquedo, era apenas manipulação psicológica para que pensassem que teriam condições minimamente dignas de vida em sua parada final. Embora a cena provenha de uma ou mais dramatizações cuja referência não posso precisar, ela pode contribuir para a

cumplicidade do leitor ao mesmo tempo em que implica também o autor. A citação contempla a primeira etapa da experiência do fosso: a queda no *ventre* do navio, um ventre às avessas, dado à aniquilação e à suspensão da vida, ventre que, no entanto, será a matriz de algo.

O segundo fosso descrito é o abismo marinho. Além dos suicídios e mortes por doenças, desnutrição e desidratação, algo considerado normal pelos traficantes, ocorria também, como lembrado por Glissant (1990, p.18) no caso de perseguição aos navios negreiros, o lançamento ao mar dos prisioneiros presos a esferas de metal para tornar a embarcação mais leve, o que fez da profundidade do mar o destino de muitos: estima-se em um quarto a mortalidade durante o transporte (SILVA, 2018). O oceano e sua travessia são colocados como um imenso início ritmado por essas esferas esverdeadas em seu fundo (GLISSANT, 1990, p.18). Em meio e sobre o abismo marinho em que se apagam as duas margens, uma abandonada e outra incerta, adiante, impera a incerteza completa e adentra-se o terceiro fosso:

Le troisième avatar du gouffre projeté ainsi à la parallèle de la masse d'eau l'image renversée de tout cela qui a été abandonné, qui ne se retrouvera pour des générations que dans les savanes bleues du souvenir ou de l'imaginaire, de plus en plus élimés.

Cette ascèse d'ainsi traverser la terre-mer qu'on ne sait pas être la planète-terre, sentant s'évanouir non seulement l'usage des mots, et non seulement la parole des dieux, mais l'image close de l'objet le plus quotidien, de l'animal le plus familier. Le goût évanescent du manger, l'odeur de la terre ocre et des savanes. (1990, p.19)¹⁰

Essa terceira dimensão faz uma espécie de conclusão da fratura cujo resultado é o esquecimento do cotidiano abandonado à força e do qual não restarão senão vestígios nas "savanas azuis da lembrança" das gerações seguintes.

A progressão dos fossos desenvolvida por Édouard Glissant demonstra o alcance da depossessão pela evolução da experiência material inicial às suas consequências de dimensão psíquica. O texto parte do fosso dos porões dos navios; passa pelo fosso oceânico

aproximação do significado emocional desse tipo de ato.

¹⁰ Tradução minha: "O terceiro avatar do fosso projeta assim em paralelo à massa de água a imagem revirada de tudo aquilo que foi abandonado, que não se reencontrará para gerações senão nas savanas azuis da lembrança ou do imaginário, cada vez mais desgastadas. / Essa ascese de assim atravessar a terra-mar que não se sabe ser o planeta-terra, sentindo se esvair não apenas o uso das palavras, e não apenas a palavra dos deuses, mas a imagem próxima do objeto mais cotidiano, do animal mais familiar. O gosto evanescente da comida, o cheiro da terra ocre das savanas."

como o fim físico de muitos e como ponto determinante da travessia histórica entre mundos culturais distintos; e chega, na projeção final, à "imagem revirada de tudo o que foi abandonado", o fim (do) simbólico como apagamento das histórias individuais dos que sobreviveram e incerteza completa sobre o que viria em seguida. A nova história se iniciaria sobre a experiência extrema do fosso como uma fragmentação persistente, o "contínuo-descontínuo" (1990, p.19) do estranhamento radical ao novo espaço sob condições opressoras, como uma aparente condenação à perdição perpétua, mas que gradualmente cederia à reconstrução, apesar dos pesares.

Para Glissant, esse é um trajeto de transformação do desconhecido absoluto em conhecimento que parte de uma espécie de consciência, mesmo oculta, do fosso:

Non pas seulement connaissance particulière, appétit, souffrance et jouissance d'un peuple particulier, non pas cela seulement, mais la connaissance du Tout, qui grandit de la fréquentation du gouffre et qui dans le Tout libère le savoir de la Relation. (GLISSANT, 1990, p.20)¹¹

Trata-se de uma experiência comum a todos os deportados aos espaços coloniais e de um fator determinante na formação das novas sociedades, cada uma com sua diversidade de elementos e desenrolar histórico particular. A experiência do fosso influi assim sobre o mundo colonial americano, mas também retorna às metrópoles como consequência de seus atos coloniais, metrópoles que tanto se esforçaram em inferiorizar os aspectos indígenas e africanos. No pensamento glissantiano, a identificação dessa experiência evidencia os processos de constituição cultural e identitária e permite, portanto, sua relativização e o combate aos purismos autoritários. Algo análogo se daria nas sociedades que têm essa experiência como componente em maior ou menor grau e que delas também se irradia ao mundo:

Pour nous, pour nous sans exception, et quand même nous maintiendrions l'écart, le gouffre est aussi projection, et perspective d'inconnu. Par-delà son abîme, nous jouons sur l'inconnu. Nous prenons parti pour ce jeu du monde, pour les Indes renouvelées vers lesquelles nous hélons, pour cette Relation de tempêtes et de calmes profonds où honorer nos barques.

¹¹ Tradução minha: "Não apenas conhecimento particular, apetite, sofrimento e fruição de um povo particular, não apenas isso, mas o conhecimento do Todo que se cria da frequência do fosso e que, no Todo, liberta o saber da Relação."

[...] Nous nous connaissons en foule, dans l'inconnu qui ne terrifie pas. Nous crions le cri de poésie. Nos barques sont ouvertes, pour tous nous les naviguons. (1990, p. 21)¹²

O porão do navio negreiro se abre, o desconhecido aterrorizante dá lugar à intuição da Relação onde o desconhecido não é mais temido, como se a extrema dominação simbólica e física, por seus efeitos, evidenciasse e produzisse outros vínculos e modos de ser possíveis.

“O mundo se crioulaiza”

O trajeto iniciado com as depossessões e a experiência do fosso tem sua fase seguinte na reelaboração identitária a partir da devastação das vidas dos escravizados e de sua redução a mercadorias. Segundo a análise de Glissant, essa reelaboração se dá pela *crioulização*, processo em que os indivíduos e coletividades se orientam pelo *pensamento do rastro*.

O que acontece no Caribe durante três séculos é, literalmente, o seguinte: um encontro de elementos culturais vindos de horizontes absolutamente diversos e que realmente se crioulam, realmente se imbricam e se confundem um no outro para dar nascimento a algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo – a realidade crioula. (GLISSANT, 2005b, p. 17-8)

O termo de base persiste hoje na designação da língua crioula falada nas Antilhas de colonização francesa. De forma simplificada, o crioulo se compõe de bases gramaticais africanas e de um léxico diversificado compreensivelmente oriundo em sua maior parte do francês, tanto mais pela ausência de línguas indígenas¹³. A crioulaização de Glissant não se liga especificamente ao idioma crioulo, mas ao tipo de processo que o gerou juntamente a outros aspectos identitários. Seja como coadjuvante ou elemento principal, a língua parece

¹² Tradução minha: “Para nós, para nós sem exceção, e mesmo quando mantivermos distância, o fosso é também projeção e perspectiva de desconhecido. Para além de seu abismo, brincamos sobre o desconhecido. Tomamos gosto por esse jogo do mundo, pelas Índias renovadas em direção as quais nos lançamos, por essa Relação de tempestades e de calmarias profundas onde honramos nossas barcas. / [...] Conhecemo-nos em multidão, no desconhecido que não aterroriza. Gritamos o grito de poesia. Nossas barcas são abertas, por todos nós as navegamos.”

¹³ Para um detalhamento da intrincada história da língua crioula nas Antilhas francesas, de seu surgimento ao fim do século XX, consultar DAMATO, Diva Barbaro. *Édouard Glissant: Poética e Política*. Coleção Parcours. São Paulo: Annablume, 1996, p.86-143.

ser o que dá a maior evidência da existência e da dinâmica do processo, como uma espécie de registro histórico mais explícito de um percurso cultural.

Quanto à etimologia, Antônio Geraldo da Cunha registra "crioulo" sob a entrada "criar", mas "com uma terminação ["-oulo"] difícil de explicar" (CUNHA, 1982, p.227). No contexto colonial, podia designar pessoas nascidas nas colônias, fossem europeus ou africanos, mas a tendência parece ter sido a referência às pessoas negras. No Brasil, "crioulo" ainda tem, ou tinha há ainda pouco tempo, conotação pejorativa e racista. Mas o termo parece estar seguindo o mesmo caminho de "preto", que vem tendo sua conotação invertida de negativa a positiva enquanto afirmação identitária no contexto de demanda de espaço político e social. E, no uso crítico de Édouard Glissant, é possível identificar a mesma estratégia de inversão de conotações pejorativas em positivas.

As depossições iniciais dos africanos escravizados, além de suas inevitáveis consequências de longo prazo, são iniciais apenas para cada indivíduo. Durante os três séculos mencionados por Glissant na citação, a experiência do fosso foi imposta sistematicamente a todos os deportados, o que alimentou de forma coletiva uma criouliização ampla pela contínua vulnerabilização identitária. Compreende-se assim como o autor viu nessa situação as intensas criações e transformações culturais.

A diversidade surgida e ainda em transformação nas sociedades americanas é enorme. Os exemplos mais típicos são significativos, mas também pelo exemplo que em alguns casos podem dar do uso político do elemento cultural para ajudar a forjar as identidades e coesões nacionais. Todavia, quando menciono tal diversidade, e com a noção de Relação em mente, não me refiro apenas ao que já se tornou estereótipo das identidades nacionais regionais. Para vislumbrar a virtual infinidade dessa diversidade, precisamos imaginar cada comunidade surgida e mantida ou desaparecida em cada uma das aglomerações, aldeias, vilas e cidades que foram palco de algum encontro decorrente da empresa colonial. Some-se a essa profusão o fato de que, em todos esses locais, modos de vida se transformaram ou surgiram na complexidade de todos ou muitos dos seus aspectos cotidianos, expressivos e artísticos.

Além da criouliização, descrita como o encontro de elementos culturais de origens distantes entre si, Glissant formula o comportamento derivado das depossições como o pensamento do rastro, mencionado anteriormente, pelo qual se expressaria uma postura cognitiva ou epistêmica diversa daquela dos colonizadores:

[...] o africano deportado não teve a possibilidade de manter, de conservar essa espécie de heranças pontuais. Mas criou algo imprevisível a partir unicamente dos poderes da memória, isto é, somente a partir dos pensamentos do rastro/resíduo¹⁴, que lhe restavam: compôs linguagens crioulas e formas de arte válidas para todos, como por exemplo a música de jazz, que é re-constituída com a ajuda de instrumentos por eles adotados, mas a partir de rastros/resíduos de ritmos africanos fundamentais. Embora esse neo-americano não cante canções africanas que datam de dois ou três séculos, ele re-instaura no Caribe, no Brasil e na América do Norte, através do pensamento do rastro/resíduo, formas de arte que propõe como válidas para todos. (GLISSANT, 2005b, p. 20)

O conhecimento anterior é em sua maior parte esquecido, pois sua preservação, que depende das comunidades originais, se inviabiliza. Mesmo que cada indivíduo ainda possuísse a sua própria memória, ela colapsa primeiramente pela sucessão de fossos e, depois, pela impossibilidade de compartilhamento dos elementos identitários específicos na improbabilidade de encontrar pessoas de mesma origem. Assim, encontravam-se destruídas as bases da subjetividade, isto é, o pertencimento à comunidade e ao espaço originais, sem os quais ela se desintegra e deixa de existir da forma como era.

Mas não se trata de uma devastação absoluta. A imprevisibilidade dos resultados vista por Édouard Glissant na criouliização se associa à resistência de fragmentos dos antigos pertencimentos que os africanos trazidos ao "Novo Mundo" precisam ressignificar. O contato entre os vestígios de cada um deles, embora incongruentes entre si como cacos de diferentes vasos, e também com os outros elementos locais indígenas e/ou vindos da Europa, criou os pontos iniciais de aglutinação e formação das novas identidades e suas expressões. Estas são ao mesmo tempo inovações e reconstruções que recolhem todas as influências disponíveis com a urgência de expressão dos rastros ancestrais silenciados.

Principalmente por conta dessa imprevisibilidade a criouliização se diferencia, por exemplo, do conceito de mestiçagem:

On prévoirait ce que donnera un métissage, mais non pas une créolisation. Celle-ci et celui-là, dans l'univers de l'atavique, étaient réputés produire une dilution de l'être, un abâtardissement. Un autre imprévu est que ce préjugé s'efface lentement, même s'il s'obstine dans des lieux immobiles et barricadés. (GLISSANT, 1997, p.37)¹⁵

¹⁴ Na edição brasileira consta a tradução de "trace" pelo binômio "rastro/resíduo". Fora dessas citações, em meu texto e nas citações traduzidas de outros ensaios de Édouard Glissant, opto por "rastro".

¹⁵ Tradução minha: "Prever-se-ia o que dará uma mestiçagem, mas não uma criouliização. A esta e àquela, no universo do atávico, se reputava que produziriam uma diluição do ser, um abastardamento. Um outro imprevisto é que esse preconceito está se apagando lentamente, mesmo que ele persista em lugares imóveis e

Uma mestiçagem seria previsível na medida em que concebe os elementos em contato como algo absolutamente conhecido e se aproxima de uma abordagem biológica ou matemática. Lembro-me de lições escolares que nomeavam os descendentes das diferentes uniões possíveis entre portugueses, índios e negros, como cafuzos, mamelucos etc. como se se tratasse de uma questão de híbridos e como se fosse possível esquadrihar e racionalizar os resultados dessas miscigenações, o que, em todo caso, não seria capaz de passar da questão fenotípica às questões culturais. Ao tentarmos imaginar como seriam denominadas as miscigenações atuais e existentes já há muito tempo, temos uma medida do tipo de etnocentrismo de que parte essa abordagem.

A noção de criouliização e o pensamento do rastro, por sua vez, subentendem uma complexidade maior dos elementos envolvidos no processo e seus estados individuais de constante transformação, apresentam uma dinâmica não hierarquizante ou totalitária e resultam numa expressão que se coloca ao lado de todas as outras:

O pensamento do rastro/resíduo me parece constituir uma dimensão nova daquilo que é necessário opormos, na situação atual do mundo, ao que chamo de pensamentos de sistema ou sistemas de pensamento. Os pensamentos de sistema ou os sistemas de pensamento foram prodigiosamente fecundos, prodigiosamente conquistadores e prodigiosamente mortais. O pensamento do rastro/resíduo é aquele que se aplica, em nossos dias, da forma mais válida, à falsa universalidade dos pensamentos de sistema. (GLISSANT, 2005b, p. 20)

Por isso é que, mesmo tendo sido observados inicialmente no contexto americano, Glissant defende que a criouliização e o pensamento do rastro não estão histórica ou geograficamente circunscritos. A criouliização é uma maneira nova de ver o processo contínuo de interação das humanidades que se acelerou na medida em que elas ocupam o mundo e se encontram, contexto em que o pensamento do rastro se apresenta como alternativa à disputa de superioridade entre etnocentrismos.

Mais do que uma necessidade, a transformação para uma postura não hierarquizante ou excludente é para o autor uma tendência colocada pela experiência a cada dia mais explícita da Relação e da *totalidade-mundo* a que ela remete (GLISSANT, 1995, p. 28-29), pela tomada de consciência da participação de cada indivíduo e comunidade nessa

totalidade em que a opção pela convivência e pela aceitação do inevitável contato entre alteridades é a garantia da sobrevivência de si mesmo:

[...] a criouliização que se dá na *Neo-América*¹⁶ e que se estende pelas outras Américas é a mesma que vem acontecendo no mundo inteiro. A tese que defenderei é a de que *o mundo se criouliiza*. Isto é: hoje, as culturas do mundo colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente transformam-se, permutando entre si, através de choques irremissíveis, de guerras impiedosas, mas também através de avanços de consciência e de esperança que nos permitem dizer – sem ser utópico e mesmo sendo-o – que as humanidades de hoje estão abandonando dificilmente algo em que se obstinavam há muito tempo – a crença de que a identidade de um ser só é válida e reconhecível se for exclusiva, diferente da identidade de todos os outros seres possíveis. E é essa mutação dolorosa do pensamento humano que eu gostaria de decantar com os senhores. (GLISSANT, 2005b, p. 18, itálicos do autor)

Os contatos, conflituosos ou não, que eram mais diluídos no tempo e envolviam alteridades menos distantes entre si, a partir principalmente da expansão marítima europeia e suas colonizações, tornaram-se evidentes ao acelerarem-se sem cessar e envolverem comunidades muito mais distantes, a exemplo da colonização dos territórios americanos que pôs em contato povos autóctones, africanos e europeus, ou seja, três grupos de três continentes diferentes pouco integrados à época e que representavam mundos diferentes em muitos sentidos. Ao menos no caso do contato entre europeus e indígenas americanos, jamais houvera contato anterior direto ou indireto (a não ser por uma ou outra ocasião obscura e historicamente minoritária). A "mutação dolorosa do pensamento" acompanha o percurso de acirramento desses choques, mas também os casos em que a convivência não violenta se torna possível.

A criouliização não para. Mesmo quando abafada, persiste. Seu nome diz precisamente o que ela faz: ela cria. É o movimento persistente de transgressão das padronizações prescritivas, é aquilo que se vê, por exemplo, a língua cotidiana realizar irresistivelmente. A normatividade quer controlar essa liberdade com que age a criouliização. As fronteiras materiais e simbólicas são a expressão desse controle.

O vínculo entre coletividade, língua-cultura e espaço como pedra fundamental das nações é algo natural dos processos de formação identitária. Tão natural tem sido

¹⁶ Neo-América, Meso-América e Euro-América são as três classificações não estanques que Glissant aplica referindo-se às diferentes formações identitárias e culturais presentes nas regiões americanas, resultantes das diferentes composições de povoamento e seu desenrolar histórico.

igualmente o seu abuso, com variações, como pretexto para a inferiorização e dominação de alteridades. Essa exacerbação age pela expulsão e pela repulsão sistemática de elementos internos e externos que eventualmente questionem em qualquer proporção os vínculos, elementos e valores dessa unidade confundida com a própria integridade psicológica e até mesmo física.

A crítica se crioula

Como ato básico e cotidiano de sobrevivência, seus atores não estavam necessariamente conscientes do pensamento do rastro, mas a matéria de seu reerguimento foi acumulada, assimilada e transformada progressivamente sem a hierarquização etnocêntrica do colonizador, o qual forneceu também elementos para a crioulação e por ela contaminou-se sem possibilidade de remediação. A identificação por Glissant das dinâmicas de formação e transformação identitária e cultural leva tanto à desmitificação de purismos como à desmontagem de preservacionismos. Isto é, ao notar a predisposição à horizontalidade, à distribuição equânime de dignidade e direito à existência de todos os componentes culturais da comunidade como base do pensamento do rastro, Glissant o assume conscientemente como seu orientador reflexivo.

O seu maior ganho crítico, a meu ver, é a evidenciação de uma *inessencialidade* ampla que se estende da vida cotidiana aos atos críticos e artísticos. Essa inessencialidade não necessariamente destrói ou torna mais difusos os valores sociais e o conhecimento humano. Ao contrário, ela reforça e distribui a responsabilidade por eles e pelas consequências de sua manutenção, pois traz à tona seu caráter de *convenção*, um sistema tecido por seus membros, uma trama solidária das solidões de cada um de nós.

Ilustrando uma vez mais o percurso intelectual de Glissant, podemos traçar um paralelismo ou uma progressão de um plano empírico e histórico em direção à elaboração crítica em que se colocam a percepção da Relação – esta inabarcável barca sem bordos – como base de convivência, sua filosofia como postura epistêmica e sua poética como predisposição estética enquanto desdobramentos e conscientização daquele processo. Isto é, a liberação do saber da Relação, vista por ele após a experiência do fosso, é revivida na poética como experiência estética em que se atualiza a conversão do horror dos porões do navio negreiro na imagem da "barca aberta" ao devir.

Capítulo 2

"Você não encontrará a casa"

Uma leitura de *Philosophie de la Relation* – *poésie en étendue*

Após dar seus ensinamentos, durante sua última viagem, Buda disse: "Quero voltar à casa de meu pai".

O sentimento da morte carrega em si um voltar para casa. Não é necessariamente voltar para a casa onde nascemos, crescemos ou vivemos. É retornar ao local de origem. Retornar ao local de paz, segurança e tranquilidade. A origem e o local antes do nome e da forma, antes do antes e depois do depois.

Monja Coen
Palavras do Dharma

Este capítulo apresenta a interpretação de *Philosophie de la Relation* (GLISSANT, 2009)¹⁷ que desenvolvi e organizei de forma interdependente com o processo de tradução dos trechos selecionados e, por isso, são privilegiados os aspectos do livro que mais diretamente influem na análise desses trechos. Seu objetivo mais evidente é preparar o leitor para o relato do processo tradutório, mas essa exposição também estende a abordagem do pensamento glissantiano e provê as imagens mais significativas para as explorações posteriores. Dessa forma, embora materialmente represente o afunilamento para a análise de um ensaio específico de Édouard Glissant, isso pretende alimentar os espraiaamentos para as conclusões (e aberturas) propostas.

Julgando um livro pela capa

O título completo do livro, em sua capa, é: "PHILOSOPHIE DE LA RELATION / *poésie en étendue*". O título vem em caixa alta vermelha e não em caixa baixa com iniciais maiúsculas. Segue-se o subtítulo todo em minúsculas pretas e em tamanho muito menor. Desenha-se uma clara composição, para não dizer oposição ou contraste, onde o título é ostensivo e o subtítulo, discreto. Uma explicação possível para essa diagramação seria a intenção de diferenciá-la visualmente de outra publicação de título parecido, *Poétique de la Relation* (GLISSANT, 1990), já que esta se encontra diagramada com a alternância usual das letras iniciais em caixa alta e o restante em caixa baixa. Mas, na comparação com outros

¹⁷ Neste capítulo, as referências bibliográficas do ensaio tratado conterão apenas a numeração das páginas.

ensaios de Glissant, outros aspectos parecem mais promissores para julgar *Philosophie de la Relation*, por enquanto, por sua capa.

Quanto a referências explícitas à forma no título, há, na produção ensaística de Édouard Glissant, um "Tratado" (*Traité du Tout-monde*, 1993) e uma "Poética" (*Poétique de la Relation*, 1990). Quanto ao subtítulo, cinco de seus ensaios anteriores receberam a denominação de "Poétique" seguida de um numeral romano, de I a V, e um deles foi caracterizado como "Esthétique I", primeira e única de sua categorização. Tal uso remete à função explicativa dos subtítulos em que estes claramente classificam as obras numa categoria ou assunto específico, mesmo que isso não se verifique no conteúdo das publicações¹⁸.

Em vista disso, o conjunto de título e subtítulo de *Philosophie de la Relation*, ao mesmo tempo em que dialoga com as composições anteriores, também desestabiliza seus vínculos, mesmo no que se refere à tensão entre o aparente esquadrinhaento explicativo dos subtítulos e o teor múltiplo dos textos em questão de gênero, estilo e assunto. Primeiramente, trata-se do primeiro ensaio explicitamente intitulado como "filosofia", o qual remete, por semelhança e repetição do segundo termo, à "poética" da Relação. Se fôssemos estabelecer alguma relação de pertencimento, o mais tradicional seria colocar a Poética, enquanto debruçamento reflexivo sobre a realização poética, mesmo em sua diversidade, como campo menor e/ou submetido à Filosofia que, por sua vez, possui uma grande variedade de especializações e vertentes. Isso poderia indicar a Filosofia da Relação como uma ampliação da Poética da Relação, análise que será revista ao fim do capítulo, após as considerações sobre o ensaio em foco.

Porém, enquanto o título talvez indique essa ampliação de uma "poética" a uma "filosofia", o subtítulo que classificava o texto, mesmo em relação de tensão, não mais apresenta uma categoria filosófica: "poésie en étendue" substitui ou desloca uma possível "Poética VI" ou "Esthétique II" para a própria e suposta realização de um gênero, a poesia, indicando já sua extensão para além de si, o transbordamento de suas fronteiras ou definições. Se considerarmos ainda o aspecto explicativo de subtítulo, parece haver uma inversão de determinação ou hierarquia para com o título em que se torna possível ter a

¹⁸ Por sua extensão e complexidade, não farei uma análise estilística do conjunto dos ensaios de Édouard Glissant, o que poderia contemplar mais detidamente a relação entre títulos, subtítulos e o conteúdo das obras, além de, entre outras coisas, considerar o uso dos gêneros literários e os vínculos entre ensaios e suas outras produções como poesia e romance.

"filosofia" como extensão da "poesia", e não mais uma "poética" enquanto reflexão crítica sobre o gênero poético, passando "poesia" a nomear o campo mais amplo. Isto é, a assunção pelo autor da denominação de "filosofia" para o seu pensamento acompanha sua problematização, mas afirma, com o subtítulo, o domínio da poesia por meio de seus transbordamentos.

Um inventário no sumário

Continuando o percurso simulado de leitura, passamos ao sumário, mesmo que conste em fim de volume, como é comum nas edições francesas. Mas é da liberdade do leitor – principalmente o brasileiro, acostumado a ter o índice no início das edições – que se aproxima de um livro, manipulando-o e examinando-o, virá-lo e abri-lo pela contracapa ou folheá-lo daquela forma em que todo o corpo do livro é curvado e as folhas, tensionadas, são liberadas uma a uma pelo progressivo recuo do polegar. Mas não o faríamos aqui se não houvesse motivo para isso: é que o sumário oferece uma boa visão da organização do texto ou, antes, do texto como organismo e como percurso de leitura:

<i>Souques</i>	<i>Casses</i>
I. Il y eut, qui s'éleva, une parole sacrée	XVI. Non pas les incertitudes
II. Dans le morne de Bezaudin	XVII. Puis, bien plus tard
III. Tu ne trouveras pas la case	XVIII. À partir de quoi, la différence
	XIX. Dans le Divers aussi, la différence
<i>Phases</i>	XX. Quand les continents
IV. La suite non ordonnée des images	
V. La pensée archipélifique, pensée de l'essai	<i>Erres</i>
VI. La pensée du tremblement	XXI. Cette cabane était engloutie
VII. La pensée nouvelle des frontières	XXII. Une des plus immédiates façons
VIII. La pensée de l'errance	XXIII. La route de Balata
IX. La pensée des créolisations	
X. La pensée de l'imprévisible	<i>Vires</i>
XI. La pensée de l'opacité du monde	XXIV. De l'ancien morne de Bezaudin
XII. La pensée de la Relation	
XIII. La pensée de la trace	<i>L'obscur de l'étendue</i>
XIV. Qu'est-ce ainsi, une philosophie	<i>Récitation pour Mahmoud Darwich</i>
XV. Les pays sans falaises	<i>Végétation de l'acoma</i>
(p.157-8, itálicos do autor)	

Há, dominando a segunda e maior seção do livro chamada "Phases", uma sequência de "pensamentos" que se referem a diversas noções desenvolvidas por Glissant em seus

ensaios anteriores. Antes da leitura de tais capítulos, pode-se imaginar, vendo uma listagem assim, coisa jamais feita dessa forma em outras publicações, que o autor decidira sistematizar ou racionalizar sua filosofia como espécie de inventário e legado, ainda mais em ciência do título, discutido anteriormente, e ignorando ainda o enigmático e talvez incômodo subtítulo.

Durante minha pesquisa de mestrado, no processo de procurar assimilar e operar as noções glissantianas de maneira mais objetiva, consultei *Philosophie de la Relation* atraído por seu índice inventariado e não encontrei as definições da forma didática que esperava, expectativa possivelmente estimulada por essa forma de lista típica de manuais escolares, por exemplo. E embora o sumário dê a impressão de que o texto procede a algum tipo de sistematização, isso não ocorre. Os supostos títulos desses e dos outros capítulos do ensaio (à exceção da parte final composta por dois textos dotados de títulos) não são títulos de fato: são as primeiras palavras de cada um deles. Por isso, podem ser lidos como a encenação de um acaso da escrita em que as primeiras palavras são as noções abordadas no texto que se inicia. Digo isso porque título, quando há, e texto são partes funcionalmente distintas e um texto não se inicia necessariamente com a nomeação de seu assunto, função esta esperada do título.

Os textos relativos a esses "pensamentos" se desenvolvem, sim, em torno das noções anunciadas, mas como um fluxo entrecortado de imagens e digressões ou como se a intenção de inventariar, que é uma espécie de sistematização, conduzisse logo a um discurso intuitivo e errante (o que não significa despropositado nem inócuo) frustrando a eventual expectativa de concretização dessa sistematização. Reproduz-se nos intitulamentos, e na mesma forma de problematização da designação, a tensão gerada pelo título dubio do ensaio. Trata-se da escolha para e pelo pensamento de vias de expressão e objetos avessos a uma racionalidade referencialista e descritiva que toma a linguagem como instrumento transparente do pensamento e da relação entre o humano e o mundo.

Após o capítulo IV, abertura da seção em que o inventário se encontra e que expõe a perspectiva filosófica geral de Édouard Glissant, o capítulo seguinte trata do "pensamento arquipelágico", primeira das noções abordadas, texto em que o autor descreve e encena esse pensamento como sua postura discursiva:

La pensée archipelique, pensée de l'essai, de la tentation intuitive, qu'on pourrait apposer à des pensées continentales, qui seraient avant tout

de système. Par la pensée continentale, l'esprit court avec audace, mais nous estimons alors que nous voyons le monde d'un bloc, ou d'un gros, ou d'un jet, comme une sorte de synthèse imposante, tout à fait comme nous pouvons voir défiler par des saisies aériennes les vues générales des configurations des paysages et des reliefs. Par la pensée archipelique, nous connaissons les roches des rivières, les plus petites assurément, roches et rivières, nous envisageons les trous d'ombre qu'elles ouvrent et recouvrent, où les *zabitans* (d'eau douce, il s'agit de ces écrevisses bleues et grises, menacées de pollution), en Martinique, et qui sont appelées *ouassous* en Guadeloupe (noms de fonds, noms d'appartenance), (je les désigne par résolu plaisir, chacun connaît leur succulence), s'abritent encore. (p.45, *itálicos do autor*)¹⁹

Fragmentador de pensamentos continentais (aqueles que não se dão ao detalhe, distanciados nas alturas sem vertigem das sínteses oniscientes e, por isso, *alienadas*), o pensar como arquipélago mergulha no detalhe de sua paisagem, na medida da experiência e dos sentidos humanos que a vivenciam, contemplam-na e nomeiam seus entes, sentidos imersos numa relação constituída na lenta e contínua conversão do desconhecido em conhecido dentro do pertencimento afetivo. O autor, como os lagostins selvagens, habita o pedregulho do fundo e percorre o curso d'água.

Revisitamos o vínculo entre a particularidade – em seus detalhes e diferenças, a exemplo dos nomes distintos para o mesmo animal em crioulo martinicano e guadalupense – e a totalidade, vínculo que o autor manifesta em diversos aspectos de suas elaborações e abordado inicialmente no capítulo anterior. Essa tomada de consciência, ou sua dolorosa transformação, como diz Glissant, demonstra seu ganho de terreno e sua orientação, por exemplo, pela difusão de uma frase, uma espécie de lema ligado às diferentes sustentabilidades que se esboçam pelo mundo:

Cette formulation: "Agis dans ton lieu, pense avec le monde" (détail et totalité), qui n'annonce pas une obligation bifide et préfigurée mais un proliféré sans limites, est aujourd'hui généralisée, vous la retrouvez sur les murs de verre des plus grandes cités ou sur les traces des villages les plus abandonnés, avec cette remarquable injonction, de penser non pas *dans* le

¹⁹ Tradução minha: “O pensamento arquipelágico, pensamento do ensaio, da tentação intuitiva, da tentação intuitiva, que se poderia opor aos pensamentos continentais, que seriam acima de tudo de sistema. Pelo pensamento continental, o espírito corre com audácia, mas estimamos que então vemos o mundo como um bloco, ou uma massa, ou por como um lance, como uma espécie de síntese imponente, da mesma forma como podemos ver desfilar pelas tomadas aéreas os panoramas gerais das configurações das paisagens e dos relevos. Pelo pensamento arquipelágico, conhecemos as rochas dos rios, os menores certamente, rochas e rios, vislumbramos os buracos sombrios que abrem e recobrem, onde os *zabitans* (na água doce, são aqueles lagostins azuis e cinzas, ameaçados pela poluição), na Martinica, e que são chamados *ouassous* em Guadalupe (nomes de fundos, nomes de pertencimento), (eu os designo por prazer resoluto, cada um conhece sua suculência), ainda se abrigam.”

monde, ce qui aurait pu réinventer l'idée de la conquête et de la domination, mais de penser *avec* le monde, d'où toutes sortes de relations et d'équivalents (de différents).

Le lieu est incontournable. (p.46, itálicos do autor)²⁰

A premissa é a de que a ação local tem alguma via de comunicação com o âmbito global, seja por reverberação centrífuga, seja por influência recebida. Na leitura de Glissant, "penser *dans* le monde" carregaria a possibilidade de imposição da maneira do pensamento ao objeto mundo, ao que podemos acrescentar que a regência corrente em francês equivalente ao português "pensar no mundo" seria "penser *au* monde". Assim, "penser *avec* le monde"/"pensar *com* o mundo", construção em que o objeto mundo aproxima-se de uma personificação, significaria colocar-se *ao lado*, entre equivalentes e sem hierarquização. O lugar – incontornável, isto é, insuperável e indelimitável – e seus detalhes nos constituem e nos acompanham em toda *digressão*. A intuição ou desvelamento da Relação tem esse duplo efeito de evidenciar o pertencimento e fazer notar a virtual infinidade, possibilidade e direito à existência de todos os outros pertencimentos.

A abordagem intuitiva e modesta como guia do pensamento arquipelágico não é apenas o que orienta o ensaio e, mais amplamente, a filosofia de Édouard Glissant. Embora em seus outros ensaios de forma geral ele também trabalhe com aspectos pessoais, em *Philosophie de la Relation* há uma organização textual que integra as dimensões afetiva, crítica e poética numa espécie de microcosmogonia em meio ao Caos-mundo que o autor procura interpretar.

A conclusão de que *Philosophie de la Relation* possui essa organização surgiu de uma das primeiras dificuldades do trabalho de tradução. O processo tradutório e as reflexões suscitadas têm seu relato em outro capítulo, porém, resumidamente, o que se passou é que, no esforço interpretativo acompanhado das tentativas de tradução do termo "case" em seus contextos de uso, notei a sua ocorrência e a de termos diretamente relacionados a ele em todas as seções do livro, mais exatamente nos capítulos II, III, XVIII, XXI e XXIV, com exceção do mencionado inventário de "pensamentos" contido na parte chamada "Phases".

²⁰ Tradução minha: "Esta formulação: 'Aja em seu lugar, pense com o mundo' (detalhe e totalidade), que não anuncia uma obrigação bífida e prefigurada, mas uma proliferação sem limites, está hoje generalizada, você a encontra nas vidraças das maiores cidades ou nos rastros dos vilarejos mais abandonados, com essa notável injunção, para pensar não *no* mundo, o que poderia reinventar a ideia da conquista e da dominação, mas pensar *com* o mundo, donde toda sorte de relações e equivalentes (diferentes). / O lugar é incontornável."

O termo se refere à casa precária em que o autor passou o início da infância com a mãe, na Martinica, e é mencionada nos relatos das incursões que o autor fez em sua busca e na analogia que tece dos percalços dessa busca, mais ou menos explicitamente e de formas diversas, com seu percurso intelectual e suas elaborações poéticas e críticas. Assim, é possível tomar todo o texto do ensaio como um itinerário biográfico espacial, afetivo e intelectual e que é observável no sumário. Seus pontos de partida e de chegada se dão antes e após o aqui chamado inventário, parte mais extensa do livro. Esses pontos se situam de alguma forma naquela casa ou naquele pertencimento, mas em dimensões diferentes que são atravessadas ou intermediadas por aquela listagem de formulações menos marcadas pelo aspecto autobiográfico.

Como é inevitável supor, essa organização parece se relacionar à procura da conclusão e do sentido de sua vida no sentimento de proximidade da morte, pois o autor faleceria dois anos após a publicação de *Philosophie de la Relation – poésie en étendue*, seu último ensaio mais extenso. E desconfiamos, persistindo ainda na simulação de leitura, que o título – com seu subtítulo – não designa apenas o inventário concreto das noções glissantianas contidas ali, ao que se pergunta: que filosofia e que poesia são essas e como se articulam?

Fossos insondáveis

As primeiras ocorrências de "case" estão na primeira parte chamada "Souques" que contém três capítulos curtos. Eles constroem uma cosmogonia poética em que o plano pessoal e afetivo estabelece um vínculo ambíguo de causa e efeito simultâneos em relação ao plano filosófico a depender do aspecto priorizado pela interpretação, seja ele o crítico ou o biográfico. Em todo caso, essa primeira seção atua como um preâmbulo e constitui a base para o desenvolvimento subsequente das noções e pensamentos de Glissant, ou para sua retomada, se tivermos em mente sua produção anterior. O capítulo I trata das aparições e evasões de um "poema original" descrito como germe ou gênese das linguagens ou como a própria possibilidade de expressão:

Il y eut, qui s'éleva, une parole sacrée. Or le poème, alors le poème, de soi engendré, commença d'être reconnu.

Ainsi aurait dû être prononcé, peut-être, dans les préhistoires de toutes les littératures du monde, ce même commencement. Son intitulé

indiquerait un premier et obscur composé de l'*intention* des langages, bien avant que les rudes clartés des histoires ne divisent les espaces et les échos des voix. C'était avant toute humanité. Les glycérias follement apparus se regroupaient en lisières déchiquetées qui divaguaient dans des gorges de feu, les couleurs à peine se distinguaient les unes des autres, et les arcs-en-ciel torturés n'étaient encore que des masses sans halo qui requéraient à la ronde leurs lignes. (p.11, *itálico do autor*)²¹

Essa gênese, anunciada nas primeiras linhas da citação e do capítulo, soa religiosa por seu tom absoluto e por seu teor divinal que descreve uma "palavra sagrada" ou "poema" como potência autônoma que engendra a si mesmo. Mas, no parágrafo seguinte, o verbo no condicional passado e um "talvez" relativizam essa gênese como uma possibilidade, uma divagação do autor. Ele não deseja elaborar uma narrativa sagrada a ser tomada como sua convicção, mesmo porque, se apresentasse algo assim, seria lido como metáfora fictícia ou poética, como de fato já é pelo que de fato faz: uma arqueologia imaginada, incerta e lacunar da expressão. E logo após, em mais uma oscilação, o texto descreve ao leitor a protopaisagem efervescente em que entes, formas e cores de definição tênue se transmutam.

Porque as proliferações desse poema expressam e ao mesmo tempo viabilizam a existência, a "intenção das linguagens" é colocada como o próprio impulso de existência e ponto ancestral comum projetado do presente ao passado nessa divagação arqueológica (da) poética: "Écrire un poème, ou le chanter, ou le rêver, c'était consentir à cette vérité invérifiable, que le poème en soi est contemporain des premiers brasiers de la terre"²² (p.12). Mas, enquanto a irradiação do "poema original" se dá em todas as direções e locais, a sua aparição é intermitente e, após sua elevação inicial, ele desaparece num afundamento da terra, oscilação comparada ao "pássaro inumerável" (p.13), imagem descrita em *La Cohée du Lamentin* (2005), um dos ensaios anteriores de Édouard Glissant:

Imaginez le vol de milliers d'oiseaux sur un lac d'Afrique ou des Amériques. Le Tanganyika ou l'Érié, ou un de ces lacs des Tropiques du Sud

²¹ Tradução minha: "Houve, que se elevou, uma palavra sagrada. Assim, o poema, enfim, o poema, de si engendrado, começou a ser reconhecido. / Assim deveria haver se pronunciado, talvez, nas pré-histórias de todas as literaturas do mundo, esse mesmo início. Seu desígnio indicaria uma primeira e obscura composição da *intenção* das linguagens, bem antes que as rudes clarezas das histórias dividissem os espaços e os ecos das vozes. Isso foi antes de qualquer humanidade. As glicérias desvairadamente surgidas agrupavam-se em orlas esfarrapadas que vagavam em gargantas de fogo, as cores mal se distinguiam umas das outras e os torturados arcos-celestes eram ainda apenas massas sem halo procurando suas linhas ao redor."

²² Tradução minha: "Escrever um poema, ou cantá-lo, ou sonhá-lo, era consentir a essa verdade inverificável de que o poema em si é contemporâneo dos primeiros braseiros da terra."

qui s'aplatissent et fondent dans la terre. Voyez ces balans d'oiseaux, ces essaims. Vous concevez la spirale qu'ils dénouent et sur laquelle le vent coule. Mais vous ne saurez pas les dénombrer vraiment pendant leur lancer tout en crête et ravine, ils montent et ils descendent hors de la vue, ils tombent et ils s'enracinent, ils repartent d'un seul cran, leur imprévisible est cela-même qui les relie, et qui tournoie en deçà de toute science. Leur beauté frappe, s'enfuit. Puis la nuit surgit, qui vous stupéfie. Leurs ailes sont d'éclat et leurs ventres d'ombre, vous ne les avez pas vus répandre, là sur les bords et là sur les écumes noircies, le linge damassé de ce silence qu'ils font. (GLISSANT, 2005, p. 11)²³

A exemplo dessa dinâmica imprevisível, por complexa e intrincada, o desaparecimento do "poema" é tão abrupto quanto fluido. Na sucessão de eventos criada por Glissant, isso se dá "avant que les races et les langues et les postures se fussent différenciées puis opposées"²⁴ (p.13). Dessa forma, os conflitos baseados na oposição das diferenças seriam posteriores ao desaparecimento do "poema original" e, talvez, sua própria consequência, tanto mais por conta do aspecto concertado do pássaro inumerável ao qual é aproximado, após o que nos restou recompor as linguagens apenas com os vestígios do poema como um pensamento do rastro inerente à condição humana.

Esse desaparecimento se associa à experiência do fosso descrita pelo autor e exposta no primeiro capítulo desta tese, conexão sugerida por ele mesmo quando enuncia: "Cet avan-jour, en gouffre, et inexplicable"²⁵ (p.13). Vemos que o fosso visitado pelos africanos escravizados em consequência de seu quase aniquilamento identitário é o mesmo fosso que cria o mundo e a "palavra sagrada" ou o "poema original". Retorna e ressalta-se o caráter incerto dessa gênese, sua real insondabilidade e sua dimensão abismal. Como de fato conceber uma origem ou uma causa para o que constitui e anima a nós e ao mundo se, mesmo que haja narrativas, científicas e não científicas, qualquer início deverá possuir sua própria causa?

Assim, como o pensamento humano, para Glissant, passa na atualidade por uma transformação dolorosa, o estágio a ser atingido parece ser algo próximo a esse concerto

²³ Tradução minha: "Imagine o voo de milhares de pássaros sobre um lago da África ou das Américas. O Tanganica ou o Erie, ou um desses lagos dos Trópicos do Sul que se aplainam e se fundem na terra. Veja o hesitar dos pássaros, os enxames. Você concebe a espiral que eles desembaraçam e em que o vento corre. Mas você não saberá contá-los verdadeiramente durante o seu lançar-se em cume e ravina, eles sobem e descem fora da vista, caem e se enraízam, retomam em apenas um impulso, sua imprevisibilidade é a coisa mesma que os agrega, e que ronda aquém de toda ciência. Sua beleza assalta, esvai-se. Então surge a noite, e o estupefaz. Suas asas são de estouros e seus ventres de sombra, você não os viu dispersar, ali sobre as margens e ali sobre as espumas escurecidas, o lençol rendado deste silêncio que fazem."

²⁴ Tradução minha: "antes que as raças e as línguas e as posturas se houvessem diferenciado e, então, oposto."

²⁵ Tradução minha: "Essa alvorada, em fosso, e inexplicável."

complexo, intricado e imprevisível de um pássaro inumerável, imagem possível também do pensamento da Relação. O "poema original", vindo do fosso, dos braseiros primordiais, portaria essa predisposição e com ela estaríamos atabalhoadamente trabalhando para recompô-lo.

O caminho esquecido

Após a exposição dessa gênese, o capítulo II muda quase completamente o tema e o estilo. Suas primeiras palavras são: "Dans le morne de Bezaudin, en Martinique (le rapport avec les braises originelles, la Pelée, n'est pas loin), et en cette année 2008: le vert pâle des carrés de jeunes cannes cède à l'obscur de la montée"²⁶ (p.16). Da mitologia hermética passa-se ao relato de uma das buscas do autor pela casa de sua infância, relato este bem situado espacial e temporalmente logo no primeiro período do texto. Há, porém, também no início, uma alusão ao conteúdo do capítulo anterior: as "brasas originais", às quais o "poema original" seria contemporâneo, são agora definidas como o próprio monte Pelée, vulcão ativo da Martinica. Textualmente, o leito de gênese daquela arqueologia poética é vinculado de forma inequívoca ao vulcão martinicano, vizinho ao local de "gênese" do autor, o morro Bezaudin, onde nasceu. Mas a mitologia do poema referia-se às humanidades e ao mundo de forma ampla, o que faz com que seu uso agora, na particularidade da vida de Édouard Glissant, seja tomado de fato como metáfora de gênese em maiores e menores contextos.

(Reforça-se também o caráter ambíguo dos planos de interpretação, seja na escala coletiva ou particular: histórica ou biograficamente, a origem narrada se situa imediatamente antes daquilo que dela se origina; mas, criticamente, a forma como se constituiu e se transformou o pensamento permitiu formular dessa maneira a origem. Na cosmogonia glissantiana, essa ambiguidade está inserida na "palavra sagrada" que é ao mesmo tempo anterior à humanidade e sua própria expressão, "poema original" inumano e centelha das linguagens. Por fim, isso talvez não seja propriamente uma ambiguidade, mas a expressão poética da percepção de nossa precária capacidade de avaliação do mundo e de nós mesmos. Essa é também uma problematização de Glissant, a qual é discutida mais à frente na ocasião das conclusões da presente análise.)

²⁶ Tradução minha: "No morro de Bezaudin, na Martinica (o vínculo com as brasas originais, a montanha Pelée, não está longe), e neste ano de 2008: o verde pálido dos jovens canaviais cede ao obscuro da subida."

Nas linhas citadas, o percurso se inicia no abandono da planície, de seus monótonos e claros canaviais, e pela entrada na trilha obscura da vegetação densa do morro. A obscuridade não é apenas a de sentido próprio, mas também a figurada, como se verá, que se refere à incursão paralela na história e nas memórias do autor que não pode saber exatamente o que encontrará entre tudo o que está oculto, soterrado ou esquecido naquela paisagem. Trata-se de uma abertura à incerteza: "Il faut quitter les certitudes, après ce temps au loin: éclats, qui nous tentent, nuit des branchages, nus, qui nous emportent de l'ailleurs! Le chemin tourne et vire et hale"²⁷ (p.16). Pelas alusões e figuras de linguagem desta e da citação anterior, precipitam-se diferentes dimensões.

A mais imediata é a busca pessoal do autor pela casa em que morou, sua origem pessoal, o que o faz aventurar-se por um espaço em grande parte esquecido tanto quanto desconhecido, pois o seu retorno se dá a uma terra natal concreta que não se mantém igual à sua representação mental e afetiva, esperadamente, mas que guarda o rastro de seu pertencimento paralelamente às suas transformações e às do autor. Vasculhar as origens equivale a tentar preencher as lacunas ou reavivar as memórias e o afeto, como tentar verificar a materialidade da sua própria subjetividade por meio do que a constituiu, mas que está e sempre esteve fora dela.

Na dimensão histórica e coletiva, não se pode deixar de notar que as plantações de cana de açúcar remetem ao passado colonial escravocrata e, portanto, à experiência do fosso e às depossessões abordadas anteriormente. Subir o morro, abrindo trilhas e embrenhando-se nas matas, era uma possibilidade de fuga para os escravizados que procuravam conquistar algum poder sobre suas vidas e, assim, deixar a violência e a exploração das plantações. Embora essa situação de fuga tenha o morro e a mata por locais mais radicalmente desconhecidos devido à questão das depossessões e por serem de fato estranhos aos primeiros habitantes da colônia, ao contrário do contexto imediato e pessoal do autor em que ele quer se reapropriar e revisitar algo, esse percurso de fuga, entre outros elementos, também fundou a identidade comunitária, o que torna a busca individual do autor, em alguma medida, também uma incursão na história da coletividade.

Conforme as reflexões expostas no capítulo sobre as noções glissantianas, o pensamento de Édouard Glissant, para enunciar-se, recusa a possibilidade de se deslocar

²⁷ Tradução minha: "É preciso abandonar as certezas, após esse tempo afastado: cintilações, que nos tentam, noite de ramagens, nuas, que nos transportam desde alhures! O caminho vira e volveia e se ergue."

para alguma perspectiva neutra e ilusoriamente distante de seu contexto, pois não concebe como separados os seus âmbitos de atuação, do individual ao coletivo, do afetivo ao filosófico. Por isso também, o espaço, a história e sua interdependência são temas frequentes nos textos de Édouard Glissant, como na seguinte passagem de *L'intention poétique* (1969) que guarda pontos de semelhança com o que estamos tratando aqui:

La signification ("l'histoire") du paysage ou de la Nature, c'est la clarté révélée du processus par quoi une communauté coupée de ses liens ou de ses racines (et peut-être même, au départ, de toute possibilité d'enracinement) peu à peu *souffre* le paysage, mérite sa Nature, connaît son pays. Approfondir la signification, c'est porter cette clarté à la conscience. L'effort ardu vers la terre est un effort dans l'histoire. Il n'y a pas ici de matière donnée qui soit sauve de la passion du temps. Vous me déportez sur une terre nouvelle (c'est une île), vous me ravissez de l'esprit et jusque du tréfonds de moi la science de la terre ancienne, vous m'opposez que la terre nouvelle n'est qu'à vous, et ainsi dois-je descendre les âges, loin de [la] terre. Voici alors (à force de piéter) que je sens la terre sous mes pieds: je repousse aussitôt dans l'hier, je tâte les fonds du temps irrémédiable, j'ensable l'oubli et dévale l'an, je reconquiers ma mémoire et donne valeur à mon inspiration: c'est brasser la terre et planter son arbre. (GLISSANT, 1969, p.196, *itálico do autor*)²⁸

Como em outras oportunidades, mostra-se no trecho a dinâmica textual do autor em que se imbricam, em simbiose estética, reflexão crítica e criação poética, esta como encenação daquela, aquela como análise desta. Além da semelhança para com a gênese do "poema original" pela figura de linguagem com a terra, há também o tom mítico e os esforços concretos: revolver a terra e o posterior embrenhar-se na trilha como arqueologia da origem pessoal e coletiva. Assim, a menção às "brasas originais" liga a casa como origem pessoal de Glissant e a formação vulcânica da Martinica e de todas as ilhas de seu arquipélago, incluindo suas montanhas e o vulcão Pelée, espécie de avatar local da gênese sempre presente.

²⁸ Tradução minha: "A significação ('a história') da paisagem ou da Natureza é a clareza revelada do processo pelo qual uma comunidade cortada de seus vínculos ou de suas raízes (e talvez mesmo, no princípio, de toda possibilidade de enraizamento) pouco a pouco *sofre* a paisagem, merece sua Natureza, conhece seu país. Aprofundar a significação é levar essa clareza à consciência. O esforço persistente para com a terra é um esforço na história. Não há aqui matéria dada que esteja a salvo da paixão do tempo. Você me deporta a uma terra nova (é uma ilha), rapta-me o espírito e das profundezas de mim a ciência da terra antiga, contesta-me que a nova terra não pertence senão a você, e assim devo eu descer as eras, distante da terra. Eis então (de tanto resistir) que sinto a terra sob meus pés: regresso tão logo ao ontem, tateio o fundo do tempo irremediável, soterro o esquecimento e devoro o ano, reconquisto minha memória e dou valor à minha inspiração: isso é revolver a terra e plantar sua árvore."

O capítulo II prossegue com a narrativa da busca em que o autor encontra algumas pessoas de uma mesma família e lhes pergunta sobre a casa e o caminho para ela, ao que cada um responde com uma indicação diferente sem atingirem acordo. Além da questão prática de que a busca se mostra difícil desde esse início, Glissant ressalta seu reencontro com a língua crioula, ao que se seguem uma evocação e um relato dentro do relato de quando fez a mesma incursão doze anos antes:

Je réapprends tout d'un coup la langue d'en haut, un créole en jets, qui glisse et concasse en même temps. *Où est cette maison primordiale, notre caye, dont les murs de terre et les clayonnages pendant ces temps avaient fait place à des tôles rouillées, de sorte qu'elle ressemblait à la fin à moins qu'une cabane à débarras?* J'y avais accompagné, il y a douze ans passés, un de mes fils encore enfant. Accroché à moi, tout effrayé par cette image du vide et du délaissement, il s'était détourné vers le bruit désormais affaibli de la rivière d'en bas. J'avais aussi essayé de deviner au travers d'une claie les contours des ombres à l'intérieur, mais ce n'avait été qu'un gros de ténèbres, sans doute ravagé de bêtes à mille pattes et de bêtes longues, rassasiées de roches à Volcan. C'est pourtant là que je suis né. (p.17)²⁹

Sua primeira recuperação e reaprendizagem é a da língua crioula "do alto", aparentemente singular e diferente em algum aspecto de suas outras variantes e que ressoa em sua memória e motiva a evocação sentimental da casa, chamada em crioulo de "caye". Soma-se assim a carga afetiva da língua materna do autor na rede significativa da busca. Em sua busca anterior, com o filho, ele havia encontrado a casa, mas já "ela se parecia enfim com algo menos que um quarto de despejo". Há o reforço emocional causado pelo contato com o crioulo, mas também há um paralelismo de decadência da casa e o futuro duvidoso da língua, os dois implicados na origem pessoal do autor.

O filho assustado e agarrado ao pai, ao mesmo tempo sua continuidade e uma alteridade, é a alegoria contundente dessa precariedade, pois a criança desconhece completamente o ambiente e a casa, com os quais não tem uma relação sentimental significativa, apenas estranhamento e medo diante da ruína, diante daquela "imagem do vazio e do abandono". Por fim, ressurgem o vulcanismo por suas rochas que alimentam os

²⁹ Tradução minha: "Reaprendo de uma só vez a língua do alto, um crioulo em jatos, que desliza e golpeia ao mesmo tempo. *Onde está aquela morada primordial, nossa caye, cujas paredes de terra e cercas, ao longo do tempo, deram lugar a chapas enferrujadas, de forma que ao fim ela não se parecia sequer com um depósito?* Eu levava até lá, há doze anos, um de meus filhos ainda criança. Agarrado a mim, assustado por aquela imagem do vazio e do abandono, ele se virava na direção do barulho desde então enfraquecido do rio de baixo. Eu tentara adivinhar também por uma cerca as formas das sombras no interior, mas era tudo uma escuridão só, sem dúvida infestada de bestas de mil patas e bestas compridas, saciadas a rochas de vulcão. No entanto, foi lá que eu nasci."

animais: também assim as brasas originais retomam o que haviam criado. O capítulo II conclui-se com a constatação de que não será possível prosseguir, já que Glissant não encontra o caminho por si e que, mesmo decidindo-se por uma das indicações obtidas, não haveria mais tempo naquele dia.

Um afundamento da terra

O capítulo III conclui a primeira parte e vincula mais diretamente os temas colocados nos capítulos I e II. A primeira afirmação é de que a casa não será encontrada: "Tu ne trouveras pas la case, à cette fois, parmi les pousses et les souques de ciment neuf, déjà cassé, comme ces yoles de travers, menées à l'aviron. À jamais tu ne trouveras"³⁰ (p.18). Após essa abertura que anuncia a perda completa da casa, a narração retorna no tempo a uma etapa anterior da busca corrente e descreve um cenário de progressiva desordem e saturação sensorial que culminará na imagem do início:

Nous dévrons, pendant passé une heure, à travers les damiers de nuit et de soleil et les déchirures des ombres sous le branchage, nous enroulons les chuintements d'herbe et de boue alternées dans ce qui restait des anciens chemins. Nous espérons perdre nos corps dans ce chahut de végétation où la chaleur bouillonne [...]. (p.18)³¹

Os elementos descritos – a projeção da luz do sol no ambiente entrecortada pela sombra da vegetação, o caminhar difícil pelas trilhas pouco evidentes em processo de retomada pela mata, a própria densidade da vegetação, o calor que entorpece corpo e mente – são até aqui de certa ordem natural. Porém, como dito, o texto prossegue com uma saturação desse cenário:

Les (gros) caïmitiers bleus et les abricots [...], les mangues Zéphirine et les chadèques inattaquables se sont mêlés en un recommencement de temps et de terres, déjà recouverts de lianes douces et d'un semblant continu d'herbes à demi puentes, la terre à cet endroit s'est effondrée et s'est comme retournée sur elle-même, et les énormes racines éventrent toujours des cargaisons de branchages, bateaux coulés dont il semblerait qu'ils transportent encore leur plein de vivres. L'odeur de macéré a remplacé le bruit d'eau. Des barrages de troncs et d'empilements de terre bouchent des accès improbables, les maisons de ciment alentour ont été

³⁰ Tradução minha: "Você não encontrará a casa, desta vez, entre os brotos e as **fundações** de cimento novo, já quebrado, como aqueles esquifes de través, movidos a remo. Nunca mais você encontrará."

³¹ Tradução minha: "Vagamos, por mais de uma hora, por entre os xadrezes de noite e sol e os trapos de sombras sob a ramagem, enrolamos o chiado de grama e lama alternadas no que restava dos antigos caminhos. Esperamos perder nossos corpos nesse tumulto de vegetação em que o calor borbulha [...]."

évacuées, toute la famille étendue, la mienne, qui avait circulé là (ici) a été distribuée à la ronde, et au mitan la case a disparu dans cet effondrement de la terre, comme un poème des premiers jours. (p.19)³²

O amalgamento das árvores semiapodrecidas como num "recomeço dos tempos", as trepadeiras leves que as recobrem, as raízes desenterradas expondo o que antes estava oculto, os acessos bloqueados por troncos e montes de terra e as casas locais evacuadas são efeitos do afundamento da terra causado pela dinâmica geológica local, talvez um terremoto, o que não fica claro. De qualquer forma, o colapso do solo provocou esse quadro de desarranjo natural e de inviabilização da ocupação humana pela destruição das casas. Mas a isso eventualmente se seguirão o rearranjo e a reocupação pela natureza e pela cultura, os cursos d'água anteriores, de que não se ouve mais o murmúrio, encontrarão novos caminhos à medida que a terra se reorganizar. Mas, no momento descrito, o equilíbrio natural entre nascimento e morte marca-se por um pico de predominância da morte, o que se expressa, por exemplo, no cheiro forte e acre típico da decomposição e da destruição notada visualmente.

A casa da sua infância desaparece num afundamento da terra "como um poema dos primeiros dias". Paralelamente, a família espaiada de Édouard Glissant que morava ali se dispersa e é realocada nas redondezas por conta da deduzida interdição do local. A dispersão ou desaparecimento concreto dos entes com os quais o autor possuía seus vínculos afetivos, seja a casa ou a família (a qual imaginamos distante no parentesco e distanciada no convívio), é uma metáfora do pertencimento. Seus vínculos apenas subsistem enquanto as relações são cultivadas, o que depende primeiramente da permanência dos entes envolvidos e, então, da persistência ou do cultivo do vínculo em si. Quando este ou aqueles cessam, há um divórcio gradual e progressivo entre as realidades subjetiva e exterior. (Esse mesmo quadro retoma a questão do ganho crítico destilado por Glissant a partir da experiência do fosso. De forma similar, a impermanência da casa leva à problematização da natureza da origem e da formação identitária a partir do plano

³² Tradução minha: "Os (grandes) abieiros roxos e os damascos cuja pele se desprende como uma cortiça delgada, as mangas espada e as cimboas inatacáveis se mesclaram num recomeço de tempos e terras, já recobertos por leves trepadeiras e por uma feição contínua de plantas em parte malcheirosas, a terra, nesse lugar, colapsou e é como se ela se houvesse revirado sobre si mesma, e as enormes raízes continuassem eviscerando as cargas de ramagens, barcos naufragados que pareceriam transportar ainda todos os seus víveres. O odor macerado substituiu o barulho d'água. Barragens de troncos e montes de terra bloqueiam acessos improváveis, as habitações de alvenaria do entorno foram evacuadas, toda a família espaiada, a minha, que circulara por ali (aqui) foi distribuída ao redor e, no meio, a casa desapareceu nesse colapso da terra, como um poema dos primeiros dias."

individual. A maior ou menor efemeridade dos entes com quem se relaciona e aquilo que se transforma graças a essas relações evidenciam o mesmo caráter inessencial de constructo da identidade e do conhecimento).

Com isso, podemos reiterar e ampliar a interdependência e a analogia entre as dimensões evocadas nos capítulos I, II e III: a história pessoal de Édouard Glissant vinculada ao arruinamento e ao desaparecimento da casa num afundamento da terra por conta de seu abandono e da ação da natureza, os elementos mais ou menos implícitos da história coletiva, recuperáveis na intertextualidade com outros ensaios, a mitologia do "poema original" que surge das brasas originais e desaparece nas entranhas da terra como a casa da infância e, por fim, as reflexões filosóficas e epistemológicas. Nestas, sobressaem a investigação do autor sobre a constituição cognitiva e a vista sobre a elaboração de seu próprio pensamento crítico em torno ou em direção à filosofia da Relação como evidenciação dos fossos que cercam as humanidades e os espaços que elas habitam, quadro que, segundo ele, estaria conduzindo uma mudança dolorosa e necessária em nossas postura e pensamento.

O poema é retomado como único ponto ou elemento comum entre tudo e todos: "le poème est en effet la seule dimension de vérité ou de permanence ou de déviance qui relie les présences du monde, [...] sous toutes les formes, à commencer par la fréquentation insoupçonnée que nous avons de nos entours"³³ (p.19-20). Numa tentativa de aproximação de seu significado fugidio, esse "poema original" parece ser um impulso de interpretação e relação com as alteridades, onde a expressão inevitavelmente nos contextualiza e situa no mundo, assim como nos estrutura e nos guia nos itinerários que escolhemos ou pelos quais somos levados.

Encerrando o capítulo III e a primeira parte do ensaio, Édouard Glissant cita e comenta um ditado que representa para ele, em seu olhar retrospectivo, a imprevisibilidade de seu itinerário e de suas experiências: "Cette parole des vieilles Afriques prononce, 'seule la route connaît le secret', ou plus secrètement, 'seule la route connaît le chemin'. L'aimant du monde nous mène dans ces directions que nous ne savions pas"³⁴ (p.20). As trilhas que

³³ Tradução minha: "o poema é de fato a única dimensão de verdade ou permanência ou desvio que liga as presenças do mundo, [...] sob todas as formas, a começar pela frequência insuspeitada que fazemos de nosso entorno."

³⁴ Tradução minha: "Esse dito das velhas Áfricas anuncia, 'só a estrada conhece o segredo', ou, mais secretamente, 'só a estrada conhece o caminho'. O ímã do mundo nos leva nessas direções que não conhecíamos."

seguiu, e que não suspeitava que seguisse, conduzem, na trama textual, à próxima parte do ensaio em que são abordadas as noções articuladoras da poética e da filosofia da Relação.

O ressurgimento do poema

Retornamos assim à seção "Phases" abordada no início deste capítulo e que contém o rol de "pensamentos" glissantianos. Após a articulação e a sobreposição elaboradas entre as diferentes dimensões na primeira seção que abarcaram da história pessoal de Édouard Glissant à sua perspectiva crítica sobre o mundo, incluindo sua narrativa ou ficção poética igualmente significativa e representante de seu pensamento, há como uma espécie de epígrafe, uma evocação do "poema" como conclusão da transição: "*Tout ce vent qui vente du poème est le poème même qui déjà s'anime*"³⁵ (p.23, itálico do autor). Essa agitação do poema é o sinal de seu iminente ressurgimento. Mas, procurando entender o que significa esse ressurgimento, lembramos que, no desenvolvimento de sua alegoria, o autor considerou sobre o que seria o desejo desse "poema original", o qual se confunde com a "palavra sagrada":

Que souhaitait cette parole du sacré (c'est de l'entière du monde que je parle), mis à part de confirmer tant d'obscurités inévitables? Elle avait supposé, au premier élan, de prévenir (ou de lutter) contre la partition des différences, qui semblait imparable, ensuite, quand les chemins et les inspirations du monde furent en effet divisés, elle s'occupa de rassembler encore ces différences au long d'un même et même halètement, afin que le son divergent qui en résulterait jusqu'aux horizons en parût calme et rassurant. (p.14-15)³⁶

(Quando se procura montar a rede de designações oferecida por uma passagem como essa e não se encontra uma situação de relativo repouso, evidencia-se seu hermetismo. No uso cotidiano, essa qualificação se associa a um fechamento total, mas o fato é que a dificuldade de interpretação não tem o efeito de fechar o sentido, mas, antes, de abri-lo.)

³⁵ Tradução minha: "*Todo esse vento que venta do poema é o próprio poema que já se anima.*"

³⁶ Tradução minha: "O que desejava essa palavra do sagrado (é da inteireza do mundo que falo), afora confirmar tantas obscuridades inevitáveis? Ela pretendia, num primeiro ímpeto, advertir (ou lutar) contra a divisão das diferenças, que parecia inevitável, e em seguida, quando os caminhos e as inspirações do mundo foram de fato apartados, ela se empenhou em reunir novamente essas diferenças ao longo de um só e mesmo ofegar, para que o som divergente que disso resultasse até os horizontes parecesse calmo e reconfortante."

A princípio, causa estranheza que Glissant formule uma entidade, a "palavra sagrada" ou o "poema original", que tenha a intenção de prevenir ou lutar contra a diferenciação. Mas, finalmente, após muitas tentativas de plasmar em sentido e pensamento aquelas palavras, a leitura pormenorizada nota com espanto seu equívoco, pois não se trata da luta contra a "diferenciação", mas contra a "partição das diferenças", detalhe muito significativo. Sob esse alento, aglutinam-se mais algumas correntes do vento do poema em que os tremores de sua agitação crescente são os próprios impulsos e tentativas de concertação das diferenças (não de sua eliminação ou indistinção) e transformação do pensamento humano. Seu sopro é o que alimenta a (filosofia da) Relação e, portanto, o que é exposto nessa parte do ensaio.

(Na variação crítica dessa ordenação alegórica, essa tormenta de ventos e tremores é o efeito do choque das diferenças, confrontação em que principalmente as posturas e modos de ser mais intolerantes e ostentadores de sua razão e identidade são questionados em suas crenças de base. Assim, o poema é um mito plausível: não necessariamente porque a poesia que praticamos seja (e é) essa força de criação, mas porque ela talvez seja, antes, uma expressão da energia ou do processo de criação e destruição ou de partição e concertação. Dessa forma, Édouard Glissant cria uma cosmogonia que, embora especulativa ou fictícia, orienta a investigação da organização do mundo, os diferentes regimes de concertação ou partição das diferenças, e abrange, por isso, aqueles planos dos quais nos consideramos distintos como, por exemplo, o espaço.)

Sob os sinais de reanimação do poema, o capítulo IV introduz a seção e explora alguns aspectos evidentes das mudanças de percepção das humanidades sobre si mesmas e o mundo:

Cela paraît trop simple à dire, mais nous ne voyons plus le monde en manière grossière et projective: et par exemple, comme hier, cinq continents, quatre races, plusieurs grandes civilisations, plusieurs périples de découvertes et de conquêtes, des avenants réguliers à la connaissance, un devenir à peu près devinable. Nous entrons maintenant et au contraire dans un infini détail, et d'abord nous en concevons de partout la multiplicité, qui est inétendue, et qui pour nous est indémêlable, et sans prédiction. Vingt civilisations d'hier composent maintenant des infinités de cultures. Ce que nous savons de leurs natures augmente pour nous l'obscurité de leurs rapports. (p.27)³⁷

³⁷ Tradução minha: "Parece muito simples de dizer, mas não vemos mais o mundo de maneira grosseira e projetiva: e, por exemplo, como ontem, cinco continentes, quatro raças, várias grandes civilizações, vários périplos de descobertas e de conquistas, confirmações regulares ao conhecimento, um devir mais ou menos adivinhável.

Certamente são numerosos e ruidosos os que ainda veem o mundo dessa maneira "grosseira e projetiva", mas já não se pode dizer que seja a visão dominante, por exemplo e mais significativamente, nos meios acadêmicos de Ciências Humanas, aquelas que se dedicam por definição a tal campo e, por isso, podem ser tidas como a vanguarda da análise e da produção de conhecimento sobre a área. Por mais paradoxal ou contraditório que possa parecer, o maior sintoma – e ao mesmo tempo indicador da direção dessa mudança – talvez seja justamente a reação autoritária e conservadora que atualmente grita, range os dentes e ostenta suas armas e seus troféus de caça. No caso, o vetor médio e resultante da direção dos ventos da história é o oposto ao sentido em que marcham os movimentos de resistência ao seu desenrolar.

Alguns dos aspectos dessa reação têm sido: o moralismo hidrófobo cuja crença de base é a de que fala e age a partir de uma posição superior e dotada do único juízo e da única razão possíveis, a partir do que desqualifica análises e questionamentos da realidade social e política e as rotula como "ideologias" sem notar a sua própria; a consequente negação e boicote de quase qualquer nível de debate franco e, coerentemente, o menosprezo pela pesquisa científica e acadêmica questionadora de mitos e do senso comum; a mitologização e o elogio de um passado fictício como, por exemplo, a fundação do Brasil ou o bandeirantismo como atos de "bravura" e "empreendedorismo" em que se ignora o genocídio indígena e o fato de que a maior parte da riqueza local foi produzida com mão-de-obra escravizada cujos descendentes encontram-se ainda hoje nas camadas mais pobres da população.

Já foi dominante e tida como análise esclarecida a perspectiva a que se refere Édouard Glissant e segundo a qual haveria divisões e definições minimamente claras entre civilizações. Tal perspectiva se encontra cada vez mais concentrada em segmentos conservadores e reacionários das sociedades. Pela crueza e exasperação desse refluxo autoritário e com muitos aspectos de uma mentalidade colonialista que testemunhamos, assim como por sua aversão ao debate franco, é que se pode caracterizá-lo como reação à expansão de visões de mundo mais complexas e críticas que fraturam as crenças de base daquele.

Entramos agora, ao contrário, num detalhe infinito e do qual concebemos primeiramente de toda parte a multiplicidade, que é inespraiada e que para nós é inseparável e sem predição. Vinte civilizações de ontem compõem agora infinitudes de culturas. O que sabemos de suas naturezas aumenta para nós a obscuridade de seus vínculos."

O processo de entrada consciente na Relação, para Édouard Glissant, é esse abandono necessário das conceituações e delimitações rígidas do conhecimento de mundo e das alteridades. É um abandono necessário e compulsório porque a multiplicidade e o "infinito detalhe", a profusão das diferenças evidenciadas pela realização da totalidade-mundo, revelam que as fronteiras, e de diversas naturezas, são mais tênues do que se pensava ou, ao menos, se tornaram mais tênues e intrincadas na medida da aceleração dos choques culturais. Na verdade, independentemente de terem sido mais claras ou de sempre terem sido tênues, as delimitações de seres e conceitos tendem hoje a revelar a sua artificialidade e, assim, também sua poética quando compreendidas como instrumentos da vida humana.

Isto é, retornando ao texto de Glissant, da mesma forma como (1) a constituição histórica fragmentária do autor (por um percurso "normal" das fases de sua vida) e de sua coletividade (pelas questões relativas às depossessões e pela sua natureza compósita) desvela a condição semelhante das culturas humanas na medida em que todas são construídas e cultivadas e estão em permanente devir, situação em que qualquer alegação de pureza é uma violência auto-infligida, (2) também os contatos entre alteridades podem produzir a experiência do estranhamento do outro, mas igualmente causam o estranhamento de si como num lampejo da visão do fosso ou das entranhas da terra.

Entende-se porque o ressurgimento do poema é para Glissant o retorno do impulso de concertação ou de não partição entre as diferenças como nos estados iniciais do mundo após sua origem. Trata-se da lembrança da cultura como poesia, criação e reorganização constantes da identidade e de sua expressão:

[...] il n'y a pas que cinq continents, il y a les archipels, une floraison de mers, évidentes et cachées, dont les plus secrètes nous émeuvent déjà. Pas que quatre races, mais d'avant aujourd'hui d'étonnantes rencontres, qui ouvraient au grand large. Elles étaient là, nous les voyons.

Il n'y a pas que de grandes civilisations, ou plutôt: la mesure même de cela qu'on appelle une civilisation cède à l'emmêlement de ces cultures des humanités, avoisinantes et impliquées. Leurs détails engendrent partout, de partout, la totalité. Le détail n'est pas un repère descriptif, c'est une profondeur de poésie, en même temps qu'une étendue non mesurable. Ces inextricables et ces inattendus désignent, avant même de les définir, la réalité ou le sens du Tout-monde. (p.27-8)³⁸

³⁸ Tradução minha: "não há apenas cinco continentes, há os arquipélagos, uma floração de mares, evidentes e ocultos, dos quais os mais secretos já nos emocionam. Não apenas quatro raças, mas, já antes de hoje, encontros surpreendentes que se abriam à amplidão. Eles estavam lá, nós os vemos. / Não há apenas grandes civilizações, ou melhor: a própria medida do que se chama civilização cede ao emaranhamento dessas culturas

Se já são inúmeros os "surpreendentes encontros" registrados pela história humana, quantos serão os não registrados ou cujos registros foram perdidos ou adulterados e dos quais, no entanto e sem dúvida, persistem hoje seus insuspeitados rastros em nossas próprias subjetividades? O ritmo desses encontros só fez acelerar-se, o que amplifica e acumula seus efeitos: relativização e abertura. Com as imagens elaboradas por Glissant, fica claro como a visão de mundo em processo de caducidade age por normatividade e prescrição no esforço de manutenção dos pensamentos continentais. Mas os movimentos de convecção subterrânea do magma-poema roçam incessantemente mesmo as maiores e mais homogêneas placas tectônicas e as fissuram por fossos ou as comprimem e enrugam em cadeias montanhosas de altura vertiginosa.

O que resta por descobrir

Na realização do Mundo-todo, isto é, de evidenciação do "infinito detalhe" das diferenças e de desestabilização de fronteiras físicas e simbólicas, outro aspecto em mutação é a natureza da atração da descoberta. Segundo Glissant (p.26), esse impulso esteve fortemente contido na urgência de dominação e de expansão territorial das nações, pois havia uma coincidência entre descoberta, conquista e conhecimento, como se conhecer o mundo implicasse dominá-lo ou como se o próprio conhecimento só fosse possível pelo esgotamento e efetivação da transparência de seu objeto, postura que se exemplifica com a atração que exerciam as porções em que se lia "*terra incognita*" nos mapas. Essa paixão de descobrir e dominar aos poucos deu lugar a outra sensibilidade ligada à própria totalidade:

[...] les sensibilités humaines aujourd'hui à l'œuvre dans l'étendue se sont révélées de plus en plus infatigables à en considérer les parts inaperçues, à soutenir que celles-ci ne sont pas moins vivantes dans l'équilibre du tout que ne le seraient les plus puissants éléments, et les plus ostensibles, qu'on en aurait pu distinguer. (p.27)³⁹

das humanidades, avizinhas e vinculadas. Seus detalhes engendram em toda parte, de toda parte, a totalidade. O detalhe não é uma referência descritiva, é uma profundidade de poesia ao mesmo tempo em que é um espraio não mensurável. Esses inextricáveis e inesperados designam, mesmo antes de defini-los, a realidade ou o sentido do Mundo-Todo."

³⁹ Tradução minha: "as sensibilidades humanas em ação hoje no espraio têm se revelado cada vez mais incansáveis em considerar as partes despercebidas, em sustentar que estas não estão menos vivas no equilíbrio do todo do que não estariam os elementos mais poderosos, e os mais ostensivos, que se poderia distinguir."

A descrição de Glissant desse estado em que entramos, ou para o qual transitamos, pode ser aproximada de um pensamento da sustentabilidade em curso de espraio pelo mundo. Tratar-se-ia de uma sustentabilidade pelo convívio das diferentes cognições e epistemes, enquanto bases das diversas identidades e culturas, em que o reconhecimento das diferenças é a garantia ou o requisito para o reconhecimento da própria existência pelo outro. Assim, parece de fato não haver outra forma de orientar a paixão humana da descoberta que não seja para algo compatível ao convívio num mundo praticamente todo ocupado ou conhecido.

Para o autor, a realização da totalidade-mundo para as humanidades, primeiramente em seu aspecto espacial e depois, em sua consequência, em seu aspecto cognitivo, foi permitida e facilitada pela intervenção colonial do Ocidente. Mas, como frisa Glissant, isso não significa em absoluto um elogio de seus responsáveis, posto que seu resultado histórico foi e é ainda hoje a confrontação e a proposição de posturas outras do que aquelas que os orientaram, como demonstram, por exemplo, os fatos políticos e estéticos ligados às diversas descolonizações, fatos de descontrole e perda de domínio das antigas potências coloniais (p.43).

Tectônica do pensamento

O movimento de imposição colonial e as diversas reações em sua resposta é um exemplo da dinâmica que Glissant vê e que o motiva em suas formulações. Trata-se de uma fragmentação ou, mais propriamente, da atenção aos detalhes e da capacidade de notar as diferenças onde se via apenas identidade. Essa postura age principalmente pelo pensamento arquipelágico, abordado no início desta análise e do qual relembro sua disposição à experiência rasteira e ao acidente do relevo, atitude modesta enquanto recusa à generalização e sistematização lógica e conceitual do conhecimento do mundo por ter a própria mente como espaço de sentido percorrido pela linguagem e indefinido *a priori*. No vínculo com seu local de ação e de relação com a totalidade, é ainda um pensamento que não pretende se ausentar do mundo para pensá-lo:

L'imaginaire de mon lieu est relié à la réalité imaginable des lieux du monde, et tout inversement. L'archipel est cette réalité source, non pas unique, d'où sont secrétés ces imaginaires: le schème de l'appartenance et de la relation, en même temps. L'archipel est diffracté, nous pousserons jusqu'à répéter, à la manière de ces praticiens des sciences du chaos, qu'il

est fractal (nous donnons bien des sens non autorisés à ce mot), nécessaire dans sa totalité, fragile ou éventuel dans son unité, passant et demeurant, c'est un état de monde. Les eaux qui montent le recouvrent d'abord. Il sombrera bientôt dans les abîmes, comme il est par exemple dit pour quelques-uns d'entre eux. (p.47)⁴⁰

Além de uma postura elaborada a partir da experiência real do autor que tem a Martinica por terra natal, o arquipélago é a figura frágil de pensamento que carrega a centelha do poema original por sua proximidade ao abismo vulcânico – relação com a gênese do poema original – e ao abismo marinho – relação com a experiência do fosso e a gênese das sociedades coloniais. Isso marca a orientação do pensamento de Édouard Glissant e sua interpretação de mundo, mas de modo não estruturante ou sistematizante, pois evoca imaginariamente como visão arquipelágica cada local e particularidade em seu contexto e organização próprios. Da mesma forma se comporta ele em seu local e a partir dele, pois dialoga com o que seu objeto lhe devolve e não lhe impõe um funcionamento, o que resulta num pensamento objeto de si próprio.

Se alguma generalização fosse possível, esta seria uma anti-generalização já que poderia postular apenas que nada permanece. Porém, não se deve com isso deduzir que nada importa. Em resposta a certa crítica "antirrelativista" mais comum que acusa o "risco" de erosão de sentidos e valores – morais, principalmente – causado por posturas similares às de Édouard Glissant, é possível dizer que, na realidade, mesmo que quaisquer valores e sentidos percam seu valor absoluto, ganham relevância os processos que os formam e os mantêm e, assim, ganham importância a consciência, a crítica e a responsabilidade sobre tais processos. Trata-se de uma visão mais complexa e ampla. Esse argumento se relaciona com o que Glissant expõe na seguinte passagem:

L'inextricable (du monde) fait l'inextricable de ces littératures d'aujourd'hui, lesquelles gagnent à échapper aux transparences consumées mais toujours dominantes de la nation et de l'universel généralisant. Nul n'entend par là que la dimension de la nation est désormais hors jeu: sa secrète corrélation (progressive ou stupéfiante), est nécessaire aux collectivités humaines pour fréquenter les lieux qu'elles habitent et les

⁴⁰ Tradução minha: "O imaginário do meu lugar está ligado à realidade imaginável dos lugares do mundo e vice-versa. O arquipélago é essa realidade fonte, não única, de onde são secretadas esses imaginários: o esquema de pertencimento e da relação, ao mesmo tempo. O arquipélago é difratado, insistiremos até repetir, à maneira desses praticantes das ciências do caos, que ele é fractal (damos muitos significados não autorizados a essa palavra), necessário em sua totalidade, frágil ou eventual em sua unidade, passando e permanecendo, é um estado do mundo. As águas que sobem o recobrem primeiro. Logo ele afundará nos abismos, como se diz, por exemplo, para alguns deles."

paysages qu'elles suscitent jour après jour, et pour les relier aux autres lieux et aux autres paysages: ce qui est caduc, ce n'est pas la liaison dans une collectivité, ni le regard commun dévolu aux autres, c'est cette visée traditionnellement assurée, qui a dicté la loi de fer des relations entre États-nations, et qui imposerait que ma manière d'être dans mon lieu serait la première "universellement" valable, et qu'ainsi ma fréquentation du monde ne s'accomplirait que par cette manière et elle seule. On a prétendu d'une telle primauté (souvent dite à tort grand ferment d'identité), à une autre sorte de sacré (qui fonde un droit), celui du sol, celui du sang, celui de leur héritage. Fascismes et racismes, qui abhorrent le partage, y fréquentent, au vu tranquille ou complaisant de la plupart. Tout à fait nègrement, ou métèquement, ces sortes avortées du sacré ont été brisées contre l'étendue. (p.41-2)⁴¹

De forma geral, poderíamos dizer que Glissant reitera a importância do coletivo local – a nação ou algo similar – como fundamental à vida de cada um na constituição de sua subjetividade, de seu pertencimento e como via de acesso ao resto do mundo e não como algo supérfluo. O que está caducando, então, é a forma etnocêntrica pela qual pode se dar esse acesso, seja pela interação e interpretação das alteridades por seus valores próprios, seja pela simples negação de relação por algum sentimento de superioridade. Tal foi a orientação do colonialismo e tal é a dos racismos, em grande parte herança do primeiro, assim como para os atuais e caricatos fascismos e autoritarismos. Ainda segundo a análise do autor, essa postura conduz a uma espécie de deturpação do sagrado em que não é mais desejada a concertação das diferenças, como seria a propensão do poema original. Em seu lugar, as sociedades humanas alçariam seus pensamentos e valores particulares ao universal pela ânsia de império sobre o outro, o que daria ensejo à constituição de uma "lei de ferro" atrelada a um direito de origem divina e de uma concepção de nação pela coincidência entre território, povo e cultura.

⁴¹ Tradução minha: "O inextricável (do mundo) faz o inextricável dessas literaturas de hoje, as quais ganham ao escapar das transparências consumidas, mas ainda dominantes, da nação e do universal generalizante. Ninguém entende com isso que a dimensão da nação está doravante descartada: sua correlação secreta (progressiva ou impressionante) é necessária às comunidades humanas para frequentar os lugares que habitam e as paisagens que suscitam dia após dia, e para ligá-los aos outros lugares e às outras paisagens: o que é caduco, não é a ligação numa comunidade, nem o olhar comum dedicado aos outros, é essa perspectiva tradicionalmente segura, que ditou a lei da ferro das relações entre estados-nação, e que imporia que o meu modo de estar no meu lugar fosse o primeiro "universalmente" válido e que, assim, minha frequência do mundo se realizaria apenas por esse modo e somente por ele. Pretendeu-se de tal primazia (frequentemente tida erroneamente como grande fomentadora da identidade) como a um outro tipo de sagrado (que funda um direito), o do solo, do sangue, de sua herança. Fascismos e racismos, que abominam a partilha, frequentam-no à vista tranquila ou complacente da maioria. Muito negramente, ou metecamente, esses tipos abortados do sagrado foram esmagados contra o espraio."

Mas, justamente, como os continentes concretos não são monolíticos e possuem litorais variáveis, o pensamento continental é composto por elementos cuja suposta pureza necessita de supervisão central e manutenção constante, fato pelo qual sua definição – como delimitação e significação – não é estanque como seu centro ou seu poder pregam que são. Como diz Glissant, os arquipélagos, "ces poussières de la terre", "sont pourtant au vrai commencement, ou à l'avancée, de ces continents, par leurs exclamations répandues de limons enrochés et par leurs scintillations d'idées non impérieuses"⁴² (p.48). Nesse sentido é que o pensamento arquipelágico é capaz de trazer à tona uma realidade censurada do pensamento continental por evidenciar sua origem e seu devir, mas, sobretudo, por iluminar os detalhes e as diferenças em seu interior, por mais sólida e coesa que a massa continental pareça.

Poéticas do lugar

Após a exposição de suas noções, Édouard Glissant retoma o tema da casa no capítulo XVIII, localizado na seção seguinte, momento em que tece de forma explícita a função da alegoria da casa, construída no início do ensaio, em seu pensamento. Ele parte do papel da diferença na filosofia da Relação: "elle est avant tout le signe et le relais des unités-diversités, en tant que les différents rassemblent l'être-comme-étant (du tout). La différence contribue à la fusion aussi bien qu'à la distinction"⁴³ (p.101). A diferença seria o índice da existência das unidades-diversidades em que um regime de equivalência permitiria o trânsito e a suplência recíproca entre elas, ao passo que um conjunto concertado de diferenças constituiria um *diferente* e um ser-como-ente, lembrando que, para Glissant, esse diferente é a partícula elementar da Relação (p.29).

Para compreender como a diferença pode contribuir para a fusão e para a distinção, basta considerar que a fusão a que o autor se refere pode não ser uma união indissolúvel, mas uma associação fluida e complementar, uma organicidade ou o mencionado conjunto concertado. Um arranjo orgânico pressupõe órgãos distintos em forma, estrutura e função que, em sua interação, complementam-se de maneira a justapor suas fronteiras e constituir,

⁴² Tradução minha: "essas poeiras da terra", "estão, no entanto, no verdadeiro início, ou na vanguarda, desses continentes, por suas exclamações difundidas de argilas abalroadas e por suas cintilações de ideias não imperiosas."

⁴³ Tradução minha: "ela é, antes de tudo, o sinal e a substituta das unidades-diversidades, enquanto os diferentes reúnem o ser-como-ente (do todo). A diferença contribui tanto para a fusão quanto para a distinção."

pelo convívio coeso e interdependente, um ente maior e mais complexo por estar composto justamente de todas as suas diferenças. O exemplo dado de diferença por Glissant é o murmúrio do rio próximo à casa, no morro Bezaudin, ruído que constituía "le vrai paysage de l'environ" (p.101). Segundo Glissant, estando lá e quando não ouvíssemos mais o barulho, esse seria o sinal de que teríamos nos integrado à paisagem, ao local. A diferença, evidente ou absorvida, é a articulação – ou um tipo de relevo, de rugosidade – do detalhe e do local que interpela o entorno e o mundo.

O autor afirma então que o ruído do rio e a casa de sua infância são poéticas do lugar, mesmo que ambos já não existam na realidade:

La poésie révèle, dans l'apparence du réel, ce qui s'est enfoui, ce qui a disparu, ce qui s'est tari. Loin d'être un accident, ou un avatar, la différence, perceptible (réelle) ou non, est avant tout la conductrice de cette quête, par quoi l'écho égaré de la rivière ou la ruine enfouie de la case renaissent au chant: une composante, et plus avant, un relais, une liaison de ce qui persiste. (p.102-3)⁴⁴

Por fazer notar a diversidade de formas, a diferença conduz e instiga a busca do que não é evidente ou desapareceu, como a voz do rio nas pedras, a casa arruinada e o poema original. Essa busca é a poesia em seu sentido amplo como criação de sentido e invenção da relação com o mundo, o que inclui a ficção, invenção da invenção, pois não há expressão humana completamente identificada à realidade nem completamente divorciada da experiência humana: esse é o espectro ocupado pela diversidade poética, o que inclui todas as artes e epistemes.

Pelo canto, como diz Glissant, a constituição e as invenções de nossa subjetividade tornam-se instrumentos e objeto de compartilhamento e possibilitam sua sobrevida, mesmo que de modo parcial e por leituras diversas, como aquilo que o filho assustado experimenta ao lado do pai em frente a uma ruína que não tem para ele o mesmo sentido, não dispara as mesmas lembranças, mas é um modo de continuidade mediada por sua relação com o pai. Dessa forma, a citação ilumina a motivação do subtítulo do ensaio – "poésie en étendue" – e se confirma a perspectiva de que a filosofia da Relação está filiada à poesia ou ao seu espriamento como investigação motivada pela percepção das diferenças.

⁴⁴ Tradução minha: "A poesia revela, na aparência do real, o que se ocultou, o que desapareceu, o que se estancou. Longe de ser um acidente, ou um avatar, a diferença, perceptível (real) ou não, é antes de tudo a condutora dessa busca, pelo que o eco distante do rio ou a ruína ocultada da **casa** renascem no canto: um componente e, mais adiante, um substituto, um elo do que persiste."

Imaterialidade do afeto

As últimas ocorrências do termo "case" estão no capítulo XXI, primeiro de sua seção, e no capítulo XXIV, único de sua seção, o que é um indício da persistência do papel articulador do referido termo – ou, para mais bem dizer, de seu significado – na organização do ensaio, papel reforçado por suas irradiações nas reflexões filosóficas e nos relatos autobiográficos em que se fazem presentes os locais familiares e a figura da mãe do autor, por exemplo. Mas a casa em que morou com sua mãe na infância é referida de formas diferentes ao longo do texto e a investigação sobre essa variação contribui para as análises já iniciadas e em cujas conclusões abordarei as últimas ocorrências. Essas formas estão elencadas a seguir, incluindo a forma mais usada "case":

- cette case [...]. (p.16)
- cette maison primordiale, notre caye, [...] cabane à débarras? (p.17)
- la case (p.17, 18, 19, 102)
- La case de la naissance (p.102, 117)
- Cette cabane (p.117)
- la maison de naissance (p.143)
- [le] lieu de sa naissance (p.146)
- la case à naissance (p.146)

As primeiras ocorrências, concentradas na seção introdutória do ensaio (p.16-19), estão em narrativas que não esclarecem ao leitor de forma explícita o que é essa "case" e porque se fala dela, coisa similar ao que se passa com o capítulo I sobre o "poema original" e referido de forma fluida por Glissant como "Le mythe, ou cette légende ou ce rêve"⁴⁵ (p.12). Como já dito, os capítulos I e II têm discurso predominantemente narrativo e não se associam por nada além da menção às "brasas originais" (p.16). Essa articulação é iniciada pelo capítulo III – também predominantemente narrativo e descritivo – e retomada a partir da terceira seção, o que forma uma espécie de hiato no que se refere ao tema da casa ao longo da segunda e mais extensa parte.

Esse é um dos indícios de que Édouard Glissant não fabrica seu texto preocupado em conduzir o leitor por um caminho certo, ou melhor: ele não evidencia tudo do que é feito o texto para além de sua trama superficial. A narrativa da primeira busca frustrada da casa (p.16-7) coloca-nos, leitores, repentinamente no morro Bezaudin, por meio de uma

⁴⁵ Tradução minha: "O mito, ou essa lenda ou esse sonho."

brevíssima introdução, e já nos embrenhamos com o narrador pela vegetação, em suas ações e em seus pensamentos. A primeira menção, "cette case" (p.16), é totalmente inexplicada, o que se agrava pelo adjetivo demonstrativo que indica um pré-conhecimento, mas ausente, pois o leitor não o compartilha. O tom banal dessa primeira menção ganha outra carga com o tom mítico e lírico da segunda menção, "*cette maison primordiale, notre caye*"⁴⁶ (p.17, itálico do autor), ocasião em que é atribuído um papel arquetípico à casa e, em seguida, é referida pelo termo em crioulo martinicano, língua materna do autor, o que adensa o aspecto afetivo. Porém, simultaneamente, contrasta-se a essa dimensão o estado concreto em que a casa já se encontrava em visita anterior, "*moins qu'une cabane à débarras*"⁴⁷ (p.17, itálico do autor), isto é, sequer chegava à condição de um quarto de despejo.

Mesmo que mais algumas questões sejam potencialmente desconhecidas do leitor, como no caso da alusão à língua crioula, é possível já deduzir a importância da casa para o autor, o que é mais esclarecido após algumas linhas em que ele diz ter nascido nela, informação básica de que deduzimos a motivação pela busca. Da mesma forma, contribuem para o sentido da casa e da busca as informações de que a casa já estava em ruínas em visita anterior, da qual se passavam doze anos, e de que, na busca do tempo presente à narração, o autor sequer consegue encontrá-la.

Todas as referências à casa da primeira parte do ensaio têm essa característica de um sentido que não foi explicitado, como nas ocorrências seguintes em que é mencionada apenas como "la case" (p.17, 18, 19) sem mais explicações além do que já se aprendeu pelo contexto. Assim, o leitor não sabe bem do que se trata a princípio e depara-se com índices cumulativos da relevância do objeto, mas não com as causas dessa relevância. Apenas após a evidenciação dessa lacuna e com os rastros presentes no texto é que ela pode ser construída, dinâmica que pode ser vista de modo ampliado no texto do ensaio como um todo em sua diversidade de elementos. Isso não significa que Glissant não se importe com a compreensão de seu texto ou preze mais a sua liberdade de escrita do que a expectativa de sua leitura. Ao contrário, demonstra que aposta na capacidade poética e reflexiva de seu leitor em interpretar os diversos estratos, elementos e linhas de fuga de seu texto.

⁴⁶ Tradução minha: "aquela morada primordial, nossa caye".

⁴⁷ Tradução minha: "sequer com um depósito".

Entrepastos mentais

Após a segunda seção do ensaio, o tema da casa é retomado, mas então predomina a nomeação ou a referência explicativa à casa: "case de la naissance" e "la ruine enfouie de la case" (p.102); "case de la naissance" (p.117); "maison de naissance" (p.143); "lieu de sa naissance" (p.146); "case à naissance" (p.146). Isso se explica pela mudança de sua função no texto e pela própria função ou estilo dos capítulos dentro do ensaio, pois, a partir da terceira seção, Glissant passa a articular de maneira mais diretamente crítica a alegoria da casa da infância com sua filosofia.

Porém, além dessas maneiras, há ainda outra que demonstra mais claramente a mudança ou a diferença de natureza do recurso à casa da infância em contexto narrativo ou poético, de tom afetivo e autobiográfico, e em contexto crítico e filosófico. Trata-se do termo "cabane" (p.17 e 117), palavra mais próxima do sentido próprio de "case", sendo este traduzível, nessa acepção, por "cabana" (cognato de "cabane") ou ainda "casebre", "barracão".

A primeira ocorrência de "cabane" não é propriamente a designação da casa, pois o texto diz que "*elle ressemblait à la fin à moins qu'une cabane à débarras*"⁴⁸ (p.17, itálico do autor), isto é, por seu estado avançado de ruína, não chegava a *ser* comparável de fato a um depósito ou um quarto de despejo. Nesse momento da narração, confrontado com a possibilidade de sequer encontrar o local da casa, o autor lembra dessa maneira como foi incapaz de identificar a ruína então encontrada à casa de sua infância, do que resulta um limbo de nomeação, "cette image du vide et du délaissement"⁴⁹ (p.17).

A segunda ocorrência, ao contrário, é direta, objetiva e não permite lirismo: "Cette cabane était engloutie à la fin dans un enfouissement de la terre"⁵⁰ (p.117). Ao contrário de "case", que assume um aspecto afetivo pelo seu uso no ensaio, aqui, o nome "cabane" soa como a admissão, quase uma confissão, de que se tratava de fato de um casebre, o que vem acompanhado da reafirmação do desaparecimento da casa. É a conclusão do descolamento entre o objeto concreto perecido e o afeto de cuja formação participou, mas de que não participa mais, ou melhor: o afeto por ele criado, junto a todo o seu contexto, faz Glissant retornar à casa apenas para a progressiva constatação de que o desligamento já ocorreu, o qual só é plenamente admitido após o desaparecimento definitivo da casa.

⁴⁸ Tradução minha: "*ela não se parecia sequer com um depósito*".

⁴⁹ Tradução minha: "aquela imagem do vazio e do abandono".

⁵⁰ Tradução minha: "Aquele casebre fora engolido por fim num afundamento da terra."

Esse descolamento é um dos gatilhos dos desenvolvimentos e envolvimento poéticos e filosóficos de Édouard Glissant por tematizar sua defesa do desapego a objetos concretos ou simbólicos em que se tem por hábito depositar o que é subjetivo, por mais compartilhado que seja. Trata-se da relativização da projeção, de impulso continental, de valores e juízos, do questionamento do tombamento histórico idealizado e fixador, da construção e veneração de monumentos a mitos, conquistas, líderes e identidades. Mas não se trata do menosprezo às arqueologias, muito ao inverso, pois esta ensina justamente a história do permanente devir dos entes no Mundo-todo.

A morte como devir

Chegamos às últimas ocorrências de "case" em que Édouard Glissant encaminha à conclusão o tratamento das irradiações da alegoria da casa de seu nascimento e de sua infância – como metonímia de sua terra natal, de seu afeto e de sua identidade – para a filosofia e a poética da Relação. No capítulo XXI, o tom é claramente de despedida da vida a partir de uma perspectiva apenas retrospectiva, isto é, não há espaço para o futuro do autor, o qual serenamente se vê à beira do desconhecido, no limiar do mesmo fosso por que passaram os antepassados escravizados, o mesmo que engoliu a casa e de onde pulsa e venta o poema:

Cette cabane était engloutie à la fin dans un enfoncement de la terre. Comme si toutes les naissances auxquelles elle avait donné lieu, et la mienne par conséquent, étaient retournées à un abîme primordial, aussitôt recouvert de banalités végétales organisées en chaos. Fragilité de la naissance, qui vous emporte. N'essayez pas de rejoindre ces profondeurs, alors même que vous les avez pressenties tout ce temps. À cet endroit où la case de la naissance s'est enfoncée, peut-être le temps ne roule-t-il plus, immobile parmi les temps qui ventent alentour. Mais selon ce même pressentiment, j'avais toujours eu l'impression de vieillir au rythme même de la terre, cette infime poussière de l'univers, moi poussière (archipel) encore plus inimaginablement infinitésimale de cette molécule terre, dont l'étrange grandeur est qu'elle nous sert à bâtir, ce qui porte à outrance nos vanités. Je sens que nous avons vieilli ensemble, elle à coups de millions d'années, et moi distribuant ces quelques journées dont j'ai disposé, dont l'allure ralentit à mesure. (p.117-8)⁵¹

⁵¹ Tradução minha: "Aquele casebre fora engolido por fim num afundamento da terra. Como se todos os nascimentos aos quais ele dera lugar, e o meu, consequentemente, houvessem retornado a um abismo primordial, tão logo recoberto por banalidades vegetais organizadas em caos. Fragilidade do nascimento, que lhe arrebatava. Não tente chegar a essas profundezas, mesmo que você as haja pressentido todo esse tempo. Nesse lugar em que a casa do nascimento se afundou, talvez não corra mais o tempo, imóvel entre os tempos que sopram ao redor. Mas, por esse mesmo pressentimento, eu tivera sempre a impressão de envelhecer no

Nessa retomada de consideração dos vínculos entre os aspectos materiais e simbólicos de sua experiência (novamente o contrário do menosprezo ou da desmonstagem gratuita de valores e identidades), Glissant inclui a relação com a Terra e a consideração da fronteira final para com o universo. Ressaltam-se a pequenez e a fragilidade do autor e de sua vida na grande pequenez e na bruta fragilidade do planeta. No abismo infinito, sem fundo ou paredes do universo, a grandeza da Terra para nós é que sua matéria nos serve a edificar, como diz Glissant, e não apenas pela nossa indústria e artifício, eu acrescentaria, mas aos nossos próprios corpos; e ainda não apenas aos produtos e corpos concretos, mas ao pensamento que os antecede, guia sua fabricação, os mantém e transforma, à relação da mente com o mundo em sua fluida coincidência com o que são as partes ou para além do que é o todo da Terra.

Mesmo com suas limitações de brevidade e fragilidade, e ainda como a possível e menos efêmera baliza de vida, Glissant ressalta o amor e a estima àqueles com quem ainda compartilha seu percurso no presente de seu discurso:

Encore ai-je la grâce, comme beaucoup d'humains, de *pousser avant* dans ces journées en la compagnie de ceux que j'aime et que j'estime. Mais pour ce qui est de mes amis d'enfance et d'adolescence, j'éprouve ce sentiment d'avoir peu à peu constitué et honoré, à moi seul, un *cercle des poètes disparus*. Je cherche alors dans les espaces les compagnons évanouis de cette planète Terre, ses filaments de feux et de laves, ses rocs fuyants devenus comètes, les morceaux déchirés de ses premières entrailles. Je ne vois plus rien, serait-ce en esprit. La Terre est immaculée des cordons et des placentas de sa naissance, elle n'est plus couverte que des prurits de ses histoires. (p.118, itálicos do autor)⁵²

Aqui e agora, enquanto eu próprio escrevo e sou lido, é inevitável lembrar que Édouard Glissant já se foi, seu corpo já se dissolveu na terra e sua mente, desaparecida ou transportada, já não está presente em nosso mundo. E ficamos com os textos que escreveu

ritmo da própria terra, essa ínfima poeira do universo, eu, poeira (arquipélago) ainda mais inimaginavelmente infinitesimal dessa molécula terra, cuja estranha grandeza é que ela nos serve a construir, o que leva ao excesso as nossas vaidades. Sinto que envelhecemos juntos, ela, de milhões em milhões de anos, e eu, distribuindo esses poucos dias de que dispus e cujo ritmo diminui aos poucos.”

⁵² Tradução minha: “Ainda tenho eu a graça, como muitos humanos, de *ir tocando* esses dias na companhia daqueles que amo e estimo. Mas, quanto aos meus amigos de infância e adolescência, tenho essa sensação de ter pouco a pouco constituído e honrado, apenas para mim, uma *sociedade dos poetas mortos*. Eu procuro então nos espaços os companheiros esvaecidos desse planeta Terra, seus filamentos de fogo e de lava, suas rochas fugazes tornadas cometas, os pedaços dilacerados de suas primeiras entranhas. Não vejo mais nada, mesmo em espírito. A Terra está imaculada dos cordões e das placentas de seu nascimento, ela não está mais coberta senão pelos pruridos de suas histórias.”

e outros rastros inessenciais, como casas que cedo ou tarde se arruinarão, perdendo grão por grão a terra de suas paredes, vigas, colunas, silenciando e substituindo os sons e os traços de seus nomes pelo desligamento e pela transformação dos afetos que ajudaram a formar. O filósofo se vê assim no lugar da casa em que nasceu e no lugar de seus amigos e parentes que se foram antes dele, como no revezamento dos diferentes da Relação.

Fins e começos

A última ocorrência de "case" está no capítulo XXIV. O capítulo, num fluxo de parágrafo único e de forma aproximadamente cronológica, inicia-se com a retomada de diversos elementos de sua história como a erupção do monte Pelée em 1902 e a lenda familiar a respeito do nascimento do autor, suas intuições, sentimentos e pensamentos de infância, a vivência e a observação do ritmo do espaço e da paisagem de sua terra natal, a convivência com a mãe até sua morte, entre outros. Ao fim, o percurso de sua subjetividade e de sua afetividade à interpretação filosófica retorna como questionamento de sua validade e de seu alcance para além de uma psicanálise individual. Segundo seu próprio resumo:

Quittez ces rêveries, brûlées de soleil de nuit, d'un enfant en marge du monde et qui avec ses amis pressentait pourtant les ailleurs, et qui confondait ses sentiments, dont il n'avait aucune assurances avec ce qu'il éprouvait des entours d'énergies qui venaient ainsi à sa rencontre (dans la fragilité même du lieu de sa naissance, qui plus tard devait s'enfourir), et estimez comment tout cela peut sembler relever d'une analyse aux allées tracées raides: la passion (la fatalité) de l'enfouissement, le besoin d'une légende des origines (non pas d'une source des humanités mais de la première cristallisation de leur parole), le rêve de la source elle-même matérielle de la rivière comme maison et comme intimité, à la fin la disparition tout à fait banale et imprévisible de la case à naissance précisément, et puis, si l'on fonde sur la rumeur, la naissance elle-même toute en éruption, et la relation nominale (quoique ce ne fût pas au travers d'un nom patenté de famille), et en tout cas linguistique, à une mère non lettrée, la disparition (ou le soupçon d'évanescence) de la mort, la trace perdue des linéaments, les cimetières riant, le vieillissement cosmique et tant d'autres caractères que vous me signalerez sur l'heure comme relevant de la plus confirmée psychanalyse. Celle-ci serait-elle, en la circonstance, passée à côté ou hors le poétique? Son désir d'obscur ou son plaisir de jour seraient-ils restés tout d'esprit? (p.146-7)⁵³

⁵³ Tradução minha: "Abandone esses devaneios queimados do sol da noite de uma criança à margem do mundo e que, com seus amigos, pressentia todavia os outros espaços e que confundia seus sentimentos, dos quais não tinha nenhuma segurança, com aquilo que experimentava dos entornos de energias que vinham assim ao seu encontro (na própria fragilidade do lugar de seu nascimento que, mais tarde, deveria ocultar-se), e avalie como tudo isso pode parecer originar-se de uma análise de vias rigidamente traçadas: a paixão (a fatalidade) pela ocultação, a necessidade de uma lenda das origens (não de uma fonte das humanidades, mas da primeira

Sua resposta é a de que tais aspectos são elementos de uma poética invertida que primeiramente reuniu as emanções dos espaços de sua vivência em torno da necessidade de conhecer as diversidades e de compreender o vínculo da terra natal com o mundo, necessidade que cada indivíduo ou coletividade realiza à sua maneira (p.147), isto é, a causa da diversidade das poéticas. Como a incontornabilidade concreta e simbólica do lugar, Glissant afirma como inescapável à construção cognitiva o ponto de partida subjetivo, o qual igualmente não escapa dos vínculos externos com o espaço e a coletividade. Assim, ele não nega que se trate de uma projeção do âmbito pessoal, pois não há como ser de outra forma.

Nesse sentido, a alegoria da casa é o bulbo simbólico escolhido por Glissant – num ato poético e por força de todos os elementos que atuaram em sua formação e pela maneira como ele, por si mesmo, interagiu com esses elementos – para animar os desenvolvimentos de sua filosofia da Relação. Poderiam ser outras coisas, como de fato são, ao longo de sua produção, tantas outras as imagens evocadas que criam pensamentos e pensamentos que investigam o mundo.

Em seguida, essa postura metacrítica se volta ao mito do poema original, tema do primeiro capítulo de *Philosophie de la Relation*:

Nous comprenons alors que ce qui nous distrait de l'essence d'un sacré, de la lecture d'un poème primordial, ce n'est pas la banalisation ni la technicité inarrêtable ni la laïcité légiférée de nos savoirs et de nos manières désormais, mais ceci: que la poétique de la Relation a projeté en avant de nous ce poème en étendue que nous réputions être né des laves primordiales. Il n'approche aucune essence, précisément, il établit un autre sacré, dans la Relation, non pas de ceci à cela mais de tout à tout. Nous reste encore à lui prêter vie dans les démesures du monde. Car nous traversons un autre obscur que celui des premiers âges de la terre, et nous l'illustrons d'une autre manière, c'est l'obscur des temps mêlés, et nos paroles accourent de partout, s'éteignent ensemble, recréent leurs chaos. (p.148, itálico do autor)⁵⁴

cristalização de sua palavra), o sonho com a própria nascente concreta do rio como morada e como intimidade, por fim, o desaparecimento totalmente banal e imprevisível da casa de nascimento, precisamente, e então, se nos baseamos no rumor, o próprio nascimento como uma erupção e a relação nominal (mesmo que não fosse através de um nome oficial de família), em todo caso linguística, com uma mãe não letrada, o desaparecimento (ou a suspeita de evanescência) da morte, o rastro perdido das mortalhas, os cemitérios aprazíveis, o envelhecimento cósmico e tantos outros aspectos que você me indicará de imediato como oriundos da mais confirmada psicanálise. Haveria ela passado, nesse caso, ao lado ou fora do poético? Seu desejo pelo obscuro ou seu prazer pelo dia haveriam permanecido apenas em espírito?”

⁵⁴ Tradução minha: “Compreendemos então que o que nos distrai da *essência* de um sagrado, da leitura de um poema primordial, não é, doravante, a banalização nem a tecnicidade inabalável nem a laicidade legislada de nossos saberes e de nossas maneiras, mas isto: que a poética da Relação projetou à nossa frente esse poema

Para Glissant, a dificuldade em recuperar a organização concertada de um sagrado pré-histórico, como descreveu que seria a intenção do poema original, é que vivemos, na realidade, outro desafio, o da elaboração de um novo sagrado que entranhe o espriamento e a diversificação do poema iluminado pela intuição da Relação. A obscuridade por que passamos é efeito de outra gênese que não alguma anterior a que não temos acesso ou sequer sabemos se existiu e como exatamente se passou, embora a gênese e a obscuridade atuais possam ser interpretadas como retorno e ampliação do que já se foi, isto é, uma analogia à decantação natural de um equilíbrio dinâmico e suas lentas mudanças, sem retirar desse quadro geral as mudanças bruscas, as quais também marcam um macrorritmo de histórias naturais e culturais. A gênese que vivemos ainda o é, mas como transição.

Por fim, o autor reprocessa sob mais essa perspectiva a conversão crítica ou filosófica de sua visão da história, das narrativas e das identidades humanas, sempre com a transformação do pensamento em vista:

La philosophie de la Relation est l'aspiration fragile, l'autre lieu où surprendre ces manières multipliées que nous avons de partager nos rapports rhizomiques, sans qu'elle confonde jamais ces manières les unes dans les autres, et sans que leurs différents, dont les opacités déjà correspondent, soient opposés en absolu, fût-ce en une fois. L'obscur n'est pas l'irréparable, même s'il voyage entre éruption et enfouissement. Nous voyons l'horizon en imagination, nous avançons, il recule et s'évanouit sans cesse, parce que notre seule manière de le concevoir vraiment, c'est par notre imaginaire. Celui-ci crée les horizons des îles ou des villes, et par conséquent la réalité des archipels. Ce serait (à jamais aussi) sur chaque horizon levé, où que ce soit au monde, et que cet horizon fût né de n'importe quel paysage, ou père de n'importe quel pays. Car la filiation, douteuse condition des humanités quand elles veulent la légitimer, vaut pour ces horizons et ces paysages et ces pays: ils n'héritent pas, ils poursuivent. Sinueux et indéfaisables comme les rivières Lézarde autour de nous, qui sont si nombreuses et indémêlables dans leurs tournants. Et hauts et droits et seuls comme le seul mont Fuji. (p.148-9)⁵⁵

em espraio que considerávamos haver nascido das lavas primordiais. Ele não se acerca de qualquer essência, precisamente, ele estabelece um outro sagrado, na Relação, não disto àquilo, mas de tudo a tudo. Resta-nos ainda lhe emprestar vida nas desmedidas do mundo. Pois atravessamos um outro obscuro que não aquele das primeiras eras da terra, e o ilustramos de uma outra maneira, é o obscuro dos tempos mesclados, e nossas palavras afluem de toda parte, juntas se apagam, recriam seus caos.”

⁵⁵ Tradução minha: “A filosofia da Relação é a aspiração frágil, o outro lugar no qual surpreender as maneiras multiplicadas que temos de partilhar nossos vínculos rizomáticos, sem que ela confunda jamais essas maneiras umas com as outras e sem que seus diferentes, cujas opacidades já correspondem, sejam opostos em absoluto, fosse uma vez sequer. O obscuro não é o irreparável, mesmo que ele transite entre erupção e ocultação. Vemos o horizonte em imaginação, avançamos, ele recua e se esvai sem cessar, porque nossa única maneira de concebê-lo realmente é por nosso imaginário. Ele cria os horizontes das ilhas ou das cidades e,

Seu raciocínio é de que o esforço etnocêntrico de selecionar, fixar e proteger uma linhagem cuja narrativa remonta a uma origem mítica ou divina é sobretudo uma operação de manutenção e vigilância como perseguição de um futuro que se quer como repetição do passado idealizado. Assim, não se trata de uma herança, mas da projeção de um futuro pela afirmação de uma essência presente tida como imutável. Tal postura de controle de identidades, poéticas e imaginários teme a multiplicidade e a autodiluição, por isso Glissant ressalta as opacidades que se equivalem e os diferentes que não se confundem ou se opõem. Em suma, a filosofia da Relação é sua proposta de interpretação e convivência para as humanidades, o que requer não se exasperar pela oscilação das obscuridades e abrir os horizontes às sugestões do imaginário sem a castração das prescrições.

Decantação temporária

A análise que se conclui aqui pretendeu *percorrer* o texto de *Philosophie de la Relation* seguindo a trilha das ocorrências do termo "case". Não pretendi esgotar a questão, pois algo assim seria muito mais extenso e não poderia privilegiar trechos do ensaio em detrimento de outros já que, em última análise, tudo nele teria algum vínculo com o tema. Tampouco pretendi expor a análise de modo muito sistematizado, o que não permitiria, por exemplo, proceder a essa simulação de leitura pela construção progressiva da interpretação. Além disso, seria muito pouco ou nada aprender e deixar-me influenciar pela poética de Édouard Glissant, o que é afinal uma das motivações de minha pesquisa e ao que se soma o envolvimento da tradução, pois esta busca representar o seu texto de forma diferente da interpretação e da análise, embora se baseie nestas.

Então, nessas simuladas conclusões e com o fio condutor da análise em mente, um bom último ponto a reforçar é o caráter não modelar da filosofia de Édouard Glissant na medida em que não deseja descrever as coisas como *são*, mas as relações como se processam num estado complexo de diferenças. Nesse sentido, *Philosophie de la Relation* não é necessariamente um legado como a forma final de seu pensamento. A questão mais relevante – e que leva à identificação dessa não modelaridade – é que o ensaio demonstra

consequentemente, a realidade dos arquipélagos. Seria o mesmo (para sempre também) para cada horizonte erguido, onde quer que seja no mundo, e que esse horizonte houvesse nascido de qualquer paisagem, ou que fosse pai de qualquer terra. Pois a filiação, duvidosa condição das humanidades quando a querem legitimar, vale por esses horizontes e essas paisagens e essas terras: eles não herdam, eles *perseguem*. Sinuosos e irremediáveis como os rios Lézarde ao nosso redor, que são tão numerosos e irremissíveis em seus meandros. E altos e retos e solitários como o solitário monte Fuji.”

ou encena uma possibilidade de articulação entre a subjetividade e o pensamento sobre o mundo. O autor relata uma busca ou a reconsideração do sentido de sua vida e a revisitação do sentido de sua filosofia, mas esses sentidos não estão ao *fim* da busca, eles se constroem *durante* a busca, em seu relato e no próprio curso do texto do ensaio que representa e realiza essa busca. Nela, o autor não omite sua subjetividade e a sustenta como ponto de partida de suas reflexões sem traço de personalismo, colocando-se como uma particularidade ao lado de outras.

Ao contrário de afastar o leitor, os efeitos dessa postura discursiva são a empatia e o estímulo a um exame de sua própria formação e sobre o modo como age e se vê em seu local e no mundo. A arqueologia do afeto e do pertencimento efetuada por Glissant no texto se transforma numa aventura cognitiva, como uma epopeia individual ou a consulta a um oráculo que revela, de alguma forma, o que ele poderia ser, mas não é, pois as descobertas escancaram a distância e as diferenças até então ocultas.

Ao mesmo tempo, evidencia-se que a recuperação do que se viu e de como se viveu é impossível. O que Glissant faz é constatar a ausência pungente do que se foi e a imaterialidade do que se chama subjetividade, pois os locais, as coisas e as pessoas que participam de memórias, sentimentos, juízos e crenças deixam de responder ao indivíduo no mesmo momento em que sua rotina ou seu itinerário as frequentam pela última vez, vez esta muitas vezes banal e insuspeitada. Se, por um lado, um grande sentimento de solidão decorre dessa constatação de precariedade, por outro, evidencia-se a o rizoma dos vínculos relacionais a se revezarem incessantemente, do que resulta a consciência de participação numa rede de elementos interdependentes e potencialmente solidários.

Como limitação ou circunstancialidade, essa parcialidade inescapável é componente também do texto glissantiano, o qual não procura se planificar e retificar suas rugosidades. Por não pretenderem ao absoluto e não se articularem como sistema disposto a exaurir a realidade, mas apontar suas diversidade e complexidade, suas narrativas e reflexões não deixam todos os seus estratos à superfície e se colocam, enquanto conjuntos, como digressões umas para com as outras. Disso resulta também um aproveitamento parcial e variável de leitura. Mas o texto de Glissant não se pretende uma simulação da realidade inesgotável; ele é apenas a realidade de uma escrita poética disposta a criar e investigar. E a parcialidade é apenas um dado de nossa percepção e de nossa capacidade de interpretação da realidade.

Capítulo 3

Relato de uma tradução, tessitura de uma relação

Processo tradutório dos trechos selecionados

de *Philosophie de la Relation* – *poésie en étendue*

Nome não dá, nome recebe.

João Guimarães Rosa
Grande sertão: veredas

*Comme les chutes d'eau déjà
tremblent dedans la source.*

Édouard Glissant
Philosophie de la Relation

Após a apresentação de elementos do pensamento de Édouard Glissant e da análise de *Philosophie de la Relation* (2009) chegamos ao relato do processo tradutório. Essa espécie de afunilamento ou concentração pretende evidenciar a interdependência entre a tarefa crítica ou interpretativa e a tarefa tradutória: a primeira explora e formula sentidos na leitura de um texto, a partir do que a segunda reescreve-o, põe à prova os sentidos construídos e, conforme o resultado, retorna, repisa e revisa a interpretação. Da mesma maneira como essas tarefas oscilam sua atenção entre os detalhes e o todo daquilo que se lê e traduz, essa concentração será seguida, após o relato, de uma ampliação em dois aspectos compostos por considerações sobre o processo tradutório como um todo e pelo desenvolvimento de alguns temas em direção ao traduzir de forma mais geral.

A expectativa do desconhecido

Antes do início da pesquisa, minha postura tradutória se pautava mais pela oposição a práticas de tradução que eu julgava inadequadas e menos pela reflexão consciente a respeito de minha própria conduta e seus pressupostos. Isso se produzia por uma crença inconsciente – isto é, não problematizada – em princípios de "fidelidade" e "adequação" ao texto original, o que atualmente percebo como idealização e que, na realidade, era a expressão de meus projetos particulares, porém implícitos e variáveis conforme cada situação em que eu atuei como tradutor.

Mas, antes da conclusão de uma tarefa de tradução, a consciência de que todo ato tradutório possui um projeto de realização – esteja ele implícito ou explícito, seja ele coerente ou contraditório – não basta para a definição de uma postura estável pelo simples motivo de que não se sabe que dificuldades serão encontradas e o que elas gerarão, durante o ato tradutório, como questionamento e transformação da conduta tradutória inicial. Mais difícil ainda seria a definição de uma postura polivalente, pois mesmo que se queira adotar algum princípio, como, por exemplo, "jamais adicionar notas de tradução" ou algo similar, sua execução é subjetiva e produzirá diferentes resultados pelo trabalho de tradutores diferentes e até mesmo pelo mesmo tradutor em momentos diferentes. Creio que essa consciência sirva antes para que haja autocrítica por parte do tradutor e para que este possa ajustar conscientemente o seu projeto, dando-lhe maior segurança em suas escolhas.

Assim, embora um dos motivos pelos quais eu me decidi a traduzir uma obra de Édouard Glissant tenha sido a discordância com algumas traduções encontradas (e o consequente ímpeto de realizar um contraexemplo mais "fiel"), minha pesquisa na área dos Estudos da Tradução evidenciou que também a própria avaliação qualitativa de uma tradução possui seus pressupostos tanto quanto o projeto que a conduziu. Dessa forma, freei aquele ímpeto e me dispus a desentranhar o quanto possível os princípios que dirigiam as minhas próprias decisões.

Por isso, é difícil detalhar o que foi meu projeto inicial de tradução para além de um princípio geral de não reduzir, explicar ou explicitar o que eu entendia serem a organização estética e as noções filosóficas de Glissant na obra escolhida, *Philosophie de la Relation*, o que decorria do meu desejo de produzir em português brasileiro um texto com uma configuração similar, isto é, sem adaptar as características gerais do ensaio ou de seu contexto de publicação, como o perfil de um (presumível) público-alvo e o que eu poderia identificar como a experiência geral de leitura talvez quista pelo autor, mas, em realidade, deduzida por mim. Apenas com o progresso da interpretação e do processo tradutório é que pude consolidar minha interpretação e assim decidir sobre o que considerava serem as melhores estratégias e soluções, algo que, na verdade, só se concluiu com o término da tradução, isto é, com a decisão de fixar a forma final do texto traduzido. Por certo, aquele princípio geral repousava ainda sobre idealizações e outras questões anteriores e mais fundamentais. Tais questões serão retomadas após a exposição do resultado material da

tradução, no momento já mencionado de avaliação geral e encaminhamento a uma vista mais ampla sobre a tradução.

A escolha do itinerário

A seleção final dos capítulos de *Philosophie de la Relation* que seriam traduzidos usou o critério de ocorrência da palavra "case". Assim foi porque, através do trabalho de interpretação e formulação da tradução, interpretei sua recorrência, seu sentido e sua função como algo importante para o ensaio e por meio do qual se articulam seus diferentes temas e dimensões. E a dificuldade em traduzir tal palavra decorreu do que percebi ser uma complexificação de seu sentido justamente em consequência de sua função poética e filosófica, diferentemente do que seria, a meu ver, seu uso comum.

Para que se veja mais claramente a sua recorrência, reproduzo novamente o sumário do ensaio, porém agora com os capítulos em que há a palavra "case" destacados por mim:

Souques

- I. Il y eut, qui s'éleva, une parole sacrée
- II. Dans le morne de Bezaudin**
- III. Tu ne trouveras pas la case**

Phases

- IV. La suite non ordonnée des images
- V. La pensée archipelique, pensée de l'essai
- VI. La pensée du tremblement
- VII. La pensée nouvelle des frontières
- VIII. La pensée de l'errance
- IX. La pensée des créolisations
- X. La pensée de l'imprévisible
- XI. La pensée de l'opacité du monde
- XII. La pensée de la Relation
- XIII. La pensée de la trace
- XIV. Qu'est-ce ainsi, une philosophie
- XV. Les pays sans falaises

(GLISSANT, 2009, p.157-8, itálicos do autor, realces meus)

Casses

- XVI. Non pas les incertitudes
- XVII. Puis, bien plus tard
- XVIII. À partir de quoi, la différence**
- XIX. Dans le Divers aussi, la différence
- XX. Quand les continents

Erres

- XXI. Cette cabane était engloutie**
- XXII. Une des plus immédiates façons
- XXIII. La route de Balata

Vires

- XXIV. De l'ancien morne de Bezaudin**

L'obscur de l'étendue

Récitation pour Mahmoud Darwich
Végétation de l'acoma

Nota-se que "case", referência à casa de nascimento do autor, é uma espécie de baliza a que o texto volta frequentemente, pois ocorre em todas as seções do livro, com exceção da segunda e da última. Os capítulos II e III iniciam a abordagem do tema na

primeira parte, "Souques", que pode ser vista como preâmbulo do ensaio. A retomada se dá a partir da terceira seção e tem sua conclusão ou culminância de abordagem no capítulo XXIV, ocasião em que Édouard Glissant faz um longo relato autobiográfico e trabalha as relações com sua filosofia.

À seleção para tradução, além dos capítulos destacados, acrescentei o capítulo I e o conjunto de título e subtítulo. A razão para a inclusão do capítulo I é a analogia feita pelo autor entre a casa da infância e o assunto do referido capítulo, a gênese do "poema original" e da "intenção poética" das humanidades. Em minha leitura, essa analogia é feita pelo conjunto da primeira parte, a qual fica assim inteiramente contemplada no ato tradutório. Quanto ao título do ensaio, sua inclusão se deve à necessidade elementar de um título para o texto traduzido, mas, principalmente, deve-se à minha percepção de que ele condensa a tensão entre título e subtítulo e remete aos temas e tensões desenvolvidos no ensaio, os quais são construídos principalmente em torno da casa de nascimento do autor.

Como compartilhar a viagem que fiz sozinho?

Tal como o capítulo 1, que se apoia na identificação ou interpretação de alguns percursos de diferentes naturezas do pensamento de Édouard Glissant, e o capítulo 2, que expõe a análise centrada nas ocorrências de "case" em modo de leitura progressiva do ensaio, este relato simula, por sua vez, o caminhar do ato tradutório. Insisto, dessa forma, no *discurso* – o interpretado e o produzido – como *percurso*, não necessariamente linear enquanto fio nítido, mas itinerário desbordante ou trama alongada. Penso que a adoção dessa forma, em lugar de outra mais organizada e menos orgânica, pode, de alguma maneira, fazer com que o leitor caminhe ao lado da tradução e testemunhe talvez, para além ou aquém do que por mim é explicitado, os eventuais desentranhamentos de operações e processos cognitivos, os quais não parecem ocorrer de forma sistematizada.

Essa intenção se apresenta por meio de tabelas contendo porções do texto original e das duas traduções, uma inicial e outra final. Para o que penso ser uma maior comodidade de leitura, orientei as tabelas em modo retrato na página e justapus as versões uma abaixo da outra. De modo que cada tabela não ultrapassasse uma página, seccionei o texto prioritariamente nas quebras de parágrafo e, nos casos de parágrafos muito extensos, ao término do último período que ali coubesse.

As palavras, expressões ou passagens cuja dificuldade de tradução se encontra discutida após cada tabela estão destacadas nas três versões (texto original, primeira tradução e segunda tradução) para auxiliar sua localização. Por seu caráter predominantemente pontual, esses comentários estão expostos em tópicos nomeados com o próprio objeto da dificuldade em foco como consta no texto original, seguido da forma escolhida na tradução final, juntamente às respectivas indicações da linha em que ocorrem em seu segmento da tabela.

Um dos desafios desse relato consistiu na seleção das dificuldades cujo processo de enfrentamento eu me empenharia em explicitar. A princípio, muitas operações pareceram interessantes e foi preciso ponderar o que poderia ser mais relevante no contexto de minha pesquisa. De modo geral, creio ter selecionado o que foi mais trabalhoso e o que interpretei como particularidades do texto glissantiano, mas, principalmente e sob a predominância da inevitável subjetividade, selecionei, desenvolvi e mantive o que senti que seria capaz de explicitar no esforço de rememoração e representificação do caminho de decisão.

O leitor notará que o número de comentários, em sua média, diminui à medida que a tradução avança, chegando a haver algumas tabelas sem comentários. Como razão da quantidade decrescente de comentários, avalio que muitos tipos de operações se repetem e que, por isso, não seria interessante ou relevante abordar novamente um tipo de dificuldade já exposto. Dessa forma é que, para alguns trechos, julguei que os comentários anteriores apenas e a justaposição do original e das versões tradutórias seriam suficientes para a observação do processo.

Enfim, como *relato*, estaria fracassado se eu pretendesse ou considerasse possível reapresentar tudo o que ocorreu no processo. Mas é precisamente um *relato*, uma *representação*. Havendo interesse, encontra-se como apêndice da tese o registro com a tradução inicial e suas notas. Quanto ao registro do processo de elaboração da tradução final, trata-se de fato do relato que agora segue.

(Eu) relato

Assim, como quem torna o olhar a um portal que já se atravessou, inicio o relato pela abordagem do título do ensaio:

Tabela 1

<i>Philosophie de la Relation, capa</i>	Primeira tradução, 11/2017	Segunda tradução, 11/2019
PHILOSOPHIE DE LA RELATION <i>poésie en étendue</i>	FILOSOFIA DA RELAÇÃO <i>poesia em extensão</i> <i>poesia em espraiamento</i> <i>poesia em espraio</i>	FILOSOFIA DA RELAÇÃO <i>poesia espraiada</i>

- "poésie en étendue" (subtítulo)

→ "poesia espraiada"

Como abordado na análise de *Philosophie de la Relation*, há, para esse ensaio, uma variação do hábito anterior de Édouard Glissant em categorizar a publicação por meio do subtítulo como, por exemplo, "Poétique" ou "Esthétique". Mesmo que tal categorização pudesse ser relativizada ou alargada pelo autor, o subtítulo, que em outro caso poderia ter uma tradução evidente, torna-se um ponto de atenção. Meu julgamento inicial foi de que traduzir "étendue" por "extensão" reduziria a potencialidade poética, isto é, não ofereceria os sentidos que atribuí ao original, pois parecia mais técnico e de uso figurado mais restrito, mesmo em se tratando de uma opção mais intuitiva por conta da etimologia compartilhada. Ao mesmo tempo, perguntava-me se não estaria sendo preciosista ou, de outra parte, se não estaria atribuindo à palavra original uma riqueza poética fantasiosa.

Ainda no início da pesquisa e no momento de abertura interpretativa e de teste de soluções, a opção mais interessante a que cheguei foram palavras ligadas ao verbo "espraier" como "espraiamento", "espraio" e "espraiada". Tratando-se de subtítulo, isto é, parte do título do ensaio e texto de abertura de qualquer tradução parcial ou integral, a tarefa se mostrava delicada e essa opção, embora sedutora pela imagem que oferecia, parecia muito ousada. Assim, o passo seguinte foi investigar sentidos e usos da palavra e outras de seu campo semântico no idioma do texto fonte, a língua francesa de forma mais ampla, e no uso particular do autor enquanto noção desenvolvida em seu texto, a fim de avaliar a maior ou menor coincidência desses dois âmbitos. O mesmo se fez paralelamente com as opções de tradução.

Em *Le Nouveau Petit Robert* (2002), para "étendue" predomina o traço semântico de *superfície* em seu sentido próprio e de *alcance* no sentido figurado (ROBERT, 2002, p.962-3). "Extension" consta como um de seus sinônimos, mas, quando consultado o verbete (p.1009), nota-se que um de seus traços semânticos é a orientação linear ou longitudinal da ação como no alongamento de um membro, movimento contrário à flexão. Mesmo que os sentidos de "extension" não se atenham apenas a esse traço, ele parece ser mais marcante do que em "étendue". Porém, o mesmo pode ser dito de outra forma, o que neutraliza a predisposição marcada na frase anterior: mesmo que "extension" remeta a esse traço semântico de orientação linear, ele também leva a diversos outros sentidos similares a "étendue". Tanto é assim que outro dicionário, o *Trésor de la Langue Française*, registra para "étendue" o mesmo aspecto de linearidade como um de seus sentidos, assim como registra "extension" como raro (TLFi, 1994). De fato, parece razoável que a coexistência dos dois, sinônimos e cognatos, conduza à predominância de um e/ou à delimitação do uso do outro.

Com base nisso e posta à parte a possibilidade não verificável aqui de Édouard Glissant ter retomado a palavra de outro autor ou contexto, pode-se supor que tenha preferido "étendue" por sua maior recorrência ou mesmo que isso sequer tenha sido uma questão consciente, caso este em que "étendue" seria a opção corriqueira diante do envelhecimento ou restrição de uso de "extension". Mas ainda resta interpretar o sentido predominante na obra do autor.

Quanto a isso, as muitas ocorrências de "étendue" indicam de saída um adensamento de significado. Porém, um dado mais relevante é que a palavra é referida explicitamente como noção filosófica, ao que se relaciona também o uso do verbo "étendre". Esse uso explícito como noção está em ao menos um texto, o capítulo de *Poétique de la Relation* (1990) chamado "L'étendue et la filiation". Nele, Glissant sonda a tradição das formas literárias que predominaram e dominaram a formação cultural ocidental e identifica a defesa da *filiação* como causa escondida presente do Mito à Épica – do que julga derivar a concepção linear do tempo e a ideia de comunidade como projeção ou projeto (GLISSANT, 1990, p.59) – e o tema da *legitimidade* presente da Épica à Tragédia (p.64), dois aspectos ligados entre si e dos quais decorrem, segundo Glissant, posturas avessas a mestiçagens e, portanto, às alteridades. "Étendue", por sua vez, é apresentada como poética oposta:

L'ancienne violence intolérante de la filiation est aujourd'hui bousculée dans la violence anarchisante du choc des cultures, où aucune projection n'impose sa ligne et où, répétons-le, la légitimité (d'où procède la succession impérative de l'ordre des raisons, conjointe à l'ordre des possessions et des conquêtes) se défait.

[...]

Contre cette transparence réductrice [da projeção de uma verdade geral pela filiação], une force d'opacité est à l'œuvre. Non plus celle qui enveloppait et réactivait le mystère de la filiation, mais une autre: ménageant les succulences menacées qui se rejoignent (sans conjoindre, c'est-à-dire sans se fondre) dans l'**étendue** de la Relation. (GLISSANT, 1990, p.73-74, grifo meu)⁵⁶

Ao que se soma, em capítulo anterior do mesmo ensaio, a associação de sua dinâmica ao *rizoma*⁵⁷ de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995):

Gilles Deleuze et Félix Guattari ont critiqué les notions de racine et peut-être d'enracinement. La racine est unique, c'est une souche qui prend tout sur elle et tue alentour; ils lui opposent le rhizome qui est une racine démultipliée, **étendue** en réseaux dans la terre ou dans l'air, sans qu'aucune souche y intervienne en prédateur irrémédiable. La notion de rhizome maintiendrait donc le fait de l'enracinement, mais récuse l'idée d'une racine totalitaire. La pensée du rhizome serait au principe de ce que j'appelle une poétique de la Relation, selon laquelle toute identité **s'étend** dans un rapport à l'Autre. (GLISSANT, 1990, p.23, grifos meus)⁵⁸

Por tais usos, observei que o paradigma relacionado a "étendue" remete a uma noção trabalhada pelo autor, mesmo que nos exemplos reproduzidos se apresentem em funções categoriais distintas como particípio, particípio substantivado e verbo conjugado. O que os reúne é a afinidade entre o pensamento do rizoma e a dinâmica da Relação, os quais assumem uma imagem de dispersão ou irradiação multidirecional e não de alongamento ou tensão linear entre dois pontos. Por essas e outras ocorrências, inclusive em *Philosophie de*

⁵⁶ Tradução minha: "A antiga violência intolerante da filiação está hoje abalada na violência anarquicante do choque de culturas, onde nenhuma projeção impõe sua linha e onde, vamos repeti-lo, a legitimidade (de onde procede a sucessão imperativa da ordem de razões, conjunta à ordem das posses e das conquistas) se desfaz. / [...] / Contra essa transparência redutora [da projeção de uma verdade geral pela filiação], uma força de opacidade está em ação. Não mais aquela que envolvia e reativava o mistério da filiação, mas uma outra: arranjando as suculências ameaçadas que se juntam (sem se conjugarem, isto é, sem se fundirem) no espraio da Relação."

⁵⁷ O conceito de *rizoma* é desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari em "Introdução: Rizoma", texto inicial de *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia* (1995).

⁵⁸ Tradução minha: "Gilles Deleuze e Félix Guattari criticaram as noções de raiz e talvez de enraizamento. A raiz é única, é uma cepa que toma tudo para si e mata ao seu redor; eles lhe opuseram o rizoma que é uma raiz multiplicada, espraída em redes na terra ou no ar, sem que nenhuma cepa intervenha como predador irremediável. A noção de rizoma, portanto, manteria o ato do enraizamento, mas rejeita a ideia de uma raiz totalitária. O pensamento do rizoma estaria no princípio do que chamo de poética da Relação, segundo a qual toda identidade se espraia num vínculo ao Outro."

la Relation, ao decidir sobre minha opção de tradução, também preciso decidir sobre o alcance dessa opção, principalmente no caso de uma fuga à manutenção do parentesco etimológico cujo impacto no texto traduzido é, a meu ver, maior.

Quanto ao registro das acepções na língua portuguesa, "extensão" não oferece disparidades dignas de nota (CUNHA, 1982, p.344; FERREIRA, 1995, p.285; HOUAISS, 2009) em relação às definições verificadas em francês para "étendue" e "extension". A origem latina "extendere" também apresenta sentidos similares: "estender, alongar, alargar, aumentar, desdobrar" (FARIA, 1962, p.381). Esses dados seriam suficientes para justificar a opção pelo cognato, mas é razoável que se alargue a sondagem para a outra opção já aventada, mesmo que seja para retornar à anterior.

Pois que passamos à consideração de "espraçamento". Segundo o dicionário *Aurélio*, trata-se de "1. Ação ou efeito de espraçar(-se). 2. Prolixidade no falar ou no escrever" (FERREIRA, 1995, p.271). Segundo o mesmo dicionário, "espraçar" significa, entre outras coisas, "2. Derramar, estender, alastrar. 3. Irradiar, emitir. 4. Desenvolver, dilatar. 5. Alongar ou estender (os olhos, a vista). 6. Espalhar, distrair, divertir. [...] 15. Alargar-se (em favores, promessas). 16. Divagar sobre um assunto" (FERREIRA, 1995, p.271). Por redundância, não reproduzi todas as acepções, mas o sentido próprio ou figurado registrado dominante é o de *dispersão*, mesmo nos sentidos omitidos.

Antes de investigar a possível origem desse traço semântico, julgava que ele provinha da acepção de praia como território ou região não necessariamente em contato com um corpo de água. Embora eu compreendesse a palavra também dessa forma, quase todos os dicionários de língua portuguesa consultados apresentam apenas a acepção dominante de "praia" e suas derivações figurativas, isto é, um espaço fronteiro plano ou suavemente inclinado entre mar e continente (FERREIRA, 1995, p.522; HOUAISS, 2009). A exceção ficou por conta do *Wikcionário*⁵⁹, que traz o seguinte como segunda acepção: "Território (coloquial de alçada)" (WIKCIONÁRIO, 2019). A definição sucinta e inconsistente não permite saber se a acepção explicada como "coloquial de alçada" refere-se ou não ao uso figurado de

⁵⁹ Por se tratar de um dicionário de elaboração coletiva, mesmo que possua mecanismos de moderação e avaliação de contribuições e modificações, não convém tê-lo como fonte confiável ou científica. Porém, isso não impede seu uso como ferramenta auxiliar sujeita a dupla verificação. Por isso mesmo e como ponto benéfico, o fato de ser elaborado coletivamente e modificado a qualquer tempo pode torná-lo mais dinâmico e responsivo à atualidade da língua.

"praia", em linguagem coloquial, como área de interesse ou afinidade, caso em que derivaria do sentido predominante e, assim, seria o sinônimo coloquial de "alçada" entendida como "jurisdição" ou "responsabilidade".

De qualquer forma, a via do sentido de território como traço dominante toma mais corpo quando examinamos a etimologia de "praia". A informação mais completa a que tive acesso consta no dicionário *Houaiss* e diz que deriva de *plagia*, do latim medieval, sendo este derivado do latino *plāga* em seu sentido de "extensão de terra, território, país, região", o qual, por sua vez, é dito ser provavelmente derivado do grego *plágios* no sentido de "oblíquo, que não está em linha reta, que está de lado; transversal, inclinado" (HOUAISS, 2009). Todavia, existe também em português a palavra "plaga" que mantém aquele sentido latino como "região" ou "país", mas cujo uso é predominantemente poético (FERREIRA, 1995, p.510).

Então, em busca de algum paralelismo ou analogia, sondei os significados e a etimologia do francês *plage*, mesmo que isso pudesse não influenciar diretamente a decisão pela opção de tradução. O *Nouveau Petit Robert* (ROBERT, 2002) traz não apenas duas acepções, mas duas entradas de fato, cada uma com sua etimologia. A primeira, derivada de *plaga*, mantém um de seus sentidos no latim como território – como o homônimo português "plaga" – e acrescenta, como extensão de sentido, a expressão "plage de mer" com sentido de "étendue de mer" ou extensão de mar, em tradução livre (ROBERT, 2002, p.1962). Mas é a segunda entrada que tem o sentido similar ao português "praia" como encosta litorânea pouco inclinada. Seu étimo é documentado como o italiano *piaggia*, que significa "pente douce" ["encosta suave"], oriundo este do grego *plagios*, "oblique" ["oblíquo"] (ROBERT, 2002, p.1962).

Para maior clareza, podemos esquematizar essas etimologias da maneira que segue, baseada nas referências citadas e em que um 'o' sobrescrito indica o traço semântico de "ser oblíquo ou suavemente inclinado" e um 't' sobrescrito indica o traço semântico de "território" sem outra qualificação:

•	<i>plagios</i> ^o (grego)	>?	<i>plaga</i> ^t (latim)	>	<i>plagia</i> ^{t?} (latim medieval)	>	<i>praia</i> ^o (português)
•			<i>plaga</i> ^t (latim)	>			<i>plaga</i> ^t (português)
•	<i>plagios</i> ^o (grego)	>			<i>piaggia</i> ^o (italiano)	>	<i>plage</i> ^o (francês)
•			<i>plaga</i> ^t (latim)	>			<i>plage</i> ^t (francês)

'?' indica informação provável ou não fornecida

*Grafias uniformizadas

Não tenho condições de averiguar a exatidão das informações e, por isso, menos ainda poderia fazer suposições sobre as possíveis relações ou paralelismos entre a evolução das palavras e seus sentidos em francês e em português. Porém, no mínimo, o que se pode observar é que o dicionário Houaiss registra como étimos de apenas uma palavra (HOUAISS, 2009) o que o dicionário *Le Petit Robert* (ROBERT, 2002, p.1962) registra como étimos de dois homônimos de sentido distinto. Mesmo que se trate de idiomas diferentes, é interessante, por seu parentesco, notar o que poderiam ser fusões similares: enquanto no português esse processo já teria se concluído com a prevalência de "praia" no sentido de litoral que conhecemos – a considerar ainda a existência de "plaga" e seu uso restrito ou marcado –, no francês haveria ainda o resquício desse processo por conta da sobrevivência da distinção entre os homônimos por seus sentidos.

Por fim, quanto aos homônimos em francês, o dicionário *Trésor de la Langue Française* registra que "plage" no sentido de território está envelhecido, isto é, em desuso, e que foi confundido com seu homônimo a partir do século XVI, época de que recupera uma ocorrência de "plage de mer" ["praia/plaga de mar"] com o sentido de "région située au bord de la mer" ["região situada à beira do mar"] e não como "extensão de mar", que seria o seu sentido mais apropriado, segundo o dicionário (TLFi, 1994).

Esse levantamento foi feito com o intuito de explorar os pontos de contato entre os sentidos de "étendue" e "extension" na língua francesa e de "extensão" e "espraio", juntamente com "espraier(-se)" e "espraio", na língua portuguesa, o que ainda ocasionou uma digressão ao francês "plage".

Em ciência desses sentidos e dessas origens mais ou menos prováveis, gostaria de rumar para a consolidação da interpretação de "espraio". Partamos de "praia", que

aqui defino da seguinte forma: "porção de solo razoavelmente extensa, plana e levemente inclinada que constitui a zona fronteira e intermediária entre continente e mar ou outro corpo d'água". A isso acrescento seu sentido de região ou território, mas como vestígio por não ter encontrado registro dessa acepção com a qual, todavia, já tive contato. Tal descrição se referencia no componente "continente" do sentido completo por conta da qualidade de inclinação suave associada a esse terreno e do sentido próprio de território, seja ele condicionado a essa qualidade e ao contato com o mar, seja pelo vestígio do sentido de território sem condicionantes. Assim, "espraimento" seria, como ato ou efeito de "espraçar(-se)", "ocupar ou tomar a forma própria ou figurada de um terreno de praia, isto é, extenso e plano e/ou levemente inclinado".

Mas se essa descrição é resultado de uma interpretação aglutinada em torno do elemento semântico referente à terra, resta explorar como seria a condução pelo outro elemento ainda deixado em segundo plano, via sugerida pelo dicionário *Aurélio* quando este dá como sinônimos regionais de "praia" as expressões "fralda do mar" e "pancada do mar" (FERREIRA, 1995, p.522). Ambas se referenciam no componente "mar" e se condicionam, para a expressão de seu sentido, aos limites ou bordas desse mar pelo uso figurado de "fralda", como parte inferior de algo, e "pancada", em referência à agitação do mar em zonas costeiras.

Porém, tais expressões, mesmo que motivem mais reflexões, ainda não oferecem a base necessária para uma descrição de "espraimento" a partir do elemento mar ou água. Por isso, gostaria de recorrer a uma parte da definição técnica encontrada no glossário de um periódico da área de Geografia chamado *Gestão Costeira Integrada*: "Espraio ou espraimento da onda [...] / Movimentação ascendente da água da onda incidente, após a rebentação, através da face da praia" (APRH, 2007). Essa descrição se centra no comportamento da água na forma de onda, mas não poderia prescindir do que condiciona esse comportamento: justamente a praia, superfície sólida, que conduz a fluidez da água (relação em que desprezamos o eventual e conhecido transporte dos sedimentos pela água), já que a presença de outro tipo de relevo continental costeiro produziria outra relação e, portanto, outro resultado.

Assim, a definição a que chego aqui para "espraio" ou "espraimento" é a mesma expressada anteriormente, porém acrescida da explicitação do elemento "água" e de sua qualidade fluida: ato ou efeito de portar-se própria ou figuradamente à maneira fluida da

água ao atingir um terreno de praia, isto é, extenso e plano ou levemente inclinado, espalhando-se multidirecionalmente.

Finalmente, detalho como fixei a tradução já apresentada do subtítulo. Embora isso esteja consumado, não foi sem resistência ou insegurança. Mas por que, em certos casos, persiste tanto a indecisão? É por temor de não haver satisfatoriamente rastreado e interpretado os sentidos, já que, se houvesse satisfação, não haveria insegurança ou indecisão? Para prosseguir, foi necessário lembrar-me de retirar o peso do essencialismo subjacente, desarmar a ilusão de perenidade e contentar-me com o que foi possível investigar e formular. Traduções virão outras.

Primeiramente, decidi pela família lexical de "espraiair". Mesmo que essa opção cause algum estranhamento, penso tê-la justificado. Mas esse mesmo estranhamento é um aliado por chamar a atenção do leitor ao subtítulo de forma mais intensa do que a opção "poesia em extensão", mais natural pelo uso do cognato, mas talvez um tanto redutora, pois o subtítulo original tem, para mim, uma nebulosidade instigante, uma provocação poética. Como já dito, o sentido de "étendue" é em boa parte uma construção do texto glissantiano, e não apenas em *Philosophie de la Relation*, fato que não trabalha necessariamente a favor dessa ousadia tradutória, pois "extensão", como qualquer palavra, poderia ser trabalhada da mesma forma. Mas, novamente, esse é um fator vantajoso na medida em que pode instigar de partida a recepção do ensaio e estimular o contato com o restante da obra de Édouard Glissant, a qual se encontra ainda relativamente pouco traduzida em português brasileiro e à qual, portanto, o leitor local tem um acesso restrito.

Quanto à forma, as opções com os derivados de "espraiair" listadas na tabela de tradução do início desta seção são: (1) "poesia em espraio"; (2) "poesia em espraio"; e (3) "poesia espraia". As opções (1) e (2) replicam a estrutura do original dada pela preposição e a classe gramatical de "étendue" no subtítulo, embora por outras formas de substantivação. Nesse quesito, a opção (1) oferece maior similaridade pelo uso de sufixo com a mesma função. A opção (3) traz a forma do particípio, mas não como substantivação por não utilizar a preposição. Nela, "espraia" continua vinculada a "poesia", mas de maneira mais dependente, pois figura assim como seu adjetivo.

Se nesses aspectos formais a opção (3) parece relacionar-se menos com minha interpretação do texto original, sua vantagem comparativamente às opções (1) e (2) é a

sonoridade. As possibilidades (1) e (2) têm uma sequência de pronúncia complicada na ligação entre as palavras, gerando algo assim, numa transcrição simplificada: "poesienhespraiamento" ou "poesienhespraio". Ao contrário, a opção (3) não apresenta nada disso. Seu ritmo e sua sonoridade parecem tão fluidos quanto os do original. Além disso, no subtítulo original, "étendue" não figura necessariamente como noção independente, pois sua própria conceituação se caracteriza pela abertura do espaço de vida e convívio das humanidades à difusão das diferentes poéticas, cognições e epistemes.

Essa quantidade de investigação e reflexão para a tradução de apenas uma palavra me pergunta: quão real é esse processo ou são essas reflexões? Penso que é um real que se *faz* e que não existe *a priori*. O *fato* é que só pude decidir após essas interpretações e desenvolvimentos: prova de vida das diferenças.

Sigamos aos trechos selecionados, mas antes de entrarmos na discussão de sua tradução, gostaria de expor a maneira como indiquei os detalhes de diagramação do texto original e suas funções:

- palavras e passagens em itálico foram mantidas tal qual estão no texto original;
- os asteriscos do texto original têm a função de separar partes do texto e possuem um parágrafo (ou linha vazia) acima e outro abaixo, sendo, por isso, sinalizados pelos símbolos **##**;
- sinalizadas pelo símbolo **#**, as quebras duplas de parágrafo (ou inserção de linha vazia) têm a função de seccionar o texto de modo menos incisivo que os asteriscos;
- sinalizadas pelos símbolos **##**, as quebras de parágrafo maiores que a quebra dupla são usadas entre o início dos textos e os títulos ou números de capítulos que os nomeiam.
- nas tabelas de tradução, os símbolos **>>>** ao fim de um trecho indicam que o parágrafo continua na tabela seguinte ou, quando postos no início de uma célula de tabela, sinalizam que aquele texto é continuação do parágrafo já iniciado em tabela anterior.

Tabela 2

	<i>Philosophie de la Relation</i> , p.11	Primeira tradução, 11/2017	Segunda tradução, 11/2019
1	I	I	I
	##	##	##
	Il y eut, qui s'éleva,	Houve, que se elevou,	Houve, que se elevou,
5	une parole sacrée . Or le	uma fala/palavra sagrada. Ora/	uma palavra sagrada . Assim , o
	poème, alors le poème, de	Assim , o poema, então o poema,	poema, enfim , o poema, de si
	soi engendré, commença	de si engendrado, começou a ser	engendrado, começou a ser
	d'être reconnu.	reconhecido.	reconhecido.
	#	#	#

- "parole sacrée" (linha 4)

→ "palavra sagrada" (linha 4)

"Parole" aparece com frequência no ensaio, mas não com o mesmo sentido, segundo o que interpretei. Minhas opções de tradução, se considerado isoladamente, seriam "fala", "palavra", "discurso" e "verbo", entre as principais possibilidades. Na ocorrência em foco, associa-se a "sacrée" ["sagrada"], o que aponta para o campo semântico e lexical místico-religioso, indicação reforçada pelo tema e contexto do capítulo em que está inserido. Dessa forma, por afinidade, as opções se restringem a "palavra" e "verbo". Esta última não havia sido considerada na primeira versão, mas passou a sê-lo na ponderação para a decisão.

Para isso, passei a investigar a ocorrência da expressão em casos paralelos ou comparáveis de alguma forma em português e francês. Por meu repertório de partida e meu contexto cultural – os quais compartilham nalguma medida do contexto em que viveu Édouard Glissant em aspectos gerais relacionados à cultura judaico-cristã ocidental e às línguas neolatinas, por exemplo –, a passagem remeteu-me ao "Gênesis" do *Antigo Testamento*. Todavia, consultando o texto, verifiquei que não havia a personificação de uma "palavra" ou "verbo", mas, sim, a menção às ações de Deus *dizer* e *chamar*:

No princípio, criou Deus os céus e a terra.
E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face o abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.
E disse Deus: Haja luz. E houve luz.
E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas.
E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro. (BÍBLIA, 1995, p.3)

Tais menções, similares nas versões francesas (BIBLE, 2019), não contribuíam suficientemente para o processo de decisão da tradução. Dessa forma, prosseguindo na

pesquisa, cheguei ao "Evangelho segundo São João", no *Novo Testamento*, em que temos: "No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, o Verbo era Deus. / Ele estava no princípio com Deus. / Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (BÍBLIA, 1995, p.851). Neste, diferentemente do excerto anterior, os poderes divinos da criação do *dizer* estão personificados num "Verbo" como aspecto de Deus ou seu próprio ser. Por sua vez, as versões francesas consultadas da mesma passagem (BIBLE, 2019) traziam "Parole". Essa constatação atuaria em favor da decisão por "verbo", mas considerei mais alguns aspectos.

Mesmo que "verbo" seja a opção tradutória da versão brasileira consultada da *Bíblia*, ele remete a um registro mais erudito e, por isso, seu uso soa mais restrito e marcado do que o francês "parole" em seu contexto, e que é bastante polissêmico. Nesse sentido, para mim, ele parece possuir mais coincidências de sentido e uso com o português "palavra", que também tem o sentido religioso em expressões correntes como, por exemplo, "a palavra de Deus". Some-se a isso o fato de que Édouard Glissant faz uso de um estilo "bíblico" sem, no entanto, atrelar ou submeter seu pensamento a qualquer dogma religioso específico e do que apenas se aproveita, a meu ver, a alusão aos aspectos mítico e religioso e do potencial poético para suas conjecturas a respeito de algum aspecto metafísico da existência humana.

Assim, se estivéssemos no contexto de um dogma religioso específico, o católico ou cristão, no caso, a opção mais consistente provavelmente seria "verbo" por ser o uso consagrado nas versões portuguesas da Bíblia. Mas não é preciso aprofundar a investigação nesse sentido, pois, em verdade vos digo que interpretei como uma alusão flexível a um repertório cultural. Assim, optei por "palavra", que não apresenta incongruências relevantes, permite a manutenção de relação com suas ocorrências posteriores ou palavras associadas, com sentidos mais ou menos próximos, e é de uso mais corrente do que "verbo", cujos registros de uso são predominantemente cultos.

- "Or le poème, alors le poème" (linhas 4 e 5)

→ "Assim, o poema, enfim, o poema" (linhas 4 e 5)

Essa dificuldade de tradução se refere à conjunção "or", à justaposição das duas construções quase idênticas e à rima com "alors", outra conjunção. Em francês, "or" tem sentido variável de adversativo a conclusivo, por exemplo, ou pode não possuir um sentido claro, mas exercer uma função rítmica ou indicar um ponto de atenção no texto, como uma

inflexão. Dentre essas possibilidades, não parece tratar-se de sentido adversativo, mas conclusivo, ao que se acrescenta, pela repetição da expressão com a conjunção "alors", o seu uso como recurso sonoro e rítmico incidentes no sentido.

Na primeira tentativa de tradução, considerei usar "ora", mas, por seu sentido predominantemente adversativo, recuei. Outras possíveis traduções no plano semântico seriam "assim", "então", "logo", "enfim", "pois" e "portanto", além de "aí" e sua variação "daí", descartadas de início por seu registro coloquial, apesar de seu sentido ser muito similar à minha interpretação do texto original. "Logo" e "pois" foram descartados por seus sentidos dominantes de consequência e causa. Com os restantes, verifiquei a possibilidade de reproduzir o aspecto sonoro, pelo que formei os pares "então"/"portanto" e "assim"/"enfim", dos quais o segundo pareceu mais coincidente com minha interpretação do aspecto semântico, no que também auxiliou sua flexibilidade nesse aspecto.

Tabela 3

Philosophie de la Relation, p.11-12	
1	<p>Ainsi aurait dû être prononcé, peut-être, dans les préhistoires de toutes les littératures du monde, ce même commencement. Son intitulé indiquerait un premier et obscur composé de l'<i>intention</i> des langages, bien avant que les rudes clartés des histoires ne divisent les espaces et les échos des voix. C'était avant toute humanité. Les glycérias follement apparus se regroupaient en lisières déchiquetées qui divaguaient dans des gorges de feu, les couleurs à peine se distinguaient les unes des autres, et les arcs-en-ciel torturés n'étaient encore que des masses sans halo qui requéraient à la ronde leurs lignes. Des éternités plus loin, ce qui a surgi sur les pentes obscurcies des grottes n'était pas l'ombre trompeuse d'une réalité d'au-dehors, mais le signe même de la fusion du tout au tout: les humanités n'avaient pas encore retranché leurs différences à coups d'amputations sanglantes, et ce qui était gravé là sur les roches de leurs cavernes, ni main divine ni trait conjuratoire, était aussi la mémoire de ce poème originel, venu de soi-même, et l'écho de cette parole sacrée, née déjà de toutes choses au monde. Poème, relent, écho, qui exhalaient et accompagnaient la stupeur sacrée.</p> <p>#</p>
5	
10	
Primeira tradução, 11/2017	
1	<p>Assim teria sido / deveria ter sido pronunciado, talvez, nas pré-histórias de todas as literaturas do mundo, esse mesmo começo. Sua nomeação / designação / título indicaria uma primeira e obscura composição da <i>intenção</i> das linguagens, bem antes de as rudes clarezas das histórias dividirem os espaços e os ecos das vozes. Era / Foi antes de qualquer humanidade. As glicérias loucamente / insanamente surgidas reagrupavam-se em bordas / bosques / tufos / faixas esfarrapadas que vagavam em gargantas de fogo, as cores dificilmente / por pouco se distinguiam umas das outras e os arcos-íris / arcos-celestes torturados eram ainda apenas massas sem halo procurando ao redor as suas linhas. Eternidades mais longe / distantes / depois, o que surgiu sobre as escarpas / paredes / paredões obscurecidos das grutas não era a sombra enganosa de uma realidade externa / de fora, mas o próprio sinal da fusão do todo no / ao todo: as humanidades não tinham / haviam ainda destrinchado suas diferenças a golpes de amputações sangrentas, e o que estava / foi gravado / marcado ali sobre as rochas de suas cavernas, nem mão divina, nem traço / tração conjuratório/a, era também a memória deste / desse poema original, vindo de si mesmo, e o eco dessa fala / palavra sagrada, já nascida de todas as coisas do mundo. Poema, emanação / vestígio / rastro / resto, eco[,] que exalavam e acompanhavam o estupor sagrado.</p> <p>#</p>
5	
10	
15	
Segunda tradução, 11/2019	
1	<p>Assim deveria haver se pronunciado, talvez, nas pré-histórias de todas as literaturas do mundo, esse mesmo início. Seu desígnio indicaria uma primeira e obscura composição da <i>intenção</i> das linguagens, bem antes que as rudes clarezas das histórias dividissem os espaços e os ecos das vozes. Isso foi antes de qualquer humanidade. As glicérias desvairadamente surgidas agrupavam-se em orlas esfarrapadas que vagavam em gargantas de fogo, as cores mal se distinguiam umas das outras e os torturados arcos-celestes eram ainda apenas massas sem halo procurando suas linhas ao redor. Eternidades mais tarde, o que surgiu sobre as escarpas obscurecidas das grutas não era a sombra enganosa de uma realidade do exterior, mas o próprio sinal da fusão do todo ao todo: as humanidades não haviam ainda destrinchado suas diferenças a golpes de amputações sangrentas e o que estava ali gravado nas rochas de suas cavernas, nem mão divina, nem traço conjuratório, era também a memória desse poema original, vindo de si mesmo, e o eco dessa palavra sagrada, já nascida de todas as coisas do mundo. Poema, resquício, eco, que exalavam e acompanhavam o estupor sagrado.</p> <p>#</p>
5	
10	

- "Ainsi aurait dû être prononcé, peut-être" (linha 1)

→ "Assim haver-se-ia pronunciado, talvez" (linha 1)

Essa locução verbal tem sentido de hipótese, dado pelo condicional de *devoir* [dever] em forma composta e reforçado pelo "peut-être" [talvez] que se segue, e explica ou complementa o parágrafo anterior, iniciando a descrição seguinte do cenário de surgimento das poéticas. A locução, se traduzida literalmente para o português, resultaria em algo como "haveria devido ser pronunciado". Embora seja possível interpretar seu sentido, essa forma se distanciaria suficientemente de nosso hábito linguístico geral para ser descartada. A primeira tentativa de tradução produziu as formas que constam no texto intermediário da tabela ("deveria ter sido pronunciado" e "teria sido pronunciado"), as quais, no trabalho de finalização da tradução, pareceram-me ainda portadoras de certa estranheza ou excesso.

Detive-me então um pouco mais sobre a forma do texto original para consolidar minha interpretação. Por conta da voz passiva, não se explicita o sujeito, o que nos faz investigar quem ou o que teria pronunciado esse "início". Pelo contexto, deduzi que esse sujeito seria a "palavra sagrada" ou o "poema". O "início", todavia, é referido como o surgimento do "poema", o que faz com que esse pronunciamento e essa elevação sejam seus movimentos, mesmo que, literalmente, esse sujeito permaneça indeterminado. Assim, coabitam em minha leitura do texto original essa indeterminação e a suposição de que esse pronunciamento seja uma ação reflexiva enquanto início e movimento da "palavra sagrada", tanto mais pelo fato de ser uma palavra, isto é, algo que tem o poder de pronunciar(-se), o que me fez sondar a forma pronominal.

A decisão foi então pela abreviação da locução do texto original pelo excesso que representaria em português. Em minha opção de tradução, o sentido de hipótese é dado pelo modo condicional do auxiliar e pelo "talvez", como o "peut-être" do original. A forma passiva foi traduzida pela forma pronominal com o mesmo intuito de dar fluidez e pelo fato de que, juntamente ao sentido reflexivo, a partícula 'se' pode ser interpretada em português como índice de indeterminação do sujeito, possibilidade em que se mesclam a "palavra sagrada", o "poema" e o "início".

- "intitulé" (linha 2)

→ "desígnio" (linha 2)

Alguns significados encontrados, entre definições oferecidas por dicionários franceses e bilíngues, sinônimos traduzidos do francês e sinonímia em português, foram: "título de texto", "fórmula de início de textos jurídicos", "capa", "rosto", "nome", "nomeação", "denominação", "designação", "cabeçalho", "enunciado". Apesar de importantes dicionários franceses darem apenas sentidos próprios e sinônimos como "titre" ["título"] e "formule" ["fórmula"] (TLFi, 1994; ROBERT, 2002, p.1395), não me parece possível interpretar seu uso no texto sem a interação dos sentidos próprio e figurado, interpretação encorajada pelos dicionários bilíngues que oferecem, além de "título", também "capa" e "rosto" como tradução de "intitulé" (INFOPÉDIA, 2019). Assim, embora esse sentido figurado não apareça de forma explícita, parece razoável deduzi-lo. Outra possibilidade seria a de que esse uso fosse uma proposta do autor e, por isso, também causaria estranheza aos francófonos de forma geral (por mais abstrata e idealizada que essa generalização possa ser). Nesse caso e por essa perspectiva, uma tradução pertinente seria algo ligado ao sentido próprio de "intitulé" para que o leitor pudesse também supor seu sentido figurado.

Nessas incertezas e na primeira versão da tradução, julguei que as opções utilizáveis seriam "nomeação", "designação" ou "título". Após maior consideração sobre um provável sentido figurado, pensei em "face" ou "fronte" e também em algo mais próximo do vocabulário literário como "preâmbulo" ou "proêmio", dado o contexto que descreve o "intitulé" como uma primeira composição da intenção das linguagens na pré-história das literaturas, sendo assim interpretável como uma introdução ou prefácio ao "poema original". A escolha para a versão final foi "desígnio" por estar relacionado ao campo da linguagem e por seu traço semântico compartilhado com "título" como algo que representa, anuncia ou expressa o conteúdo ou a intenção de quem ou daquilo que o possui.

- "lisières déchiquetées" (linha 5)

→ "orlas esfarrapadas" (linha 5)

Assim descreve Édouard Glissant a forma como se agrupam as nascentes glicérias, tipo de planta gramínea comum em terrenos alagadiços, nesse cenário de início de mundo em processo de sedimentação de elementos e definição de formas: "orlas esfarrapadas",

segundo minha opção de tradução. Afora o adjetivo, nenhuma das opções elencadas na primeira tradução sobreviveu. Aquelas ligadas ao sentido próprio de "lisière" como "extremidades de uma peça de tecido" – "bordas" e "faixas" – não eram satisfatórias pelo pouco compartilhamento de sentido em relação ao meu entendimento do original. Essa impressão me fez elencar opções que contemplassem o sentido figurado, por meio do que cheguei a "bosques" e "tufos", o que parecia ainda menos interessante.

Por fim, apareceu-me "orlas", que adotei após verificar que seus sentidos próprio e figurado estão registrados de maneira muito similar aos da palavra francesa. Tanto "lisière" como "orla" se referem às bordas de uma peça de tecido e, por analogia, também às margens ou beiras de algo (TLFi, 1995; INFOPÉDIA, 2019). Quanto a "déchiquetées", a opção de tradução inicial se manteve porque verifiquei da mesma forma um grande compartilhamento de sentido, pois "esfarrapadas" se situa em campo semântico análogo à palavra francesa e remete à mesma ação de rasgar um tecido em faixas, mesmo que em francês um dos sentidos registrados traga o aspecto ornamental.

- "arcs-en-ciel" (linha 6)

→ "arcos-celestes" (linha 6)

A tradução de "arcs-en-ciel" em português seria "arcos-íris" se considerado a palavra similar em sentido, registro e recorrência. Todavia, esse plural português é incomum e produz uma quase cacofonia. Ponderei que traduzir pelo singular não seria cabível, pois entendi o plural como parte importante do sentido do original por conta da diversidade do cenário descrito. Assim, optei pelo sinônimo "arcos-celestes" (INFOPÉDIA, 2019). Embora menos corrente, julguei a opção satisfatória por conta da melhor sonoridade.

- "Des éternités plus loin" (linha 7)

→ "Eternidades mais tarde" (linha 7)

A obrigatoriedade da presença textual de artigo no francês não torna a sua tradução compulsória. Ao contrário, penso que é preciso avaliar o sentido que se formará. Nesse caso, o artigo indefinido efetua justamente a indefinição dessas "eternidades", o que já permite a tradução sem artigo. Mas o ponto interessante aqui é que, em francês e nesse contexto, o significado da expressão "plus loin" é registrado como "mais à frente". Se traduzida literalmente para algo como "mais distantes", poderia ser interpretada como um avanço no

passado, enquanto que o texto descreve algo que se passou depois, as inscrições nas paredes das cavernas. Por isso, diferentemente das primeiras tentativas, a opção final foi por "Eternidades mais tarde" por possuir mais paralelismos com minha leitura de sentido, mas também de sonoridade e cadência do original.

- "à coups d'amputations sanglantes" (linha 10)

→ "a golpes de amputações sangrentas" (linha 10)

Em francês, a palavra "coup" é muito versátil e pode ter diversas traduções dependendo de seu contexto de ocorrência. Certamente, sua tradução por "golpe" é muitas vezes eficaz, mas, a princípio, não me parecia ser o caso para a expressão transcrita. Apesar de seu sentido dominante de uso ser paralelo ao de "golpe", isto é, o choque de algo contra algo, também pode ser traduzido como "lance", "vez", "jogada", ou por outro mecanismo linguístico para casos em que se associa, por exemplo, a um instrumento ou a uma parte do corpo: "coup de bâton" seria "paulada"; "coup de marteau", "martelada"; "coup de pied", "chute" ou "pontapé" (INFOPÉDIA, 2019).

Porém, no caso discutido, "coups d'amputations" pode significar tanto "golpe de amputação", como "ímpeto" ou "lance", por conta do que uma das soluções aventadas foi "impulsos". Esta, no entanto, foi revista e terminei por manter a tradução "golpes de amputação" da primeira tentativa, mesmo com minha tendência a achá-la um pouco estranha e redundante.

- "relent" (linha 13)

→ "resquício" (linha 13)

Em *Le Nouveau Petit Robert*, a primeira acepção de "relent" é de mau odor persistente (ROBERT, 2002, p.2227). Seu sentido figurado como "vestígio", "resto" ou "suspeita" pode remeter a algo desagradável ou indesejável, mas isso não se vê claramente na ocorrência em foco, pois se trata ali das remanescências do "poema original", de suas reverberações nas poéticas humanas. Das primeiras opções, nenhuma permaneceu, pois "emanação" não tinha o sentido que interpretei, enquanto "vestígio" e "rastro" eram traduções a serem possivelmente usadas para a noção "trace". Por fim, optei por "resquício", um sinônimo de "resto" de registro mais literário e que, dependendo do

contexto, pode ter o sentido de algo indesejado, possuindo assim uma polissemia similar ao original.

Tabela 4

Philosophie de la Relation, p.12-13	
1	Le mythe, ou cette légende ou ce rêve, grossi des réels inconcevables des origines, qui se recomposa dans les premières histoires des humanités, n'avait pas la valeur close d'une occasion historique, pour la raison qu'il se répétait avec chaque poète qui, depuis ces temps offusqués, avait remonté nos temps évidents, pour rencontrer de semblables révélations. Écrire un poème, ou le
5	chanter, ou le rêver, c'était consentir à cette vérité invérifiable, que le poème en soi est contemporain des premiers brasiers de la terre. Voilà pourquoi nous nous plaisons à ce que le prétexte du poème demeure très obscur, chacun recule à convenir à ses clartés, ce poème tout-voyant ne se prévaut d'aucune nécessité visible, et les plus assurés poètes le disent, et ce poème en revient chaque fois à cela qui fut un épisode ou un besoin des presciences des humanités, et il
10	renouvelle, avec les poètes les plus inattendus, dans leur nécessité de parole , ce cheminement qui a mené de l'obscur originel du chant à ses évidences tremblantes. Le tissu du poème est trouble, indiscernable, le poème va sa route par-dessous, il manifeste ses éclats dans toutes les langues du monde, cri ou parole, c'est-à-dire dans toutes les directions, où nous nous sommes peut-être perdus, il s'étend de vérité d'un paysage en vécu d'un autre , le poème nomade, il roule de temps à
15	temps .
Primeira tradução, 11/2017	
1	O mito, ou essa lenda ou esse sonho, crescido / nutrido / criado pelos / dos reais inconcebíveis das origens, que se recompôs nas primeiras histórias das humanidades, não tinha o valor fechado de uma ocasião histórica pela razão de que ele se repetia com cada poeta que, desde esses tempos ofuscados, havia remontado nosso tempo evidente para encontrar semelhantes
5	revelações. Escrever um poema, ou cantá-lo, ou sonhá-lo, era consentir a essa verdade inverificável de que o poema em si é contemporâneo dos primeiros braseiros da terra. Por isso nós nos comprazemos em / de que o pretexto do poema permaneça muito obscuro – / , cada um recua para convir às suas clarezas – / , esse poema onividente não se prevalece / se vale / tira proveito / se fixa / de nenhuma necessidade visível, e os mais seguros poetas o dizem, e esse poema retorna toda
10	vez ao que foi um episódio ou uma necessidade das presciências das humanidades, e ele renova, com os poetas mais inesperados, em sua necessidade de fala / palavra , esse caminho que levou do obscuro original do canto às suas evidências trêmulas. O tecido do poema é turvo / conturbado / nebuloso / agitado, indiscernível, o poema traça seu curso por debaixo, ele manifesta seus brilhos em todas as línguas do mundo, grito ou fala / palavra, isto é, em todas as direções em que já nos perdemos, ele se estende de verdade de uma paisagem ao vivido de outra , o poema nômade, ele
15	corre de tempo para tempo .
Segunda tradução, 11/2019	
1	O mito, ou essa lenda ou esse sonho, nutrido pelas realidades inconcebíveis das origens, que se recompôs nas primeiras histórias das humanidades, não tinha o valor estanque de uma ocasião histórica pela razão de que ele se repetia com cada poeta que, desde esses tempos enevoados, havia regredido em nossos tempos evidentes para encontrar semelhantes revelações.
5	Escrever um poema, ou cantá-lo, ou sonhá-lo, era consentir a essa verdade inverificável de que o poema em si é contemporâneo dos primeiros braseiros da terra. Eis porque nós nos comprazemos em que o pretexto do poema permaneça muito obscuro, cada um recua para convir às suas clarezas, esse poema onividente não se vale de nenhuma necessidade visível, e os mais seguros poetas o dizem, e esse poema retorna toda vez ao que foi um episódio ou uma necessidade das presciências
10	das humanidades, e ele renova, com os poetas mais inesperados, em sua necessidade da palavra , o caminho que levou da obscuridade original do canto às suas evidências trementes. O tecido do poema é conturbado, indiscernível, o poema caminha subterraneamente, ele manifesta suas centelhas em todas as línguas do mundo, grito ou palavra, isto é, em todas as direções, em que talvez nos tenhamos perdido, ele se espalha da verdade de uma paisagem à vivência de outra , o
15	poema nômade, ele corre de tempo para tempo .

- "depuis ces temps offusqués" (linha 3)

→ "desde esses tempos enevoados" (linha 4)

Embora "offusqués" e "ofuscados", como primeiramente traduzi, sejam cognatos e partilhem boa parte de seus significados, a palavra francesa tem registro literário e envelhecido (TLFi, 1994), o que não parece ser o caso da palavra portuguesa. Esse dado me fez procurar um sinônimo de uso similar, com o que cheguei a "enevoados", procurando contemplar o sentido construído pelo contexto, segundo minha leitura, e pela oposição a "évidents" ["evidentes"] na continuidade do texto, isto é, o de "encoberto" ou "oculto".

- "avec chaque poète qui [...] avait remonté nos temps évidents" (linhas 3 e 4)

→ "com cada poeta que [...] havia regredido em nossos tempos evidentes" (linhas 3 e 4)

Na primeira tradução, decalquei o verbo francês "remonter" e anotei a necessidade de verificar seu sentido, o que fiz por não encontrar facilmente uma opção que me satisfizesse e por necessitar, conseqüentemente, apurar mais a interpretação do conjunto do texto para depois retornar a esse trecho. Na pesquisa para a tradução final, os sentidos encontrados que julguei mais cabíveis foram o de "revenir en arrière dans le temps" ["voltar para trás no tempo"] e "rétablir dans le passé l'origine d'un fait" ["restabelecer no passado a origem de um fato"] (TLFi, 1994) por sua associação aos elementos temporais presentes no texto. Dessa forma, pude perceber que minha primeira interpretação do verbo não se encaixava no contexto, pois, ao contrário de seu sentido, deduzi equivocadamente em "remonter" o traço predominante de "subir".

Embora elementar, esse caso parece representativo por inspirar a atenção necessária aos sentidos figurados e em como eles são construídos de maneiras diferentes ou opostas a depender do pressuposto que os baseia, motivo pelo qual gostaria de desenvolver esse percurso interpretativo específico.

A interpretação de "remonter" como "subir", "elevar" ou "aumentar" não estava errada em si, mas, sim, nas relações pressupostas de figuração. A ligação lógica entre aquelas acepções e a de "regressar" parece ser a atribuição de uma localização mais elevada à origem a que esse retorno se dirige. Assim, no âmbito espacial, seu sentido de "retornar à fonte" e, portanto, de "ir contra a correnteza de um rio", como também é usado, baseia e orienta seu sentido figurado no âmbito temporal, razão pela qual significa "retornar no tempo" e não "avançar", como meus pressupostos me fizeram crer a princípio.

Após confirmar o sentido pelo contexto, o próximo passo foi avaliar as opções no campo semântico de "regressar". Em todas elas, porém, a escolha da preposição era delicada por ocasionar dubiedades ou imprecisões que não identifiquei no sentido do texto original quanto à direção e às referências dessa viagem no tempo. Essa constatação reforçou a interpretação do verbo no texto original na medida em que revelou um sentido relativamente autônomo sem correspondência análoga em português.

Examinando novamente o original, notei que apenas o ponto de partida do regresso (os "tempos evidentes") está explícito e que o ponto de chegada (os "tempos enevoados" do surgimento do "poema original") deveria ou poderia ser deduzido a partir do objetivo do regresso (encontrar as "semelhantes revelações"). Assim, decidindo por "regredir", julguei suficiente utilizar a preposição "em" para indicar, com a ajuda do contexto, o sentido de "a partir de", o qual integra o sentido interpretado do verbo no original.

- "dans leur nécessité de parole" (linha 10)

→ "em sua necessidade da palavra" (linha 11)

Embora eu já tenha tratado de "parole" antes, ele tem um sentido diferente nesse caso, para o qual, no entanto, optei pela mesma tradução. Conforme minha interpretação do texto, a "necessidade de palavra" referida é a dos poetas, necessidade animada pelo "poema original" como via ou instrumento de revisitação do percurso que levou da obscuridade original do canto às suas "evidências". Isso indica que "parole", naquela sequência, significa "fala" ou "palavra" como expressão de si e não tem o sentido mítico ou religioso da ocorrência anterior. Mas o uso da mesma palavra, mesmo polissêmica, indica, a meu ver, uma coincidência parcial, justamente a conexão entre a nebulosa "palavra sagrada" e a nossa "palavra" como expressão de nossa relação com o mundo. Finalmente, ao usar "palavra", senti a necessidade de inserir o artigo definido para direcionar a interpretação da palavra como ela ocorre, por exemplo, na expressão "estar com a palavra", isto é, com o sentido de "turno de fala" ou a própria "capacidade de se expressar".

- "éclats" (linha 12)

→ "centelhas" (linha 12)

Após a primeira tradução e segundo consultas a alguns dicionários, verifiquei que o uso predominante de "éclat" é como "fragmento" e não, como havia pesquisado antes, o de

"estampido" ou "brilho", os quais derivam do sentido anterior. Este, por sua vez, relaciona-se ao verbo "éclater" cujo significado é quebrar-se ou explodir projetando fragmentos (TLFi, 1994). A imagem que observo aí é a do "poema" que dissemina nas línguas a sua influência – ou fragmentos, força, vigor, energia – e estas a evidenciam, expressam, pronunciam. Penso que traduzir por "fragmentos" seria um fechamento interpretativo orientado ao sentido literal e concreto, assim como traduzir por outras opções mencionadas – "influência", "força", "vigor", "energia" – seria uma condução de interpretação ao aspecto figurado e, assim, igualmente um fechamento dos sentidos oferecidos pelo contexto. Além disso, algumas das outras acepções de "éclat" são favorecidas pela presença de um léxico ligado à luz, principalmente, e ao som como "obscur", "clartés", "écho des voix", "couleurs", "arcs-en-ciel", "halo", "ombre trompeuse", "temps offusqués", "brasiers" etc. Dessa forma, avaliei "centelha" como uma boa opção por sua riqueza semântica que alia os sentidos de "fragmento" e "influência" e mantém a relação com o léxico visual.

- "il s'étend de vérité d'un paysage en vécu d'un autre" (linha 14)

→ "ele se espraia da verdade de uma paisagem à vivência de outra" (linhas 14 e 15)

Conforme argumentado para a tradução do subtítulo, decidi corresponder o grupo lexical de "étendre" ao grupo de "espraiair". A sequência transcrita é mais um exemplo do uso desse verbo por Édouard Glissant. Trata-se do alcance e da natureza do espraio do "poema" que, segundo o contexto, espraia-se da condição de verdade de uma paisagem à condição de vivência de outra, isto é, em minha interpretação, não se trata de uma presença coadjuvante, mas da animação imbricada das realidades e das experiências humanas das paisagens. Para determinar "verdade" como substantivo, acrescentei o artigo definido, sem o que "de verdade" poderia ser entendido como locução adverbial. Quis também reconstruir o paralelismo observado na sequência, por isso fiz o mesmo para "vivência", mudando também a preposição.

- "de temps à temps" (linha 15)

→ "de tempo em tempo" (linha 15)

Essa expressão é parecida com outra de uso corrente na língua francesa, "de temps en temps", que, como a possível equivalente em português "de tempos em tempos", significa "com frequência baixa e variável". Glissant modifica sua preposição de "en" para "à"

– do que encontrei algumas ocorrências, mas significativamente menos – e a ressalta com o uso do *itálico*, o que é provavelmente um alerta para uma leitura mais detida.

A permanência do *itálico* na versão traduzida deveria provocar o mesmo efeito, mas, quanto à expressão em si, precisei refletir sobre como poderia modificá-la para ressignificá-la de acordo com meu entendimento do texto. Em português, as opções seriam a mudança de número e de preposição. Primeiramente, interpretei o sentido no texto original como "tempo" no singular, como cada ocasião conceitualmente pontual em que o "poema" ressurgiu. Além disso, o uso no plural poderia induzir o leitor ao sentido usual da expressão "de tempos em tempos", mesmo com a mudança da preposição. Assim, optei por usar "tempo" no singular e manter a preposição usual da expressão, o que pode ser suficiente para fazer o leitor refletir sobre seu sentido, o que considero similar ao que observei no texto de Glissant, lembrando também que em francês não é possível diferenciar o singular e o plural de "temps" sem o recurso a outro elemento que revele seu número.

Tabela 5

<i>Philosophie de la Relation</i> , p.13	
1	#
5	L'élévation avait fait que la parole s'était enlevée d'elle-même en même temps qu'effacée de tout lieu possible, comme un oiseau innumérable, cela se passait avant que les races et les langues et les postures se fussent différenciées puis opposées, et le poème avait disparu dans des effondrements de la terre, dans des obscurités insues, et avec lui toutes les possibilités des langues, qu'il avait fallu désormais recomposer comme des racines cassées.
	###
	Cet avant-jour, en gouffre , et inexplicable.
	###
Primeira tradução, 11/2017	
1	#
5	A elevação havia / tinha feito com que a fala / palavra fosse levada de si mesma e ao mesmo tempo apagada de todo lugar possível, como um pássaro inumerável, isso aconteceu antes que as raças e as línguas e as posturas houvessem / tivessem se diferenciado e então colocado-se em oposição, e o poema tinha / havia desaparecido / desaparecera em afundamentos da terra, em obscuridades desconhecidas / ignoradas, e com ele todas as possibilidades das línguas, as quais foi preciso desde então recompor como raízes quebradas.
	###
10	Essa madrugada, abissal , e inexplicável.
	###
Segunda tradução, 11/2019	
1	#
5	A elevação fizera com que a palavra se houvesse retirado de si mesma ao mesmo tempo em que se apagara de todo lugar possível, como um pássaro inumerável, isso se passava antes que as raças e as línguas e as posturas se houvessem diferenciado e, então, oposto, e o poema desaparecera em colapsos da terra, em obscuridades desconhecidas, e, com ele, todas as possibilidades das línguas, que, desde então, fora preciso recompor como raízes rompidas.
	###
	Essa alvorada, em fosso , e inexplicável.
	###

- "gouffre" (linha 8)

→ "fosso" (linha 8)

A mudança entre a primeira e a segunda tradução se deu pela lembrança e constatação de que em textos glissantianos, ao menos em *Philosophie de la Relation* e *Poétique de la Relation* (1990), ocorrem tanto "gouffre" como "abîme". Embora quase sinônimos, o primeiro tem uma importância conceitual mais trabalhada como na seguinte citação já reproduzida no capítulo 1:

Le terrifiant est du gouffre, trois fois noué à l'inconnu. Une fois donc, inaugurale, quand tu tombes dans le ventre de la barque. Une barque, selon ta poétique, n'a pas de ventre, une barque n'engloutit pas, ne dévore pas, une barque se dirige à plein ciel. Le ventre de cette barque-ci te

dissout, te précipite dans un non-monde où tu cries. Cette barque est une matrice, le gouffre-matrice. Génératrice de ta clameur. Productrice aussi de toute unanimité à venir. Car si tu es seul dans cette souffrance, tu partages l'inconnu avec quelques-uns, que tu ne connais pas encore. Cette barque est ta matrice, un moule, qui t'expulse pourtant. Enceinte d'autant de morts que de vivants en sursis. (GLISSANT, 1990, p.18)⁶⁰

O capítulo de que é retirada, "La barque ouverte", desenvolve o que poderíamos chamar de "experiência do fosso". Nesse texto, Édouard Glissant relaciona "gouffre" à experiência de quase aniquilação (para os sobreviventes) e humilhação extrema do tráfico de africanos escravizados e, nesse contexto, a um vislumbre do limbo da inexistência, no qual também se situa, paradoxalmente ou não, o aprendizado da Relação. Já "abîme" é menos frequente, parece ter sentido mais objetivo e menos relacionado a essa dimensão existencial. Assim, para manter essa diferenciação, decidi traduzir "gouffre" por "fosso", pelo fato de os dois possibilitarem ou já tenderem a sentidos negativos e figurados, e "abîme" por "abismo", pela similaridade de sentido e pela etimologia comum.

⁶⁰ Tradução minha: "O aterrador está no fosso, três vezes atado ao desconhecido. Uma vez, então, inaugural, quando tu caís no ventre da barca. Uma barca, segundo a tua poética, não tem ventre, uma barca não engole, não devora, uma barca se conduz a céu aberto. O ventre dessa barca te dissolve, te precipita num não-mundo onde tu gritas. Essa barca é uma matriz, o fosso-matriz. Geradora do teu clamor. Produtora também de toda unanimidade a vir. Pois, se tu estás só nesse sofrimento, tu partilhas o desconhecido com alguns que ainda não conheces. Essa barca é tua matriz, um molde que te expulsa no entanto. Grávida de tantos mortos quanto vivos em suspensão."

Tabela 6

Philosophie de la Relation, p.13-14	
1	Les roux des paroles, les graphes du poème, nos humanités les ont durablement recommencés. Elles cherchèrent ce qui avait été reconnu, elles allaient, par toutes ces langues au fur et à mesure redécouvertes. L'écriture ne leva d'abord pas de cette connaissance, mais
5	voici que, oui voici l'entassement des voix à vif et des strophes haut déclamées, la précipitation des raras originaux, qui avaient préfiguré les cloches avant de les remplacer quand elles se turent, qui tournent et tournent, et le chuint cascasant des racines soulevées à vrac , et toutes les boues qui résistent à la remontée des mots, et la germination des chants qui, dans leurs langues et leurs langages de graines et de filaments, tentent de requérir à nouveau le poème, tout enfoui, qui est aussi leur œuvre et qui avait semblé jaillir de leurs semences sauvages.
10	L'écriture et l'oralité allèrent du même balan, elles s'arrachaient des mêmes souches, nous avions oublié cela. Puis les peuples à écriture triomphèrent avec orgueil des peuples de l'oralité, c'était dit d'avance.
Primeira tradução, 11/2017	
1	Os carmins [roux] das palavras, os traçados [graphes] do poema, nossas humanidades os recomçaram com persistência. Elas procuraram o que havia sido reconhecido, elas iam [,] por todas essas línguas à medida de suas redescobertas. A escrita não se levantou primeiramente desse conhecimento, mas eis que, sim, eis o amontoamento vivo / pulsante das vozes e das estrofes fortemente declamadas, a precipitação dos rarrás originais que haviam prefigurado os sinos antes de substituí-los quando eles se calaram, e que giram e giram, e o chiado ruidoso das raízes erguidas /arrancadas à força / de supetão , e toda a lama que resiste ao subir das palavras, e a germinação dos cantos / cantares que, em suas línguas e suas linguagens de sementes e filamentos, tentam invocar / obter / exigir novamente o poema,
5	totalmente desaparecido, que é também sua obra e que parecia ter brotado de suas sementes selvagens. A escrita e a oralidade seguiram no mesmo balanço / equilíbrio / via / caminho, elas se arrancavam / desentranhavam das mesmas cepas, nós havíamos nos esquecido disso. Então os povos de / da escrita triunfaram com orgulho sobre os povos de / da oralidade, estava dito de início.
10	
Segunda tradução, 11/2019	
1	O acobreado das palavras, os grafos do poema, nossas humanidades os reiniciaram de forma duradoura. Elas procuraram o que fora reconhecido, elas corriam por todas essas línguas pouco a pouco redescobertas. A escrita não brotou a princípio desse conhecimento, mas eis que, sim, eis aí o amontoado das vozes em carne viva e das estrofes altamente declamadas, a precipitação dos raras originais, que haviam prefigurado os sinos antes de substituí-los quando estes se calaram, que giram e giram, e o crepitar ruidoso das raízes desenterradas de supetão , e toda a lama que resiste ao retorno das palavras à tona, e a germinação dos cantos que, em suas línguas e suas linguagens de grãos e de filamentos, tentam reclamar / resgatar novamente o poema, totalmente oculto, o qual é também sua obra e que parecia ter rebentado de suas sementes selvagens. A escrita e a oralidade seguiram na mesma oscilação, elas se extraíam das mesmas cepas, nós o havíamos esquecido. Então os povos de escrita triunfaram com orgulho sobre os povos da oralidade, como se poderia esperar.
5	
10	

- "Les roux des paroles" (linha 1)

→ "O acobreado das palavras" (linha 1)

"Roux", que significa, entre outros, "ruivo", remete às cores da alvorada, referida no parágrafo anterior como metáfora da gênese descrita. Assim, a própria cor é dada como

imagem das palavras, ou das falas, e de sua formação, como seus desenhos mutantes e fugidios no espaço, dissolvidos rapidamente após a transição da madrugada para a manhã. A opção da primeira tradução, "carmins", distanciava-se da minha interpretação na referência à cor "ruiva", de fato mais característica do nascer do sol por seus tons em torno do laranja. Outra opção surgida antes da decisão final foi "ocre". Embora remetesse mais ao marrom e a uma tonalidade fosca, parecia-me mais interessante do que "laranja(s)" ou "alaranjado". Essa opção só foi descartada quando pensei em "cobre" ou "acobreado", que possuía uma grande proximidade tonal e um aspecto vivo ou brilhante que poderia associar-se à metáfora da alvorada. Por fim, traduzi utilizando o singular por soar mais fluido e familiar em português e porque o dado de pluralidade já se encontra em "palavras".

- "les graphes du poème" (linha 1)

→ "os grafos do poema" (linha 1)

Na língua francesa, "graphe", segundo o que consta nos dicionários consultados (TLFi, 1994; LAROUSSE, 2019), é um termo técnico de uso restrito e designa o traçado ou a representação gráfica de uma função matemática, por exemplo, e seria traduzível por "gráfico". Em português, "grafo" apresenta definição similar (INFOPÉDIA, 2019), pelo que o considere mais adequado. Nesse contexto, utilizar "gráfico" seria uma tradução simplificadora, pois remete mais diretamente a gráficos usados em meios de comunicação, por exemplo. Já "grafo" sugere de forma mais abstrata um desenho ou traçado com menor predeterminação de seu suporte.

- "l'entassement des voix à vif" (linha 4)

→ "o amontoado das vozes em carne viva" (linha 4)

A expressão "à vif" é registrada nos dicionários como, no sentido próprio, o estado de algo que teve a pele ou outro revestimento retirado de forma a expor a carne ou a polpa e, no sentido figurado, refere-se a um estado emocional frágil (LAROUSSE, 2019; WIKTIONNAIRE, 2019), como "ter os nervos à flor da pele". A princípio, embora eu visse um sentido muito similar, a expressão "em carne viva" me pareceu mais forte do que o que pude interpretar do texto original e optei por algo que foi na direção oposta, pois amenizou seu sentido, seja por meio de uma tradução literal ("vivo"), que reduzia o alcance de sentidos possíveis, seja por outra ("pulsante"), que adaptava o sentido figurado para o

sentido próprio já mencionados ao priorizar apenas um dos potenciais traços semânticos. Por isso, dei meia-volta e, reconsiderando meu entendimento do original, optei pela expressão "em carne viva", pois me pareceu uma boa opção de tradução nesse contexto em relação à francesa "à vif".

- "raras" (linha 5)

→ "raras" (linha 5)

Segundo Joseph Ronald Dautruche,

le terme "rara" désigne plusieurs éléments. Il signifie "vacarme" dans l'expression *pa vin fè rara la a* (éviter de faire du vacarme dans cet espace), sens proche de son origine africaine. Il indique un type de son ou un rythme musical particulier. Dans son acception la plus populaire, le terme "rara" fait référence à des fêtes traditionnelles haïtiennes commençant le lendemain du mercredi des Cendres et finissant le lundi de Pâques, soit durant la période du carême chrétien. Les manifestations sont animées par les bandes de Rara, généralement dans la rue, et rassemblent une immense foule dansant et chantant au rythme du tambour, l'instrument central de la musique rara. De son site [...], une bande se déplace avec quelques dizaines de personnes et augmente en cours de route pour atteindre jusqu'à 2000 personnes. Elle est menée par un chef nommé "colonel". (DAUTRUCHE, 2011, p.127-8)⁶¹

Além disso, o evento é historicamente oriundo da religião vodu e já teve também um papel político (DAUTRUCHE, 2011, p.129-130). Tal como é mencionado por Édouard Glissant, o mais cabível é que represente sua dimensão festiva como metáfora da efervescência do cenário descrito em que as palavras, formas e seres estão claramente se definindo, para o que contribui também a acepção de "rara" como tumulto, alvoroço ou algazarra, segundo o significado ("vacarme") que o autor nos oferece em francês. Além disso, essa festividade é um exemplo de expressão cultural e identitária surgida nos processos mais radicais de criouliização, o que produz um interessante paralelismo entre a gênese descrita por Glissant,

⁶¹ Tradução minha: "o termo 'rara' designa vários elementos. Significa 'tumulto' na expressão *pa vin fè rara la a* (não faça tumulto neste local), sentido próximo à sua origem africana. Ele indica um tipo específico de som ou um ritmo musical particular. Na sua acepção mais popular, o termo "rara" se refere a festas haitianas tradicionais que começam no dia seguinte à quarta-feira de cinzas e terminam na segunda-feira de Páscoa, ou seja, durante o período da Quaresma cristã. As manifestações são animadas pelas bandas de *Rara*, geralmente na rua, e reúnem uma enorme multidão que dança e canta ao ritmo do tambor, o instrumento central da música *rara*. De seu local, [...] uma banda viaja com algumas dezenas de pessoas e aumenta ao longo do caminho para alcançar até duas mil pessoas. Ela é conduzida por um chefe chamado 'coronel'."

perdida no tempo e na consciência do mundo, e a sua análise do momento em que vivemos atualmente.

Por isso, procurar traduzir por outra palavra no texto em português seria distanciar-me demais da interpretação fundamentada em pesquisa, já que evidentemente nenhuma outra poderia abarcar esses aspectos específicos. Tal decisão se reforça quando se pensa na relação tecida com os leitores desse ensaio, *Philosophie de la Relation*, pois há muito pouca ou quase nenhuma facilitação, desde aspectos mais elementares, como seriam a contextualização de topônimos e a definição de noções filosóficas e de marcadores culturais (a exemplo de "rara"), até questões estruturais do texto pela confluência de seus aspectos autobiográficos, filosóficos e poéticos.

Na primeira tradução, adaptei a escrita para uma representação fonética como tentativa de direcionar a pronúncia no contexto da língua portuguesa. Reconsiderando a questão para a versão final, retornei à forma original por não ter segurança absoluta sobre essa pronúncia, e, portanto, sobre uma adaptação fonética cabível. Igualmente problemática seria a dificuldade criada para eventuais pesquisas por parte de leitores da tradução. Por fim, o autor já destaca a palavra pelo uso do itálico, o que deve bastar para indicar sua especificidade ao leitor e indicar a necessidade de alguma investigação, caso haja interesse.

- "le chuint cascasant des racines soulevées à vrac" (linha 6)

→ "o crepitar ruidoso das raízes desenterradas de supetão" (linha 6)

As dificuldades apresentadas por esta sequência, por conta da inexistência de opções de tradução que contemplem a maior parte dos sentidos que atribuí a algumas de suas palavras, residem na necessidade de priorização dos traços semânticos mais relevantes após a consolidação de uma interpretação contextual. Para isso, pesquisei primeiramente os sentidos registrados das expressões menos compreendidas por mim como "chuint cascasant" e "à vrac".

Não foi possível encontrar exatamente a palavra "chuint", mas apenas o verbo "chuintier" e derivados como "chuinté" e "chuintement", os quais podem designar, segundo as definições mais encontradas, o pio da coruja, o som de um pneu ao derrapar, o ato de trocar a pronúncia entre consoantes sibilantes surdas e sonoras, um assobio ou o som de chiado. Já "cascasant" deriva de "cascader" e se refere ao som, comportamento ou aparência de uma cachoeira, em sentido figurado ou próprio. "Vrac" designa o transporte ou

manuseio de mercadoria bruta em grande quantidade e sem embalagem fracionada, do que deriva seu sentido figurado de "desordem".

Com base nisso, formulei a interpretação segundo a qual, sempre no cenário tumultuado em descrição, a subida das palavras desenterra as raízes das árvores de forma desordenada ou brusca, sem tempo para acomodações lentas. A sequência do texto original descreveria então, para mim, o som e a imagem das raízes sendo expostas dessa forma. Na primeira tradução, propus "o chiado ruidoso das raízes erguidas / arrancadas à força / de supetão", formulação em que procurei alguma manutenção de sentidos próprios, mas cujas opções ainda pareciam inadequadas.

Quanto à descrição do som, outras traduções intermediárias foram "ruído", "rangido" e "ronco ruidoso", formuladas porque julguei distante a descrição de tal som a um "chiado", mesmo com o adjetivo intensificador. Pela lembrança do som característico da queda de uma árvore e de seu desenraizamento e por meio da pesquisa de registros em vídeo, pensei em "crepitar" por remeter aos estalos da quebra de galhos e raízes e, de alguma forma, também ao impacto da água em sua queda numa cachoeira.

Quanto à segunda expressão, "vrac" poderia, em seu sentido próprio, ser traduzido por "granel", porém, seu sentido figurado, apesar de coincidir com um dos sentidos da expressão "a granel", não se aplica no contexto e não coincide com o sentido figurado mais usual de "grande quantidade" e não de "desordem", o que possibilitaria um desvio involuntário em relação à interpretação que me guiou. Mesmo assim, foi necessário deduzir e explicitar uma ação brusca do sentido de "desordem" da palavra original para o uso da expressão "de supetão" em lugar da francesa "à vrac".

Tabela 7

<i>Philosophie de la Relation, p.14-15</i>	
1	###
5	Que souhaitait cette parole du sacré (c'est de l'entièreté du monde que je parle), mis à part de confirmer tant d'obscurités inévitables? Elle avait supposé, au premier élan, de prévenir (ou de lutter) contre la partition des différences, qui semblait imparable, ensuite , quand les chemins et les inspirations du monde furent en effet divisés, elle s'occupa de rassembler encore ces différences au long d'un même et même halètement, afin que le son divergent qui en résulterait jusqu'aux horizons en parût calme et rassurant.
	#
Primeira tradução, 11/2017	
1	###
5	O que desejava essa fala / palavra do sagrado (é da inteireza do mundo que falo), afora confirmar tantas obscuridades inevitáveis? Ela havia suposto / pretendido, num primeiro impulso, evitar / prevenir (ou lutar) contra a desagregação / separação / divisão das diferenças, que parecia invencível / inevitável, [e] em seguida , quando os caminhos e as inspirações do mundo foram de fato apartados, ela se empenhou em reunir novamente essas diferenças ao longo de um mesmo e mesmo resfolegar, para que o som divergente que disso resultaria até os horizontes parecesse calmo e reconfortante.
	#
Segunda tradução, 11/2019	
1	###
5	O que desejava essa palavra do sagrado (é da inteireza do mundo que falo), afora confirmar tantas obscuridades inevitáveis? Ela pretendia, num primeiro ímpeto, advertir (ou lutar) contra a divisão das diferenças, que parecia inevitável, e em seguida , quando os caminhos e as inspirações do mundo foram de fato apartados, ela se empenhou em reunir novamente essas diferenças ao longo de um só e mesmo ofegar, para que o som divergente que disso resultasse até os horizontes parecesse calmo e reconfortante.
	#

- "ensuite" (linha 4)

→ "e em seguida" (linha 4)

De forma geral, procurei replicar a pontuação do texto original para manter a concatenação das orações em grandes períodos do texto original, mas, por vezes, avaliei que alguma passagem não resultava com a mesma legibilidade. Em alguns casos, como este, senti a necessidade de adicionar uma conjunção para explicitar a relação lógica de "ensuite" ["então", "em seguida"] com o texto posterior ou de traduzir a vírgula precedente por ponto e vírgula, o que me pareceu mais incisivo e menos interessante.

- "afin que le son divergent qui en résulterait jusqu'aux horizons en parût calme et rassurant" (linhas 6 e 7)

→ "para que o som divergente que disso resultasse até os horizontes parecesse calmo e reconfortante" (linhas 6 e 7)

A dificuldade de tradução desta sequência foi primeiramente a sua interpretação. Em meu entender, duas eram as possibilidades de sentido, as quais explicito pelas seguintes paráfrases: (1) a palavra sagrada agiu para que o som divergente resultante, que alcançou os horizontes, parecesse calmo e reconfortante; e (2) a palavra sagrada agiu para que o som divergente resultante parecesse calmo e reconfortante até os horizontes. A incerteza diz respeito à ambiguidade da expressão "jusqu'aux horizons". Mesmo que sua localização favoreça a primeira interpretação, não me pareceu sensato descartar a segunda. Caso a tradução se orientasse pela primeira, haveria a possibilidade de utilizar outro verbo no lugar de "resultar" para o francês "résulter", como "emanar", por exemplo, cujo uso mais bem se adequaria e se vincularia ao complemento "até os horizontes". Como decidi manter a possível ambiguidade, optei pelo verbo cognato.

Tabela 8

Philosophie de la Relation, p.15	
1	Le sacré figurait ainsi une résolution bénéfique des menaçantes diversités, mais le poème n'y trouva pas l'espace d'être connu , il s'était dérobé sous les premiers effondrements de cette terre. Retenons bien : <i>que le poème fut enfoui dans un effondrement de la terre</i> .
5	L'unité et la multiplicité des choses se présentèrent, par habitude plutôt que par commodité, selon l'ordonnance d'une partition par couples et dualités, avant que l'on ne découvrit les genres et les espèces, et cette cadence permit de mieux les distinguer (nous pensons et réagissons encore de cette manière duelle, c'est parfois un étonné plaisir), en attendant aussi que les différences renouvelées s'avouent comme telles, et que le poème une fois encore surgît. Mais déjà les peuples s'étaient séparés, les dominations proliféraient, et tous les fleuris des papayers, les mâles qu'on dit bouarengues parce qu'ils sont stériles, et les papayers femelles qui assument la charge de reproduire l'espèce, avaient fécondé en même temps, et séparément. Nous avons vu cela, un male papaye qui porte des fruits. C'était un ressouvenir des antiques indistinctions. Ayant traversé l'obscur, et l'ayant exprimé, avant d'entrer aux clartés incertaines de nos histoires.
10	
Primeira tradução, 11/2017	
1	O sagrado figurava assim uma resolução benéfica das ameaçadoras diversidades, mas o poema não achou ali o espaço para ser conhecido , ele se havia evadido sob os primeiros afundamentos dessa terra. Fixemos bem: <i>que o poema desapareceu num afundamento da terra</i> . A unidade e a multiplicidade das coisas se apresentaram, antes por hábito do que por comodidade, segundo a ordenação de uma divisão por casais / pares e dualidades, antes que se descobrissem os gêneros e as espécies, e essa cadência permitiu melhor distingui-los (pensamos e reagimos ainda dessa maneira dual, o que é por vezes um prazer admirado), esperando / aguardando também que as diferenças renovadas admitam-se enquanto tais, e que o poema surgisse uma vez novamente. Mas já os povos se haviam separado, as
5	dominações proliferavam [,] e todos os floridos / floradas / flores dos mamoeiros, os machos chamados bouarengues porque são estéreis, e os mamoeiros fêmeas que assumem a responsabilidade de perpetuar a espécie [,] haviam se fecundado ao mesmo tempo, e separadamente. Nós vimos isso, um mamoeiro macho dando frutos. Era uma lembrança das antigas indistincões. Havendo atravessado o obscuro, e havendo-o exprimido, antes de entrar nas clarezas / claridades incertas de nossas histórias.
10	
15	
Segunda tradução, 11/2019	
1	O sagrado representava assim uma resolução benéfica das ameaçadoras diversidades, mas o poema não encontrou o espaço para ser conhecido , ele se escondera sob os primeiros colapsos dessa terra. Fixemos bem: <i>que o poema foi ocultado num colapso de terra</i> . A unidade e a multiplicidade das coisas se apresentaram, mais por hábito que comodidade, segundo a ordenação de uma divisão por pares e dualidades, antes que se descobrissem os gêneros e as espécies, e essa cadência permitiu melhor distingui-los (pensamos e reagimos ainda dessa maneira dual, o que é por vezes um admirável prazer), aguardando também que as diferenças renovadas se assumam enquanto tais, e que o poema surja uma vez mais. Mas os povos já se haviam separado, as dominações se proliferavam e todas as floradas dos mamoeiros, os machos chamados bouarengues por serem estéreis, e os mamoeiros fêmeas que assumem a tarefa de reproduzir a espécie, se haviam fecundado ao mesmo tempo e separadamente. Nós vimos isso, um male papaye carregado de frutos. Era uma lembrança das arcaicas indistincões. Havendo atravessado o obscuro e o havendo expressado, antes de entrar nas clarezas incertas de nossas histórias.
5	
10	

- "le poème n'y trouva pas l'espace d'être connu" (linhas 1 e 2)

→ "o poema não encontrou o espaço para ser conhecido" (linha 2)

O pronome francês "y" certas vezes é traduzido em português por um dêitico, por explicitações e, por vezes, por uma marca zero. No caso da primeira tradução da sequência transcrita, propus "ali" para "y" pois entendi que o pronome designava um local. Na revisão para a finalização da tradução, a solução me pareceu ruim e gratuita, sem sentido claro, o que a tornava dispensável. Em mais uma investida interpretativa para formular o sentido de "y" no trecho original, avaliei que ele poderia se referir ao "sagrado" ou às "ameaçadoras diversidades". Pelo contexto, convenci-me de que se tratava das "diversidades" entendidas como entes ou elementos que ocupavam e regiam o espaço, e neste local é que o "poema" não haveria encontrado seu espaço. Com esse raciocínio, mudei então a tradução de "ali" para "nelas", explicitando seu sentido segundo a interpretação descrita. Mas, por fim, concluí que seria uma dedução temerária e que uma marca zero seria mais apropriada.

- "*bouarengues*" (linha 10) e "*male papaye*" (linha 12)

As duas expressões estão em crioulo, sendo que "*bouarengues*" significa "estéril", como diz o próprio autor, e "*male papaye*" significa "papayer mâle", isto é, "mamoeiro macho", segundo Auguste Horth (1949, p.14). Elas foram emprestadas por possuírem, a meu ver, uma função estética diretamente ligada à forma como são usadas no texto original, a exemplo do que será discutido sobre as dificuldades de tradução de "case", o que envolve também a ocorrência de "caye" em crioulo.

Tabela 9

Philosophie de la Relation, p.16-17	
1	<p>II ##</p> <p>Dans le morne de Bezaudin, en Martinique (le rapport avec les braises originelles, la Pelée, n'est pas loin), et en cette année 2008 : le vert pâle des carrés de jeunes cannes cède à l'obscur de la montée. Il faut quitter les certitudes, après ce temps au loin: éclats, qui nous tentent, nuit des branchages, nus, qui nous emportent de l'ailleurs! Le chemin tourne et vire et hale. Soudain, un de ses plus gros troncs, dont les fruits luisent, comme transparents et frêles, et pourtant oublié ou jadis méconnu, des fruits ainsi fragiles sur des branches farouches. Nous flottons à pleine allure sous leurs étages. Au haut, un large net éclairage tout arrondi de soleil, et des jeunes gens accroupis sous une véranda de terre rouge, comme de tranquilles revendeurs de feuilles, ils ne veulent pas risquer un faux-dire à propos du lieu incertain de cette case, alors ils nous adressent à leur parentèle, qui voisine sous un autre abri, le frère de la mère et le père du père, dont les voix trépident soudain dans l'après-midi sec. Je réapprends tout d'un coup la langue d'en haut, un créole en jets, qui glisse et concasse en même temps. >>></p>
Primeira tradução, 11/2017	
1	<p>II ##</p> <p>No morro de Bezaudin, na Martinica (a ligação com as brasas originais, o [monte] Pelée, não está longe), e neste ano de 2008: o verde pálido dos quadrados / lotes de cana jovem, cede ao obscuro da subida. É preciso abandonar as certezas, depois desse tempo afastado / longe: lampejos [parece fraco...], que nos tentam, noite das ramagens, nuas, que nos carregam de / do alhures / do / de outro lugar! O caminho vira e torna e sobe. De repente, um de seus [de quem?] maiores troncos cujos frutos reluzem, de transparentes e delicados, e no entanto esquecido ou há muito / já desconhecido, frutos assim frágeis [assim] em galhos brutos / robustos. Nós flutuamos [desvio de sentido?] / vagamos [sentido mais pertinente?] à toda velocidade sob suas elevações. No alto, uma luz forte e clara arredondada de sol (,) e jovens agachados numa varanda / tenda de terra vermelha / batida (,) como tranquilos vendedores de folhas, eles não querem arriscar uma indicação errada a respeito do lugar incerto dessa casa / casebre / morada, então eles nos mandam aos seus parentes, que estão perto em outro abrigo, o irmão da mãe e o pai do pai, cujas vozes trepidam de repente na tarde seca. Reaprendo de uma vez só / subitamente a língua do alto, um crioulo em jatos, que desliza e se contém ao mesmo tempo. >>></p>
Segunda tradução, 12/2019	
1	<p>II ##</p> <p>No morro de Bezaudin, na Martinica (o vínculo com as brasas originais, o monte Pelée, não está longe), e neste ano de 2008: o verde pálido dos jovens canaviais cede ao obscuro da subida. É preciso abandonar as certezas, após esse tempo afastado: cintilações, que nos tentam, noite de ramagens, nuas, que nos transportam desde alhures! O caminho vira e volta e se ergue. De repente, um de seus maiores troncos, cujos frutos reluzem, por transparentes e delicados, e no entanto esquecido ou desde sempre desconhecido, frutos frágeis assim em galhos selvagens. Avançamos a passos largos sob suas copas. No alto, uma grande clareira repleta de luz do sol, e jovens agachados sob uma varanda de terra vermelha, como tranquilos vendedores de folhas, eles não querem arriscar uma indicação errada a respeito do lugar incerto daquela casa, então nos mandam aos seus parentes, que estão perto em outro abrigo, o irmão da mãe e o pai do pai, cujas vozes trepidam súbitas na tarde seca. Reaprendo de uma só vez a língua do alto, um crioulo em jatos, que desliza e golpeia ao mesmo tempo. >>></p>

- "la Pelée" (linhas 3 e 4)

→ "o monte Pelée" (linhas 3 e 4)

Tratou-se aqui de uma solução intermediária entre uma tradução excessivamente explicativa e a busca de uma composição legível em português. Estou ciente de que em muitos casos de nosso contexto também omitimos em português o nome dos acidentes geográficos quando nos referimos a eles como, por exemplo, ao (morro do) Pão de Açúcar. Mas, se por um lado considero que o texto original não se destina necessária ou exclusivamente ao público que compartilha com Édouard Glissant essas referências regionais, o que permite que a tradução mantenha como regra geral as potenciais dificuldades do texto, por outro lado, a referência ao vulcão sem explicitação do acidente – "a Pelée" – resultaria como estranheza não presente no original, pois tanto o nome continua estrangeiro como, por isso mesmo, destoa de um texto em língua portuguesa. Assim, optei pelo uso de "monte", aparentemente a caracterização mais corrente de Pelée, em lugar de "vulcão", que considerei demasiadamente explicativo.

- "carrés de jeunes cannes" (linha 4)

→ "jovens canaviais" (linha 4)

Em seu contexto relacionado à agricultura, "carré" designa uma porção de terra em que se cultiva algo, embora se possa imaginar também a aplicação do sentido próprio em referência ao formato do terreno de cultivo. Na primeira tentativa, a tradução literal resultou estranha, motivo pelo qual busquei algum sinônimo contextual. Todavia, abandonei essa estratégia após notar que poderia empregar com pertinência a palavra "canavial", que aglutina, na minha interpretação, os sentidos de duas palavras da expressão original, "carré" e "cannes", isto é, o de "terreno cultivado" e a especificação desse cultivo.

Mas a pertinência a que me refiro diz mais respeito à questão histórica e à relação entre a cana-de-açúcar, a escravidão e a fuga de escravizados para os morros na Martinica e em outras então colônias antilhanas, questão oculta, mas impregnada à narrativa. Em nosso contexto, "canavial" é capaz de evocar algo similar por conta do compartilhamento de uma mesma macro-história.

- "case" (linha 11)

→ "casa" (linha 12)

Por se tratar da palavra que orientou a análise e a seleção dos trechos do ensaio, a exposição do processo de tradução de "case" e palavras relacionadas será feita ao fim do relato. Por isso, para esta ocorrência e para as próximas, atendo-me a apenas uma análise contextual. Esta é a primeira ocorrência da palavra e, da mesma forma como o narrador procura o caminho para ela, o leitor se pergunta que casa seria essa, o que é esclarecido no mesmo capítulo.

Tabela 10

Philosophie de la Relation, p.17	
1	>>> Où est cette maison primordiale, notre caye , dont les murs de terre et les clayonnages pendant ces temps avaient fait place à des tôles rouillées, de sorte qu'elle ressemblait à la fin à moins qu'une cabane à débarras ? J'y avais accompagné, il y a douze ans passés, un de mes fils encore enfant. Accroché à moi, tout effrayé par cette image du vide et du délaissement, il
5	s'était détourné vers le bruit désormais affaibli de la rivière d'en bas. J'avais aussi essayé de deviner au travers d'une claie les contours des ombres à l'intérieur, mais ce n'avait été qu'un gros de ténèbres, sans doute ravagé de bêtes à mille pattes et de bêtes longues , rassasiées de roches à Volcan. C'est pourtant là que je suis né. Aujourd'hui, je ne retrouve pas le chemin, ces voix se disputent les directions de la case, l'aigu déblatérant du père du père, la minutie têtue
10	du frère de la mère, celui-ci plus jeune et plus retenu, l'aîné plus pathétique et affable et véhément, comme du verre blanc qui casse, nous décidons pour la minutie, nous suivrons sa direction, mais déjà c'est trop tard.
Primeira tradução, 12/2017	
1	>>> Onde está essa casa primordial, nossa caye , cujas paredes de terra e as sebes, durante esse tempo, haviam dado lugar a telhas enferrujadas, de tal maneira que ela parecia no final menos que um quarto de despejo?. Há doze anos atrás, eu tinha / havia levado até lá um dos meus filhos ainda criança. Agarrado em mim, muito assustado por essa imagem do vazio e do
5	abandono, ele havia / tinha se virado na direção do ruído, desde então mais fraco / enfraquecido, do rio abaixo. Eu também tinha / havia tentado / tentara adivinhar através de uma grade / cerca os contornos das sombras no interior, mas tudo era uma (grande) escuridão (só), infestada sem dúvida por bichos de mil patas e bichos compridos , alimentadas com rochas de Vulcão. No entanto, é aqui que eu nasci. Hoje, eu não encontro / encontrarei o caminho,
10	essas vozes se debatem sobre o caminho para a casa, a aguda tagarelice do pai do pai, a minúcia teimosa do irmão da mãe, sendo este mais jovem e mais reservado e, o mais velho, mais simpático e afável e veemente, como vidro branco quando quebra, decidimos pela minúcia, seguiremos sua indicação, mas já é / está tarde demais.
Segunda tradução, 12/2019	
1	>>> Onde está aquela morada primordial, nossa caye , cujas paredes de terra e cercas, ao longo do tempo, deram lugar a chapas enferrujadas, de forma que ao fim ela não se parecia sequer com um depósito? Eu levava até lá, há doze anos, um de meus filhos ainda criança. Agarrado a mim, assustado por aquela imagem do vazio e do abandono, ele se virara na direção do barulho
5	desde então enfraquecido do rio de baixo. Eu tentara adivinhar também por uma cerca as formas das sombras no interior, mas era tudo uma escuridão só, sem dúvida infestada de bestas de mil patas e bestas compridas , saciadas a rochas de vulcão. No entanto, foi lá que eu nasci. Hoje, eu não consigo encontrar o caminho, essas vozes se debatem sobre a direção da casa, a tagarelice aguda do pai do pai, a minúcia teimosa do irmão da mãe, este mais jovem e
10	mais reservado, o mais velho, mais simpático e afável e veemente, como o vidro quando se quebra, decidimos pela minúcia, seguiremos a sua indicação, mas já está tarde demais.

• "Où est cette maison primordiale, notre caye" (linha 1)

→ "Onde está aquela morada primordial, nossa caye"

Nesta sequência temos duas formas pelas quais o autor se refere à habitação procurada, "maison primordiale" e "caye", sendo a segunda uma transcrição pessoal da palavra em crioulo martinicano para "casa", conforme consta na entrada "kay" do dicionário

elaborado por Raphaël Confiant (2007). O trecho do texto em itálico (tabela 10) se segue à descrição do contato súbito do narrador com a "língua do alto" (tabela 9), isto é, justamente o crioulo, mas, além disso, há o fato de se tratar de uma de suas variações, a qual nós, leitores, podemos deduzir como mais significativa na experiência de Glissant, pois esse contato talvez desperte memórias do tempo em que viveu na região, ou próximo a ela, e de outras vezes em que se aventurou na mesma busca. Assim, as duas formas se complementam para indicar a função e o significado daquela casa, o local da gênese particular do narrador que aglutina uma série de aspectos do que sente e considera que o compõem e, assim, enraízam-no em sua relação com o mundo.

- "bêtes longues" (linha 7)

→ "bestas compridas" (linha 7)

A expressão "bêtes longues" poderia passar facilmente despercebida, ainda mais logo após a expressão "bêtes à mille pattes", ou "bichos de mil patas", em que esta pode remeter de forma igualmente fácil aos insetos do local. Porém, outra ocorrência mais adiante no texto original fez-me buscar indícios de um sentido mais específico. Conforme Confiant (2007), "bet-lonng" é o nome metafórico usado para as serpentes quando não se quer dizer seu nome específico. Embora eu tenha encontrado indícios em fontes informais de que essa designação possa ser também de uso cotidiano na língua crioula, o que agiria em favor de tradução explicativa, por outro lado, o nome ocorre em obras de ficção de Édouard Glissant, entre outros autores caribenhos, e tem uma série de associações e sentidos (CAILLER, 1988, p.131).

Assim, como denominação traduzida do crioulo pelo autor e usada em textos de expressão em língua francesa, não seria condizente com meu projeto tradutório explicitar seu sentido como "serpente", principalmente porque o autor poderia fazê-lo e não o fez. Por fim, as opções se reduziram a "bichos" ou "bestas", para o nome, e "longas/os" ou "compridos", para a adjetivação. Optei por "bestas", na acepção de "animais", por conta de seu registro mais literário do que o de "bichos" e pelo potencial sentido de agressividade e ameaça, o que condiz com a cena em que se insere. Quanto ao adjetivo, avaliei que o português "compridas" soa melhor associado a "bestas" e corresponde ao francês "longues" quanto ao registro de uso corrente.

Tabela 11

Philosophie de la Relation, p.18	
1	III
	##
5	Tu ne trouveras pas la case, à cette fois, parmi les pousses et les souques de ciment neuf, déjà cassé, comme ces yoles de travers, menées à l'aviron. À jamais tu ne trouveras.
	#
10	Nous dévrons, pendant passé une heure, à travers les damiers de nuit et de soleil et les déchirures des ombres sous le branchage, nous enroulons les chuintements d'herbe et de boue alternées dans ce qui restait des anciens chemins. Nous espérons perdre nos corps dans ce chahut de végétation où la chaleur bouillonne, comme dans un canari sur le feu, couvert de trois roches. Je suis assourdi que je n'entende pas le ruissellement jadis persistant du bruit de la rivière d'en bas : non pas en cela que je m'y serais habitué, mais parce qu'il n'y a plus aucune de ces brisures d'eaux, elles aussi attachées de roches, pour monter avec nous le morne.
Primeira tradução, 12/2017	
1	III
	##
5	Você não encontrará a casa, desta vez, entre os brotos e os escombros de cimento novo, já quebrado, como aqueles barcos entornados, movidos a remo. Nunca mais você encontrará.
	#
10	Perambulamos, por mais de uma hora, através dos tabuleiros / do xadrez de noite e de sol e os rasgos das sombras sob a ramagem, enrolamos os cochichos de grama e lama alternadas no que restava dos antigos caminhos. Esperamos perder nossos corpos nessa balbúrdia / tumulto de vegetação onde o calor ferve, como um caldeirão no fogo, com três pedras sobre ele. Estou tão ensurdecido que não escuto o ruído / o jorro / o som outrora persistente do ruído / barulho do rio debaixo: não por aquilo com que eu estaria acostumado, mas porque não há mais nenhuma dessas quedas d'água, elas também remendadas com pedras / rochas para subir[em] conosco o morro.
Segunda tradução, 12/2019	
1	III
	##
5	Você não encontrará a casa, desta vez, entre os brotos e as fundações de cimento novo, já quebrado, como aqueles esquifes de través, movidos a remo. Nunca mais você encontrará.
	#
10	Vagamos, por mais de uma hora, por entre os xadrezes de noite e sol e os trapos de sombras sob a ramagem, enrolamos o chiado de grama e lama alternadas no que restava dos antigos caminhos. Esperamos perder nossos corpos nesse tumulto de vegetação em que o calor borbulha, como num caldeirão no fogo, tampado por três rochas. Estou ensurdecido a não escutar o fluir outrora persistente do murmúrio do rio de baixo: não por ter me acostumado a ele, mas porque não há mais nenhum desses veios d'água, eles também presos por rochas para subirem conosco o morro.

- "souques" (linha 3)

→ "fundações" (linha 3)

"Souques" não foi encontrado como substantivo (a não ser como topônimo), mas como forma conjugada do verbo "souquer", de uso registrado no campo da navegação e que significa "apertar (um nó)" e, na forma intransitiva, "remar com força" (INFOPÉDIA, 2019). Apesar de Édouard Glissant utilizar muito o vocabulário relativo ao mar e à navegação, algo de fato presente no próprio parágrafo da palavra em foco na sequência "comme ces yoles de travers, menées à l'aviron" (linha 4) ["como aqueles esquifes de través, movidos a remo"], não foi possível encontrar um sentido dentro do campo semântico que parecesse cabível no contexto. A questão toma uma dimensão mais relevante pelo fato de essa palavra nomear a primeira seção do ensaio e em que se encontram os três primeiros capítulos, incluindo este cuja tradução comento. Mas isso pode também ajudar a nos aproximarmos do sentido buscado por indicar mais relações de contexto.

Para David Llorca, tratar-se-ia de um neologismo de Glissant derivado de "souches", em referência às raízes de uma árvore, e do verbo "souquer" no sentido de "remar energicamente", em referência aos navios usados no tráfico de africanos escravizados, para "faire appel à l'imaginaire poétique – et à la digenèse – pour penser une réalité impénétrable, celle de l'origine" (LLORCA, 2016, p.9). Embora plausível, não há para mim elementos suficientes para subscrever essa análise. A meu ver, o que é mais pertinente em sua perspectiva é a identificação da origem como tema principal de toda a seção, além do fato involuntário de que, por ser francês e francófono nativo (LLORCA, 2016, p.202), reforça a percepção de que se trata de neologismo ou palavra muito rara.

Minha primeira tradução para o trecho já havia abandonado o campo semântico da navegação e considerou o léxico ligado à construção por conta de sua associação a "ciment neuf" ["cimento novo"] e por se tratar, pelo contexto do capítulo, de um cenário de ruínas, elementos pelos quais cheguei a "escombros". Assim, uma interpretação possível do primeiro parágrafo seria que, após um tremor de terra ou na iminência de um ou mais afundamentos do solo, a área foi evacuada e restaram as casas vazias em ruínas, caso em que facilmente se imaginam brotos de plantas retomando o espaço e os escombros das edificações ainda pouco intemperizados, isto é, com aparência de "cimento novo" pelo pouco tempo decorrido depois desses eventos ou por se tratar talvez de construções interrompidas.

Quanto à coerência tradutória, essa opção poderia igualmente nomear a seção, pois os três capítulos abordam a obscuridade e inacessibilidade da origem – metaforizada por afundamentos da terra, ruínas e escombros – e o esforço em recuperá-la ou atribuir sentido ao seu desaparecimento pela invenção poética e pela reflexão filosófica. A opção final acabou sendo "fundações" porque parecia redundante no contexto que se afirmasse que os escombros de cimento novo já estavam quebrados e por remeter mais diretamente ao possível sentido de "souques" como "raízes" e metáfora de "origem".

Tabela 12

Philosophie de la Relation, p.19	
1	Les (gros) caïmitiers bleus et les abricots dont la peau s'écorche comme un liège adouci, les mangues zéphirine et les chadèques inattaquables se sont mêlés en un recommencement de temps et de terres, déjà recouverts de lianes douces et d'un semblant continu d'herbes à
5	demi puantes, la terre à cet endroit s'est effondrée et s'est comme retournée sur elle-même, et les énormes racines éventrent toujours des cargaisons de branchages, bateaux coulés dont il semblerait qu'ils transportent encore leur plein de vivres. L'odeur de macéré a remplacé le bruit d'eau. Des barrages de troncs et d'empilements de terre bouchent des accès improbables, les maisons de ciment alentour ont été évacuées, toute la famille étendue, la mienne, qui avait
10	circulé là (ici) a été distribuée à la ronde, et au mitan la case a disparu dans cet effondrement de la terre, comme un poème des premiers jours.
Primeira tradução, 12/2017 e 07/2018 (revisão parcial)	
1	Os (grandes) abieiros roxos / azuis e os damascos cuja casca se desprende como uma cortiça adocicada, as mangas zéphirine e os chadeques inatacáveis se misturaram num
5	recomeço de tempos e terras, já [re]cobertos de trepadeiras suaves e de uma aparência contínua de folhas meio malcheirosas, a terra, nesse lugar, se afundou e como que se voltou sobre si mesma, e as enormes raízes continuam eviscerando / ainda evisceram cargas / lotes /
10	massas de ramagens, barcos naufragados / afundados / entornados os quais pareceriam transportar ainda todos os seus víveres. O cheiro pisado / macerado substituiu o barulho de / d' água. Barragens de troncos e montes de terra bloqueiam acessos improváveis, as casas / residências de alvenaria do entorno foram evacuadas, toda a família estendida / mais distante, a minha, que circulou por ali (aqui) foi distribuída ao redor e, no meio, a casa desapareceu nesse afundamento da terra, como um poema dos primeiros dias.
Segunda tradução, 12/2019	
1	Os (grandes) abieiros roxos e os abricôs cuja pele se desprende como uma cortiça delgada, as mangas espada e as cimboas inatacáveis se mesclaram num recomeço de tempos e
5	terras, já recobertos por leves trepadeiras e por uma feição contínua de plantas em parte malcheirosas, a terra, nesse lugar, colapsou e é como se ela se houvesse revirado sobre si mesma, e as enormes raízes continuassem eviscerando as cargas de ramagens, barcos naufragados que pareceriam transportar ainda todos os seus víveres. O odor macerado substituiu o barulho d'água. Barragens de troncos e montes de terra bloqueiam acessos improváveis, as habitações de alvenaria do entorno foram evacuadas, toda a família espalhada, a minha, que circulara por ali (aqui) foi distribuída ao redor e, no meio, a casa desapareceu
10	nesse colapso da terra, como um poema dos primeiros dias.

- "les maisons de ciment" (linhas 7 e 8) / "la case" (linha 9)

→ "as habitações de alvenaria" (linhas 7 e 8) / "a casa" (linha 9)

A explicitação do material das casas do entorno – "ciment" ["cimento"] – evidentemente contrasta com a descrição anterior da casa da infância do narrador, construída com materiais como chapas de metal e barro, isto é, frágil e precária. Além disso, diante de seu desaparecimento definitivo, é equiparada ao "poema original" e, como ele, torna-se obscura e fugidia.

Tabela 13

Philosophie de la Relation, p.19-20	
1	Mais le poème est en effet la seule dimension de vérité ou de permanence ou de déviance qui relie les présences du monde, conquérants et peuples ravagés, savants et communautés élémentaires, chants et hèlelements, paisibles dialogues avec les bois et les eaux et les feux de l'étendue et poussées sauvages dans l'inconnu des ombres, graves poètes de
5	service et griots sans limites, improvisateurs de pampa et cadenceurs de rames, communautés criardes et peuples sans parole audible, techniciens des machines à étourdir et vulgarisateurs impudents, sous toutes les formes, à commencer par la fréquentation insoupçonnée que nous avons de nos entours, un pipiri d'acacia qui là se fige et commence de rêver son chant.

10	Cette parole des vieilles Afriques prononce, "seule la route connaît le secret", ou plus secrètement, "seule la route connaît le chemin". L'aimant du monde nous mène dans ces directions que nous ne savions pas.
Primeira tradução, 12/2017 e 07/2018 (revisão parcial)	
1	Mas o poema é de fato a única dimensão de verdade ou de permanência ou de desvio que conecta / liga / une as presenças do mundo, conquistadores e povos arrasados / devastados, sábios e comunidades elementares / simples [""primitivas""], cantos e chamamentos / invocações, calmas conversas tranquilas com as matas e as águas e as chamadas
5	es-fogos da extensão e [as?] arremetidas / incursões / investidas selvagens no desconhecido das sombras, poetas graves contratados e griôs sem limites, improvisadores das pampas e cadenciadores de ramos, comunidades ruidosas e povos sem fala palavra audível, técnicos de máquinas para desorientar e vulgarizadores inescrupulosos / impudentes / despudorados, sob todas as formas, a começar pela frequência insuspeitada que temos de nosso entorno, um
10	pipiri de acácia que ali se põe e começa a sonhar com seu canto.

	Essa fala / Esse dito das velhas Áfricas diz pronuncia, "só / apenas a estrada conhece o segredo", ou, mais secretamente, "só a estrada conhece o caminho". O ímã / bússola / magnetismo / A atração do mundo nos leva por nessas direções que não conhecíamos.
Segunda tradução, 12/2019	
1	Mas o poema é de fato a única dimensão de verdade ou permanência ou desvio que liga as presenças do mundo, conquistadores e povos devastados, sábios e comunidades elementares, cantos e chamamentos, serenos diálogos com as matas e as águas e os fogos do espraio e investidas selvagens no desconhecido das sombras, solenes poetas a serviço e
5	griôs sem limites, improvisadores da pampa e cadenciadores de remo, comunidades estridentes e povos sem palavra audível, técnicos de máquinas atordoantes e vulgarizadores impudentes, sob todas as formas, a começar pela frequência insuspeitada que fazemos de nosso entorno, um suiriri de acácia que ali pousa e começa a sonhar o seu canto.

10	Esse dito das velhas Áfricas anuncia, "só a estrada conhece o segredo", ou, mais secretamente, "só a estrada conhece o caminho". O ímã do mundo nos leva nessas direções que não conhecíamos.

• "pipiri" (linha 8)

→ "suiriri" (linha 8)

A rota de pesquisa para tradução desse nome foi similar àquela percorrida para a tradução dos nomes de frutas da tabela 12, a qual explico nesta ocasião. Primeiramente,

quanto ao seu significado, trata-se de um pássaro presente no Caribe, na América Central e extremo norte do Brasil, nomeado assim por onomatopeia (LITTRÉ, 1874, p.1127). Outras fontes informam que é conhecido, em francês, também por "Tyran gris" e que seu nome científico é *Tyrannus dominicensis* (WIKIPÉDIA (FR), 2019). Por fim, com seu nome científico, foi possível sondar mais seguramente seus possíveis nomes em português, forma pela qual encontrei a denominação "suiriri-cinza" (CBRO, 2014, p.33). Seu nome composto se deve ao fato de que existem outros pássaros chamados "suiriri". Um ponto positivo dessa opção é que aparentemente também é motivada por onomatopeia e, mesmo que não tenha sido possível confirmá-lo, há uma grande semelhança com a forma do texto em francês. Por outro lado, o segundo elemento, "cinza", estende o nome e o texto original, além de contrastar em origem e motivação com "suiriri". Assim, optei apenas por "suiriri" como uma denominação intermediária entre o genérico e o particular e de resultado estético similar à minha interpretação do original.

Tabela 14

Philosophie de la Relation, p.101-102	
1	XVIII ##
5	À partir de quoi, la différence, déjà considérée comme diminution, fut réputée absolue amputation. Toute et n'importe quelle différence. Il fallait un contraste à l'absolu, et la différence ne fut établie que comme éternellement une virtualité, un en-deçà, sans cesse repoussée par cet éclat dense et rayonnant de l'Être.
10	Selon une philosophie de la Relation, la différence pourrait bien être aléatoire à l'Un, en tant que celui-ci réfléchirait l'Être (du monde), mais elle est avant tout le signe et le relais des unités-diversités, en tant que les différents rassemblent l'être-comme-étant (du tout). La différence contribue à la fusion aussi bien qu'à la distinction. Les bruits cascadants de la rivière d'en bas, qui remontaient le morne de Bezaudin, lieu de naissance et de continuité, constituaient le vrai paysage de l'environ, et le réalisme était de les entendre d'abord, si continus dans les flamboiements de touffeur, puis de les oublier, amalgamés aux feuillages. >>>
Primeira tradução, 09/2018	
1	XVIII ##
5	A partir do que, a diferença, já considerada como diminuição, reputou-se [como] amputação absoluta. Toda e qualquer diferença. Era necessário um contraste ao absoluto, e a diferença foi estabelecida apenas e eternamente como uma virtualidade, um aquém, repellido sem descanso por esse brilho denso e radiante do Ser.
10	Segundo uma filosofia da Relação, a diferença bem poderia ser aleatória [?] ao Um [Uno?], na medida em que este refletiria o Ser (do mundo), mas ela é, antes de tudo, o sinal e o revezamento / rodízio das unidades-diversidades, na medida em que os diferentes agregam [agrupam?] o ser-como-sendo (do todo). A diferença contribui para a fusão tanto quanto para a distinção. O barulho murmurejante do rio de baixo, que retorna ao morro Bezaudin, lugar de nascimento e continuidade, constituía a verdadeira paisagem do entorno, e o realismo era primeiramente ouvi-lo, tão contínuo nas cintilações de mormaço, e depois esquecê-lo, amalgamado às folhagens. >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	XVIII ##
5	A partir do que a diferença, já considerada diminuição, reputou-se amputação absoluta. Toda e qualquer diferença. Era necessário um contraste com o absoluto, e a diferença não foi estabelecida senão como, eternamente, uma virtualidade, um aquém, incessantemente repelida por esse brilho denso e radiante do Ser.
10	Segundo uma filosofia da Relação, a diferença bem poderia ser aleatória ao Uno, na medida em que este refletiria o Ser (do mundo), mas ela é, antes de tudo, o sinal e a substituta das unidades-diversidades, enquanto os diferentes reúnem o ser-como-ente (do todo). A diferença contribui tanto para a fusão quanto para a distinção. O som murmurejante do rio de baixo, que retornava ao morro de Bezaudin, lugar de nascimento e continuidade, constituía a verdadeira paisagem do entorno, e o realismo era primeiramente ouvi-lo, tão contínuo nas chamas do mormaço, e depois esquecê-lo, amalgamado às folhagens. >>>

- "éclat" (linha 6)

→ "brilho"

A palavra "éclat" têm sentidos diversos ao longo do texto, o que dificulta a adoção de uma única tradução para todas as ocorrências. Isso seria o ideal se se tratasse de uma noção trabalhada direta ou explicitamente por Édouard Glissant. Por não ser esse o caso, as traduções escolhidas levaram em conta sua polissemia e procuraram contemplar os sentidos interpretados como predominantes em cada caso. Na ocorrência da tabela 4 (texto original, linha 12), o contexto de uso era a influência do "poema original" nas línguas, o que "centelha", escolha de tradução naquele caso, expressa por sua metaforização frequente como disseminação. Na tabela 9 (texto original, linha 5), "éclats" se opõe a "nuit" ["noite"] que vem em seguida, motivo pelo qual optei por "cintilações" para manter o elemento estético dominante segundo minha interpretação.

No contexto do caso presente, "éclat" é qualificado como "dense" ["denso"] e "rayonnant" ["radiante"], o que não favorece o uso das traduções anteriores por seus possíveis sentidos de fraqueza ou pequenez. Outra opção considerada foi "fulgor", mas a descartei por seu registro tendente ao literário, que não é necessariamente o caso de "éclat", e por seu sentido de maior intensidade, o que seria redundante em conjunto com os adjetivos do texto original. Por fim, decidi-me por "brilho" por seu registro corrente e por ser mais neutro, permitindo a qualificação sem redundância neste contexto.

Tabela 15

Philosophie de la Relation, p.102	
1	>>> Quand vous n'entendiez plus ce bruit (cette différence), vous étiez entré sans relais dans le paysage. (Non pas comme le voyageur qui à la fin, et par accoutumance, n'est plus encombré de la rumeur rythmée de la nuit tropicale, mais comme l'iguane et l'anoli qui se vêtent des chahuts de la chaleur et s'en nourrissent.) La différence est de la première innocence, ou de la 5 grâce, de quoi? Du rapport du détail au tout. De mon détail (la roche d'eau) à mon environ (le pays). De mon détail (le lieu) à mon entour (le monde). Il n'y a dès lors pas de description réaliste qui tienne. Un détail n'est pas un fragment, il interpelle la totalité. Aucun "réalisme" n'aborde à la totalité (non totalitaire). À la totalité diffractée changeante. Le bruit d'eau qui étincelle d'en bas le morne et monte, c'est une poétique du lieu, quand même le dessèchement 10 aura tari son écho. >>>
Primeira tradução, 09/2018	
1	>>> Quando você não escutasse mais esse ruído (essa diferença), você teria entrado sem revezamento / rendição / suplência / descanso na paisagem. (Não como o viajante que, finalmente e por acostumar-se, não é mais perturbado pelo rumor ritmado da noite tropical, mas como a iguana e o anolis que se vestem do estorvo do calor e dele se alimentam). A 5 diferença é da primeira inocência, ou da graça [?], do quê? Do elo / Da ligação do detalhe ao todo. Do meu detalhe (a pedra d'água) à minha cercania (o país / [minha?] a terra). Do meu detalhe (o lugar) ao meu entorno (o mundo). Desde então, não há descrição realista que se sustente. Um detalhe não é um fragmento, ele interpela a totalidade. Nenhum "realismo" se acerca da totalidade (não totalitária). Da totalidade difratada mutante. O barulho d'água, que 10 lampeja debaixo do morro e sobe, é uma poética do lugar, mesmo quando a estiagem terá secado seu eco. >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Quando você não escutasse mais esse ruído (essa diferença), você haveria entrado sem substituto na paisagem. (Não como o viajante que, por fim e por hábito, não é mais perturbado pelo rumor ritmado da noite tropical, mas como a iguana e o anolis que se vestem da algazarra do calor e dela se alimentam). A diferença é da primeira inocência, ou da graça, do quê? Do 5 vínculo do detalhe ao todo. Do meu detalhe (a rocha d'água) aos meus arredores (a região). Do meu detalhe (o lugar) ao meu entorno (o mundo). Não há, por isso, descrição realista que se sustente. Um detalhe não é um fragmento, ele interpela a totalidade. Nenhum "realismo" se acerca da totalidade (não totalitária). Da totalidade difratada cambiante. O barulho d'água, que cintila nos baixos do morro e sobe, é uma poética do lugar, mesmo quando a estiagem tiver 10 estancado seu eco. >>>

Tabela 16

Philosophie de la Relation, p.102-103	
1	>>> La case de la naissance est une des poétiques du lieu, même si vous la cherchez encore sous les éboulements où elle a disparu. La poésie révèle, dans l'apparence du réel, ce qui s'est enfoui, ce qui a disparu, ce qui s'est tari. Loin d'être un accident, ou un avatar, la différence, perceptible (réelle) ou non, est avant tout la conductrice de cette quête, par quoi l'écho égaré de la rivière ou la ruine enfouie de la case renaissent au chant: une composante, et plus avant, un relais, une liaison de ce qui persiste. Il me vient que depuis longtemps l'altitude me bouleverse, que le vertige d'en haut me chavire, et que pourtant rien ne me convient plus que d'équivaloir les élans de nos mornes familiers, de Pérou , de Bezaudin et de Reculée, dans ce nord de la Martinique soumis à la Pelée, et les immensités du Pérou précisément, et en particulier les pentes en gouffre qui mènent à Chavín de Huantar, d'où les cultures préincaïques ont basculé.
5	
10	
Primeira tradução, 09/2018	
1	>>> A casa do nascimento é uma das poéticas do lugar, mesmo que você ainda a procure sob os escombros em que ela desapareceu. A poesia revela, na aparência do real, o que se foi, o que desapareceu, o que secou. Longe de ser um acidente, ou um avatar, a diferença, perceptível (real) ou não, é antes de tudo a guia dessa busca, pelo que o eco distante do rio ou a ruína perdida da casa renascem no canto: um componente e, mais adiante, um substituto, uma ligação do que persiste. Ocorre-me / Ocorre a mim que há muito a altitude me desorienta, que a vertigem da altura me transtorna, e que, no entanto, nada me convém mais do que equivaler os impulsos de nossos morros familiares, Pérou , Bezaudin e Reculée, neste norte da Martinica submetido ao Pelée, e as imensidões do Peru precisamente, e em particular as escarpas em fosso / abismo que levam a Chavín de Huantar, de onde as culturas pré-incaicas tombaram.
5	
10	
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> A casa do nascimento é uma das poéticas do lugar, mesmo que você ainda a procure sob os escombros em que ela desapareceu. A poesia revela, na aparência do real, o que se ocultou, o que desapareceu, o que se estancou. Longe de ser um acidente, ou um avatar, a diferença, perceptível (real) ou não, é antes de tudo a condutora dessa busca, pelo que o eco distante do rio ou a ruína ocultada da casa renascem no canto: um componente e, mais adiante, um substituto, um elo do que persiste. Ocorre-me que há muito tempo a altitude me desorienta, que a vertigem da altura me transtorna e que, no entanto, nada me compraz mais do que equivaler os ímpetus de nossos morros familiares, Pérou , Bezaudin e Reculée, neste norte da Martinica submetido ao monte Pelée, e as imensidades do Peru , precisamente, e, em particular, as escarpas em fosso que levam a Chavin de Huantar, a partir de onde as culturas pré-incaicas se abalaram.
5	
10	

- "La case de la naissance" (linha 1); "case" (linha 5)

→ "A casa do nascimento" (linha 1); "casa" (linha 5)

Neste capítulo, observei que Édouard Glissant começa a explicitar os sentidos de "case" dentro de sua poética e de sua filosofia. Após uma longa seção de exploração de diversas de suas noções, ela ressurgiu no ensaio como uma entidade alegórica facilmente retomada pelo complemento "de la naissance" ["do nascimento"], o qual se torna implícito daí em diante e condensa em "case" todas as imagens trabalhadas anteriormente. Para o

que será exposto sobre a opção de tradução, é importante notar que "case" se refere sempre a uma mesma casa.

Tabela 17

Philosophie de la Relation, p.117-118	
1	XXI ##
5	Cette cabane était engloutie à la fin dans un enfoncement de la terre. Comme si toutes les naissances auxquelles elle avait donné lieu, et la mienne par conséquent, étaient retournées à un abîme primordial, aussitôt recouvert de banalités végétales organisées en chaos. Fragilité de la naissance, qui vous emporte. N'essayez pas de rejoindre ces profondeurs, alors même que vous les avez pressenties tout ce temps. À cet endroit où la case de la naissance s'est enfoncée, peut-être le temps ne roule-t-il plus, immobile parmi les temps qui ventent alentour. Mais selon ce même pressentiment, j'avais toujours eu l'impression de vieillir au rythme même de la terre, cette infime poussière de l'univers, moi poussière (archipel) encore plus inimaginablement infinitésimale de cette molécule terre, dont l'étrange grandeur est qu'elle nous sert à bâtir, ce qui porte à outrance nos vanités. Je sens que nous avons vieilli ensemble, elle à coups de millions d'années, et moi distribuant ces quelques journées dont j'ai disposé, dont l'allure ralentit à mesure. >>>
10	
Primeira tradução, 10/2018	
1	XXI ##
5	Essa / Aquela / A cabana foi / fora engolida por fim num afundamento da terra. Como se todos os nascimentos aos quais ela havia dado lugar, e o meu, consequentemente, houvessem retornado a um abismo primordial, tão logo recoberto por banalidades vegetais organizadas em caos. Fragilidade do nascimento que lhe transporta. Não tente chegar / atingir essas profundezas, mesmo que você as tenha pressentido todo esse tempo. Nesse lugar, onde a casa do nascimento se afundou, talvez o tempo não corra mais, imóvel entre os tempos que sopram em torno. Mas, segundo esse mesmo pressentimento, eu tive sempre a impressão de envelhecer no ritmo da própria terra, esse ínfimo grão de pó / poeira do universo, eu, grão de pó / poeira (arquipélago) ainda mais inimaginavelmente infinitesimal dessa molécula terra cuja estranha grandeza é que ela nos serve / a de nos servir para / a construir / edificar / tramar, o que abusa / desgasta / veste-leve ao exagero / à caducidade nossas vaidades. Sinto que envelhecemos juntos, ela, de milhões em milhões de anos, e eu, distribuindo esses poucos dias dos quais dispus, cuja velocidade diminui / se afrouxa na mesma medida. >>>
10	
15	
Segunda tradução, 01/2020	
1	XXI ##
5	Aquele casebre fora engolido por fim num afundamento da terra. Como se todos os nascimentos aos quais ele dera lugar, e o meu, consequentemente, houvessem retornado a um abismo primordial, tão logo recoberto por banalidades vegetais organizadas em caos. Fragilidade do nascimento, que lhe arrebatava. Não tente chegar a essas profundezas, mesmo que você as haja pressentido todo esse tempo. Nesse lugar em que a casa do nascimento se afundou, talvez não corra mais o tempo, imóvel entre os tempos que sopram ao redor. Mas, por esse mesmo pressentimento, eu tivera sempre a impressão de envelhecer no ritmo da própria terra, essa ínfima poeira do universo, eu, poeira (arquipélago) ainda mais inimaginavelmente infinitesimal dessa molécula terra, cuja estranha grandeza é que ela nos serve a construir, o que leva ao excesso as nossas vaidades. Sinto que envelhecemos juntos, ela, de milhões em milhões de anos, e eu, distribuindo esses poucos dias de que dispus e cujo ritmo diminui aos poucos. >>>
10	

- "Cette cabane" (linha 3); "la case de la naissance" (linha 7)
- "Aquele cabana" (linha 3); "a casa do nascimento" (linha 7)

As expressões transcritas são contrastantes entre si. Próximo ao fim do ensaio, Édouard Glissant subitamente muda o tom solene ou afetivo para se referir à casa por um momento e marca um distanciamento crítico e a constatação inevitável do desaparecimento definitivo da casa: "Cette cabane était engloutie à la fin dans un enfoncement de la terre" ["Aquele cabana fora engolida por fim num afundamento da terra"]. Isso é evidente no nome escolhido, pois "cabane" ["cabana"] tem a fragilidade ou a pequenez como sentido predominante, diferentemente de "case" que, da forma como é usado, funde-se ao sentido literal de "casa" do crioulo "caye", ou "kay", sem traço obrigatório de precariedade, fragilidade ou pequenez. Aliado ao uso de tal sinônimo, o demonstrativo igualmente contribui e, em lugar do artigo definido usual, indica a perda de certa "sacralidade". Numa paráfrase possível: "aquela casinha de que falei". Esses aspectos reforçam a objetividade da passagem e o distanciamento que demonstra.

O texto seguinte explica esse desalento causado por aquele desaparecimento definitivo: é como se os próprios nascimentos que a casa abrigou, inclusive o de Glissant, tivessem retornado ao inacessível "abismo primordial". A questão remanescente é essa mesma, "o que permanece do que desapareceu?", a partir do que a reflexão sobre a fragilidade do nascimento se prolonga à fragilidade da vida que o espraia, nascimento e vida seus, de seus amigos, da Terra que habitou. Nessa transição do desalento inicial à retomada da reflexão, ressurgem a "case de la naissance", expressão cada vez mais densa, a meu ver, em seus significados afetivo, poético e filosófico.

Por meio dessa interpretação é que traduzi "cette" por "aquela", por sinalizar maior distanciamento que "esta" ou "essa". Além disso, estas últimas opções não me pareceram utilizáveis, pois aquilo a que "cabane" se refere não está próximo no texto anterior (alguns capítulos se interpõem entre esta e a última ocorrência) nem no espaço da narração presente.

Tabela 18

Philosophie de la Relation, p.118	
1	>>> Encore ai-je la grâce, comme beaucoup d'humains, de <i>pousser avant</i> dans ces journées en la compagnie de ceux que j'aime et que j'estime. Mais pour ce qui est de mes amis d'enfance et d'adolescence, j'éprouve ce sentiment d'avoir peu à peu constitué et honoré, à moi seul, un <i>cercle des poètes disparus</i> . Je cherche alors dans les espaces les compagnons évanouis de cette
5	planète Terre, ses filaments de feux et de laves, ses rocs fuyants devenus comètes, les morceaux déchirés de ses premières entrailles. Je ne vois plus rien, serait-ce en esprit. La Terre est immaculée des cordons et des placentas de sa naissance, elle n'est plus couverte que des prurits de ses histoires. Parions que ses vraies relations s'inscrivent peut-être dans des infinis hors d'approche. Je la considère ainsi, seule et, il se peut, sans amis ni parents proches ou
10	lointains, terre, et qui a donné lieu au Tout-monde, elle, ses débâcles, ses fulgurances, sa misère qui aura présagé s'il se trouve une autre vitalité de ses formes et de ses fonds: et, c'est tout inappréciable, je sens là que nous vieillissons ensemble. >>>
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> Ainda tenho eu a graça / dádiva, como muitos humanos, de <i>ir tocando</i> esses dias na companhia daqueles que amo e estimo. Mas, quanto aos meus amigos de infância e adolescência, eu experimento / tenho esse sentimento de ter pouco a pouco constituído e honrado, apenas para mim, um <i>círculo dos poetas desaparecidos</i> . Eu procuro então nos espaços
5	os companheiros desaparecidos [repetido] / sumidos / evanescidos / esvanecidos / esvaecidos desse planeta Terra, seus filamentos de fogo e lava, suas rochas furtivas tornadas cometas, os fragmentos / pedaços estraçalhados / dilacerados de suas primeiras entranhas. Não vejo mais nada, fosse isso em espírito. A Terra é / está imaculada dos / nos cordões e placentas de seu nascimento, ela não está mais coberta senão pelos pruridos de suas histórias. Apostemos /
10	Confiemos que suas verdadeiras relações talvez se inscrevam em infinitos inabordáveis / inaproximáveis. Considero-a assim, sozinha, e, o que é possível / possivelmente, sem amigos nem parentes próximos ou distantes, terra, e que deu / fez lugar ao Todo-mundo, ela, seus desastres / sinistros, seus* fulgores / lampejos / clarões, sua miséria que terá pressagiado / predito talvez uma outra vitalidade de suas formas e de seus fundos / seus conteúdos / suas
15	essências: e, o que é inapreciável / insondável, eu sinto agora que nós envelhecemos juntos. >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Ainda tenho eu a graça, como muitos humanos, de <i>ir tocando</i> esses dias na companhia daqueles que amo e estimo. Mas, quanto aos meus amigos de infância e adolescência, tenho essa sensação de ter pouco a pouco constituído e honrado, apenas para mim, uma <i>sociedade dos poetas mortos</i> . Eu procuro então nos espaços os companheiros esvaecidos desse planeta
5	Terra, seus filamentos de fogo e de lava, suas rochas fugazes tornadas cometas, os pedaços dilacerados de suas primeiras entranhas. Não vejo mais nada, mesmo em espírito. A Terra está imaculada dos cordões e das placentas de seu nascimento, ela não está mais coberta senão pelos pruridos de suas histórias. Apostemos que suas verdadeiras relações se inscrevam talvez em infinitos inabordáveis. Considero-a assim, sozinha, e, é possível, sem amigos nem parentes
10	próximos ou distantes, terra, e que deu lugar ao Mundo-todo, ela, suas falências, suas fulgurações, sua miséria que haverá pressagiado, quem sabe, uma outra vitalidade de suas formas e de seus fundos: e, o que é inapreciável, sinto agora que envelhecemos juntos. >>>

Tabela 19

Philosophie de la Relation, p.118-119	
1	>>> Je vois ses ravages accompagner mes infimes déclin (ou déclinaisons), et là où par miracle elle a préservé ses lisières vivantes et transparentes et ses herbes qui guérissent, il me semble aussitôt que je passe librement et que je rajeunis sans savoir pourquoi. Comme celui-ci qui déclara: " <i>Véritablement, je m'appelle Mathieu Béluse. Selon la loi du conte, qui est dans l'ordre</i>
5	<i>des arbres secrets, je vivrai encore longtemps.</i> " Il avait des jours et des jours parcouru cet espace des bois, en vain cherchant la source de La Lézarde , il s'était arrêté au large d'un fer-de-lance lové au soleil sur une piste de terre, il avait essayé de le chasser à coups de roches, la bête n'avait pas bougé, et à ce moment son esprit s'était empli d'aridités, il s'était imaginé, non d'imagination mais d'imaginaire, des bois encore plus épais, si c'était possible, des fonds plus monstrueux, des déserts acharnés, mais pas un champ de cultures, pas une racine à faire bouillir, toujours des bois et des sables et des monts insolents. >>>
10	
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> Vejo suas devastações / seus rompantes acompanhar meus ínfimos declínios (ou declinações), e ali onde por milagre ela preservou suas bordas / bosques / matas / tufos / faixas vivas e transparentes e suas ervas curativas / que curam / curandeiras, parece-me imediatamente que passo livremente e que rejuvenesço sem saber porquê. Como aquele que declarou: " <i>Verdadeiramente, eu me chamo Mathieu Béluse. Pela lei do conto, que está na ordem das árvores secretas, eu viverei ainda muito tempo.</i> " Ele havia por dias e dias percorrido esse espaço de matas, em vão procurando a fonte da Lézarde , ele havia parado próximo / ao ver / em face / frente a uma jararaca enrolada ao sol sobre / no meio de / numa trilha de terra , ele havia tentado espantá-la arremessando pedras, o animal / bicho não havia se mexido, e nesse momento seu espírito se encheu de aridez, ele havia se imaginado, não pela imaginação, mas pelo imaginário, matas ainda mais espessas, se fosse possível, interiores mais monstruosos, desertos implacáveis, mas nenhum campo de cultura / plantio, nenhuma raiz para ferver, sempre / continuamente matas e areias e montes insolentes. >>>
5	
10	
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Vejo suas devastações acompanharem meus ínfimos declínios (ou declinações), e ali onde por milagre ela preservou suas orlas vivas e transparentes e suas ervas que curam, tão logo me parece que passo livremente e que rejuvenesço sem saber por quê. Como aquele que declarou: " <i>Verdadeiramente, eu me chamo Mathieu Béluse. Pela lei do conto, que está na ordem das</i>
5	<i>árvores secretas, viverei ainda muito tempo.</i> " Ele percorrerá por dias e dias esse espaço das matas, em vão procurando a nascente da Lézarde , ele se detivera ao largo de uma jararaca enrolada sob o sol numa trilha, ele tentara espantá-la arremessando pedras, a besta não se mexera, e, nesse momento, seu espírito se encherá de aridez, ele imaginara, não por imaginação, mas por imaginário, matas ainda mais densas, se fosse possível, interiores mais monstruosos, desertos implacáveis, mas nenhum campo de cultivo, nenhuma raiz para se ferver, sempre matas e areias e montes insolentes. >>>
10	

- "*Mathieu Béluse*" (linha 4)

Trata-se de um personagem recorrente na ficção de Édouard Glissant, ao menos em *La Lézarde* (1956) e *Le quatrième siècle* (1964), cuja inquietação principal é com a história de sua coletividade, mas não como uma questão puramente factual e, sim, com relação à natureza do vínculo com passado e presente, isto é, as formas de sua apropriação, vivência e transmissão (DAMATO, 1996).

É de se pensar se caberia, numa edição parcial ou integral da tradução de *Philosophie de la Relation*, uma nota explicativa sobre essa referência. Como defendi em outras ocasiões, acho preferível intervir o menos possível nesses tipos de "lacunas", pois entendendo-as como intrínsecas à proposta estética do ensaio, que não é puramente filosófico – caso em que poderiam caber muitas notas de esclarecimento – nem poético – em cujo caso o interessante seria dar a maior autonomia ao texto em si. Nesse ponderar, deixei prevalecer o entendimento do texto como expressão poética, mesmo porque, em minha leitura de Glissant, a intenção poética é o que abarca todas as dimensões da existência e da expressão humanas.

- "de La Lézarde" (linha 6)

→ "da Lézarde" (linha 6)

Maior rio da Martinica e que dá nome ao primeiro romance de Glissant, *La Lézarde* (1956), é retratado como ente do espaço natural que representa e instiga os personagens da obra a se apropriarem de seu espaço ou, ao menos, a refletir sobre a questão (DAMATO, 1996). Apliquei aqui o mesmo argumento feito na entrada anterior a respeito de uma eventual explicação ou explicitação.

- "fer-de-lance" (linha 6)

→ "jararaca" (linha 6)

A mesma estratégia de pesquisa utilizada para frutas e pássaros foi empregada para se chegar à tradução escolhida. Verifiquei que duas espécies de serpente são chamadas assim na Martinica, *Bothrops atrox* e *Bothrops lanceolatus* (WIKIPÉDIA (FR), 2019). No Brasil, porém, juntamente com outras espécies do gênero *Bothrops*, são popularmente e em sua maioria chamadas de "jararacas" e variações por composição ou sufixação, como "jararaca-do-norte", "jararaca-da-seca" e "jararacuçu" (BVS, 2019; PARANÁ, 2019; WIKIPÉDIA (PT), 2019).

Tabela 20

Philosophie de la Relation, p.119-120	
1	>>> C'est à ce moment aussi que j'éprouve, quant à moi, la certitude que je connais toutes ces langues que nous avons laissées derrière nous pendant cette déportation vers les Amériques et qui ont suivi leur chemin sans savoir que nous les avions abandonnées, le wolof, le sérère, le kiswahili, par exemple, et leurs dizaines de variantes, je rêve que je les pratique, et je les pratique
5	vraiment, elles sont ce que nous avons porté à la puissance d'oubli du Tout-monde , en même temps qu'elles illustrent ce que ceux qui n'ont pas cessé de les parler portent à la beauté de la Relation. Puis nous reprenons, elle (la terre) le cours de ses mille et mille années, moi la descente de mes quelques heures façonnées en journées, qu'à vrai dire nous n'avions pas quittés. >>>
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> É nesse momento também que eu sinto, quanto a mim, a certeza de que conheço todas essas línguas que deixamos para trás durante aquela / esta deportação para as Américas e que seguiram seus caminhos sem saber que nós as havíamos abandonado, o uolofe, o serer, o suaíli, por exemplo, e suas dezenas de variantes, sonho que as pratico, e as pratico realmente, elas são
5	aquilo que levamos à potência de esquecimento do Todo-mundo , ao mesmo tempo em que ilustram o que aqueles que não pararam de falá-las levam à beleza da Relação. Então retomamos, ela (a terra), o curso de seus mil e mil anos, eu, a descida dessas algumas horas minhas moldadas / modeladas / esculpidas / convertidas em dias que, na verdade, não abandonamos. >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> É nesse momento também que sinto, quanto a mim, a certeza de que conheço todas essas línguas que deixamos para trás durante aquela deportação para as Américas e que seguiram cada qual seu caminho sem saber que nós as abandonáramos, o uolofe, o serer, o suaíli, por exemplo, e suas dezenas de variantes, eu sonho que as pratico, e as pratico realmente, elas são aquilo que
5	levamos à potência de esquecimento do Mundo-todo , ao mesmo tempo em que ilustram o que aqueles que não cessaram de falá-las levam à beleza da Relação. Então retomamos, ela (a terra), o curso de seus mil e tantos anos, eu, a descida de minhas algumas horas conformadas em dias que, na verdade, não abandonáramos. >>>

- "Tout-monde" (linha 5)

→ "Mundo-todo"

Esta noção, cara a Édouard Glissant e recorrente em sua obra, necessita de uma tradução ponderada, embora não apresente dificuldade pelos componentes em si e enquanto se trate de sua versão em língua portuguesa. Justamente, a dificuldade que ela oferece reside em sua forma composta e se resume a uma questão simples: em que ordem, "Todo-mundo" ou "Mundo-todo"? O impulso inicial é replicar a ordem do original, talvez pela proximidade linguística, mas disso resulta uma homofonia com a expressão "todo [o] mundo", o que, por seu sentido de "todas as pessoas", pode ser um fator de simplificação da noção.

Para Glissant, "Tout-monde", ao lado de outras noções, designa o estado em que entramos, nós e o mundo, na contemporaneidade:

J'appelle *Chaos-monde* le choc actuel de tant de cultures qui s'embrasent, se repoussent, disparaissent, subsistent pourtant, s'endorment ou se transforment, lentement ou à vitesse foudroyante: ces éclats, ces éclatements dont nous n'avons pas commencé de saisir le principe ni l'économie et dont nous ne pouvons pas prévoir l'emportement. Le Tout-Monde, qui est totalisant, n'est pas (pour nous) total.

[...]

– Pour la première fois, les cultures humaines en leur semi-totalité sont entièrement et simultanément mises en contact et en effervescence de réaction les unes avec les autres.

(Mais il est encore des lieux clos et des *temps* différents.) (GLISSANT, 1997, p.22-23, *italico do autor*)⁶²

O sentido simplificado da noção poderia ser dado pela expressão "o mundo inteiro", isto é, a inteireza do planeta com todos os seus entes, paisagens e elementos, uma *totalidade* (não totalitária, como o autor acrescenta em diversas ocasiões), mas em que conste o fator do contato e da consciência da existência de todas as alteridades entre si. De acordo com isso, sugeri a tradução por "Mundo-todo". Embora também produza homofonia com "(o) mundo todo", vejo aí mais proximidade, pois essa expressão me parece ter o sentido de inteireza capaz de incluir todos os elementos do mundo, não apenas os seres humanos.

⁶² Tradução minha: "Chamo Caos-mundo o choque atual de tantas culturas que se embrasam, se repelem, desaparecem, subsistem no entanto, adormecem ou se transformam, lentamente ou à velocidade de um raio: esses estilhaços, essas fragmentações das quais não começamos a capturar o princípio ou a economia e de que não podemos prever a prevalência. O Mundo-Todo, que é totalizante, não é (para nós) total. / [...] / – Pela primeira vez, as culturas humanas em sua semi-totalidade estão inteira e simultaneamente colocadas em contato e em efervescência de reação umas com as outras. / (Mas ainda há lugares fechados e *tempos* diferentes.)"

Tabela 21

Philosophie de la Relation, p.120	
1	>>> Pourtant, nous ne vivons pas les mêmes sortes de temps, je n'imagine pas qu'elle tourne là "selon moi", à mon image, ni inversement que je m'immobilise en son centre, quel ridicule c'eût été. On ne chasse pas si facilement la bête longue de son soleil, et ces sortes de rapport du "chaosmos" à l'humain sont aveuglément simplistes, quand bien même elles seraient
5	consolatrices: c'est que la visée cosmique pousse autrement, une histoire du tout au tout. Mais aussi, le poème enfoui dans la terre de la Terre, même si c'est légende, a suscité tant de poèmes trop humains. Peut-être serait-ce là l'occasion de fréquenter des éternités, <i>successives</i> ? Car s'il est vrai que la terre vous fournit la cadence , le poème seul décide du dernier mot.
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> No entanto, não vivemos os mesmos tipos / as mesmas espécies de tempo, não imagino que ela gire / gira "à minha volta" / "em torno de mim" / "em função de mim", à minha imagem, nem, inversamente, que eu estou / esteja imóvel em seu centro, tão / quão ridículo isso seria. Não se espanta tão facilmente o animal / bicho comprido / longo de seu sol, e essas
5	espécies / tipos de relação / ligação / transporte do "caosmos" ao humano são cegamente simplistas, ainda que sejam consoladoras: é que a visada / perspectiva cósmica avança / cresce de outra forma / outra maneira / diferentemente, uma história do todo ao todo. Mas também, o poema desaparecido na terra da Terra, mesmo se for / que seja lenda, suscitou muitos poemas humanos demais. Talvez seja esta a ocasião / oportunidade de frequentar eternidades, <i>sucessivas</i> ? Pois, se é verdade que a terra lhe fornece a cadência , só / apenas o poema / o
10	poema sozinho decide a palavra final.
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> No entanto, não vivemos os mesmos tipos de tempo, não imagino que ela gire aqui "ao meu redor", à minha imagem, nem, inversamente, que eu esteja imóvel em seu centro, quão ridículo isso seria. Não se espanta tão facilmente a besta comprida de seu sol, e esses tipos de vínculo do "caosmos" ao humano são cegamente simplistas, ainda mesmo quando fossem
5	consoladores: é que a visada cósmica se desenvolve de outra forma, uma história do todo ao todo. Mas também o poema, ocultado na terra da Terra, mesmo se for lenda, suscitou muitos poemas humanos demais. Talvez fosse essa a ocasião de frequentar eternidades, <i>sucessivas</i> ? Pois, se é verdade que a terra nos fornece a cadência , apenas o poema dá a palavra final.

- "la terre vous fournit la cadence" (linha 8)

→ "a terra nos fornece a cadência" (linha 8)

Nas encenações de conversação, seja consigo, seja com o leitor, Glissant recorre a pronomes diferentes em interessantes oscilações de efeito e sentido. De forma geral, ocorrem: a primeira pessoa do singular, em declarações pessoais e exposição de reflexões e sentimentos íntimos; a segunda pessoa do singular, quando em diálogo consigo mesmo, ainda em situação de marcada particularidade; a primeira pessoa do plural, quando se soma a algo, a alguém ou a um grupo a que pertence – ele e a Terra, ele e humanidade, ele e seus antepassados – e também como desdobramento do 'eu', não como recurso diluidor do sujeito para efeito de objetividade, mas como agregação, convite a que o leitor se aproxime

de seu sentimento e de seu pensamento; e a segunda pessoa do plural, mesmo como endereçamento padrão da língua francesa, que oscila entre o uso em explicitação de pensamento ou fala consigo mesmo e a expressão de um sujeito tendente a neutro ou exemplar, porém de uma neutralidade inclusiva ou de uma exemplaridade não absoluta, como se incitasse o leitor a pensar o que, naquilo que lê, ressoa em sua própria experiência.

Isso tudo posto para contextualizar a tradução do pronome objeto "vous", na passagem em foco do texto original, para "nos", uma mudança, portanto, da segunda para a primeira pessoa. A tradução mais literal seria "vos", relativo à segunda pessoa do plural em português, mas que, por seu desuso, pede "lhe" em concordância à terceira pessoa do singular (você), opção sugerida na primeira versão. Com isso, se perde o endereçamento claro a uma segunda pessoa do discurso e causa diluição de sentido do pronome objeto, afinal, em português, "lhe" pode se referir a "você" ou a "ela/ele". Uma segunda opção seria a omissão, mas causaria igualmente uma diluição ou imprecisão de sentido de uma porção importante do contexto, a meu ver. Por fim, e portanto, julguei que a opção "nos" melhor contemplaria o sentido interpretado no texto original.

Tabela 22

Philosophie de la Relation, p.141-142	
1	<p>XXIV ##</p> <p>De l'ancien morne de Bezaudin, je veux dire de celui que j'ai connu et emporté avec moi (la trace de boue jaune striée de lattes de bambou comme des paliers dans la montée à pic, le bruit ruisselant qui piète avec vous, les baquets de géraniums sauvages qui bordaient la véranda), il reste ce tumulte d'ombres silencieuses qui parsèment les éclats du soleil à cru, et qui ont comme étouffé l'ancienne rumeur de rivière qui gravissait là. Mais l'accablement, une solitude que rien ne vient écorcher, plane encore. Qui est cet arbre sans fin, aux petits fruits translucides, près duquel nous ne nous sommes pas arrêtés? Les poétiques portent à nommer avec acuité, mais aussi à soulever les obscures passions du nom impossible, ou à vivre un désir impossible du nom. Le poète travaille entre ces appels. Ni ichtyologiste ni ornithologue, il ne trouve grâce aux désignations savantes des choses et des vies que pour la part de qualités secrètes que ces désignations suggèrent. Ni non plus généalogiste, il ne fonde en rien sur l'éphémère inappréciable des filiations. >>></p>
Primeira tradução, 10/2018	
1	<p>XXIV ##</p> <p>Do antigo morro Bezaudin, quero dizer, daquele que conheci e levei / trouxe comigo (o resto / resíduo / vestígio de lama amarela estriada pelas placas / varas / lâminas de bambu como platôs / patamares na subida íngreme / brusca / aguda, o barulho / ruído constante / incessante que caminha com você / lhe acompanha / segue, as cestas / jardineiras / bacias / tinas de gerânios selvagens que ladeavam / margeavam a varanda), resta este tumulto de sombras silenciosas que dispersam cruamente os raios de sol e que, de certa forma, sufocaram o antigo rumor de rio que chegava / subia até aqui. Mas o assombro / a estupefação / o cansaço, uma solidão que nada pode / vem aliviar, ainda paira. Quem é essa árvore sem fim / Que árvore sem fim é essa, com frutinhas translúcidas, perto / próximo[s] da qual nós não paramos? As poéticas levam a nomear com acuidade, mas também a suspender as obscuras paixões pelo nome impossível, ou a viver um desejo impossível pelo nome. O poeta trabalha entre esses chamamentos. Nem ictiólogo, nem ornitólogo, ele não acha graça nas designações cultas das coisas e das vidas senão por conta das / pela parte de qualidades secretas que essas designações sugerem. Nem tampouco genealogista, ele em nada se baseia / apoia sobre o efêmero inapreciável / inestimável das filiações. >>></p>
Segunda tradução, 01/2020	
1	<p>XXIV ##</p> <p>Do antigo morro Bezaudin, quero dizer, daquele que conheci e levei comigo (o rastro de lama amarela estriada pelas varas de bambu como degraus na subida íngreme, o ruído incessante que caminha ao seu lado, as selhas de gerânios selvagens que ladeavam o alpendre), resta esse tumulto de sombras silenciosas que espargem cruamente os raios de sol, e é como se elas houvessem sufocado o antigo rumor de rio que subia até ali. Mas o assombro, uma solidão que nada vem aliviar, ainda paira. Que árvore sem fim é aquela, dos pequenos frutos translúcidos, perto da qual não nos detemos? As poéticas incitam a nomear com acuidade, mas também a suspender as obscuras paixões pelo nome impossível, ou a viver um desejo impossível pelo nome. O poeta trabalha entre esses apelos. Nem ictiólogo, nem ornitólogo, ele não se contenta com as designações cultas das coisas e das vidas senão pela parte de qualidades secretas que essas designações sugerem. Nem tampouco genealogista, ele em nada se apoia sobre o efêmero inapreciável das filiações. >>></p>

- "le bruit ruisselant qui piète avec vous" (linhas 4 e 5)
- "o ruído incessante que caminha ao seu lado" (linhas 4 e 5)

Este trecho é um caso em que, não encontrando opções de tradução interessantes diretamente ligadas às palavras mais significativas, isto é, um vínculo mais literal com o original, decidi fixar minha versão em português com algum trânsito de sentidos que identifiquei no texto fonte.

Utilizei "incessante" para "ruisselant" por seu sentido de "constância" e "fluidez". À vista particular, isso é evidentemente parcial, pois seleciona e explicita esse traço semântico, mesmo que ele seja o que interpretei como a ênfase dada pelo contexto. Porém, também expressa o sentimento de "constância incômoda" dado ao conjunto pelo verbo "piéter", o qual define o barulho como algo insistente, teimoso ou determinado. Sua tradução por "caminhar" guarda alguma relação de campo semântico envolvendo "pé" e "caminho" e substitui o sentido de "fixação" pelo de "fluidez", já mencionado como elemento de "ruisselant". Por sua vez, a insistência e a fixação de "piéter" orientaram a tradução de "avec vous" por "ao seu lado" como indicador de companhia mais ostensivo do que outra opção como "com você".

Tabela 23

Philosophie de la Relation, p.142	
1	>>> Maintenant, à la mi-pente, le tumulte d'ombres pousse à monter virant et dévirant, la terre
	jaune bouge sans arrêter, nous ne savons pas où nous sommes. Vous vous perdez ainsi dans un
	timbre-poste (par exemple William Faulkner, dans son Yoknapatawpha), c'est si vous le
5	connaissez réellement vôtre. À ce moment, nous ressentons des grondements dans les
	dessous, les habitants avaient pour coutume de frapper sentence en ces occasions, "c'est la
	grande baille qui veut découler là encore", parlant ainsi du volcan qu'ils considéraient d'abord
	comme une montagne épaisse qui verse, et dont ils disaient à propos de son éruption finale de
	1902: "Il a brûlé sur nos corps seulement tout le côté à gauche." (La nuée ardente, dévalant au
10	loin sur Saint-Pierre, c'est une histoire bien connue, les avait atteints de ce côté pendant qu'ils
	fuyaient vers la mer.) >>>
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> Agora, no meio do barranco / da ladeira, o tumulto de sombras impulsiona a subida indo e
	voltando / revirando e revolvendo / volteando e revolvendo, a terra amarela se mexe sem
	parar, não sabemos onde estamos. Você se perde assim num selo postal (por exemplo, William
	Faulkner em seu Yoknapatawpha), isto é, se você o reconhece como realmente seu. Nesse
5	momento, sentimos os rugidos / grunhidos / roncos no subsolo / nos subterrâneos, os
	moradores / habitantes tinham por costume de dar sentença nessas ocasiões, "é a grande tina /
	bacia / banheira que quer derramar / se esvaziar de novo", falando assim do vulcão que
	consideravam ser, antes de tudo, uma montanha espessa que derrama / verte e da qual diziam
	a respeito de sua erupção final em 1902: "Ele queimou nossos corpos apenas de todo o lado
10	esquerdo." (O nevoeiro incandescente descendo ao longe sobre Saint-Pierre, essa é uma
	história bem conhecida, tinha-os alcançado deste lado enquanto eles fugiam para o mar.) >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Agora, no meio do barranco, o tumulto de sombras empurra a subida virando e revirando,
	a terra amarela se mexe sem parar, não sabemos onde estamos. Você se perde assim num selo
	postal (por exemplo, William Faulkner em seu Yoknapatawpha), isto é, se você o reconhece
	como realmente seu. Nesse momento, sentimos rugidos nos subterrâneos, os moradores
5	tinham o costume de sentenciar, nessas ocasiões, "é o grande barril que quer se derramar de
	novo", falando assim do vulcão que consideravam ser, antes de tudo, uma montanha espessa
	que se verte e da qual diziam, a respeito de sua erupção final em 1902: "Ele queimou sobre os
	nossos corpos somente todo o lado esquerdo". (O nevoeiro incandescente precipitando-se ao
	longe sobre Saint-Pierre, essa é uma história bem conhecida, tinha-os atingido desse lado
10	enquanto fugiam para o mar.) >>>

Tabela 24

Philosophie de la Relation, p.142-143	
1	>>> Ils ont gardé la manie de ces grondements, un camion qui force, un tonnerre au loin, c'est pour eux encore et toujours la profondeur qui remonte dans la gueule du mont, tellement qu'il s'en est fait des traditions, et par exemple que vers la fin des années 1920 la Pelée a bien failli réintroduire dans le monde son carnage intime, qu'en tout cas elle a grondé tant que de colère,
5	au point qu'une petite légende en a résulté, que je serais né dans un de ces débordements, et que ma mère, oppressée des mouvements de l'éruption tellement prochaine, en avait certainement bien moins souffert les tourments de l'accouchement. Pour un enfant qui sera poète, c'est une grande vanité que de songer qu'il est venu au monde dans le bruit d'un volcanique désordre, et peut-être d'une sacrée éruption, éphémère il est vrai, et qu'il en a hérité des liens profonds avec des forces qu'il ne peut pas lui-même imaginer. >>>
10	
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> Eles conservaram a mania / uma obsessão por / d- esses rugidos / grunhidos / roncos , o ronco [do motor] de um caminhão, um trovão distante, tudo é para eles ainda e sempre a profundidade que sobe até a garganta do monte, e tanto se fez disso tradição que, por exemplo, por volta do fim dos anos 1920, a / o Pelée quase [mesmo] reintroduziu / derramou / verteu no mundo sua carnificina íntima / seu massacre íntimo e, em todo caso, ela /ele rugiu / rosnou / grunhiu tanto de cólera / raiva ao ponto em que uma pequena lenda disso resultou, segundo a / pela qual eu teria nascido num desses transbordamentos e que minha mãe, apreensiva / aflita pelos movimentos da erupção tão próxima, teria certamente sofrido bem menos os tormentos do parto. Para uma criança que será poeta, é uma vaidade sonhar que veio ao mundo sob / em meio a / com o barulho / estrondo de uma desordem / distúrbio / desconcerto / agitação vulcânica, e talvez de uma erupção sagrada, efêmera, é verdade, e que herdou laços profundos com forças que ele próprio não pode imaginar. >>>
5	
10	
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Eles guardaram a cisma com esses rugidos, o ronco de um caminhão, um trovão ao longe, são para eles ainda e sempre as profundezas que retornam à garganta do monte, de tal forma que disso se fizeram tradições, como, por exemplo, por volta do fim dos anos 1920, o monte Pelée de fato quase pôs novamente no mundo sua carnificina íntima e, em todo caso, rugiu tanto de raiva ao ponto em que uma pequena lenda resultou disso, que eu haveria nascido num desses transbordamentos e que minha mãe, afligida pelos movimentos da erupção tão próxima, haveria certamente sofrido bem menos os tormentos do parto. Para uma criança que será poeta, é uma grande vaidade sonhar que veio ao mundo em meio ao barulho de uma desordem vulcânica, e talvez de uma erupção sagrada, e efêmera, é verdade, e do que herdou laços profundos com forças que ele próprio não pode imaginar. >>>
5	
10	

Tabela 25

Philosophie de la Relation, p.143-144	
1	>>> Ces enfouissements, du volcan qui n'arrêtait pas de parler ainsi aux gens autour de lui, pendant au moins trente ans après son apocalypse de 1902, ou de la maison de naissance , qui disparut dans une éruption des végétations d'en dessous, sont des chemins de la Relation, je les ai poursuivis dans la mangrove du Lamentin au centre du pays, avec Apocal qui connaissait tout
5	du lieu, où les sources consacrées, dont l'eau chaude s'écoule par moments, relayée par les eaux glacées d'une nappe phréatique à peu près clandestine, qui a sans doute et par miracle échappé aux pollutions des bananiers, sont alimentées par le même mont Pelé d'en haut, d'où proviennent aussi les sables noirs qui périodiquement recouvrent la plage étincelante du Diamant au sud, et qui la font ressembler pour un temps aux plages du Carbet, tout au pied du volcan. Le pays vit un rythme qu'il faut tenter de surprendre par-dessous, mais en grand midi.
10	>>>
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> Esses enterramentos / ocultações, do vulcão que não parava de falar dessa forma com as pessoas em torno de si, durante pelo menos trinta anos depois de seu apocalipse de 1902, ou da residência / habitação / casa de nascimento , que desapareceu numa erupção de vegetação por debaixo, são caminhos da Relação, eu os segui no mangue do Lamentin, no meio / centro
5	do país, com Apocal que conhecia / sabia tudo do lugar, onde as fontes consagradas / sagradas, das quais a água quente verte por momentos, alternada por / alternadamente a águas geladas de um lençol freático mais ou menos clandestino[,] que, sem dúvida e por milagre, escapou da poluição das bananeiras / dos bananais, são alimentadas pelo mesmo monte Pelé, [(de) lá] de cima, de onde vêm também as areias negras que periodicamente recobrem a praia cintilante
10	do Diamant[e?] ao sul, e que fazem-na assemelhar-se por algum tempo às praias de Carbet, bem ao pé do vulcão. O país vive um ritmo que se precisa tentar surpreender por debaixo, mas em pleno meio-dia. >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Essas ocultações, do vulcão que não parava de falar dessa forma às pessoas ao seu redor, durante ao menos trinta anos depois de seu apocalipse de 1902, ou da morada de nascimento , que desapareceu numa erupção de vegetação dos subterrâneos, são caminhos da Relação, eu os segui no mangue do Lamentin, no centro do país com Apocal, que conhecia tudo do lugar,
5	onde as fontes consagradas, das quais a água quente verte por momentos, substituída por águas geladas de um lençol freático um tanto clandestino que, provavelmente e por milagre, escapou da poluição dos bananais, são alimentadas pelo mesmo monte Pelé de cima, de onde provêm também as areias negras que periodicamente recobrem a praia cintilante do Diamante ao sul, e que a fazem assemelhar-se por algum tempo às praias do Carbet, bem ao pé do vulcão. O país vive um ritmo que é preciso procurar surpreender por debaixo, mas em pleno
10	meio-dia. >>>

- "maison de naissance" (linha 2)

→ "morada de nascimento" (linha 2)

Esta é a segunda vez que a casa da infância é referida como "maison", sendo que a primeira se encontra ainda na primeira seção do ensaio, no capítulo II. Naquela ocasião, a expressão usada é "maison primordiale" e tem, para mim, um tom mais solene, o que não verifiquei desta vez. Aqui, predominam relatos, descrição e reflexão, certamente na maneira fluida e poética de Édouard Glissant, mas se ausenta o lirismo anterior, o que se expressa,

entre outras coisas, também pela maior objetividade na referência à casa da infância. Por conta dessa objetividade, é possível concluir que a "case" possui para o autor, por seus motivos pessoais assim como na construção estética do texto, o mesmo estatuto de "maison" em sua acepção mais corrente em francês, isto é, uma habitação sem o traço dominante de precariedade.

Tabela 26

Philosophie de la Relation, p. 144	
1	>>> De même, l'enfouissement mythique du poème à peine concevable, né de soi-même, aux
	temps où la parole était prise aux bouillonnements des premiers magmas, donna-t-il vie à tous
	les jaillissements de poèmes non concertés du monde, qui apparurent par la suite pour nous
5	rassurer sur une telle légende, tout comme nous cherchons encore la maison de la source, où
	l'on jure que la rivière prend naissance , et comme nous devinons que les laves sous-marines
	courent d'un volcan à l'autre au long de l'arc caraïbe, sans que pas un ne sache vraiment à quel
	moment ni par où elles remonteront en éruptions, peut-être pour enlever l'archipel tout entier.
	Et il en fut ainsi, un sentiment d'incertitude et de légèreté toujours remises à jour, quand je
10	trouvai, au hasard d'un vieux papier officiel, jauni, délicatement dentelé de rouille, que ma
	mère se prénomait, dans un épelé complet: Adrienne Marie Euphémie. >>>
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> Da mesma forma / Igualmente, o enterramento / a ocultação mítico/a do poema apenas
	concebível, nascido de si mesmo, no tempo em que a fala / palavra estava presa ao borbulhar
	dos primeiros magmas, deu vida a todas as irrupções de poemas não concertados do mundo[,]
	que surgiram em seguida para nos assegurar / certificar / afirmar quanto a [uma] tal lenda, do
5	mesmo modo / da mesma forma como procuramos ainda a casa da fonte, onde se jura que o
	rio nasce / está a nascente do rio , e como adivinhamos que as lavas submarinas correm de um
	vulcão ao outro ao longo do arco caraíba, sem que uma pessoa sequer saiba realmente em que
	momento nem onde elas subirão em erupção, quiçá / talvez para arrebatá-lo o arquipélago
10	inteiro. E foi assim, um sentimento de incerteza e leveza sempre renovadas, quando descobri,
	pelo acaso de um velho documento, amarelado / amarelecido, delicadamente roído em rendas,
	que minha mãe se chamava / tinha por nome, num ditado completo: Adrienne Marie Euphémie. >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Do mesmo modo, a ocultação mítica do poema mal concebível, nascido de si mesmo, no
	tempo em que a palavra estava presa ao borbulhar dos primeiros magmas, deu vida a todas as
	irrupções de poemas não concertados do mundo que surgiram em seguida para nos
	tranquilizar quanto a uma lenda tal, exatamente como ainda procuramos a morada da
5	nascente, onde juram que o rio dá-se à luz , e como adivinhamos que as lavas submarinas
	correm de um vulcão ao outro ao longo do arco caraíba, sem que uma pessoa sequer saiba
	realmente em que momento nem onde elas retornarão em erupção, talvez para arrebatá-lo todo
	o arquipélago. E sucedeu-se assim, um sentimento de incerteza e leveza sempre reavivadas,
	quando descobri, pelo acaso de um velho documento, amarelecido, delicadamente denteado
10	pelo tempo, que minha mãe se chamava, num soletrado completo: Adrienne Marie Euphémie.
	>>>

- "*la maison de la source, où l'on jure que la rivière prend naissance*" (linhas 4 e 5)

→ "*a morada da nascente, onde juram que o rio dá-se à luz*" (linhas 4 e 5)

Este trecho foi transcrito em conjunto porque as questões que levanta são interdependentes. Primeiramente, é preciso esclarecer que "*maison de la source*" se refere a uma casa que se supõe existir, no âmbito da ficção glissantiana, sobre a própria nascente do rio Lézarde, mesmo rio e respectiva nascente mencionados no texto da tabela 19. Mesmo

assim, a menção à busca da nascente do rio surge como um desdobramento ficcional da busca pessoal da casa da infância e da busca poética ou expressiva pelo poema original.

É interessante notar que a tradução de "source" por "nascente", por tratar-se de um rio, estreita a analogia pela maior proximidade lexical entre "nascente" e "nascimento" do que entre "source" e "naissance". Todavia, para que o trecho não resultasse redundante pela presença de "nascente" e opções como, por exemplo, "o rio nasce" ou "o rio tem nascimento", utilizei "dar-se à luz" por seu sentido similar.

Tabela 27

Philosophie de la Relation, p.144-145	
1	>>> Pour un jeune garçon qui sera peut-être écrivain, et quoi qu'il aura pu penser de la vanité des chaînes de filiation (aujourd'hui, c'est le monde entier, le Tout-monde, qui est somptueusement illégitime), il y avait quelque raison de croire à cette logique souterraine de la Relation, supposant que ce nom d'Euphémie, qui est si rare et si beau, et qui sans doute avait été dévolu au gré du calendrier ou de la fantaisie d'un parent ou du sarcasme d'un commis d'état civil, présageait au poète quelque avertissement qu'il eût à adoucir les éclats originels de ses transports d'écriture. C'était là manifestée une des formes bien rares du rattachement à une mère, à la mienne en particulier, qui était éloignée des soucis de littérature mais qui sans doute en avait une intuition enfouie, si l'on s'en rapporte à ce peu d'observations très pointues que, sans savoir en rien lire ni apprécier aucun texte, elle me faisait parfois. Ce sentiment s'agrandit quand ma mère mourut et que, dans les temps qui précédèrent, elle refusa la perspective d'une tombe au cimetière du Lamentin, qui se fond dans la mangrove. >>>
5	
10	
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> Para um menino pequeno que será talvez escritor, e o que quer que ele terá podido pensar / pensasse [a respeito] da vaidade / frivolidade das cadeias de filiação / linha genealógica (hoje, é o mundo inteiro, o Todo-mundo, que é suntuosamente ilegítimo), havia alguma razão para crer / acreditar nessa lógica subterrânea da Relação, supondo que esse nome, Euphémie, que é tão raro e tão belo, e que sem dúvida terá / teria / houvera sido ofertado / oferecido / concedido / dado segundo a definição / ao grado do calendário ou da fantasia / do capricho de um parente ou do sarcasmo de um funcionário cartorial, pressagiava / prenunciava ao poeta algum / um / certo aviso / alerta de que ele tivesse / teria de adoçar / atenuar os brilhos / fragmentos / ímpetos originais / a aspereza original de seus transportes de escrita [escritura?]. Era manifestada / Manifestava-se ali uma [das] forma[s] bastante rara[s] do apego a uma mãe, à minha em particular, que era alheia às preocupações de literatura / literárias, mas que, sem dúvida, delas tinha uma intuição oculta / enterrada, se confiamos / nos fiamos / contemplamos / nos submetemos a essas / àquelas poucas observações muito agudas que, sem saber nem um pouco ler ou / nem apreciar qualquer texto, ela às vezes me fazia [a mim]. Esse sentimento cresceu quando minha mãe morreu e [que], nas vésperas // na época / nos dias / nos tempos que precedeu/ram [pede objeto?], ela recusou a perspectiva / possibilidade de um túmulo no cemitério de / do Lamentin, que se funde ao mangue. >>>
5	
10	
15	
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Para um menino pequeno que será talvez escritor, e o que quer que possa ter pensado da vaidade das linhagens de filiação (hoje, é o mundo inteiro, o Mundo-todo, que é suntuosamente ilegítimo), havia alguma razão para acreditar nessa lógica subterrânea da Relação, supondo que esse nome, Euphémie, que é tão raro e tão belo, e que provavelmente fora concedido de acordo com o calendário ou a fantasia de um parente ou o sarcasmo de um funcionário cartorial, pressagiava ao poeta certa advertência pela qual teria de suavizar os ímpetos originais de seus transportes de escrita. Manifestava-se ali uma forma bastante rara do apego a uma mãe, à minha, em particular, que estava distante das preocupações da literatura, mas que, provavelmente, delas tinha uma intuição oculta, se nos fiamos naquelas poucas observações muito agudas que, sem saber ler nada ou apreciar qualquer texto, ela às vezes me fazia. Esse sentimento cresceu quando minha mãe morreu e quando, nos dias precedentes, ela recusou a possibilidade de um túmulo no cemitério do Lamentin, que se funde ao mangue. >>>
5	
10	

Tabela 28

Philosophie de la Relation, p.145-146	
1	>>> Madame Adrienne voulait être enterrée dans une caisse de bois à même la terre, cérémonie à la fois dénudée et insoutenable, entourée de l'apparat de chants religieux éclatants, dont avaient pris soin les gens de sa confession. Refuser une tombe n'est pas chose ordinaire dans le pays de Martinique, les tombes sont les Maisons des morts , qui sans elles
5	
10	
	d'un Au-delà. Aujourd'hui, je peux concevoir que ma mère, dont je retrouve à peine la trace indubitable entre deux de ces monuments, emplit tout ce cimetière du Lamentin, où j'ai joué parmi les milliers de bougies allumées aux jours et aux soirées féeriques de la Toussaint, d'une présence qu'aucune architecture tombale, baroque ou prétentieuse, sotté ou naïve, avec ses ferveurs maladroites d'herbe souffreteuse, n'a contrainte. >>>
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> [A] Senhora Adrienne queria ser enterrada numa caixa de madeira diretamente na própria terra, cerimônia ao mesmo tempo despojada / simples / singela / humilde / pobre / sóbria e insustentável, rodeada pelo aparato / adorno de cantos religiosos vivos / sonoros / notáveis /
5	
10	
15	
	formidáveis / extraordinário / admirável / esplêndido, dos quais cuidavam as pessoas de sua confissão. Recusar um túmulo não é coisa ordinária na [terra de] Martinica, os túmulos são as Casas dos mortos que, sem elas, parecem carecer de feição / presença / aparência / forma, as fossas são destinadas aos mais que pobres e as grandes famílias tiram proveito / aproveitam-se dessas marcas de precedência / superioridade. Os cemitérios dos países e cidades de criouliização, e geralmente de grandes ciclones, Guadalupe, Haiti, Martinica, Nova Orleans, Cartagena das Índias, são por sua vez pequenas cidades cintilantes como praias brancas [,] cujas avenidas [se?] abrem sobre fugacidades iluminadas antes do que sobre o espaço átono de um Além. Hoje, posso conceber que minha mãe, de quem reencontro apenas / dificilmente o vestígio / a pista indubitável entre dois desses monumentos, preenche / preencheu todo esse cemitério do Lamentin, onde eu brinquei entre as milhares de velas acesas nos dias e noites / tardes feéricas de Todos-os-Santos, com uma presença que nenhuma arquitetura tumular, barroca ou pretensiosa, tola ou ingênua, com seus fervores canhestros de planta / vegetal raquítico(a) / franzino(a), restringiu / limitou / constrangeu. >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> A senhora Adrienne queria ser enterrada numa caixa de madeira diretamente na terra, cerimônia ao mesmo tempo despojada e insustentável, envolta no aparato de cantos religiosos vibrantes, dos quais cuidavam as pessoas de sua confissão. Recusar um túmulo não é coisa ordinária na terra da Martinica, os túmulos são as Moradas dos mortos que, sem elas, parecem
5	
10	
	carecer de distinção, as fossas são destinadas aos mais que pobres e as grandes famílias se aproveitam dessas marcas de preeminência. Os cemitérios dos países e cidades de criouliização e, geralmente, de grandes ciclones, Guadalupe, Haiti, Martinica, Nova Orleans, Cartagena das Índias, são, por sua vez, pequenas cidades cintilantes como praias brancas cujas avenidas se abrem mais sobre fugacidades iluminadas do que sobre o espaço átono de um Além. Hoje, posso conceber que minha mãe, de quem mal encontro o rastro indubitável entre dois desses monumentos, preenche todo o cemitério do Lamentin, onde brinquei por entre as milhares de velas acesas nos dias e noites feéricas de Todos os Santos, com uma presença que nenhuma arquitetura tumular, barroca ou pretensiosa, tola ou ingênua, com seus fervores canhestros de ramos franzinos, constrangeu. >>>

- "les Maisons des morts" (linha 4)
- "as Moradas dos mortos" (linha 4)

Por coerência tradutória, "Maisons" foi aqui traduzido por "Moradas" e, pelo contexto e significado solene da expressão no texto original, há uma afinidade de tradução relacionada ao registro literário de "morada". Nessa passagem, podemos observar que, às alegorias do poema original ocultado nas entranhas da terra, do desaparecimento da casa da infância e da busca da casa da nascente do rio Lézarde, soma-se o percurso da mãe do autor, aquela que propriamente o gestou e é, por isso, sua nascente, enquanto origem, e sua casa, enquanto amparo e provedora da existência física e da vivência afetiva. Em seu relato, Édouard Glissant destaca o desejo da mãe em ser enterrada num caixão simples e diretamente na terra, isto é, sem preocupação de que seu corpo se conservasse minimamente, como num túmulo de concreto e pedra, como se seu desejo fosse, na verdade, retornar sem demora àquelas mesmas entranhas da terra de que fala o autor. E disso decorrem outras considerações sobre os cemitérios e sua figuração como "Casa dos mortos", a casa a que vamos ou retornamos após o abandono ou o desaparecimento das "casas" que nos dão a vida e a constatação da vaidade ou futilidade dos monumentos em seu vínculo à ostentação de linhagens e filiações.

Tabela 29

Philosophie de la Relation, p.146-147	
1	>>> Quittez ces rêveries, brûlées de soleil de nuit, d'un enfant en marge du monde et qui avec ses amis pressentait pourtant les ailleurs, et qui confondait ses sentiments, dont il n'avait aucune assurance, avec ce qu'il éprouvait des entours d'énergies qui venaient ainsi à sa rencontre (dans la fragilité même du lieu de sa naissance, qui plus tard devait s'enfourir), et
5	
10	
	estimez comment tout cela peut sembler relever d'une analyse aux allées tracées raides: la passion (la fatalité) de l'enfouissement, le besoin d'une légende des origines (non pas d'une source des humanités mais de la première cristallisation de leur parole), le rêve de la source elle-même matérielle de la rivière comme maison et comme intimité, à la fin la disparition tout à fait banale et imprévisible de la case à naissance précisément, et puis, si l'on fonde sur la rumeur, la naissance elle-même toute en éruption, et la relation nominale (quoique ce ne fût pas au travers d'un nom patenté de famille), et en tout cas linguistique, à une mère non lettrée, la disparition (ou le soupçon d'évanescence) de la mort, la trace perdue des linceuls, les cimetières riants, le vieillissement cosmique et tant d'autres caractères que vous me signalerez sur l'heure comme relevant de la plus confirmée psychanalyse. >>>
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> Deixe esses devaneios [,] queimados de / do sol de noite / noturno [,] de uma criança à margem do mundo e que, com seus amigos, pressentia todavia os alhures e [que] confundia seus sentimentos, dos quais ele não tinha nenhuma segurança, com o que experimentava dos entornos / arredores de energias que vinham assim ao seu encontro (na própria fragilidade do local de seu nascimento que, mais tarde, deveria enterrar-se / enterrar-se-ia), e estime /
5	
10	
15	
	pondere como tudo isso pode parecer relevar / sair de uma / basear-se numa análise de linhas / idas / vias / caminhos traçadas / riscadas / desenhadas rígidos / rigidamente / retos / retamente / retilíneos: a paixão (a fatalidade) do enterramento, a necessidade de uma lenda das origens (não de uma fonte das humanidades, mas da primeira cristalização de sua palavra / fala), o sonho da fonte [,] ela mesma material do rio como casa e como intimidade, ao fim, o desaparecimento totalmente banal e imprevisível precisamente da casa de nascimento e, então, se nos baseamos no rumor / boato / história, o próprio nascimento assim em erupção / eruptivo e a relação nominal (mesmo que não fosse através de um nome patente / patenteado de família) [,] [e] em todo caso linguística [,] com uma mãe não letrada, o desaparecimento (ou a suspeita d[a] evanescência) da morte, o vestígio / resíduo perdido das mortalhas, os cemitérios risonhos / sorridentes, o envelhecimento cósmico e tantos outros aspectos que você assinalar-me-á nesta hora como oriundos da mais confirmada psicanálise. >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Abandone esses devaneios queimados do sol da noite de uma criança à margem do mundo e que, com seus amigos, pressentia todavia os outros espaços e que confundia seus sentimentos, dos quais não tinha nenhuma segurança, com aquilo que experimentava dos entornos de energias que vinham assim ao seu encontro (na própria fragilidade do lugar de seu nascimento que, mais tarde, deveria ocultar-se), e avalie como tudo isso pode parecer originar-se de uma análise de vias rigidamente traçadas: a paixão (a fatalidade) pela ocultação, a necessidade de uma lenda das origens (não de uma fonte das humanidades, mas da primeira cristalização de sua palavra), o sonho com a própria nascente concreta do rio como morada e como intimidade, por fim, o desaparecimento totalmente banal e imprevisível da casa de nascimento, precisamente, e então, se nos baseamos no rumor, o próprio nascimento como uma erupção e a relação nominal (mesmo que não fosse através de um nome oficial de família), em todo caso linguística, com uma mãe não letrada, o desaparecimento (ou a suspeita de evanescência) da morte, o rastro perdido das mortalhas, os cemitérios aprazíveis, o envelhecimento cósmico e tantos outros aspectos que você me indicará de imediato como oriundos da mais confirmada psicanálise. >>>
5	
10	

Tabela 30

Philosophie de la Relation, p.147-148	
1	>>> Celle-ci serait-elle, en la circonstance, passée à côté ou hors le poétique? Son désir d'obscur ou son plaisir de jour seraient-ils restés tout d'esprit? Je vous répéterai, avec une inquiétude peut-être à vos yeux aliénée, qu'il s'agissait là (ici) des éléments d'une poétique dévirée, qui a d'abord rassemblé l'idée ou le représenté ou l'imaginaire, c'est dire l'histoire, de ces lieux
5	hasardés, le morne de Bezaudin, la mangrove du Lamentin, le rocher du Diamant (<i>et de ce qu'il y a encore par-dessous</i> , lequel ne relève pas de l'examen mais de l'exultation et de la respiration), autour de la nécessité imprévisible elle aussi des diversités du monde et des saveurs d'un pays , de leur rapport de pays à monde. Chacun a ses manières, individuelles et collectives, de réfléchir ce rapport, qui n'est en rien ce qu'on dit s'établir du particulier à
10	l'universel. Car le lieu paraît dès l'abord partagé, et dès cet abord le Tout-monde serait infime (intime) lui aussi. Vous fouillez dans une même terre, ou vous rapprochez une mer de ses environnants, ou bien vous égaillez vos destins, ou vous combattez ici les mêmes vieilles morts que partout là, vous établissez frontières entre monts et ravines, pour suivre de l'un à l'autre et de tous à tous. >>>
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> Haveria / Teria / Passara ela, nessa circunstância, [passado] ao largo ou fora do poético? Seu desejo pelo obscuro ou seu prazer pelo dia haveriam(permaneceriam) / teriam(permaneceriam) permanecido apenas em espírito / mente / intelecto? Eu lhe repetirei, com uma inquietação talvez alienada aos seus olhos, que se tratava lá / ali (aqui) de elementos de uma poética desvairada / invertida / inversa
5	/ reversa / transtornada [,] que antes / primeiramente reuniu / elaborou / juntou / montou a ideia ou o representado ou o imaginário, quer dizer / isto é, a história, desses lugares vulneráveis, o morro Bezaudin, o mangue do Lamentin, o rochedo [do] Diamante (<i>e do que ainda há sob embaixo / por debaixo</i> , aquilo que / o qual não sobressai / se origina / se eleva / surge do exame / observação / análise, mas da exultação e da respiração), em torno da
10	necessidade imprevisível, ela também, das diversidades do mundo e dos sabores de um país / região / localidade , de sua conexão / ligação de região / local ao mundo. Cada um tem suas maneiras, individuais e coletivas, de refletir essa conexão / ligação, o que em nada é o que se diz [sobre] estabelecer-se do particular ao universal. Pois o lugar aparece / surge desde a aproximação / abordagem compartilhada e, desde essa aproximação / abordagem, o Todo-
15	mundo seria ínfimo (íntimo) ele também. Você escava / revira [um]a mesma terra, ou você aproxima um mar de suas cercanias / seus arredores ou, então, você dispersa seus destinos, ou você combate aqui as mesmas velhas mortas de toda parte, você estabelece fronteiras entre montes e ravinas, para seguir de um a outro e de todos a todos. >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Haveria ela passado, nesse caso, ao lado ou fora do poético? Seu desejo pelo obscuro ou seu prazer pelo dia haveriam permanecido apenas em espírito? Eu lhe repetirei, com uma inquietação talvez alienada aos seus olhos, que se tratava ali (aqui) de elementos de uma poética transtornada, que primeiramente reuniu a ideia ou o representado ou o imaginário,
5	quer dizer, a história desses lugares vulneráveis, o morro de Bezaudin, o mangue do Lamentin, o rochedo do Diamante (<i>e do que ainda há por debaixo</i> , o que não se origina do exame, mas da exultação e da respiração), em torno da necessidade, ela também imprevisível, das diversidades do mundo e dos sabores de uma terra , de seu vínculo de região ao mundo. Cada um tem suas maneiras, individuais e coletivas, de refletir esse vínculo, que em nada é o que se diz estabelecer-se do particular ao universal. Pois o lugar surge compartilhado desde a
10	abordagem e, desde essa abordagem, o Mundo-todo seria ínfimo (íntimo) ele também. Você revira uma mesma terra, ou aproxima um mar de suas imediações, ou, então, dispersa seus destinos, ou combate aqui as mesmas velhas mortes de toda parte, estabelece fronteiras entre montes e ravinas, para seguir de um ao outro e de todos a todos. >>>

- "pays" (linha 7); "pays" (linha 8)

→ "terra" (linha 8); "região" (linha 8)

A polissemia do francês "pays" impossibilita o uso da mesma tradução para suas ocorrências, pois nenhuma opção resulta aceitável em todas as ocasiões. Nos exemplos transcritos, utilizei "terra" em seu sentido figurado para o primeiro pela maior afinidade com os "sabores", também em sentido figurado, como representação da complexidade quantitativa e qualitativa de uma comunidade e seu espaço. Na segunda ocorrência, a mesma tradução geraria uma redundância com "mundo", motivo pelo qual utilizei "região" como tradução de "pays" em seu sentido de localidade espacialmente definida, aspecto colocado em foco pela oposição a "mundo".

Tabela 31

Philosophie de la Relation, p.148	
1	>>> Nous comprenons alors que ce qui nous distrait de l'essence d'un sacré, de la lecture d'un poème primordial, ce n'est pas la banalisation ni la technicité inarrêtable ni la laïcité légiférée de nos savoirs et de nos manières désormais, mais ceci: que la poétique de la Relation a projeté en avant de nous ce poème en étendue que nous réputions être né des laves primordiales. Il
5	n'approche aucune essence, précisément, il établit un autre sacré, dans la Relation, non pas de ceci à cela mais de tout à tout. Nous reste encore à lui prêter vie dans les démesures du monde. Car nous traversons un autre obscur que celui des premiers âges de la terre, et nous l'illustrons d'une autre manière, c'est l'obscur des temps mêlés, et nos paroles accourent de partout, s'éteignent ensemble, recréent leurs chaos. La philosophie de la Relation est l'aspiration fragile,
10	l'autre lieu où surprendre ces manières multipliées que nous avons de partager nos rapports rhizomiques, sans qu'elle confonde jamais ces manières les unes dans les autres, et sans que leurs différents, dont les opacités déjà correspondent, soient opposés en absolu, fût-ce en une fois. >>>
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> Compreendemos então que o que nos distrai da <i>essência</i> de um sagrado, da leitura de um poema primordial, não é a banalização nem a tecnicidade imparável nem a laicidade legislada de nossos saberes e de nossas maneiras doravante, mas isto: que a poética da Relação projetou à nossa frente esse poema em extensão / espraiamento que nós considerávamos ser nascido
5	das lavas primordiais. Ele não aborda / se aproxima de / se acerca de <i>essência</i> alguma, precisamente, ele estabelece um outro sagrado, na Relação, não disto para / com / àquilo, mas de tudo para / com / a tudo. Resta-nos ainda emprestar-lhe vida nas desmedidas do mundo. Pois atravessamos um outro obscuro além / diferente / que não aquele das primeiras eras /
10	idade[s] / anos da terra, e o ilustramos de uma outra maneira, é o obscuro dos tempos mesclados, e nossas falas / palavras afluem / provêm de toda parte, apagam-se juntas, recriam seus caos. A filosofia da Relação é a aspiração frágil, o outro lugar onde surpreender essas maneiras multiplicadas que temos de [com]partilhar nossas ligações / relações rizôm[át]icas sem que ela confunda jamais essas maneiras umas com as outras e sem que seus diferentes, cujas opacidades já correspondem, sejam opostos de forma absoluta / absolutamente, fosse
15	isso de / sequer uma vez. >>>
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> Compreendemos então que o que nos distrai da <i>essência</i> de um sagrado, da leitura de um poema primordial, não é, doravante, a banalização nem a tecnicidade inabalável nem a laicidade legislada de nossos saberes e de nossas maneiras, mas isto: que a poética da Relação projetou à nossa frente esse poema em espraiamento que considerávamos haver nascido das lavas
5	primordiais. Ele não se acerca de qualquer <i>essência</i> , precisamente, ele estabelece um outro sagrado, na Relação, não disto àquilo, mas de tudo a tudo. Resta-nos ainda lhe emprestar vida nas desmedidas do mundo. Pois atravessamos um outro obscuro que não aquele das primeiras eras da terra, e o ilustramos de uma outra maneira, é o obscuro dos tempos mesclados, e nossas palavras afluem de toda parte, juntas se apagam, recriam seus caos. A filosofia da
10	Relação é a aspiração frágil, o outro lugar no qual surpreender as maneiras multiplicadas que temos de partilhar nossos vínculos rizomáticos, sem que ela confunda jamais essas maneiras umas com as outras e sem que seus diferentes, cujas opacidades já correspondem, sejam opostos em absoluto, fosse uma vez sequer. >>>

Tabela 32

Philosophie de la Relation, p.148-149	
1	>>> L'obscur n'est pas l'irréparable, même s'il voyage entre éruption et enfouissement. Nous voyons l'horizon en imagination, nous avançons, il recule et s'évanouit sans cesse, parce que notre seule manière de le concevoir vraiment, c'est par notre imaginaire. Celui-ci crée les horizons des îles ou des villes, et par conséquent la réalité des archipels. Ce serait (à jamais aussi) sur chaque horizon levé, où que ce soit au monde, et que cet horizon fût né de n'importe quel paysage, ou père de n'importe quel pays. Car la filiation, douteuse condition des humanités quand elles veulent la légitimer, vaut pour ces horizons et ces paysages et ces pays: ils n'héritent pas, ils <i>poursuivent</i> . Sinueux et indéfaisables comme les rivières Lézarde autour de nous, qui sont si nombreuses et indémêlables dans leurs tournants. Et hauts et droits et seuls comme le seul mont Fuji.
5	
10	
Primeira tradução, 10/2018	
1	>>> O obscuro não é o irreparável, mesmo que ele viaje / transite entre erupção e enterramento. Vemos o horizonte em imaginação, avançamos, ele recua e se esvai toda vez / sem cessar, porque nossa única maneira de concebê-lo realmente é por nosso imaginário. Este cria os horizontes das ilhas ou das cidades e, conseqüentemente, a realidade dos arquipélagos. Seria o mesmo (para sempre também) sobre cada horizonte levantado / erguido, onde quer que seja no mundo, e que esse horizonte fosse nascido de qualquer paisagem, ou pai de qualquer país. Pois a filiação, duvidosa condição das humanidades quando querem legitimá-la, vale para esses horizontes e essas paisagens e esses países: eles não herdam, eles <i>perseguem</i> . Sinuosos e indesfactíveis como os rios Lézarde ao redor de nós, que são tão numerosos e indesmisturáveis / indesmescláveis em suas curvas. E altos e eretos e sós como o só / sozinho / solitário monte Fuji.
5	
10	
Segunda tradução, 01/2020	
1	>>> O obscuro não é o irreparável, mesmo que ele transite entre erupção e ocultação. Vemos o horizonte em imaginação, avançamos, ele recua e se esvai sem cessar, porque nossa única maneira de concebê-lo realmente é por nosso imaginário. Ele cria os horizontes das ilhas ou das cidades e, conseqüentemente, a realidade dos arquipélagos. Seria o mesmo (para sempre também) para cada horizonte erguido, onde quer que seja no mundo, e que esse horizonte houvesse nascido de qualquer paisagem, ou que fosse pai de qualquer terra. Pois a filiação, duvidosa condição das humanidades quando a querem legitimar, vale por esses horizontes e essas paisagens e essas terras: eles não herdam, eles <i>perseguem</i> . Sinuosos e irremediáveis como os rios Lézarde ao nosso redor, que são tão numerosos e irremissíveis em seus meandros. E altos e retos e solitários como o solitário monte Fuji.
5	
10	

- Diferentes e suas diferenças em torno de "case"
- Outros diferentes e suas diferenças em torno de "casa"

Chegamos aqui aos últimos comentários a respeito das decisões pontuais de meu processo tradutório, ocasião em que apresento as dificuldades de tradução de "case" e de outras palavras semântica e contextualmente associadas nos trechos selecionados de *Philosophie de la Relation*. As funções e os desdobramentos estéticos e filosóficos de "case" foram interpretados no capítulo 2 desta tese, juntamente com a reunião de suas ocorrências e aquelas das palavras relacionadas. O leitor teve também a oportunidade de verificar cada uma dessas ocorrências nas transcrições deste capítulo 3, as versões tradutórias e algumas considerações sobre elas.

Os aspectos interligados e definidores das dificuldades encontradas na tradução de "case" foram, a partir de minha interpretação, a sua grande importância para a estrutura do ensaio e a definição de seu sentido pela progressão do próprio texto. (E, antes de prosseguir, gostaria apenas de observar que o detalhamento dessas dificuldades não decorre de qualquer caráter atípico que eu veja nelas, mas, ao contrário, de uma típica e potencial representação do ato tradutório de forma mais ampla e da interpretação engajada que ele requisita).

Retomo, então, algumas informações para que possamos mapear a rede de palavras e sentidos em questão. No ensaio, "case" é a principal denominação da casa onde o autor nasceu e passou o início de sua infância e é referida de algumas maneiras diferentes ao longo do texto. As palavras ou expressões que a designam diretamente são⁶³:

- "case" (p.16, 17, 18, 19, 102)
- "maison primordiale" (p.17)
- "notre caye" (p.17)
- "case de la naissance" (p.102, 117)
- "cabane" (p.117)
- "maison de naissance" (p.143)
- "lieu de sa naissance" (p.146)
- "case à naissance" (p.146)

Dentre as referências indiretas e palavras utilizadas do mesmo campo semântico, com as quais, portanto, ocorre interação de sentido, temos:

⁶³ As referências feitas somente a páginas são retiradas de GLISSANT, 2009.

- "cabane à débarras" (p.17)
- "les maisons de ciment" (p.19)
- "la maison de la source" (p.144)
- "les Maisons des morts" (p.145)
- "[la rivière comme] maison" (p.146)

Essa diversidade lexical indica uma diversidade semântica não por correspondências exclusivas entre uma palavra e um significado já dados, mas, sim, de maneira inter cruzada, o que se evidencia e se potencializa quando envolvemos outro sistema linguístico ao qual queremos verter o texto original. Dependendo da opção de tradução de uma dessas palavras, há reverberações na tradução das restantes.

Certamente a maneira mais simples e direta de resolver o problema é a opção pelas traduções mais coincidentes aos sentidos supostamente próprios das palavras do texto fonte por meio do recurso aos cognatos quando, como nesse caso, trabalha-se com idiomas aparentados. É uma espécie de "tradução literal" que pode alimentar um vício de origem, ou seja, colocar o sistema linguístico – ou o que se considera como tal, constituído pelos sentidos registrados disponíveis, por exemplo, em dicionários e enciclopédias e pelo repertório pessoal do tradutor – hierarquicamente acima do sistema particular do texto que se está traduzindo quanto à orientação da escolha tradutória.

Dessa forma, ao verificar que o francês "case" e o português "casa" são cognatos, mas têm sentidos que poderiam não coincidir de forma predominante, tenderíamos a optar por outra tradução que comportasse o sentido de inferioridade da palavra francesa, como "casebre", talvez. Isso permitiria que "maison" fosse traduzido por "casa", por exemplo, apenas para citar a interdependência semântica e lexical mais relevante. Porém, dentre as traduções sondadas com o possível sentido de precariedade, como a mencionada "casebre" e outras como "casinha", "cabana", "tenda", "barraco", "barracão", nenhuma era satisfatória pela pouca coincidência com a minha interpretação ou pela incompatibilidade de registro.

Além disso, o uso de "cabane" (p.117) como ponto de oscilação objetiva que ressalta a fragilidade do que é referido como "case" no restante do texto possibilita uma espécie de desobrigação ou atenuação da atribuição de tal sentido pelo próprio nome do objeto, isto é, ressalta o papel importante do texto na construção do sentido de fragilidade em torno de "case" mais ou menos independentemente do substantivo utilizado. Logo, haveria mais uma distinção a se fazer. A relação e gradação de sentidos do conjunto "maison"/"case"/"cabane"

eram, para mim, paralelas ao conjunto "casa"/"casebre"/"barracão" ou algo similar, mas isso era ainda menos satisfatório.

Seguindo minha intuição inicial, investi na pesquisa da rede de sentidos do texto e das consequências de optar pela tradução de "case" como "casa". Primeiramente, pela recorrência de "case" em diferentes situações e estilos de discurso, considerei que o texto é ativo na formação de sentidos, para mim, potenciais, isto é, não conta exclusivamente com os sentidos usuais. Essa percepção é coerente com o que interpretei como recurso contrastante a "cabane" (p.117) para explicitar o sentido de fragilidade e pela própria importância do sentido de "case", construído em torno da história pessoal do autor e determinante para a articulação da alegoria da casa da infância com sua filosofia.

Mas, ao lado do aspecto semântico, há que se considerar também a relevância da palavra em si para o seu próprio sentido e o de suas relações. Para isso, verifiquei que o crioulo "caye" (p.17) tem o significado registrado de "maison" ["casa"] sem traço de precariedade (CONFIANT, 2007, letra K, p.29, entrada "kay"). Ciente disso e pela ligação de Édouard Glissant ao crioulo, sua língua materna e elemento de influência em seu pensamento enquanto expressão e resultado dos processos que observou, considero possível que ele tenha usado "case" não necessariamente ou apenas por seu sentido de precariedade, mas antes e principalmente pela sua capacidade de aludir a "caye", o que permitiria uma interpretação do sentido de "case" como próximo ou equivalente ao sentido usual de "maison" na língua francesa.

Dessa forma, no contexto dado, a tradução de "case" por "casa" tem, a meu ver, as seguintes vantagens: é polissêmico e flexível, pois pode designar muitos tipos de moradia; mantém uma relação similar à do francês "case" com o crioulo "caye", palavra emprestada na tradução; e é capaz de se impregnar do sentido afetivo que interpretei no texto original por ser este sentido afetivo uma de suas acepções. Consequentemente, a tradução de "maison" automaticamente feita por "casa" na primeira versão, precisou ser revista. Como outras palavras em crioulo, "caye" foi emprestada para imitar sua relação como palavra não pertencente ao idioma predominante do texto (a língua francesa no caso do texto original, o português brasileiro, no caso de minha tradução) e por expressar a relação específica do autor com sua língua materna, relação que, para mim, reverbera em sua filosofia, como se pode ver em alguns aspectos abordados desde o capítulo 1 desta tese.

Elenco a seguir as ocorrências individualizadas e suas traduções finais:

- "cette case" (p.16) → "aquela casa"
- "de la case" (p.17) → "da casa"
- "maison primordiale" (p.17) → "morada primordial"
- "notre caye" (p.17) → "nossa caye"
- "cabane à débarras" (p.17) → "depósito"
- "la case" (p.18) → "a casa"
- "les maisons de ciment" (p.19) → "as habitações de alvenaria"
- "la case" (p.19) → "a casa"
- "La case de la naissance" (p.102) → "A casa do nascimento"
- "la case" (p.102) → "a casa"
- "Cette cabane" (p.117) → "Aquele casebre"
- "la case de la naissance" (p.117) → "a casa do nascimento"
- "la maison de naissance" (p.143) → "a morada de nascimento"
- "la maison de la source" (p.144) → "a morada da nascente"
- "les Maisons des morts" (p.145) → "as Moradas dos mortos"
- "lieu de sa naissance" (p.146) → "lugar de seu nascimento"
- "[la rivière comme] maison" (p.146) → "[o rio como] morada"
- "case à naissance" (p.146) → "casa de nascimento"

Rastros e desdobramentos da viagem

Início aqui o movimento de ampliação sequente à concentração que quis realizar ao partir da abordagem de algumas dentre as noções de Édouard Glissant que considere interessantes para, ao mesmo tempo, uma introdução ao seu pensamento e alguma relação com os temas desenvolvidos nesta tese (capítulo 1), passar pela exposição de minha interpretação do sentido e da função de "case" em *Philosophie de la Relation* (2009) (capítulo 2) e chegar ao relato do processo tradutório dos trechos selecionados da mesma obra contendo a exposição de texto original e versões tradutórias juntamente aos comentários a respeito de dificuldades de tradução predominantemente pontuais (este capítulo 3).

Como dito no início do capítulo, essa ampliação tem dois aspectos: um debruçado sobre o processo tradutório como um todo, que procura oferecer alguma síntese da experiência tradutória particular, e outro de desenvolvimentos em direção ao traduzir de forma mais geral, sendo assim uma continuidade na rota pretendida de abertura ou espraçamento. Digo que são aspectos porque, embora pudessem ser momentos destiláveis pela análise e expostos em sequência, vejo-os ainda na dinâmica de oscilação entre a atenção aos detalhes e a vista de diferentes níveis de conjunto, imbricação presente nas exposições que se seguem.

O caminho de volta a um projeto de tradução

Precedente ao ato tradutório, mas já como um de seus primeiros passos, há a leitura do texto original que pretende prepará-lo. Processo que apenas se inicia, a primeira dificuldade é a interpretação desse texto: esboço de uma compreensão geral, procura de efeitos de leitura experimentados pela estratégia discursiva geral e pelas construções específicas, procura de indícios de intertextualidade, entre outros. Ao fim desse percurso, que envolve inúmeras retomadas e reconsiderações, manteve-se o princípio geral do esboço de meu projeto de tradução, a que me referi no início do capítulo, segundo o qual eu pretendia não reduzir, explicar ou explicitar a estrutura e os elementos do projeto estético por mim identificado em *Philosophie de la Relation*. Assim, antes da empreitada tradutória, havia já a noção de que tal projeto estético era um aspecto importante do ensaio e um forte candidato, portanto, a prioridade do projeto de tradução.

De forma geral, é possível dizer que este ensaio, como outros de Édouard Glissant, exige uma leitura lenta, imaginativa e, ao menos para mim e para além da necessidade de leitura detida da pesquisa, também a necessidade de muitas retomadas. Contribuem para isso algumas características como: períodos longos com diversas orações encadeadas, que expressam raciocínios intrincados e cuja interpretação é, por isso, trabalhosa pela remontagem lógica e semântica; gênero literário múltiplo com predominâncias parciais e oscilantes de aspectos estilísticos e temáticos da autobiografia, de reflexões filosóficas, narrativas mítico-poéticas, lirismo, poesia em verso formal, entre outros, do que resulta uma complexidade de naturezas estéticas entrecruzadas; ocorrência de algumas palavras do crioulo (martinicano e guadalupense), topônimos da Martinica e menções à flora e à fauna locais, menções a pessoas, fictícias ou não, autores e obras sem explicitação clara de seu sentido ou função no texto; ausência completa de elementos explicativos como notas ou glossário; entre outras.

Isso seria bem capaz de provocar, numa tradução, o recurso a paratextos editoriais e do tradutor, como notas, apresentações, prefácios, posfácios, e/ou, por outro lado, uma tendência a opções tradutórias explicativas de alguma forma. Poderia ser o caso se houvesse indícios de algum tipo de limitação de circulação da obra, o que poderia inspirar uma inserção mais ostensivamente mediada num novo meio, mas não há. Os indícios vão, na verdade, no sentido contrário, pois a atuação de Édouard Glissant abrangeu diversos países

e ainda mais amplamente circula sua obra, para o que contribuem suas traduções. Disso pode-se concluir que as dificuldades de leitura de *Philosophie de la Relation*, similares às dificuldades ou características de outros de seus ensaios, não derivam majoritariamente de uma recepção estrangeira ao seu contexto de circulação.

Assim, antes de decidir a reação tradutória, resta ainda perguntar a razão dessa configuração, o que se responde na própria leitura do ensaio e por mais uma de suas características: o discurso sinuoso e intuitivo, não dado à exaustão de seu objeto ou, de outro modo, que constantemente alude ao que escapa ou desafia sua razão. Juntamente às outras características elencadas, isso não repercute na possibilidade de uma compreensão totalizante de um sentido parcial proposto pelo texto, mas, justamente por esse conjunto estético complexo, resulta numa experiência de leitura imprecisa, lacunar e tateante paralela ao próprio discurso lido.

A enunciação do espaço nos capítulos II e III, por exemplo, não parece ter o propósito de imergir o leitor naquele ambiente específico por sua descrição referencialmente detalhada. O que está em cena não são o espaço e seus detalhes possivelmente estranhos à percepção de um leitor não martinicano, mas o corpo e a mente do autor-narrador, isto é, seus pensamentos, emoções e sensações físicas e que são, dessa forma, os mediadores do discurso. O leitor é posto a acompanhar o percurso narrado, mas carregado do sentido afetivo e crítico que tem para Glissant, tudo isso sob a marca de sua busca pela casa e da busca do leitor pelo sentido.

Por isso e para efeito de formulação de minha postura tradutória, avaliei como uma das propriedades do texto original em diversos de seus momentos – assim como um componente de *sentido* na medida em que influi diretamente neste – essa possibilidade de o leitor ter uma experiência não totalmente fundamentada numa conceituação objetiva e decidi não recorrer a elementos ou traduções explicativas – o que foi também pontualmente abordado nos comentários à tradução. Isso vale por dizer que não vislumbrei em nosso contexto algum obstáculo maior ou outro empecilho para uma recepção similar ao do texto original, o que, por fim, orientou minha postura de não facilitar a leitura do texto traduzido em relação à minha interpretação do texto original.

Outro aspecto relacionado a essa experiência e pelo qual orientei minhas opções tradutórias, é o desdobramento e a reverberação da referencialidade concreta do mencionado relato da busca da casa, por exemplo, para um entendimento metafórico na

dimensão filosófica do ensaio. Com essa percepção, atentei para não traduzir o concreto por meio de uma interpretação abstrata, o que reduziria a força da relação poético-linguística dos dois sentidos sobrepostos, na qual justamente o figurado parece se basear e partir do concreto.

Penso que esses exemplos ilustram como, no caso de minha pesquisa e potencialmente em outros, a formulação de um projeto de tradução e a busca de coerência da postura tradutória só se concluem com o término e a revisão do processo de tradução. Pelo que julgo transparecer nas considerações anteriores, essa dinâmica se rege pela interdependência entre interpretação e tradução.

Embora a tradução possa ser entendida figuradamente como sinônimo da primeira, a diferença mais significativa talvez esteja no fato de que uma interpretação pode permanecer inexpressa, isto é, não compartilhada, mas uma tradução, em sentido próprio ou figurado, parece que sempre deve ser expressa. Dessa forma, e procurando nos manter com o sentido literal de *tradução* enquanto o ato de produzir um texto numa língua que se pretende a versão de outro texto escrito noutra língua, pode-se dizer que a tradução exige idealmente uma tarefa além da interpretação: a sua expressão ou formulação, constatação pela qual se afasta consideravelmente a possibilidade de que as operações constituam sinônimos. Igualmente, por identificar uma especificidade da tradução, mesmo que não exclusiva, isso auxilia em sua análise.

Aquela interdependência trabalha como uma sucessão de operações interpretativas, que constroem o sentido, e tradutivas, que o reformulam ou reescrevem. Age então novamente a interpretação sobre a tradução formulada como crítica à interpretação anterior, assim como a formulação efetuada pela tradução põe à prova a interpretação em que se baseia. Essa sucessão de revisões e reformulações se articula com a oscilação de perspectiva entre detalhes e conjunto do texto original e do texto traduzido em construção. Neste, busca-se a expressão da coerência tradutória pela ponderação das reverberações do uso de diferentes opções de tradução. E assim segue até que o tradutor se satisfaça numa acomodação. Em síntese, se fosse possível abreviar essa sucessão, poder-se-ia dizer que, para traduzir, interpretamos a nossa própria interpretação prévia do sentido construído do texto original.

O processo provoca assim a consolidação da interpretação do texto original e da forma do texto traduzido juntamente à fixação das prioridades de tradução. Porém, mesmo

nessa conclusão, creio que aquela interpretação e esta forma não podem ser vistas como correspondentes porque o texto traduzido talvez deva possibilitar não apenas *uma* interpretação, seja ela a mais coerente ou plausível que o tradutor elaborou, mas algo próximo à *multiplicidade* de interpretações que o tradutor identificou como pertinentes segundo suas limitações e capacidades hermenêuticas. E isso depende dos objetivos e das prioridades de cada projeto de tradução.

O laboratório da tradução comentada

Com um olhar já retrospectivo, avalio que a maior parte das questões e reflexões provocadas em mim pela pesquisa, senão todas elas, tem sua própria possibilidade de origem vinculada ao formato ou campo da "tradução comentada", pois, apesar de poder ser considerado um gênero textual em construção e, assim, ser "pouco discutido, porém muito frequente", segundo Adriana Zavaglia, Carla Renard e Christine Janczur, a característica que parece defini-la de forma mais pertinente atualmente, em contexto acadêmico, é que "não é somente a tradução em si que sobressai, mas toda a pesquisa feita para se chegar a ela" (ZAVAGLIA, RENARD, JANCZUR, 2015, p.335). Os elementos que podem compor essa modalidade são diversos e variáveis, e passam por contextualizações históricas, análise da obra a ser traduzida, em que, por exemplo, são definidas ou delineadas inicialmente suas características aparentemente mais relevantes com o fim de estabelecer as prioridades de tradução, o registro do processo tradutório e, finalmente, a análise e as conclusões do pesquisador-tradutor sobre o processo como um todo.

Essa variância ocorre, segundo as autoras, principalmente porque "é a natureza da obra em tradução que direciona a configuração do texto [acadêmico]" (ZAVAGLIA, RENARD, JANCZUR, 2015, p.348), o que afirmam após a exposição das características gerais de dois trabalhos de tradução comentada cujos objetos são obras de distintas épocas e áreas do conhecimento. Isto é, a pesquisa gira em torno do trabalho de tradução numa interdependência entre esforço interpretativo, análise crítica do texto a ser traduzido e elaboração do projeto de tradução, como etapas preponderantemente preparatórias ou iniciais, e a identificação e reflexão sobre as dificuldades encontradas e os diferentes âmbitos de composição e manifestação dos comentários sobre o ato tradutório, como etapas aproximadamente de conclusão, todas as quais, porém, entre etapas iniciais e de conclusão, interpenetram-se. Há, assim, um esforço de explicitação de atitudes e aspectos

que, noutras situações, não receberiam atenção, o que leva a atribuir à tradução comentada uma função,

[...] primeiramente, pedagógica, pela qual o estudante, ao registrar um processo primordialmente analítico, questiona constantemente suas próprias decisões, mergulha no texto original enquanto leitor-tradutor, tenta entender as dificuldades interpretativas da obra em tradução. (ZAVAGLIA, RENARD, JANCZUR, 2015, p. 349)

A tradução comentada pode ser vista, assim, como um laboratório ou um experimento em que se induz um ato de tradução e se procura iluminar os seus processos. E creio que essa função pedagógica procure se estender ao leitor, intenção que seria a principal motivadora do esforço de explicitação de uma pesquisa assim, mesmo que esse leitor seja antes de tudo o próprio pesquisador. Digo isso não apenas como um aspecto identificável em atos comunicativos, mas, também, como uma característica evidenciada quando exploramos, na medida e na desmedida da pertinência, a tradução comentada como um laboratório. Se o pesquisador tem o seu papel como o sujeito que manipula elementos, cria as condições para o desenrolar de processos e os observa, o que seriam, mais especificamente nessa analogia, esses elementos e processos? Não se trata apenas do texto original, pois ele sozinho não se traduz. Notamos logo que, além de observar as operações de um ato de tradução, esse pesquisador, na realidade, só pode ter algum acesso a tais operações porque ele próprio é que traduz: ele é, além daquele que produz as condições do experimento e interpreta seus resultados, também aquele que diretamente anima as reações do experimento e produz seus resultados. Isto é, o pesquisador-tradutor tem em seus processos cognitivos o objeto de sua própria cognição, e a consequência disso é o que me pareceu se manifestar como uma natureza dupla ou ambígua do relato do processo de tradução, o que também se associa à evidenciação da interdependência entre interpretação e tradução possibilitada pela modalidade "tradução comentada".

A natureza dupla do relato seria composta pela aglutinação entre o objeto de análise, mais materialmente evidente como o registro das versões tradutórias e de suas notas circunstanciais por supostamente representarem a espontaneidade do ato tradutório, e a intervenção crítica do sujeito da pesquisa sobre esse objeto, definição que já começa a colocar problemas, pois, em se tratando de tradução comentada, isso é a interferência naquele registro para a elaboração do relato. Não se escapa aqui dessa aglutinação sujeito-

objeto (já expressa de algum modo na complementaridade entre interpretação e tradução), pois, na hipótese de que o objeto de análise não fosse produzido pelo pesquisador, a pesquisa se aproximaria mais de uma crítica genética e não haveria qualquer acesso aos processos cognitivos não registrados e, noutra hipótese em que o pesquisador-tradutor fixasse o registro de seu ato tradutório a fim de não interferir em sua constituição para apenas examiná-lo e interpretá-lo, isso configuraria, no mínimo, uma ingenuidade pela ignorância de que já haveria algum tipo de influência nesse registro apenas pela ciência de que ele seria posteriormente objeto de análise do mesmo sujeito.

Não há outra coisa a fazer senão assumir essas sobreposições, o que me leva à consideração de mais um desdobramento. Se a pertinência a um laboratório já caducou, pois que seu rigor de definição de postos e de controle de variantes desaprovou a aglutinação entre sujeito e objeto da pesquisa em tradução comentada, resta o laboratório da mente, onde tudo se passa e onde objetos se tornam sujeitos e vice-versa, um palco livre para a manifestação de um fenômeno tão humano.

Antes da realização da tradução, o fato de o relato ser ao mesmo tempo operação e objeto da pesquisa se mostrava, para mim, como um potencial causador de problemas e levantava questões relacionadas principalmente à "autenticidade" desse registro e da minha correspondente capacidade em não "simular" procedimentos e dificuldades que não ocorreriam ou não seriam evidenciados num ato de tradução sem esse compromisso de registro e sem a expectativa de seu uso como objeto de estudo. De fato, quando iniciei a tradução e seu registro, tive dúvidas sobre o que deveria ser anotado por conta da dificuldade em prever o que mais tarde seria útil ou não.

Mas não havia o que fazer a não ser embrenhar-me na tradução e seu registro. Por isso, o registro de elaboração da primeira tradução (anexado ao fim da tese como apêndice), além de ser isso mesmo que é, retrata também, em sua heterogeneidade, processos de progressiva elaboração e familiarização com a forma de marcação das dúvidas de tradução e das notas, familiarização com o texto original, percepção de dificuldades mais ou menos recorrentes e, estimulada por essa recorrência, exploração reflexiva inicial de tais casos. Com o tempo, a preocupação com alguma "simulação" ou "falsificação" involuntária no registro do processo de tradução se estabilizou como uma atenção a possíveis preciosismos ou omissões, o que parece ter sinalizado a superação da fase mais aguda e inicial de aprendizado e elaboração de minha própria maneira de registrar tal trabalho.

Então, completando de alguma maneira um ciclo por meio do retorno ao projeto de tradução, o qual afirmei cioso da configuração estética e de certa "autossuficiência" que pude identificar em *Philosophie de la Relation*, não posso deixar de notar a contradição entre ele e a tradução comentada como um todo, com suas análises sobre o ensaio e comentários a respeito de opções de tradução. Quero dizer que a viabilidade de um projeto assim, apesar de bem ou mal defendida por mim, só poderá verificar-se na ausência de tudo isso. Mas, no caso em que demonstre a necessidade de maior mediação para circulação em nosso contexto ou, ao contrário, no caso em que se justifique a possibilidade de uma circulação menos tutelada, ambas as possibilidades contribuem para sua difusão progressivamente autossustentável.

Traficções

[22] Encenação

Procuro me lembrar de anotar as datas de meus comentários e reflexões. Não tive sempre a atenção de registrá-las. É um esforço de situação e mapeamento dentro do progresso da pesquisa como o registro da data nas tabelas de tradução dos trechos escolhidos de Philosophie de La Relation.

Penso que assim haverá alguma referência mínima sobre a progressão interpretativa, crítica e tradutória e, assim, uma possibilidade maior de perceber o tecido desse percurso, ou de realmente tecê-lo. Mas, quanto dessas datas (e das anotações que as acompanham) será aproveitado como elemento objetivo no texto final da tese?

Difícilmente terei a capacidade mnemônica para articular todo o processo, que é evidentemente rizomático: (1) materialmente [entre suportes físicos (fotocópias anotadas, cadernos, papéis soltos) e digitais (diversos arquivos de texto de rascunhos e anotações gerais, registro de áudio de exame de qualificação e outras notas, imagens)] e (2) mentalmente [muitas germinações do que veio a ser a pesquisa do doutorado estavam já no mestrado e, de forma mais difusa, mesmo antes do contato com a obra de Édouard Glissant ou de minha graduação nas Letras; do projeto inicial ao curso das disciplinas, o questionamento de estereótipos e a desconstrução de ideias preconcebidas; o contato com diferentes modalidades de tradução e perspectivas críticas sobre o fazer tradutório e a consequente complexificação da representação mental que ele passa a ter (apesar de poder ser experimentado de forma fluida em muitos momentos, mesmo em ciência dessa diversidade crítica e dos diferentes aspectos atuantes durante a tradução)].

Obviamente, os dois aspectos, material e mental, são interdependentes, relação evidente quando se procura reconstituir as conexões imateriais entre registros materiais, o que desenha uma rede abstrata, intrincada e de retomada e reformulação constantes. O pensamento tende sempre a se transformar, abandonando aos poucos tudo o que um dia formulou e o constituiu, dando lugar a novas ideias, imagens e lampejos... que se desfazem em algum momento posterior. O registro material também se desfaz, mas pode persistir além da vida que o criou. (O que me faz perguntar como se registram os pensamentos na mente. Haveria uma escrita de alguma forma material, como um registro magnético, num

plano neurológico ou espiritual?). E mesmo considerando que a interpretação dos registros materiais depende de nós, dos outros: esse registro é dado ao mundo: o indivíduo autor cede ao coletivo e perde sua autoridade, inclusive no que diz respeito ao sentido daquilo que produziu.

[Ocorre-me, então, que o mundo todo está disponível à interpretação, não apenas o que se produz com a intenção de que seja recepcionado. Mas não se trata de estar disponível. Nada está disponível. Disponível está quem escuta, enxerga, tateia e saboreia: interpreta, pondera, elabora. São todas ações, antes de tudo, mentais, abstrações de uma consciência individual na qual estamos imersos e que motivam nossas atitudes. São modos de nossa interação com um mundo cujas dimensões de existência e manifestação não dominamos racionalmente, muito menos conscientemente. Os objetos materiais construídos e manipulados são antes e simultaneamente elaborados e manipulados pelo pensamento, assim como aqueles sem existência concreta, os quais não são menos reais, pois sua realidade, para nós, é também mental, isto é, depende de nossa interpretação. Eles não permitem ou deixam de permitir que os percebamos. O que os percebe é a consciência, motor do sujeito que se disponibiliza ao mundo, e o modo dessa disponibilização é também o próprio sujeito na trama de suas limitações e capacidades. Sejam as coisas produzidas ou não por indivíduos, consciências, coletividades, são todas constituídas e passíveis de alguma forma de relação. Os rastros das coisas assim nos constituem. Não as apreendemos totalmente porque o fazemos em nossos próprios e mutantes termos, os quais se transformam justamente assim e, afinal, não são tão próprios assim.]

A preocupação em organizar e registrar a cronologia vem do fato de a pesquisa se basear numa tradução comentada. Pelos objetivos que me propus, sinto que produzo meu próprio objeto de estudo e que, assim, termino por ver minha consciência como objeto dela mesma, já que ela atua sobre seu próprio produto: o trabalho crítico manipula o tradutório, este que é também e necessariamente crítico quanto aos textos original e traduzido. E como não é possível esquecer que analisarei o trabalho de tradução, registro tudo o que posso sem a medida do que é ou seria útil em outra situação: encontro-me numa espécie de ficção ou encenação tradutória e crítica: uma metatradução?

[7] A vida dos objetos simbólicos

A leitura pode ser uma das formas de contato com a alteridade. Nessa modalidade, todavia, o contato físico e concreto é feito com o suporte do texto. A alteridade ou sua expressão não estão ali de fato, na inscrição dos signos ou em seu suporte. Trata-se de um processo simbólico em que, enquanto leitores que partilhamos aquele código, precisamos exercer a nossa interpretação. Sendo esta interpretação tudo menos uma chave constante e inequívoca de decifração, resta que só entramos em contato com o outro a partir de nossos próprios saberes e instrumentos. Todo esforço de conhecimento, como tentativa de apreensão de algo que desconhecemos, é possível apenas a partir do que temos ou somos anteriormente e se configura como um esforço de aproximação a algum tipo de alteridade. É um movimento de transformação cognitiva do sujeito.

Porém, estaria o texto, no seu potencial simbólico, mais para uma alteridade em si ou para a expressão de uma alteridade? Qual seu grau de autonomia, se é que possui alguma?

Textos são certamente a expressão de seus autores e ambos, textos e autores, situam-se temporal e espacialmente em seus contextos. O pertencimento a seus contextos pode ser expresso mais ou menos ostensivamente e de várias formas; tal pertencimento parece evidente. O mesmo não ocorre se pensarmos sobre a possível relação de pertencimento entre um autor e todos os seus textos, para o que teríamos de concebê-lo como uma entidade razoavelmente constante. Mas, como é bem possível que tenhamos experimentado, mesmo um texto escrito por nós pode circunstancialmente nos causar estranhamento, isto é, pode nos parecer ser a expressão de um outro, em todo caso um outro nós, outro eu. Por isso, a prioridade maior talvez seja do vínculo de um texto com seu tempo e seu espaço. Considerando-se a autoria, ela estaria, grosso modo, subordinada a eles.

Seria contraditório que o processo simbólico criasse objetos autônomos. Ao contrário, enquanto processo que articula forma e sentido, que cria conexões e correspondências, o que ocorre é a formação e transformação contínua de redes simbólicas compartilhadas por aqueles sujeitos que dominam em maior ou menor parte os códigos dessas redes. E estas podem ser heterogêneas, estratificadas e possuir múltiplas intersecções com outras redes. Os objetos simbólicos, como poderiam ser chamados os textos, são obviamente expressões

contextualizadas de seus sujeitos. Porém, esses autores, naquele momento de seu percurso pessoal e naquele ato específico de criação, são tão únicos quanto seu tempo e seu espaço contextuais. Nessa perspectiva, é possível atribuir algum grau de autonomia a esses objetos simbólicos, pois, ao mesmo tempo em que são produtos de um autor em seu contexto e momento, não pertencem mais a ele individualmente e transitam no sistema compartilhado dotados de um tipo de vida concebida na rede e pela rede. A tutela de tais objetos é compartilhada por todos nós de diferentes formas e eles dependem deste sistema para circular, da mesma forma como o sistema se constitui desses objetos, de sua circulação e de nós mesmos, seus sujeitos.

(As dinâmicas de disputa de condução e autoridade sobre tais objetos são evidentemente relevantes, mas aqui gostaria de manter uma espécie de utopia quanto à liberdade e ao livre trânsito de ideias e seus objetos simbólicos, o que faço como desejo e afirmação dessa possibilidade).

[2] Na biblioteca

Os textos não dizem por si, não possuem voz ou poderes próprios, como talvez fantasiemos ao nos deparar com uma escrita estranha. Fechados, numa prateleira, não aguardam a leitura de seus encantos, a libertação de suas palavras. Estas não sairão voando ou correndo ao abrirmos as portas-páginas da jaula-livro. Papel e tinta são matérias inertes e jazem tão sujeitos ao intemperismo quanto o barranco vermelho da beira de uma estrada que, numa chuva mais forte, pode desabar. Os livros, a estrada e o barranco caminham juntos com nossa placa tectônica para a subducção e refundição sob o Oceano Pacífico, mas não sem antes integrar os Andes. E até lá, todas essas palavras não significarão mais nada para ninguém.

[4] Nas ruínas do sentido

Na leitura e na interpretação de modo geral empreendemos a reconstrução do sentido, o que não significa dizer que o sentido "original" seja recuperável por meio dessa reconstrução. O sentido "original", enquanto elemento de trabalho do autor e por mais que este e seus discípulos aleguem-lhe qualquer univocidade, está para sempre perdido, ou melhor, diluído e condenado a imbricar-se com os sentidos dados pelas leituras que se farão. Tal sentido já se perde para o próprio autor no momento em que se encerra a escrita e o texto é publicado.

O sentido dos textos e dos discursos está sempre em construção. Por isso, as dificuldades da tarefa tradutória são basicamente as dificuldades de qualquer ato de comunicação, isto é, da produção e interpretação de discursos. Mas há uma pretensão mais ousada, um passo além e muito imprudente por si só: a tradução quer ser, tanto quanto possível, um texto análogo ao original em sua poética, quer reproduzir suas relações particulares e rigorosamente irrecuperáveis entre texto, contexto e significado; entre forma, leitura e sentido; entre representação, interpretação e coisa representada. (Isso não é exclusivo à tradução de prosa e poesia, gêneros considerados eminentemente poéticos. Qualquer gênero mais próximo ao polo instrumental do uso linguístico também possui sua poeticidade, pois a natureza da língua é poética e, portanto, simbólica).

Quanto a esta morte da originalidade do sentido (morte do que não há), vamos evitar a possível melancolia decorrente do apego a essencialidades e purismos, seus vizinhos. Por exemplo, não choremos pela morte do latim. Apesar de morto, ainda vive, mas não por meio de seus estudiosos ou pela preservação de seus restos mortais. Ele vive mais significativamente nas línguas e culturas contemporâneas influenciadas por ele. Rizomatizando essa perspectiva, pode-se dizer que jamais existiu o latim como o vemos hoje. O que há hoje – o latim chamado clássico ou outra convenção – são construções. Ele foi um elo, uma transição – por certo muito extensa no tempo e no espaço – entre o que havia antes e o que houve depois. Assim como, de forma geral, o presente é uma transição, mas é onde se vive e em função do que agem o pensamento e nossas criações materiais e simbólicas.

A produção e a leitura de um texto é um fluxo. Seu primeiro leitor é o autor. Primeira leitura dilatada, simultânea à produção. É, como na escrita deste texto, cheia de idas e vindas, supressões, extensões, digressões, tanto no encadeamento lógico quanto na manipulação material do texto para se chegar a um encadeamento possível e o qual só se conhece, na maior parte das vezes, ao fim do trabalho. As leituras posteriores serão sempre de terceiros. O próprio autor, e mesmo durante a primeira escrita, pode ser um terceiro. Estranhamente, a linguagem é um distanciamento de si mesmo, estranhamento. Ao ler, os leitores procuram acessar o sentido e, para isso, na verdade, produzem-no. Fluxo contínuo de produção e leitura entre autores que são leitores e leitores que são autores. A solidão da leitura insere-se na solidariedade de compartilhamento do sistema língua. Os leitores não "acessam" o sentido, pois ele não está pairando na aura do livro e não é unívoco, não está posto num pedestal, nem guardado num cofre.

(O autor se desdobra em mais de um sujeito para produzir um texto? E todos nós, ao pensarmos, falarmos, vivermos e convivermos, também o fazemos? O que se faz ao usar a linguagem?)

A teoria de Charles Fillmore é uma interessante ilustração desse fluxo. Todo texto seria um *quadro* (no sentido cinematográfico) produzido em referência a uma *cena*. Na perspectiva das reflexões colocadas aqui, a *cena* é o elemento análogo ao que chamamos "sentido" e o *quadro*, ao que se chama "forma". Esquemáticamente, o *Autor*, com uma *cena* A em mente, produz um *quadro* A. Este *quadro* A é interpretado pelo *Tradutor*, o qual formula em sua mente uma *cena* T correspondente. A partir dessa *cena* T e de sua relação com o *quadro* A, o mesmo *Tradutor* produz um *quadro* T que se pretende a tradução do *quadro* A. O *quadro* T é por sua vez lido por um *Leitor* que produz, por meio de sua interpretação particular, uma *cena* L.

Enquanto receptores, aquilo a que temos acesso são os *quadros*. Apesar de terem sido produzidos a partir de *cen*as "originais" e de procurarem expressá-las, isto é, dar "acesso" a elas, podemos apenas construir as nossas próprias *cen*as. Mas, para começo de conversa, a *cena* "original" presente na mente do autor no momento da produção é inacessível, simplesmente porque o *quadro* não é a *cena*. Daí que se deva atentar sempre para resquícios de concepções essencialistas do sentido ou referencialistas da língua. O texto não é aquilo que ele *representa*. Da mesma forma, são inacessíveis as *cen*as específicas de cada leitor e até para o mesmo leitor em dois momentos diferentes. O mesmo ocorre com o

autor ao ler e reler seu texto. A forma final de um texto talvez seja a desistência dessa perseguição entre escrita e leitura.

A vista sobre o trabalho da tradução nesse contexto evidencia e exige a pesquisa sobre os processos cognitivos relativos à linguagem e aponta para uma importante função da tradução como conectora entre os fluxos de diferentes sistemas-língua e entre linguagens de naturezas diferentes. Porém, indica também o que parece ser o problema mais específico da tradução: a pretensão de produzir um análogo do texto fonte e sua rede simbólica noutro contexto, um texto que tem a alteridade como fundamento de sua identidade, algo como a réplica de uma edificação, mas essa edificação já potencializa outras ruínas e suas lacunas e, por isso mesmo, sempre *outra*.

[5] Rizoma de alteridades

Em todos os aspectos, vivemos e nos constituímos em relação. Há interações notadas e não notadas conscientemente, como aquelas que nos estruturam orgânica e psiquicamente. As interações fluidas e naturalizadas podem ser difíceis de identificar, já que fundamentam a experiência de existência e a noção de identidade. Isto é, supõe-se que, quanto mais perfeita uma coesão, mais trabalhosa seja sua decomposição. Evidenciar essas interações naturalizadas talvez seja desestabilizador, mas é ainda assim desejável, já que isso pode proporcionar ampliações cognitivas por trazer à consciência uma perspectiva mais rica de nossa natureza.

Assim, questionando e relativizando o conceito de individualidade e indo em direção a sua decomposição nos aspectos físico e mental, seria possível ver a cada um de nós como uma comunidade ou conjunção de seres e ideias? Para um vislumbre disso, bastaria lembrar nossa composição multicelular e a complexidade de nossos processos psíquicos, por exemplo. Caso isso se afirme, chegaríamos a uma perspectiva epistemológica em que as relações se dariam em níveis diversos de alteridade numa rede rizomática complexa em composição e estratificação. Mais precisamente, a organização geral do mundo conhecido passaria a ser percebida como uma superposição de micro e macrorredes, acima e abaixo do nível organizacional do que consideramos as consciências individuais e suas correspondências corpóreas. (Estaria a evolução geral dos seres orientada em direção à integração progressivamente mais complexa e fluidificada entre suas individualidades?)

Embora o convívio conduza ou possa conduzir ao entrosamento progressivo entre as consciências, seres ou elementos em contato, este parece ser um processo de escala temporal muito alargada e de desenrolar tortuoso, o que intuimos observando e estudando evidências das dinâmicas de relação nos âmbitos cósmico, geológico, biológico e antropológico, incluindo a construção e a diluição de entes de diferentes naturezas, concretos e simbólicos, individuais e coletivos. Como a totalidade de elementos e dinâmicas desses processos nos escapa, um dos exercícios possíveis e necessários do pensamento – esteja ele no campo artístico, filosófico ou científico – é imaginar as possíveis quebras dos paradigmas a que estamos habituados e em função dos quais vivemos, mesmo inconscientemente.

Por exemplo, mantendo-nos no tema da alteridade, podemos nos perguntar que evento poderia provocar uma mudança mais drástica de consciência na humanidade quanto a sua identidade? Teria de ser algo suficientemente forte e generalizado, um acontecimento de amplitude planetária, como uma guerra mundial ou um contato amplamente divulgado e o mais inequívoco possível com seres alienígenas. Nesse último caso, que transformações culturais, sociais e materiais experimentaríamos? Haveríamos de nos ver então como uma comunidade mais colaborativa ou coesa em face de uma alteridade comum a todos? E o que haveria depois disso? Seguiria a história de alguma forma similar ao que ocorreu nos últimos séculos em que a maior parte das comunidades humanas se viu em contato e, em meio a todas as violências e transformações epistemológicas, teve e ainda tem de buscar como conviver?

Novamente, também nessa segunda hipótese, as buscas e inquietações humanas não sofreriam grande mudança (ao menos quanto às que coloco nesse trabalho, o que pode se dar justamente por ser minha perspectiva e por esta explorar esses temas; claro é que há quem pouco se importe com tudo isso). Na perspectiva de um rizoma de relações, tal contato extraterrestre seria uma ampliação dessa rede e acarretaria um desdobramento quantitativo enorme, mas as dinâmicas gerais de tal conjunto já poderiam estar razoavelmente assimiladas.

Num rizoma sempre há as linhas de fuga prontas a nos mostrar conexões com o que não se imaginava existir. Não há uma fronteira rígida, apenas uma oscilação entre identidade e alteridade, a primeira situada no que definimos como nosso centro – e que pode migrar ou transformar-se – e a segunda diluída em todo o resto, tanto mais dominante quanto mais nos afastamos de nossas familiaridades. O outro está em toda a parte. O outro que imaginamos é apenas parte de nós. A alteridade, por definição, permanece alhures; nossa identidade em devir é que se movimenta. Como numa viagem em que o horizonte não cessa de revelar novas porções de terra, como num voo espacial em que, incessantemente, pequenos pontos luminosos expandem-se em galáxias incomensuráveis.

[8] Tradução, poética e alteridade

O que torna especialmente interessante a tradução em meio às atividades humanas é o fato de que é uma decisão explícita do sujeito em lidar com determinada alteridade pela manipulação consciente das línguas e, conseqüentemente, pela tentativa de evidenciação da própria faculdade da linguagem como capacidade que simultaneamente dá os meios e constitui os fins de uma ação criadora baseada noutra criação específica e anterior. Embora queira de alguma forma reescrever, transportar, replicar, reproduzir, simular, imitar o texto de partida – e nenhum desses verbos parece adequar-se suficientemente ou desviar-se o menos possível do traduzir –, seu gatilho primordial parece ser o desejo de entender a origem e o uso da linguagem. E pelo fato de a linguagem, em suas diferentes manifestações, permear todos os nossos pensamentos, ações e, portanto, o nosso convívio, a tradução, como processo que envolve potencialmente a evidenciação cognitiva e epistemológica do funcionamento da linguagem, toca em nossas relações, entre nós e com o mundo.

A oportunidade do ato tradutório é o trânsito que propõe realizar entre uma língua e outra. É possível que a condução desse trânsito nos deixe surpreender o mecanismo da manufatura linguística, como uma espécie de experimento de laboratório que provoca e observa a atualização da gênese e do uso da língua. Vislumbra-se, então, a rede, sua flexibilidade e as forças que a tensionam, mesmo que não possamos identificá-las.

Com sorte, poderemos notar também as forças que nós mesmos aplicamos sobre essa rede, entre elas os pressupostos e valores críticos com que trabalhamos. Nesse espaço nevrálgico do traduzir, de exercício consciente da linguagem em meio às relações entre alteridades, parece que tanto mais se compreenderá o funcionamento da língua e das faculdades humanas a ela ligadas quanto mais se desautomatizar o próprio ato tradutório por meio das tentativas de evidenciação de seu funcionamento e de nossos pressupostos.

[10] Autodesconstrução

Qualquer fuga não afasta ou resolve as angústias. Ao menos este problema encerra sua própria solução: promover sempre uma autodesconstrução, desmontar ou desdobrar pressupostos antes ocultos ou dados como estáveis, formular e reformular sucessivamente a expressão e o argumento. Caminhos são repassados, trilhas são repisadas e, repentinamente, desviadas: alternativas surgem onde não havia bifurcação e deve-se decidir o rumo a tomar. O desvio pode ser grande e arrastar todo o texto, transformando-o quase completamente e frustrando a expectativa de como e do que se quis dizer por meio dele.

A tessitura do pensamento ora se consolida, ora se dissolve. Uma ideia insiste em levar a outra até que tal caminho seja assimilado. Nada garante, porém, que essa ligação lógica não seja abandonada noutra ocasião. A releitura minuciosa muitas vezes leva ao desdobramento e à extensão de um encadeamento antes considerado óbvio ou claro, mas que no momento da releitura revela-se rápido demais e eventualmente incompreensível. Essa decomposição pode levar à confirmação da logicidade já tecida, mas agora estendida, ou à sua completa desmontagem e conseqüente recusa. E frequentemente o pensamento se esgarça em forma de verborragia, lógica vazia, dito sem lastro, símbolo manco, desespero em dizer sem alcançar o quê.

A solução dada pelo esgarçamento do indivíduo e de seu esforço racionalista é a opção por uma espécie de resignação consciente, ainda uma busca, embora modesta, ao mesmo tempo solitária e solidária. Não é possível ser o que se quer ser racionalmente, claramente. Construïmo-nos, mas não se tem consciência de como o fazemos, menos ainda se tem ideia de como controlar tal processo. A solução do problema é a sua incorporação, é cessar a necessidade de esgotamento do real – cuja totalidade é uma ilusão – e contemplar o lento devir e suas opacidades.

[11] Ruído

Varia o que se tem por ruído, interferência, sujeira. Depende do que (não) se deseja que pertença a um contexto. Num chão gramado, de terra ou areia, fico descalço para senti-lo. Dentro de casa, fico descalço para sentir o piso liso, fresco e limpo daquilo que não deveria estar ali. Grama, terra ou areia não pertencem dentro de casa; são ruídos, interferências, inadequações.

Mesmo num deserto, pode-se sentir uma atmosfera coesa ou uma desolação típica de alguma destruição anormal, alguma decadência mais abrangente, afora nossa própria sensação segundo nosso conforto ou desconforto.

São ruídos no mundo "natural" os nossos descartes e destroços, mas, de toda forma, eles foram, são e serão reassimilados mais ou menos rapidamente, decompostos, retraduzidos para a língua da Terra. Até mesmo as lembranças mais resistentes da nossa indústria serão subduzidas num afundamento de terra, numa fissura descomunal do chão, e assim estarão a caminho da fornalha intraterrena, nosso túmulo e ninho simultâneos. Mas a Terra e o cosmos devem sua diversidade química às estrelas, únicas fornalhas capazes da fusão nuclear e, portanto, da diferenciação dos elementos.

A mente suporta mal tamanha abrangência, mas ela é, por sua vez, também fornalha, mas do pensamento, alimentada por tantos ruídos e fluídos. Recicla incessantemente os signos e os significados, todos os símbolos. Não se diz exatamente o que se quer dizer, não se compreende exatamente o que foi dito. Muito ruído e desvio há em todo esse trâmite. E de toda espécie. Mas o que rui constitui o que se constrói.

[12] Profundidade, extensão, expansão

A ideia de profundidade enquanto qualidade e quantidade de conhecimento em dado campo do saber é uma metáfora baseada na ideia concreta de exploração das profundezas, de escavação, descoberta e iluminação do que estava oculto à visão. A superficialidade, também na acepção figurada, é atribuída pejorativamente àquilo que julgamos pobre ou fraco na abordagem do problema ou objeto que se propõe pesquisar, caracterizando-se por uma insuficiência, falta de vigor ou incapacidade em abarcar além dos aspectos mais aparentes. Superficial seria aquilo que não se esforçou, não conseguiu aprofundar-se ou não desvelou (para tocar em outra metáfora) algo mais oculto e, portanto, supostamente mais verdadeiro por ser mais profundo e menos evidente. (Se fôssemos nos esforçar numa expressão mais objetiva, tão menos metafórica quanto possível – ainda que seja esse um aspecto articulador da língua –, poderíamos falar em volume e organização de conhecimento.)

Não foi preciso explicitar ao que especificamente a profundidade e a superficialidade mencionadas se referem, dada a sua naturalidade em nosso imaginário. Todavia o faço aqui: referem-se à terra, ao chão, ao que está posto na superfície e ao que está oculto no subsolo, nos subterrâneos. Não há, pelo que recordo, uma qualificação metafórica referente à qualidade do conhecimento baseada na atmosfera ou no céu. Talvez porque cremos que integram a superfície enquanto parte do que julgamos evidente. Pelo contrário, as metáforas que aludem ao espaço acima da superfície terrestre muitas vezes remetem à imaginação enquanto fantasia e ficção, o que pode ter uma carga de agravamento da futilidade atribuída à superficialidade rumo à alienação, ao desligamento com a realidade. (No caso do uso figurado do termo "elevado" e seu grupo lexical, por exemplo, embora caracterizado como algo positivo, um aspecto moral ou religioso parece acompanhá-lo, o que restringe sua aplicação.)

Porém, antes de todas as possíveis valorações, vê-se que essas figuras de linguagem referem-se ao espaço em que vivemos, mas, antes e principalmente, originam-se da forma como representamos mentalmente e experimentamos esse espaço. Embora saibamos que se trata do planeta Terra, uma esfera, ainda o experimentamos mentalmente em nosso cotidiano como uma superfície virtualmente plana e infinita. Isso talvez ocorra por nossa

simples limitação física, isto é, seríamos incapazes de experimentar de fato a Terra como uma esfera, o que talvez seja mais acessível a algumas poucas pessoas, como astronautas, pilotos de aeronaves, balonistas. Mas não é esse o desafio do conhecimento, atravessar as fronteiras do conhecido e ao mesmo tempo reavaliar o que se tinha por sabido? Quanto podem resistir os terraplanismos diante do cosmos? Será preciso deixar ruir as tentativas dos cosmoplanismos.

Nessa representação mental plana de nosso espaço, os vetores que partem de nós, podendo representar concreta ou metaforicamente nossas ações e perspectiva, quando horizontais e paralelos à superfície são de deslocamento, tão variáveis quanto possível dentro dos 360 graus; é o plano em que temos a maior liberdade de ação. Os vetores verticais são basicamente dois porque são uma espécie de eixo perpendicular à superfície e cujas direções são de movimentação muito mais restrita: para cima ou para baixo, isto é, aprofundamento ou elevação.

Então, como exercício epistemológico, revertamos a planificação forçada da esfera terrestre e suas distorções cartográficas. Os vetores de nossos enraizamentos põem-se em direção ao centro da Terra e os de nossa estatura projetam-se ao espaço. Temos uma imagem da humanidade em que seus vetores perpendiculares para com a superfície fundem-se às relações gravitacionais da própria Terra. Como seria não possuir um chão, não ter acima ou abaixo como referências, mas vivenciar relações em absolutamente todas as direções possíveis? O rizoma superficial se multiplica exponencialmente.

Em minha casa, por todas as janelas que olho, só há muros e prédios. Não há um horizonte desimpedido sequer. Devo imaginá-lo, assim como imagino as entranhas da Terra além do meu chão. Resta ainda o céu e o que não se vê no ar. As profundezas trazidas à tona na escavação transformam-se em superfície. O interior de uma caverna torna-se superfície quando a adentramos e tocamos suas paredes, o seu oco é ocupado por nosso corpo. Quando enterrados, é o chão que nos reintegra.

Arquitetar um texto profundo é penoso. Desejando-o coerente, procurando assegurar sua clareza e produzir alguma revelação, luta-se com a mata na abertura da trilha ou pela contenção do deserto na construção da estrada. Mas a mata retoma a lacuna da trilha e o deserto dissolve ou recobre a estrada. Todo texto é provisório. Mais provisório ainda é o sentido que quero dar a ele. Vou então com textos menores e menos obsessão pelas ideias grandes e monolíticas ou pelo caminho lógico pretensiosamente inequívoco. Os leitores,

juntos aos sentidos e linhas de fuga que verão, tratarão de prolongar ou esquecer o que lhes convier.

A profundidade é apenas uma das direções.

[14] Narrativas

Seja o mundo uma mata densa que retome cada picada que fazemos e refazemos e cada trilha que pisamos e repisamos ou um deserto absoluto que corroa sem descanso nossas construções, sempre ressurgem sobre o nada e sobre o caos o que são nossas futuras ruínas.

A chuva cai e permanece na terra, não escorre para um baixo-fora, senão em direção ao centro da Terra. Depois de repassar por todos, evapora à atmosfera, e não escapa dela para além. Porque não há chão e não há céu. Nosso chão é o planeta, uma esfera, nosso céu é sua atmosfera habitada por nuvens. A noite nos deixa ver um espaço imenso que transborda qualquer correspondência sugerida pelo céu diurno.

Caminhamos ao redor de um centro oculto pelo chão em que confiamos desde que nascemos. Esse chão é a Terra. A bordo dela viajamos ao lado de tudo e todos, como filhos ou cativos, escolha-se a perspectiva. Mas junto a outros planetas, ao redor do Sol, giramos; este chão é um centro. Comprima-se a existência, expandam-se a consciência e o imaginário: em torno do centro de nossa galáxia orbitamos e como ela outras tantas existem quantas não se sabe contar. Todos os mundos são possíveis.

[23] O Latim (não) morreu

A idealização de um estado da língua – o estabelecimento de gramática e dicionarização prescritivas pelo grupo que os elabora ou mantém, autodotado este, logo e igualmente, do poder de exclusão, proibição e estigmatização de todo uso outro (bárbaro) de tal língua – é dissimulação da idealização do próprio que se engaja por ela.

Aquele estado propagandeado como, de alguma forma, coeso e coerente e superior jamais voltará a vigorar. Jamais vigorou e está sempre atrás do presente. Embora não se admita, é sempre obrigado a se reformar, sob ameaça de morte, numa tensão constante entre o lastro de um cânone selecionado e o ânimo da língua viva.

Procuremos imaginar os resultados da cessação das ações normativas – a não se confundir com as convenções, pois estas são a própria possibilidade da língua e existem ainda e sobretudo em contexto anárquico. Imagino que não haverá qualquer prejuízo, a não ser para quem exerce o poder da (e pela) normatização, mas o fim de um enorme represamento do pensamento humano e do devir de artes e ciências por meio da liberação das línguas e suas potencialidades nos planos orais e escritos.

Não se lamente que o latim morreu. Não morreu: transformou-se, irradiou-se, dissolveu-se. A noção de sua morte decorre de sua reconstituição idealizada num estado em que de fato jamais existiu. E sem pôr à parte as violências que também o propagaram: tais violências são ancestrais das que atualmente provocam a morte de inúmeras línguas sem que lamentemos a perda de sua presença no mundo. Morte, sim, ou quase, pois seus rastros são mínimos, imperceptíveis.

As delimitações identitárias e culturais são fixações forçadas de algo fluido. Querem abster-se da Relação, mas estão imersas nela. Para vislumbrá-la é preciso predispor-se ao movimento dos processos.

[26 A] Como rastrear a Relação

Voltava com a minha filha Manuela da escola e pensei em como qualquer variação de uma rotina traz uma estranheza, uma meia-estranheza ainda familiar, enquanto pequena variação ou algo pouco frequente, mas dentro do esperado das possibilidades. (Ouvia uma entrevista no rádio com Lucas Santana sobre seu disco Modo Avião. Ele falava, entre outras coisas, sobre como o sentimento de estranheza do estrangeiro que chega a seu destino pode ser uma abertura de percepção.) A viagem pode ser um estranhamento total, mas quando há um desvio, uma diferença dentro ou a partir do habitual, esta parece uma estranheza familiar, o que pode mostrar como estamos sempre ao lado do desconhecido ou, simplesmente, como nossos hábitos caminham na via estreita de nossas conformidades e automatismos. Um imprevisto pode proporcionar o vislumbre do caos, não necessariamente ameaçador, uma outra ordem, desconhecida, em relação à nossa ordem. Cada um de nós faz o seu caminho. Os percursos se encontram, ou se chocam, continuamente. O desconhecido e sua estranha ordem estão ao lado.

O estopim disso, que avalio como um vislumbre da Relação, pode ser ocasionado por variações como fazer um trajeto fora do horário ou dos dias habituais, viajar por um traçado parcial ou totalmente diferente, mudar o tipo de veículo ou apenas ir a pé e sentir tudo o que sentimos assim: o sons, os cheiros, o vento, o frio, o calor, o coração batendo forte, a respiração, o corpo-motor no espaço mais dilatado e mais vivido.

Ir a um mesmo local em horários, dias e épocas diferentes.

Ir a um mesmo local por trajetos diferentes.

Ir a outro local no horário e/ou pelo trajeto habitual de ida a um outro local.

Passar por uma região onde já moramos ou trabalhamos.

Passar voluntária ou involuntariamente em frente à casa de alguém conhecido, alguém com quem ainda se convive, e imaginar se esse alguém está em casa ou noutro lugar, o que estaria fazendo, como seria sua casa: imaginar o familiar desse outro.

Viajar para fora de nossa local e procurar o nosso familiar no estrangeiro, sendo nós mesmos os estrangeiros. E notar como, desde o primeiro instante em que saímos de nossa ordem, podemos viver algo que constituirá posteriormente um novo hábito, exclusivo ou não ao período dessa viagem, e do qual teremos consciência apenas depois de que tenha se

tornado um hábito, como aguardar o momento de embarcar no ônibus, como cumprimentar nosso anfitrião ou o recepcionista do hotel, como contemplar a vista do quarto onde nos hospedamos, percorrer novamente o caminho até um mercado próximo.

E testemunhamos como as mudanças encarnam a distância entre nossos afetos e conhecimentos e a realidade mutante. Enquanto muda o mundo, transitamos nós por ele, por seus estados instantâneos, e o apreendemos, de alguma forma, como se estivesse paralisado. Não vimos as transformações anteriores nem vemos as posteriores à nossa estadia ali, seja ela curta ou longa.

[26 B] Nas ruínas da rotina

Causa-me estranheza fazer um percurso habitual num horário diferente. Não sou o mesmo em nenhum momento, mas minha postura parece oscilar mais ou menos regularmente comparando-se os períodos dos dias entre si. Um ciclo interno parece espelhar-se no exterior, talvez e em última instância, pelo compartilhamento entre mente e mundo concreto por meio do corpo. Um percurso habitual num horário diferente foge ao hábito: traz um ritmo diferente, ventos, cheiros e temperaturas diferentes, uma luz – solar, lunar, elétrica – diferente, com suas cores, sombras e formas diferentes. Experimento uma estranheza do que pensava conhecer (como o prédio da faculdade e o campus da universidade vazios nos fins de semana ou nas madrugadas, o contraste dos horários de trânsito intenso na cidade para com a tranquilidade de um feriado prolongado, uma avenida de cinco faixas, todas vazias). Tudo aquilo não me pertence mais, uma multidão de coisas se revelou. No entanto tudo era e ainda é familiar. Noto então um familiar mais extenso, ou a extensão do que tinha como familiar, e que, agora, passa a admitir mais conscientemente lacunas do mesmo modo como admite e se abre para sua própria alteração no contato e assimilação do que já era ou poderia ter sido meu familiar.

Muitas vezes já atendi ao chamado desses desvios, cedi ao impulso de explorar e experimentar aqueles pontos de estranheza. Tais coisas terminavam assim por ser assimiladas ao meu conhecimento e, dependendo de sua constância, poderiam juntar-se ao ordinário ou às suas variações.

Da mesma forma, mas em ocasiões mais livres de responsabilidades, deixei a curiosidade levar-me até o cansaço, até uma espécie de saturação que esvazia o sentido. Como ao explorar e fuçar os cantos da casa dos meus avós ou algum quarto usado como depósito. Cada objeto é uma incógnita. Aqueles que conhecemos e fizemos parte de nosso cotidiano em alguma época estão deslocados, sujos, mofados ou quebrados. Sua forma e suas cores, mais ou menos preservadas, podem surpreender pelo contraste com a nossa memória, o que lança dúvidas sobre a nossa apreensão da realidade. Os outros objetos, aqueles usados por outros, são duplamente misteriosos porque não nos são familiares em seu uso original nem nessa condição deslocada de reserva e rejeito ao mesmo tempo. Tem os dias contados qualquer apego ou afeto que nos tenha feito guardar a todos eles.

Se então eu quiser organizar, limpar, triar e me livrar daquilo de que já me libertei, ou daquilo em que (já) não identifico o sentido ou o afeto, é possível que cheguemos àquela saturação esvaziada de sentido. Ao fim de tal arrumação, há um cansaço físico e mental porque não apenas selecionei, carreguei, limpei coisas. Também me absorvi na curiosidade gratuita e dispensável de abrir e examinar o conteúdo de muitas caixas, folhear e ler passagens de livros, revistas, textos e cartas antigas. Até o cansaço superar a curiosidade ou até que eu perceba não haver nada ali. Concluo que nada resta oculto, pois o que resta oculto não possui mais sentido. Ou, finalmente, talvez seja apenas uma desistência, ainda aquele cansaço, porém resignado diante da probabilidade ínfima de se encontrar qualquer sentido ou valor naqueles objetos total ou parcialmente esquecidos.

Num ambiente mais natural, as transformações também podem surpreender quando revisito um espaço e uma paisagem. Pode ser que esteja tudo menos "cuidado", isto é, menos manipulado, e aí vejo os efeitos da permanente transformação da natureza. Debaixo do capim alto e das folhas secas não rasteladas estão lembranças do difícil pedalar da bicicleta, da procura de pedrinhas redondas no cascalho do caminho entre o portão e a garagem. O cheiro forte das mangas caídas, maduras e podres, espalhadas sem ninguém que as aproveite – a não ser toda a pequena vida que fervilha oculta de meus olhos – dilui a lembrança do odor mais leve de quando meus avós ainda estavam por aqui. O abandono liberta a paisagem natural e dissolve aos poucos tudo o que fizeram ali. Tudo o que existe se arruína e toda ruína alimenta o que surgirá.

A obsessão humana (ou necessidade?) é a de construir e manter, continuamente agir contra os efeitos do ciclo natural de nascimento e ruína. É provável que muitos de nós desejem extirpar a ruína, mas ela é inevitável. As transformações de um trajeto habitual agem como a ruína: primeiramente e no mínimo como transição entre estados e aparências diferentes (além da possibilidade de haver uma ruína concreta em nosso caminho e de ela exercer aquele chamado). Um objeto guardado e não visto há muito tempo traz a dupla ruína de sua matéria e da memória de seu uso e de tudo o que associamos a ele em nossa história.

Não acredito que a atração exercida pela ruína e pelas perturbações do habitual se deva a um impulso de domínio ou desejo de exaustão do real. O real se renova a todo

instante, caminhemos ou não. Numa paisagem contemplada, a aparente imobilidade repousa sobre inúmeras e ínfimas transformações. Todo o espaço do percurso para se chegar ali persiste na transformação, antes, durante e após nossa passagem, por mais que pareçam estáveis as paisagens emolduradas pelas janelas do carro, do ônibus, do avião.

A ruína apresenta como lacuna tudo o que de si já ruiu. Como o contrário do crescimento, pois insinua, por meio de nossa leitura, o que preenchia ou poderia ter preenchido suas ausências. Seu devir é a dissolução de todos os seus rastros, mas ela provoca a imaginação numa relação paradoxal entre passado e futuro.

Abrir-se a uma totalidade não totalitária requer suspender conscientemente as projeções de nossas leituras, sem suprimi-las, mantendo alguma lacuna para o que sequer podemos imaginar. Isso significa coabitar o mundo com as alteridades, quando sequer suspeitamos quem sejam elas. O pensamento do Outro, enquanto consciência da existência das diferenças, abre espaço para o Outro do pensamento, aquilo com que não temos contato, mas que existe enquanto possibilidade realizada ou não e de que não suspeitamos. Em síntese, abdicar da pretensão de que nossa compreensão corresponda de fato ao que tentamos compreender. Podemos estar, por nossa vez, no Outro do pensamento de alguém.

A intuição de algo que permeia esses processos de familiarização e estranheza substitui um possível desejo de domínio e compreensão baseada em valores particulares. As tentativas de controle e exaustão do real são sempre frustrantes. Procurar entender-se nesse processo, escutar-se, pairar sobre si e retornar num estado menos obsessivo pode ser mais confortante e prazeroso. Porém, quando o faço, deparo-me com uma grande solidão. Vejo-me num daqueles percursos, um dentre infinitas possibilidades, jamais acompanhado permanentemente por algo ou alguém. O único consolo são os compartilhamentos circunstanciais dessa condição. Tecemos nossas relações e construímos nosso real, apegamo-nos mais ou menos conscientemente às nossas rotinas e hábitos transformados pouco a pouco ou esquecidos para ruir e reintegrar-se às possibilidades.

(Subitamente, então, surge uma compaixão, solidariedade, consciência de existência que coabita e se maravilha quando os infinitos caminhos se cruzam).

[27] O caminho de casa

O caminho de casa – da casa da infância ou da casa mais presente na sua memória, caminho que não se faz mais, todo dia, caminho que, agora, se cruza ou se passa ao lado e em apenas um de seus pontos, ocasião em que se cogita, num relance, a possibilidade de retomá-lo, mas que já se afasta e divide a mente entre a saudade e o presente concreto. A casa da infância está além dela mesma, são os caminhos que levam a ela e que partem dela. Em algum deles, deixei de voltar a ela.

A casa, tal como era, jamais será. E como era, nunca foi de fato, como hoje sei. Cada dia e suas nuances foram únicos. Fui eu que fiz aquela trama, o tecido sou eu. Por que então essa melancolia, a sensação de perda? Por que quero de alguma forma recuperar a casa? Ou quero voltar no tempo? Por que seria diferente? Ou igual? Desejo reviver como mera repetição ou expansão? Com alguma diferença, só se fosse minha atual consciência visitando o passado. Mas então de nada serviria. Nada foi como vivi, como experimentei, nada do que me lembro e me impressionou foi assim. Foi assim apenas para mim hoje do modo como não foi para mim à época e menos ainda para aqueles com quem eu tenha compartilhado alguma vivência. A vida da casa somos nós, seja que lhe emprestamos a nossa vida ou que sua vida se realiza em nós, um edifício em que impregnamos as figurações do nosso pensamento. Sem isso, são apenas tijolos e telhas, canos e fios, vidro e cimento.

[28] Leitura e paisagem

A construção de uma interpretação não é satisfatória quando e porque se atinge o sentido completo ou correto do texto em leitura. É que determinada interpretação nos parece certa – "certeira" como quando se atinge um alvo no centro – porque, naquela situação de leitura, o suposto centro atingido proporciona a acomodação lógica de todos os elementos do texto e seu sistema de relações no pensamento do leitor. Isto é, o sentido se organiza de uma forma coesa e coerente, aparentemente perfeita. Mas sabemos que as interpretações estão sempre em disputa.

Quando é mais trabalhosa para o leitor a formação dessa lógica baseada no texto, evidencia-se o processo de interpretação como a construção do sentido pela cognição do leitor. Isso se dá por meio de sucessivas suposições e verificações entre os sentidos parciais e a rede significativa mais ampla do texto, o que depende igualmente do que se procura identificar como sua proposta de concerto interno. Esse concerto seria a poética do texto. Trata-se de um caminho, de uma paisagem que se desenha pelos esforços cognitivos de cada leitor e não de uma espécie de tesouro único e acessível apenas aos que possuem os instrumentos apropriados.

[29] Patamar sem parapeito

Lugares e caminhos conhecidos da infância. Alguns deles: casa, igreja Nossa Senhora dos Pobres, posto de saúde, Instituto Butantã, cobras, matas, barrancos e ruas tranquilas, portaria com a USP, caminhos para o Instituto de Geologia, onde trabalhava minha mãe, caminhos para o CEPEUSP.

Para além de suas bordas havia todo o resto do mundo. Explorávamos.

De tudo aquilo que me espreitava, o mais fascinante era uma ruína, aquela que seria o Paço das Artes e o qual, hoje, já é outra ruína.

Era a ruína de um edifício em construção. Uma edificação interrompida, ruína antes de ser o que seria. Enterrava suas colunas sobre um matagal denso e alto. Uma rampa brotava de um pequeno lago, escadas sem corrimão davam acesso aos andares amplos e vazios, tudo em concreto nu, chão, teto, coluna, viga. Não havia paredes. Os andares eram como patamares sem parapeito, sem nada que me desse qualquer segurança para aproximar-me da beira, a borda da borda.

Ali, havia nada, nada me espreitava.

[30] Provocação

*"Vai vir um dia em que não se usa mais"**

nem muro, nem grade, nem fosso,

nem arame farpado,

nem porta, nem portão.

*João Guimarães Rosa
Grande sertão: veredas

[31] O que há além?

o caminho

são muitos

na medida da desmedida

na possibilidade da impossibilidade.

– o que há além (de mim, de nós, desse lugar)?

– nada

e, ainda assim,

tudo o mais do aquém.

[32] Espanto

Gostaria de dizer que isso, que exporei, me causa espanto.

Mas não adianta fugir, sair correndo pela porta.

(Poderia, a partir daqui, torcer e distorcer as palavras em torno e em transgressão de sentidos e sinônimos, afinal nem tão sinônimos assim.)

Não é o que exporei que me causa espanto. Assombra-me a fissura que certas coisas deixam ver. E a imaginação do que se deixará ver pela fissura. Ao vê-lo, quererei transpassá-la.

Não é um espanto que repele. É uma promessa inglória de quebra de correntes inexatas, de um peso e de limitações que apenas começam a nos incomodar.

O assombro persiste até que eu tente dizer algo. Escrevo. Recolho-me num vazio e no silêncio.

Fugir não resolve. Resolver é impossível, completamente.

[33] Cordilheira

A cordilheira oceânica meso-atlântica é um corte enorme que se alterna há milhões de anos entre sangramento e cicatrização. Ventre que se externa, estrela oculta que se expulsa. Por essa fissura, as brasas originais dão superfícies novas à escuridão do abismo, superfícies, com seus grãos e porções, que se apartam desde então. Nascem da luz para a escuridão e caminham, num desvelar vagaroso para um encontro com tudo o que há de cada um dos lados: do abismo mais fundo, obscuro e frio, chegarão ao pico mais alto, nebuloso e frio.

Dos picos, precipitam-se novamente aos sumidouros do mundo, refundem-se ao ventre da Terra, em que – podemos apenas imaginar – sofrem a íntima reordenação sob uma pressão proporcional à nossa ignorância: tudo se transforma, mas permanece como diferenciação que não vemos nem percebemos, mesmo quando aflora junto ao estrondo dos vulcões em sua liberação de forças acumuladas, apenas para voltarem a se represar no ranger contido das rochas.

Sobre a crosta caminhante, epiderme, toda flora se enraíza e se dissolve, toda fauna nasce, vive e morre. Aqui, florescem e revezam-se as diferenças. O sol, a chuva e o vento conduzem os elementos erodidos aos vales e praias, muitas vezes inversamente ao sentido imposto pela estrela interna. Tempos e efervescências diferentes, tão diferentes quanto é difícil a nossa assimilação dessa disparidade.

As brasas, o berço, o germe de qualquer identidade, seus conteúdos, as identidades específicas, poderiam ser detalhes desimportantes por sua relativa efemeridade num quadro expandido, como são detalhes impermanentes as manifestações forçadamente estancadas e fixadas, ostentadas como essência de um povo, de sua arrogante pureza ou de sua autenticidade aparentemente decantada.

(Inverte-se aí, ou se estanca, o movimento da afetividade, a qual é substituída por uma idealização alienante orientada paradoxalmente à perda do próprio pertencimento, pois leva à morte do significado vivido na dinâmica que o anima em consequência da fixação de uma forma que o manifestou apenas momentaneamente.)

Fossem desimportantes os detalhes, qual seria o critério para a definição do que é ou não um "detalhe"? Talvez a sua pertinência em nossa medida de vida, sendo desprezado o

que não houvesse influência visível? Mas o desprezo exclui as digressões do pensamento para âmbitos diferentes do nosso, com os quais todavia nos relacionamos e que, de alguma forma, nos constituem. Detalhes se enfeixam ou se decompõem e animam as variações de escala e perspectiva.

Mas imaginemos a possibilidade de que são as perspectivas e os modos de ser que se apegam a nós. Poderíamos transformá-los na medida mais ou menos lenta do desejo ou da necessidade. E não parece necessariamente benéfico ou simplesmente possível livrarmo-nos por completo de nossos papéis e cessarmos a atuação. Eles são, provavelmente, a própria articulação da existência como a conhecemos. Assim, há a possibilidade de nos experimentarmos como uma individualidade mais ou menos consciente do que nos forma sem, por um lado, relativizar-nos ao extremo ou, por outro, crer que há constância e coincidência absoluta entre identidade, consciência e individualidade.

Referências bibliográficas

- ANSELMO, Marielle. "Le monde en d'autres langues". *Nonfiction*, 2009. Disponível em <http://www.nonfiction.fr/article-2629-le_monde_en_dautres_langues.htm>. Acessado em 01/11/2017.
- ARROJO, Rosemary, "'Pierre Menard, autor del Quijote': esboço de uma poética da tradução via Borges", *Tradução & Comunicação*, São Paulo, n. 5, dez. 1984, pp. 75-90.
- AUBERT, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Edunicamp, 1994.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BASSNET, Susan & LEFEVERE, André. Introduction: Proust's grandmother and the thousand and one nights. The 'cultural turn' in translation studies. In _____. *Translation, history & culture*. Londres & Nova York: Pinter, 1990, p. 1-13.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Escritos sobre mito e linguagem. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin, trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves, São Paulo, Duas Cidades, Editora 34, 2011.
- BORGES, Jorge Luis. "El oficio de traducir", *Borges en Sur (1931-1980)*, Buenos Aires, Emecé, 1999, pp. 321-325.
- BORGES, Jorge Luis. "Word Music and Translation", *This Craft of verse*, USA, Harvard University Press, 2000, pp. 57-76.
- BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BIBLE. "emBible" (diversas versões francesas da *Bíblia*). *EMCI TV*. Disponível em: <emcivtv.com/bible/>. Acesso em 05/12/2019.
- BÍBLIA Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- CAMPOS, Haroldo de. "Da tradução como criação e como crítica". *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CARDOZO, Mauricio Mendonça. "Tradução e o (ter) lugar da relação". In: Alice Casimiro Lopes; Marcos Siscar. (Org.). *Pensando a Política com Derrida: responsabilidade, tradução, porvir*. 1ed. São Paulo: Cortez, 2018.
- COSERIU, Eugenio. O falso e o verdadeiro na Teoria da Tradução. In W. Heidermann (Org.): *Clássicos da teoria da tradução*, p. 251-289. Florianópolis: UFSC, 2010 (Tradução: Ina Emmel. Publicação do original: 1978. Edição bilíngue).
- CRUZ, Celso Donizete. O trabalho do tradutor: em busca de uma teoria para a prática. São Paulo: FFLCH/USP, 2012, cap. 2, p. 37-52. (Tese de doutorado).
- CUNHA, Adan Phelipe. Contrastando Sapir (d)e Whorf na "Hipótese Sapir-Whorf". *Anais do SETA*, vol. 5. XVI Seminário de Teses em Andamento, 2011. Disponível em <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/issue/view/125>>.
- COEN, Monja. *Palavras do Dharma* (reunidas e organizadas por Valquiria Lis Shinkai). São Paulo: Gravina, 2013.

- DAMATO, Diva Barbaro. *Édouard Glissant: Poética e Política*. Coleção Parours. São Paulo: Annablume, 1996.
- DAMATO, Diva Barbaro. As literaturas do caribe francês e a noção de criouliização. CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (orgs.). *Literaturas em Movimento – Hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte & Ciência: 2003.
- DAUTRUCHE, Joseph Ronald. Le Rara de Léogâne: entre fête traditionnelle liée au vodou et patrimoine ouvert au tourisme. *Ethnologies*, 33 (2), 123–144, 2011. Disponível em: <doi.org/10.7202/1015028ar>. Acesso em 24/12/2019.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. "Introdução: Rizoma". *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia* (vol.1). Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. O que é uma tradução "relevante"? (trad. Olívia Niemeyer Santos). ALFA, v. 44 (n. esp.), Universidade Estadual Paulista, UNESP, 2000.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo César: Da problemática do método ao método como problema – hermenêutica filosófica e a questão do compreender. Gragoatá 29, p. 49-61, 2011 (Niterói: Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense).
- EAGLESTONE, Robert. "Levinas, translation, and ethics". In: BERMANN, Sandra; WOOD, Michael (org.). *Nation, language and the ethics of translation*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2005.
- ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. *Atos de Tradução: Éticas, Intervenções, Mediações*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2014.
- FALEIROS, Álvaro. "Abordagens da tradução poética". *Traduzir o poema*. São Paulo: Ateliê, 2012, p.15-40.
- GADAMER, Hans-Georg. De: Verdade e Método. In W. Heidermann (Org.): *Clássicos da teoria da tradução*, p. 234-249. Florianópolis: UFSC, 2010. (Tradução: Fabrício Coelho. Edição bilíngue).
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. "As formas literárias da filosofia". *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.
- GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation (Poétique III)*. Paris: Gallimard, 1990.
- GLISSANT, Édouard. *Introduction à une Poétique du Divers*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1995.
- GLISSANT, Édouard. *Traité du Tout-Monde (Poétique IV)*. Paris: Gallimard, 1997.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005a.
- GLISSANT, Édouard. *La Cohée du Lamentin (Poétique V)*. Paris: Gallimard, 2005b.
- GLISSANT, Édouard. *Philosophie de la relation – poésie en étendue*. Paris: Gallimard, 2009.
- GLISSANT, Édouard e GAUVIN, Lise. *L'imaginaire des langues*. Paris: Gallimard, 2010.

- GLISSANT, Édouard. Relation (Répertoire vidéo E. Glissant). Publicado por *Institut du Tout-monde* em 9/01/2013. Disponível em <www.youtube.com/watch?v=ys1C5g6Tpgs>. Acesso em 07/07/2019.
- GROKE, Henrique de Toledo. "Alteridade, canto e opacidade". *Miscelânea*. Pós-Graduação em Letras, UNESP, Assis, vol.5, dez 2008/ mai 2009.
- GROKE, Henrique de Toledo. *despactários no Diverso: Grande sertão: veredas e a poética da Relação*. Dissertação de mestrado. FFLCH-USP. São Paulo, 2011.
- GROKE, Henrique de Toledo. "Édouard Glissant e João Guimarães Rosa: Encontro de Escritas, Linhas De Fuga". *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: América Central e Caribe: múltiplos olhares*, n. 45, 2012, p. 255-282.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. Sobre a natureza da linguagem em geral. Tradução: Paulo Oliveira. In Heidermann, Werner; Weininger, Markus. *Wilhelm von Humboldt. Linguagem, Literatura, Bildung*. Edição bilingue. Florianópolis, UFSC, 2006.
- LEFEVERE, André. Translation: Its genealogy in the West. In Bassnet, Susan; Lefevere, André (ed.): *Translation, history & culture*. New York: Routledge, 1990, p. 14-28.
- LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligman. Bauru: Edusc, 2007.
- LLORCA, David. *La Philosophie Poétique d'Édouard Glissant, Un Monisme Vitaliste*. LSU Doctoral Dissertations, 2016. Disponível em <digitalcommons.lsu.edu/gradschool_dissertations/2862>. Acesso em 03/01/2020.
- MARTINS, Helena. A tradução e o (silencioso) devir das formas de vida. In ESTEVES, Lenita; VERAS, Viviane (Org.): *Vozes da tradução. Éticas do traduzir*. São Paulo: Humanitas, 2014, p. 221-236.
- NOUDELMANN, François. "Glissant le déchiffreur". *Littérature*. n. 154, jun. 2009. Paris: Larousse.
- OLIVEIRA, Paulo. Benjamin, Derrida e Wittgenstein: forma e percepção de aspectos na tradução. In: Salles, João Carlos (Org.): *Empirismo e gramática*. Salvador: Quarteto, 2010, p. 207-226.
- OLIVEIRA, Paulo. "Tradução & Ética". In: AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. (Org.). *Tradução & Perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Editora da UNESP, 2015, p. 71-97.
- OLIVEIRA, Paulo. Traduzir o radicalmente outro: rumo a uma epistemologia do traduzir. *Tradução em Revista* (Online), v. 19, p. 148-165, 2015.
- PETRY, Simone Christina. "Reflexões sobre a noção bermaniana de relação à luz do conceito derridiano de hospitalidade". *Tradução em Revista* (Online) n. 7, p. 01-12. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2009.
- PINO, Claudia Amigo. "A escrita do tremor: *La cohée du Lamentin* de Édouard Glissant". *Criação & Crítica*. Revista virtual. São Paulo, n. 1, p. 56-60, 2008.

- PYM, Anthony. The Return to Ethics in Translation Studies. In: PYM, A. (ed.). *The Translator - The Return to Ethics* (edição especial), v. 7, p. 129-138. Manchester: St Jerome Publishing, 2001.
- PYM, Anthony. *On translator ethics – principles for mediation between cultures*. Trad. Keike Walker. Benjamins Translation Library. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.
- RIBEIRO, Renato Janine. Ética, ação política e conflitos na modernidade. In: MIRANDA, Danilo Santos de. *Ética e Cultura*. São Paulo: SESC/Perspectiva, 2004.
- RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte, UFMG, 2011, p. 59-71 (Tradução: Patrícia Lavelle).
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- SAID, Edward. The public role of writers and intellectuals. In: BERMANN, S.; WOOD, M. (ed.). *Nation, language and the ethics of translation*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2005.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. Friedrich Daniel Ernst. "Sobre os diferentes métodos de tradução". In W. Heidermann (Org.): *Clássicos da teoria da tradução*, p. 38-101. Florianópolis: UFSC, 2010. (Tradução: Celso R. Baida. Palestra: 24/06/1813, Academia de Ciências de Berlin; publicação do original: 1838).
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. "Translating into english". In: BERMANN, Sandra; WOOD, Michael (org.). *Nation, language and the ethics of translation*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2005.
- STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade; OLIVEIRA, Paulo Sampaio Xavier de. "A tecnologia como meio de comunicação: implicações do uso de sistemas de memórias para a prática de tradução". *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 54, p. 569-592, 2015.
- TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies – and beyond* (Revised edition). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2012, p. 197-211.
- VENUTI, Lawrence. Local Contingencies: Translation and national identities. In: BERMANN, S.; WOOD, M. (ed.) *Nation, language and the ethics of translation*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2005.
- VERAS, V. Um elogio da tradução. In: ESTEVES, L. M. R.; VERAS, V. *Vozes da Tradução, éticas do traduzir*. São Paulo: Humanitas, 2014.
- WHITE, James Boyd. "On the virtues of not understanding". In: DINGUANEY, Anuradha; MAIER, Carol (org.). *Between languages and cultures*. Pittsburgh & London: University of Pittsburgh Press, 1995.
- ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. "A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção". *Aletria*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 331-352, 2015.

Artigos jornalísticos e similares

- SILVA, Daniel Neves. Tráfico negroiro. *Brasil Escola*. Acesso em 30/07/2019. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/trafico-negroiro.htm>>.

UCHOA, Pablo. Brasil dominou tráfico de escravos no mundo. *BBC Brasil*. Publicado em 09/04/2007. Acesso em 30/07/2019. Disponível em <www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/04/070405_escravos_database_pu.shtml>.

Dicionários, glossários e enciclopédias

APRH (Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos). Glossário. *Gestão Costeira Integrada – Journal of Integrated Coastal Zone Management*. Lisboa, 2007. Disponível em: <aprh.pt/rgci/glossario/espraiodaonda.html>. Acesso em 27/11/2019.

AULETE DIGITAL. *Dicionário Caldas Aulete*. Lexicon, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <www.aulete.com.br/>.

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde. "Bothrops lanceolatus". *Portal Regional da BVS*. São Paulo, 2019. Disponível em: <decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decserver/?IsisScript=../cgi-bin/decserver/decserver.xis&task=exact_term&previous_page=homepage&interface_language=p&search_language=p&search_exp=Bothrops%20lanceolatus>.

CBRO – Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. *Listas das Aves do Brasil*. 11ed. 2014. Disponível em: <www.cbro.org.br>.

CONFIANT, Raphaël. *Dictionnaire du créole martiniquais*. Groupe d'Études et de Recherches en Espace Créolophone et Francophone (GEREC-F): Fort-de-France, 2007. Disponível em <www.potomitan.info/dictionnaire/index.php>.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FARIA, Ernesto (org.). *Dicionário escolar latino-português*. 3ed. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1962.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Folha de S. Paulo; Editora Nova Fronteira: São Paulo, 1995.

GAFFIOT, François. *Dictionnaire Gaffiot Latin Français*. Hachette: Paris, 1934.

HORTH, Auguste. *Le patois Guyanais : Essai de systématisation*. Imprimerie Paul Laporte: Cayenne, 1949. Ouvrage patrimonial de la bibliothèque numérique Manioc. Service commun de la documentation de l'Université des Antilles et de la Guyane. Bibliothèque Alexandre Franconie, Conseil Général de la Guyane. Disponível em: <issuu.com/scduag/docs/fra11139>. Acesso em 28/11/2019.

HOUAISS, Antônio. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. UOL e Instituto Antônio Houaiss: Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br>>.

INFOPÉDIA. Porto Editora: Porto, 2019. Disponível em: <www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>.

LAROUSSE – *Dictionnaire de la Langue Française*. Éditions Larousse: Paris, 2019. Disponível em: <www.larousse.fr/dictionnaires/francais>.

LITTRÉ, Émile. *Dictionnaire de la langue française*. Paris: Hachette, 1874.

- MICHAELIS. Dicionário da Língua Portuguesa. Melhoramentos: São Paulo, 2019. Disponível em: <michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>.
- PARANÁ, Secretaria da Saúde do Estado do. "(Ofídios) Acidente Botrópico". Disponível em: <www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1461>. Acesso em 30/12/2019.
- ROBERT, Paul. *Le Nouveau Petit Robert*. Dictionnaires Le Robert: Paris, 2002.
- TLFi: *Trésor de la Langue Française informatisé*. ATILF – CNRS e Université de Lorraine: Nancy, 1994. Disponível em: <www.atilf.fr/tlfi>.
- WIKCIONÁRIO. Wikimedia Foundation: San Francisco, 2019. Disponível em: <pt.wiktionary.org/wiki/Wikcion%C3%A1rio:P%C3%A1gina_principal>.
- WIKIAVES – *Enciclopédia das Aves do Brasil*. 2020. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com.br/>>.
- WIKTIONNAIRE. Wikimedia Foundation: San Francisco, 2019. Disponível em: <fr.wiktionary.org/wiki/Wiktionnaire:Page_d%E2%80%99accueil>.
- WIKIPEDIA (EN). Acesso em 30/07/2019. Disponível em: <en.wikipedia.org/wiki/Atlantic_slave_trade>.
- WIKIPÉDIA (FR). Wikimedia Foundation: San Francisco, 2019.
- WIKIPÉDIA (PT). Wikimedia Foundation: San Francisco, 2019. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal>.

Apêndice

Primeiras traduções de trechos e capítulos preliminarmente selecionados para compor a tradução comentada acompanhada do registro de dificuldades e reflexões iniciais provocadas pelo processo tradutório.

Observações sobre a diagramação

- *Itálicos do texto fonte estão sublinhados*

- quebra de parágrafos conforme texto fonte:

[sem marcação] = espaçamento direto, quebra de parágrafo normal

= espaço simples equivalente a uma linha vazia

= espaço duplo equivalente a duas ou mais linhas vazias (abaixo de números de capítulo/seção)

Obs. Todo **asterisco** é centralizado e possui linha vazia (parágrafo) antes e depois (*#)

Texto fonte, p.5	09/11/2017	Notas
PHILOSOPHIE DE LA RELATION <u>poésie en étendue</u>	FILOSOFIA DA RELAÇÃO <u>poesia em extensão</u>	<ul style="list-style-type: none">• "<u>étendue</u>" apresenta desde as primeiras vistas/leituras um problema porque a tradução por "extensão" parece mais "fria" e menos "poética", prolífica, que o termo original, também por seu uso figurado potencializado no original (a verificar esse uso mais detidamente). Já pensei inclusive se não se trata de um preciosismo ou alguma fantasia simbólica de minha parte. Todavia, parece estar fora da minha possível aceitação uma opção como "poesia em espraiamento" ou "espraiada", por exemplo. Essa é a única opção em que pensei até agora, além da mais óbvia "extensão". É preciso pensar também nas outras ocorrências ao longo do texto e seu uso ligado ao subtítulo.• Mesmo essa mais óbvia opção não seria a mais colada, já que "étendue" é tanto "estendida" como "extensão" (confirmar: em francês, o particípio no feminino é forma de substantivação). Campo semântico, sinonímia: alcance, amplitude, distância, imensidão, importância, consequências (enquanto efeitos ligados a um fato ou ação), âmbito, campo, domínio, esfera.• Isso parece ser um exemplo de como é parte intrínseca do trabalho tradutório a maior ou menor desestabilização das acepções na língua original e de chegada (procurar referências sobre isso). Mesmo a mais rigorosa e obsessiva tradução, nesse aspecto, não é capaz de atingir a coincidência exata entre termos originais e traduzidos (pois esse tipo de tradução tem de se ater a algum aspecto e normalmente escolhe a "letra"). E se a atinge, a coincidência é terrivelmente efêmera diante da mutabilidade da língua. Tal é a "impossibilidade" da tradução.

Texto fonte, p.7	10/11/2017	Notas
<u>Pour Pascal G. en premier lieu.</u>	<u>Para Pascal G. em primeiro lugar.</u>	<ul style="list-style-type: none">• Afetividade.• Verificar se a criança que acompanha o narrador/autor na busca da casa da infância é seu filho, Pascal Glissant.

Texto fonte, p.9	10/11/2017	Notas
<u>Souques</u>	<u>Escombros [?]</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Neologismo? • Sentidos possíveis: remos, tensão, aperto, força, energia, tranco, vigor, picos, cumes, clímax, ápices, escombros... • Expressões: "souque à la corde": cabo de guerra (Canadá); La Souque, pico dos Pirineus; "souquer": enrijecer firmemente / raidir / tensionar / remar com força (puxar os remos) / apertar um nó. • Qual o sentido? Qual a articulação com os títulos das outras seções? "Escombros" é coerente com o uso no texto mais adiante ("souques de ciment").

Texto fonte, p.11	10/11/2017	Notas
<p>I ## Il y eut, qui s'éleva, une parole sacrée. Or le poème, alors le poème, de soi engendré, commence d'être reconnu. #</p> <p>Ainsi aurait dû être prononcé, peut-être, dans les préhistoires de toutes les littératures du monde, ce même commencement. Son intitulé indiquerait un premier et obscur composé de l'intention des langages, bien avant que les rudes clartés des histoires ne divisent les espaces et les échos des voix. C'était avant toute humanité. Les glycéries follement apparus se regroupaient en lisières déchiquetées qui divaguaient dans des gorges de feu, les couleurs à peine se distinguaient les unes des autres, et les arcs-en-ciel torturés n'étaient encore que des masses sans halo qui requéraient à la ronde leurs lignes. Des éternités plus loin, ce qui a surgi sur les pentes obscurcies des grottes n'était pas l'ombre trompeuse</p>	<p>I ## Houve, que se elevou, uma fala / palavra sagrada. Ora / Assim, o poema, então o poema, de si engendrado, começou a ser reconhecido. #</p> <p>Assim teria sido / deveria ter sido pronunciado, talvez, nas pré-histórias de todas as literaturas do mundo, esse mesmo começo. Sua nomeação / designação / título indicaria uma primeira e obscura composição da intenção das linguagens, bem antes de as rudes clartades das histórias dividirem os espaços e os ecos das vozes. Era / Foi antes de qualquer humanidade. As glicérias loucamente / insanamente surgidas reagrupavam-se em bordas / bosques / tufo / faixas esfarrapadas que vagavam em gargantas de fogo, as cores dificilmente / por pouco se distinguiam umas das outras e os arcos-íris / arcos-celestes torturados eram ainda apenas massas sem halo procurando ao redor as suas linhas. Eternidades mais longe / distantes / depois, o que surgiu sobre as escarpas / paredes / paredões obscurecidos das grutas não era a sombra enganosa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • narração de uma gênese: uso estético do mito. • "parole": "fala" ou "palavra"? É um uso marcado ou indica desvio? • "arcos-íris" é muito feio... • intenção das linguagens

Texto fonte, p.12	11 e 17/11/2017	Notas
<p>d'une réalité d'au-dehors, mais le signe même de la fusion du tout au tout : les humanités n'avaient pas encore retranché leurs différences à coups d'amputations sanglantes, et ce qui était gravé là sur les roches de leurs cavernes, ni main divine ni trait conjuratoire, était aussi la mémoire de ce poème originel, venu de soi-même, et l'écho de cette parole sacrée, née déjà de toutes choses au monde. Poème, relent, écho, qui exhalaient et accompagnaient la stupeur sacrée.</p> <p style="text-align: center;">#</p> <p>Le mythe, ou cette légende ou ce rêve, grossi des réels inconcevables des origines, qui se recompose dans les premières histoires des humanités, n'avait pas la valeur close d'une occasion historique, pour la raison qu'il se répétait avec chaque poète qui, depuis ces temps offusqués, avait remonté nos temps évidents, pour rencontrer de semblables révélations. Écrire un poème, ou le chanter, ou le rêver, c'était consentir à cette vérité invérifiable, que le poème en soi est contemporain des premiers brasiers de la terre. Voilà pourquoi nous nous plaisons à ce que le prétexte du poème demeure très obscur, chacun recule à convenir à ses clartés, ce poème tout-voyant ne se prévaut d'aucune nécessité visible, et les plus assurés poètes le disent, et ce poème en revient chaque fois à cela qui fut un épisode ou un besoin des presciences des humanités, et il renouvelle, avec les poètes les</p>	<p>de uma realidade externa / de fora, mas o próprio sinal da fusão do todo no / ao todo: as humanidades não tinham / haviam ainda destrinchado suas diferenças a golpes de amputações sangrentas, e o que estava / foi gravado / marcado ali sobre as rochas de suas cavernas, nem mão divina, nem traço / tração conjuratório/a, era também a memória deste / desse poema original, vindo de si mesmo, e o eco dessa fala / palavra sagrada, já nascida de todas as coisas do mundo. Poema, emanação / vestígio / rastro / resto, eco que exalavam e acompanhavam o estupor sagrado.</p> <p style="text-align: center;">#</p> <p>O mito, ou essa lenda ou esse sonho, crescido / nutrido / criado pelos / dos reais inconcebíveis das origens, que se recompôs nas primeiras histórias das humanidades, não tinha o valor fechado de uma ocasião histórica pela razão de que ele se repetia com cada poeta que, desde esses tempos ofuscados, havia remontado nosso tempo evidente para encontrar semelhantes revelações. Escrever um poema, ou cantá-lo, ou sonhá-lo, era consentir a essa verdade inverificável de que o poema em si é contemporâneo dos primeiros braseiros da terra. Por isso nós nos comprazemos em / de que o pretexto do poema permaneça muito obscuro – / , cada um recua para convir às suas claridades – / , esse poema onividente não se prevalece / se vale / tira proveito / se fixa / de nenhuma necessidade visível, e os mais seguros poetas o dizem, e esse poema retorna toda vez ao que foi um episódio ou uma necessidade das presciências das humanidades, e ele renova, com os poetas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • referência ao mito da caverna • "coup": "golpe". parecem ter um uso figurado próximo, mas soa um pouco deslocado em português. • Os mitos são irradiações do poema original. O afloramento de seus brilhos, estalos, ocorre em todas as direções, tempos, espaços. Pensei que Glissant estaria forçando a imagem dessa fala / palavra sagrada inicial, mas vejo-a possível como projeção arqueológica (arquetípica?) das manifestações humanas, espécie de origem, <i>big bang</i>, gênese do espírito humano, de sua consciência. (Estamos ou não integrados ao universo? Existe divisão entre as consciências individuais e as coisas? Para nós, aparentemente sim, mas não estamos exatamente e por demais limitados à nossa própria perspectiva?) [set/out 2017] • remonter ~remontar: verificar coincidência • se prévaloir: melhor tradução?

Texto fonte, p.13	17 e 20/11/2017	Notas
<p>plus inattendus, dans leur nécessité de parole, ce cheminement qui a mené de l'obscur originel du chant à ses évidences tremblantes. Le tissu du poème est trouble, indiscernable, le poème va sa route par-dessous, il manifeste ses éclats dans toutes les langues du monde, cri ou parole, c'est-à-dire dans toutes les directions, où nous nous sommes peut-être perdus, il s'étend de vérité d'un paysage en vécu d'un autre, le poème nomade, il roule <u>de temps à temps</u>.</p> <p>#</p> <p>L'élévation avait fait que la parole s'était enlevée d'elle-même en même temps qu'effacée de tout lieu possible, comme un oiseau innumérable, cela se passait avant que les races et les langues et les postures se fussent différenciées puis opposées, et le poème avait disparu dans des <u>effondrements</u> de la terre, dans des obscurités insues, et avec lui toutes les possibilités des langues, qu'il avait fallu désormais recomposer comme des racines cassées.</p> <p>##</p> <p>Cet avant-jour, en gouffre, et inexplicable.</p> <p>##</p> <p>Les roux des paroles, les graphes du poème, nos humanités les ont durablement recommencés. Elles</p>	<p>mais inesperados, em sua necessidade de fala / palavra, esse caminho que levou do obscuro original do canto às suas evidências trêmulas. O tecido do poema é turvo / conturbado / nebuloso / agitado, indiscernível, o poema traça seu curso por debaixo, ele manifesta seus brilhos em todas as línguas do mundo, grito ou fala / palavra, isto é, em todas as direções em que <u>já nos perdemos</u>, ele se estende de verdade de uma paisagem ao vivo de outra, o poema nômade, ele corre <u>de tempo para tempo</u>.</p> <p>#</p> <p>A elevação havia / <u>tinha</u> feito com que a fala / palavra fosse levada de si mesma e ao mesmo tempo apagada de todo lugar possível, como um pássaro inumerável, isso <u>aconteceu</u> antes que as raças e as línguas e as posturas houvessem / tivessem se diferenciado e então <u>colocado-se em oposição</u>, e o poema tinha / havia desaparecido / desaparecera em <u>afundamentos</u> da terra, em obscuridades desconhecidas / ignoradas, e com ele todas as possibilidades das línguas, as quais foi preciso desde então recompor como raízes quebradas.</p> <p>##</p> <p>Essa madrugada, abissal, e inexplicável.</p> <p>##</p> <p>Os <u>carmins [roux]</u> das palavras, os <u>traçados [graphes]</u> do poema, nossas humanidades os recomeçaram com persistência. Elas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • va sa route: traça seu curso • éclats: brilhos ou estalos? som ou luz? explosão (fornece a mesma dubiedade), estampido... • nous nous sommes perdus: já nos perdemos, "já" marca o passado, mas muda demais o sentido? • pássaro inumerável: recuperar descrição da imagem; usei na dissertação. • ter X haver: o que usar como auxiliar nas locuções verbais / tempos compostos? • <u>effondrement</u>: [derretimento] afundamento, desabamento? • imparfait com sentido de perfeito? • "racines cassées": criouliização original? • "les paroles": as palavras

Texto fonte, p.14	20, 21 e 28/11/2017	Notas
<p>cherchèrent ce qui avait été reconnu, elles allaient, par toutes ces langues au fur et à mesure redécouvertes. L'écriture ne leva d'abord pas de cette connaissance, mais voici que, oui voici l'entassement des voix à vif et des strophes haut déclamées, la précipitation des raras originaux, qui avaient préfiguré les cloches avant de les remplacer quand elles se turent, qui tournent et tournent, et le chuint cascasant des racines soulevées à vrac, et toutes les boues qui résistent à la remontée des mots, et la germination des chants qui, dans leurs langues et leurs langages de graines et de filaments, tentent de requérir à nouveau le poème, tout enfoui, qui est aussi leur œuvre et qui avait semblé jaillir de leurs semences sauvages. L'écriture et l'oralité allèrent du même balan, elles s'arrachaient des mêmes souches, nous avions oublié cela. Puis les peuples à écriture triomphèrent avec orgueil des peuples de l'oralité, c'était dit d'avance.</p> <p style="text-align: center;">###</p> <p>Que souhaitait cette parole du sacré (c'est de l'entière du monde que je parle), mis à part de confirmer tant d'obscurités inévitables? Elle avait supposé, au premier élan, de prévenir (ou de lutter) contre la partition des différences, qui semblait imparable, ensuite, quand les chemins et les inspirations du monde furent en effet divisés, elle s'occupa de rassembler encore ces</p>	<p>procuraram o que havia sido reconhecido, elas iam [,] por todas essas línguas à medida de suas redescobertas. A escrita não se levantou primeiramente desse conhecimento, mas eis que, sim, eis o amontoamento vivo / pulsante das vozes e das estrofes fortemente declamadas, a precipitação dos rarrás originais que havam prefigurado os sinos antes de substituí-los quando eles se calaram, e que giram e giram, e o chiado ruidoso das raízes erguidas /arrancadas à força / de sopetão, e toda a lama que resiste ao subir das palavras, e a germinação dos cantos / cantares que, em suas línguas e suas linguagens de sementes e filamentos, tentam invocar / obter / exigir novamente o poema, totalmente desaparecido, que é também sua obra e que parecia ter brotado de suas sementeiras selvagens. A escrita e a oralidade seguiram no mesmo balanço / equilíbrio / via / caminho, elas se arrancavam / desentranhavam das mesmas cepas, nós havíamos nos esquecido disso. Então os povos de / da escrita triunfaram com orgulho sobre os povos de / da oralidade, estava dito de início.</p> <p style="text-align: center;">###</p> <p>O que desejava essa fala / palavra do sagrado (é da inteireza do mundo que falo), afora confirmar tantas obscuridades inevitáveis? Ela havia suposto / pretendido, num primeiro impulso, evitar / prevenir (ou lutar) contra a desagregação / separação / divisão das diferenças, que parecia invencível / inevitável, [e] em seguida, quando os caminhos e as inspirações do mundo foram de fato apartados, ela se empenhou em reunir novamente essas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • como interpretar essa vírgula? É mais do francês ou mais do Glissant? • expressão adaptada: "au fur et à mesure redécouvertes": à medida de sua redescoberta • "rara" (rarrá): [?] manifestação cultural caribenha similar ao carnaval de rua brasileiro (refinar pesquisa, wikipedia fr: Rara)

Texto fonte, p.15	28-29/11/2017	Notas
<p>différences au long d'un même et même halètement, afin que le son divergent qui en résulterait jusqu'aux horizons en parût calme et rassurant.</p> <p>#</p> <p>Le sacré figurait ainsi une résolution bénéfique des menaçantes diversités, mais le poème n'y trouva pas l'espace d'être connu, il s'était dérobé sous les premiers effondrements de cette terre. Retenons bien : <i>que le poème fut enfoui dans un effondrement de la terre</i>. L'unité et la multiplicité des choses se présentèrent, par habitude plutôt que par commodité, selon l'ordonnance d'une partition par couples et dualités, avant que l'on ne découvrit les genres et les espèces, et cette cadence permit de mieux les distinguer (nous pensons et réagissons encore de cette manière duelle, c'est parfois un étonné plaisir), en attendant aussi que les différences renouvelées s'avouent comme telles, et que le poème une fois encore surgît. Mais déjà les peuples s'étaient séparés, les dominations proliféraient, et tous les fleuris des papayers, les mâles qu'on dit <i>bouarengues</i> parce qu'ils sont stériles, et les papayers femelles qui assument la charge de reproduire l'espèce, avaient fécondé en même temps, et séparément. Nous avons vu cela, un <i>male papaye</i> qui porte des fruits. C'était un ressouvenir des antiques indistinctions. Ayant traversé l'obscur, et l'ayant exprimé, avant d'entrer aux clartés incertaines de nos histoires.</p>	<p>diferenças ao longo de um mesmo e mesmo resfolegar, para que o som divergente que disso resultaria até os horizontes parecesse calmo e reconfortante.</p> <p>#</p> <p>O sagrado figurava assim uma resolução benéfica das ameaçadoras diversidades, mas o poema não achou ali o espaço para ser conhecido, ele se havia evadido sob os primeiros afundamentos dessa terra. Fixemos bem: <i>que o poema desapareceu num afundamento da terra</i>. A unidade e a multiplicidade das coisas se apresentaram, antes por hábito do que por comodidade, segundo a ordenação de uma divisão por casais / pares e dualidades, antes que se descobrissem os gêneros e as espécies, e essa cadência permitiu melhor distingui-los (pensamos e reagimos ainda dessa maneira dual, o que é por vezes um prazer admirado), esperando / aguardando também que as diferenças renovadas admitam-se enquanto tais, e que o poema surgisse uma vez novamente. Mas já os povos se haviam separado, as dominações proliferavam [,] e todos os floridos / floradas / flores dos mamoeiros, os machos chamados <i>bouarengues</i> porque são estéreis, e os mamoeiros fêmeas que assumem a responsabilidade de perpetuar a espécie [,] haviam fecundado-se ao mesmo tempo, e separadamente. Nós vimos isso, um <i>mamoeiro macho</i> dando frutos. Era uma lembrança das antigas indistincões. Havendo atravessado o obscuro, e havendo-o exprimido, antes de entrar nas clarezas / claridades incertas de nossas histórias.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • effondrement: afundamento • fut enfoui: desaparecido • partition: desagregação / separação / divisão (opção na segunda ocorrência) • só encontro "fleuri" como adjetivo e não como substantivo conforme usado por Glissant • "bouarengues": não encontrei sequer definição, quanto menos uma tradução. Mesmo que encontrasse, talvez resolvesse manter o original, já que parece se tratar de um regionalismo.

Texto fonte, p.16	13, 30/11/2017 e 15/01/2018	Notas
<p>II ##</p> <p>Dans le morne de Bezaudin, en Martinique (le rapport avec les braises originelles, la Pelée, n'est pas loin), et en cette année 2008 : le vert pâle des carrés de jeunes cannes cède à l'obscur de la montée. Il faut quitter les certitudes, après ce temps au loin : éclats, qui nous tentent, nuit des branchages, nus, qui nous emportent de l'ailleurs! Le chemin tourne et vire et hale. Soudain, un de ses plus gros troncs, dont les fruits luisent, comme transparents et frêles, et pourtant oublié ou jadis méconnu, des fruits ainsi fragiles sur des branches farouches. Nous flottons à pleine allure sous leurs étages. Au haut, un large net éclairage tout arrondi de soleil, et des jeunes gens accroupis sous une véranda de terre rouge, comme de tranquilles revendeurs de feuilles, ils ne veulent pas risquer un faux-dire à propos du lieu incertain de cette case, alors ils nous adressent à leur parentèle, qui voisine sous un autre abri, le frère de la</p>	<p>II ##</p> <p>No morro de Bezaudin, na Martinica (a ligação com as brasas originais, o [monte] Pelée, não está longe), e neste ano de 2008: o verde pálido dos quadrados / lotes de cana jovem, cede ao obscuro da subida. É preciso abandonar as certezas, depois desse tempo afastado / longe: lampejos [parece fraco...], que nos tentam, noite das ramagens, nuas, que nos carregam de / do alhures / do / de outro lugar! O caminho vira e torna e sobe. De repente, um de seus [de quem?] maiores troncos cujos frutos reluzem, de transparentes e delicados, e no entanto esquecido ou há muito / já desconhecido, frutos assim frágeis [assim] em galhos brutos / robustos. Nós flutuamos [desvio de sentido?] / vagamos [sentido mais pertinente?] à toda velocidade sob suas elevações. No alto, uma luz forte e clara arredondada de sol (,) e jovens agachados numa varanda / tenda de terra vermelha / batida (,) como tranquilos vendedores de folhas, eles não querem arriscar uma indicação errada a respeito do lugar incerto dessa case / casebre / morada, então eles nos mandam aos seus parentes, que estão perto em outro abrigo, o irmão da</p>	<ul style="list-style-type: none"> • morne: morro • rapport: ligação, para não usar "relação" • éclats [da memória?, evocações? ou "agent d'éclats", como distrações (tentações) da racionalização?]: clarões, lampejos, brilhos, estilhaços, estalos. "Éclat" carrega os aspectos sonoro e visual. "Explosão", por exemplo, também, mas não encaixa no contexto. • "nus": refere-se a "éclats" e "branchages"? Or segurança, seria bom achar traduções do mesmo gênero para as duas palavras, embora eu tenda a pensar que se refere a "branchages". • case X maison: morada, casa, cabana, barraco, barracão, casinha <ul style="list-style-type: none"> - É preciso definir como transporei o par case-maison. Para isso, é preciso também localizar e analisar as ocorrências. - "case" remete a "caye" (ou "lacaye"?), do crioulo, traduzível por casinha, casebre, barraco. O autor refere-se a ela com afeto. É o local de sua gênese particular, seu poema original particular.

Texto fonte, p.17	30/11 e 01/12/2017	Notas
<p>mère et le père du père, dont les voix trépident soudain dans l'après-midi sec. Je réapprends tout d'un coup la langue d'en haut, un créole en jets, qui glisse et concasse en même temps. <u>Où est cette maison primordiale, notre caye, dont les murs de terre et les clayonnages pendant ces temps avaient fait place à des tôles rouillées, de sorte qu'elle ressemblait à la fin à moins qu'une cabane à débarras ?</u> J'y avais accompagné, il y a douze ans passés, un de mes fils encore enfant. Accroché à moi, tout effrayé par cette image du vide et du délaissement, il s'était détourné vers le bruit désormais affaibli de la rivière d'en bas. J'avais aussi essayé de deviner au travers d'une claire les contours des ombres à l'intérieur, mais ce n'avait été qu'un gros de ténèbres, sans doute ravagé de bêtes à mille pattes et de bêtes longues, rassasiées de roches à Volcan. C'est pourtant là que je suis né. Aujourd'hui, je ne retrouve pas le chemin, ces voix se disputent les directions de la case, l'aigu déblatérant du père du père, la minutie têtue du frère de la mère, celui-ci plus jeune et plus retenu, l'aîné plus pathétique et affable et véhément, comme du verre blanc qui casse, nous décidons pour la minutie, nous suivrons sa direction, mais déjà c'est trop tard.</p>	<p>mãe e o pai do pai, cujas vozes trepidam de repente na tarde seca. Reaprendo de uma vez só / subitamente a língua do alto, um crioulo em jatos, que desliza e se contém ao mesmo tempo. <u>Onde está essa casa primordial, nossa caye, cujas paredes de terra e as sebes, durante esse tempo, haviam dado lugar a telhas enferrujadas, de tal maneira que ela parecia no final menos que um quarto de despejo ?</u>. Há doze anos atrás, eu tinha / havia levado até lá um dos meus filhos ainda criança. Agarrado em mim, muito assustado por essa imagem do vazio e do abandono, ele havia / tinha se virado na direção do ruído, desde então mais fraco / enfraquecido, do rio abaixo. Eu também tinha / havia tentado / tentara adivinhar através de uma grade / cerca os contornos das sombras no interior, mas tudo era uma (grande) escuridão (só), infestada sem dúvida por bichos de mil patas e bichos compridos, alimentadas com rochas de Vulcão. No entanto, é aqui que eu nasci. Hoje, eu não encontro / encontrarei o caminho, essas vozes se debatem sobre o caminho para a casa, a aguda tagarelice do pai do pai, a minúcia teimosa do irmão da mãe, sendo este mais jovem e mais reservado e, o mais velho, mais simpático e afável e veemente, como vidro branco quando quebra, decidimos pela minúcia, seguiremos sua indicação, mas já é / está tarde demais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • caye: mantido no original, pois é um termo crioulo inserido no texto em francês. Além disso, cabe no contexto por ser usado logo após a menção à língua crioula falada naquele local [argumentação da Olga]. • murs de terre + clayonnage: taipa, pau-a-pique? Sebe parece ser a cerca (viva ou morta). "Clayonnage" é a cerca ou a estrutura da parede? Como as paredes e a sebe dão lugar às telhas enferrujadas? • Que auxiliar usar? Ter ou haver? [coloquialidade X formalidade, literariedade]

Texto fonte, p.18	01 e 11/12/2017	Notas
<p>III ##</p> <p>Tu ne trouveras pas la case, à cette fois, parmi les pousses et les souques de ciment neuf, déjà cassé, comme ces yoles de travers, menées à l'aviron. À jamais tu ne trouveras.</p> <p>#</p> <p>Nous dévions, pendant passé une heure, à travers les damiers de nuit et de soleil et les déchirures des ombres sous le branchage, nous enroulons les chuintements d'herbe et de boue alternées dans ce qui restait des anciens chemins. Nous espérons perdre nos corps dans ce chahut de végétation où la chaleur bouillonne, comme dans un canari sur le feu, couvert de trois roches. Je suis assourdi que je n'entende pas le ruissellement jadis persistant du bruit de la rivière d'en bas : non pas en cela que je m'y serais habitué, mais parce qu'il n'y a plus aucune de ces brisures d'eaux, elles aussi attachées de roches, pour monter avec nous le morne.</p>	<p>III ##</p> <p>Você não encontrará a casa, desta vez, entre os brotos e os escombros de cimento novo, já quebrado, como aqueles barcos entornados, movidos a remo. Nunca mais você encontrará.</p> <p>#</p> <p>Perambulamos, por mais de uma hora, através dos tabuleiros / do xadrez de noite e de sol e os rasgos das sombras sob a ramagem, enrolamos os cochichos de grama e lama alternadas no que restava dos antigos caminhos. Esperamos perder nossos corpos nessa balbúrdia / tumulto de vegetação onde o calor ferve, como um caldeirão no fogo, com três pedras sobre ele. Estou tão ensurdecido que não escuto o ruído / o jorro / o som outrora persistente do ruído / barulho do rio debaixo: não por aquilo com que eu estaria acostumado, mas porque não há mais nenhuma dessas quedas d'água, elas também remendadas com pedras / rochas para subir[em] conosco o morro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • pousses: brotos? • souques: escombros? • yole de travers: barcos entornados? • damiers: tabuleiro de damas ou xadrez: adaptado para o padrão visual de xadrez (alternância entre sombra e luz). • chuintement: chiado, ruído... tentarei cochicho... <p>• “grama e lama alternandas”: rima interessante produzida na tradução. Penso que essa liberdade, no contexto desta tradução, existe. Isto é, não acho que se trate de compensação. Inevitavelmente o texto traduzido assumirá outra configuração. A adequação mais pertinente não é necessariamente a um sentido original, frequentemente idealizado e inacessível – o que se pode chamar de a síndrome da essencialidade. A adequação mais pertinente parece ser aquela dedicada a uma coerência, uma busca de sintonização geral lógica, a elaboração de uma partitura abstrata que capte, contemple e <i>recrie</i> harmonicamente os movimentos do texto original. A leitura e o esforço de interpretação para tradução – o tipo mais atento de leitura com que já me deparei – devem ter essa orientação.</p> <ul style="list-style-type: none"> • attachées: remendadas: verificar a pertinência do sentido de quedas d'água fechadas por rochas.

Texto fonte, p.19	22/12/2017 e 31/07/2018 (volta a pendências)	Notas
<p>Les (gros) caïmitiers bleus et les abricots dont la peau s'écorche comme un liège adouci, les mangues Zéphirine et les chadèques inattaquables se sont mêlés en un recommencement de temps et de terres, déjà recouverts de lianes douces et d'un semblant continu d'herbes à demi puantes, la terre à cet endroit s'est effondrée et s'est comme retournée sur elle-même, et les énormes racines éventrent toujours des cargaisons de branchages, bateaux coulés dont il semblerait qu'ils transportent encore leur plein de vivres. L'odeur de macéré a remplacé le bruit d'eau. Des barrages de troncs et d'empilements de terre bouchent des accès improbables, les maisons de ciment alentour ont été évacuées, toute la famille étendue, la mienne, qui avait circulé là (ici) a été distribuée à la ronde, et au mitan la case a disparu dans cet effondrement de la terre, comme un poème des premiers jours.</p> <p>Mais le poème est en effet la seule dimension de vérité ou de permanence ou de déviance qui relie les présences du monde, conquérants et peuples ravagés, savants et communautés élémentaires, chants et hèlelements, paisibles dialogues avec les bois et les eaux et les feux de l'étendue et poussées sauvages dans l'inconnu des ombres, graves poètes de service et griots sans limites, improvisateurs de pampa et cadenceurs de rames, communautés</p>	<p>Os (grandes) abieiros roxos / azuis e os damascos cuja casca se desprende como uma cortiça adocicada, as mangas Zéphirine e os chadeques inatacáveis se misturaram num recomeço de tempos e terras, já [re] cobertos de trepadeiras suaves e de uma aparência contínua de folhas meio malcheirosas, a terra, nesse lugar, se afundou e como que se voltou sobre si mesma, e as enormes raízes continuam eviscerando / ainda evisceram cargas / lotes / massas de ramagens, barcos naufragados / afundados / entornados os quais pareceriam transportar ainda todos os seus víveres. O cheiro pisado / macerado substituiu o barulho de / d' água. Barragens de troncos e montes de terra bloqueiam acessos improváveis, as casas / residências de alvenaria do entorno foram evacuadas, toda a família estendida / mais distante, a minha, que circulou por ali (aqui) foi distribuída ao redor e, no meio, a casa desapareceu nesse afundamento da terra, como um poema dos primeiros dias.</p> <p>Mas o poema é de fato a única dimensão de verdade ou de permanência ou de desvio que conecta / liga / une as presenças do mundo, conquistadores e povos arrasados / devastados, sábios e comunidades elementares / simples ["primitivas"], cantos e chamamentos / invocações, calmas conversas tranquilas com as matas e as águas e as chamas os fogos da extensão e [as?] arremetidas / incursões / investidas selvagens no desconhecido das sombras, poetas graves contratados e griôs sem limites, improvisadores das pampas e cadenciadores de ramos, comunidades</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Para resolver a questão de tradução de "case" e "maison" é preciso primeiramente fazer uma ponderação de sua carga no texto fonte. O aspecto diminutivo ou indicativo de precariedade deve ser avaliado para uma opção mais consciente. Gostaria de traduzir "case" por "casa" porque esta pode incluir o aspecto afetivo correspondente a "lar", principalmente. Esse aspecto afetivo parece não ser uma possibilidade comum de "case", mas está presente no texto de Glissant. "Maison" parece mais concreto, ou técnico, e menos suscetível a isso. Por isso tendo a escolher as correspondências "case" > "casa" e "maison" > "residência", por exemplo. Isso deixaria espaço para essa oposição entre <i>afetividade</i> [casa] e <i>referencialidade</i> "fria" [residência]. • Após a constatação do desaparecimento da casa da infância, volta-se ao "poema": verdade, permanência, desvio [?]

Texto fonte, p.20	22/11/2017 e 31/07/2018 (volta a pendências)	Notas
<p>criardes et peuples sans parole audible, techniciens des machines à étourdir et vulgarisateurs impudents, sous toutes les formes, à commencer par la fréquentation insoupçonnée que nous avons de nos entours, un pipiri d'acacia qui là se fige et commence de rêver son chant.</p> <p>###</p> <p>Cette parole des vieilles Afriques prononce, « seule la route connaît le secret », ou plus secrètement, « seule la route connaît le chemin ». L'aimant du monde nous mène dans ces directions que nous ne savions pas.</p>	<p>ruidosas e povos sem fala palavra audível, técnicos de máquinas para desorientar e vulgarizadores inescrupulosos / impudentes / despudorados, sob todas as formas, a começar pela frequência insuspeitada que temos de nosso entorno, um pipiri de acácia que ali se põe e começa a sonhar com seu canto.</p> <p>###</p> <p>Essa fala / Esse dito das velhas Áfricas diz pronuncia, "só / apenas a estrada conhece o segredo", ou, mais secretamente, "só a estrada conhece o caminho". O ímã / bússola / magnetismo / A atração do mundo nos leva por nessas direções que não conhecíamos.</p>	

21-94
INTERVALO NÃO TRADUZIDO

Texto fonte, p.95	31/07/2018	Notas
Casses	Quebras / Rupturas / Abalos / Brechas / Frestas / Danos / Fissuras	• Outras acepções aparecem no wiktionnaire segundo diversas etimologias, mas parece ser essa a acepção mais corrente e a usada por Glissant. Resta ainda confirmar se a função contextual desta seção é de fato de "ruptura".

Texto fonte, p.97	01/08/2018	Notas
<p>XVI ##</p> <p>Non pas les incertitudes, mais les incertains de la Relation. L'incertain: il ne figure pas l'échec, il ne limite ni ne dénature. Il est cela même qui dans la Relation se pose comme frontière du vécu au pensé, sans qu'aucune définition ne vienne y faire frontière.</p> <p>De même, l'humain dans la parole, innée ou acquise: s'agirait-il d'une naissance (ou d'une fusion) de l'Être au langage, ou plutôt d'un mouvement, d'un accordement, qui auraient porté, non pas de l'Être, mais d'en dehors d'un être-comme-étant, jusqu'à la source même, et intime, de toute capacité de dire, et qui aussitôt seraient revenus dans l'espace, ouvert à mainte diction? Un mouvement, capable de relier un donné naturel ou physiologique à une force d'abstraction? D'équivaloir un lieu du monde à une puissance de la voix.</p>	<p>XVI ##</p> <p>Não as incertezas, mas os incertos da Relação. O incerto: ele não figura / representa / simboliza o fracasso, ele não limita nem desnatura. [Ele] É aquilo mesmo que na Relação se coloca como fronteira do vivido ao pensado, sem que qualquer definição coloque-se ali como fronteira.</p> <p>Da mesma forma, o humano na fala / palavra, inata ou adquirida: tratar-se-ia de um nascimento (ou de uma fusão) do Ser na linguagem ou, antes, de um movimento, de uma conciliação, que teriam levado, não do Ser, mas de fora de um ser-como-sendo, à própria fonte, e íntima, de toda capacidade de dizer e que tão logo haveriam retornado ao espaço, aberto a inúmeras dicções? Um movimento, capaz de ligar um dado natural ou fisiológico a uma força de abstração? De equivaler um lugar do mundo a uma potência da voz.</p>	<p>• "figurer": traduzir como "representar" é simplificar? Isto é, esta acepção é mais corrente e fluida em português?</p> <p>• frase:</p> <p>- "aucune" traduz-se melhor por "qualquer" ou "nenhuma" do que por "alguma", sendo esta aparentemente uma correspondência etimológica, mas cuja coincidência de sentido se rompeu.</p> <p>- a construção "faire + verbe" é tipicamente francesa. Além disso, uma tradução mais literal, como "fazer fronteira", parece desviar o sentido do original ao possibilitar a compreensão de "fronteira" como uma espécie de interdição à passagem. O que o autor parece exprimir é a simples situação no lugar de uma passagem cognitiva.</p> <p>- o pronome "y" coloca a necessidade de opção entre tornar seu sentido implícito ou explicitá-lo por meios disponíveis na língua de chegada.</p> <p>• "parole" aqui se refere à faculdade da linguagem ou à sua manifestação mais imediata, a fala. Ocorre também em "parole sacrée", mas aparentemente com outra carga.</p>

Texto fonte, p.98	01, 13/08/2018 e 06/09/2018	Notas
<p style="text-align: center;">###</p> <p>Y a-t-il une parole grandie de tout ce qui n'est pas l'humain, ô salines, roches et granites, puissants déserts?</p> <p style="text-align: center;">###</p> <p>Voyez que l'Un s'était élargi sur le monde, par le fait des universaux généralisants, dont ce n'est pas vrai qu'ils intègrent les différents. L'Un, toujours supporté par la Conquête. Il commue aujourd'hui en cet inextricable des techniques rouées, que pas un ne contrôle en totalité. L'"un" de ces techniques est désormais enfoui dans leur sourde diversité: l'univers des absolues techniques est celui de tant de solitudes spécialisées. Les profiteurs des techniques sont incapables de considérer l'Un ni son contraire le Divers dans leurs imprédictibles. Ils se contentent de manœuvrer l'inextricable et l'imprévisible, hors de toute connaissance commune, le profit pour eux en est inévitable. La plus rare des manières de s'opposer serait ici de fréquenter à notre tour l'imprévisible et l'inextricable, les devinant. Et aussi: que la vision cosmique <i>soit tournée en pensée politique</i>, en esthétique directe (c'est l'imaginaire) du monde, pour ne pas céder au tourbillon totalitaire, ni à la faible croyance que n'importe</p>	<p style="text-align: center;">###</p> <p>Há / Existe uma fala / palavra erescida / surgida de / criada por tudo o que não é o humano, ó salinas, rochas e granitos, poderosos desertos?</p> <p style="text-align: center;">###</p> <p>Veja que o Um/Uno havia se expandido sobre o mundo, pela ação dos universais generalizantes, daí não ser verdade que eles integram / integrem os diferentes. O Um, sempre sustentado pela Conquista. Ele negocia hoje neste inextricável das técnicas engenhosas que ninguém controla em sua totalidade. O "um" dessas técnicas está doravante mergulhado em sua surda diversidade: o universo das técnicas absolutas é aquele das inúmeras solidões especializadas. Os aproveitadores das técnicas são incapazes de considerar o Um ou o seu contrário, o Diverso, em seus imponderáveis. Contentam-se em manipular o inextricável e o imprevisível, fora de todo conhecimento comum, do que o proveito para eles é inevitável. A mais rara das maneiras de se opor seria então / ora frequentar por nossa vez o imprevisível e o inextricável, adivinhando-os. E também: que a visão cósmica <i>se transforme em pensamento político</i>, em estética direta (é o imaginário) do mundo, para não ceder ao turbilhão totalitário ou à frágil crença de que qualquer</p>	<p>• Persiste a dúvida entre existir/ter/haver...</p> <p>• "parole": fala ou palavra? Aqui parece traduzir-se melhor (sob que critério?) por palavra, já que não se refere mais à capacidade da fala ou da linguagem, mas a algo inumano, uma espécie de entidade "palavra". Penso que deverei fazer coincidir a tradução para respeitar – ou tentar reproduzir mais adequadamente – a rede simbólica. Talvez seja possível optar por "palavra"...</p> <p>• Como traduzir imperativo? "Voyez": "Veja" ou "Vejam"? O francês é ambíguo quanto ao número (singular, plural?) no tratamento formal...</p> <p>• L'Un > O Um/Uno?</p> <p>• "leurs" > seus/deles > quem? o Uno e o Diverso.</p>

Texto fonte, p.99	06/09/2018	Notas
<p>quelle fragmentation pourrait être naïvement prise pour un détail du lieu. Les fragments sont l'œuvre des mal nommés détaillants, qui ignorent la forme pure du détail.</p> <p>#</p> <p>Ce n'est pas à tout coup dans les seules cultures occidentales (des présocratiques aux romantiques allemands) que l'idée de la fusion de l'humain et de l'univers aura pris énergie. Évoquez le mana (cette force en même temps sublimée et immanente, c'est-à-dire menacée de péril), ou le nirvana (le lieu en même temps sublimé et futur, c'est dire contingent au temps, même si celui-ci se fait alors infini dans l'immobile), leur pensée lève d'ici, de cette autre face du monde, tout comme nous parlons soudain du fond du bateau de la Traite, ou comme nous courons aux villes où les lumières survivent.</p> <p>#</p> <p>L'idée de la fusion se dit ou se révère ou se médite. Elle se raisonnait avant de s'extasier, avec le dieu unique ou avec l'idée du dieu, ainsi tournait-elle à philosophie, à théosophie, traditionnellement, qui inspiraient ensuite les mystiques. Par un renversement primordial, elle s'extasiait préalablement à toute connaissance ordonnée, absolument en dehors de celle-ci, avec les dieux que l'on réputait obscurs ou primitifs, et ainsi était-elle dite impure magie.</p>	<p>fragmentação poderia ser ingenuamente tomada por um detalhe do lugar / local. Os fragmentos são a obra dos mal nomeados detalhadores, os quais ignoram a forma pura do detalhe.</p> <p>#</p> <p>Não é toda vez e apenas nas culturas ocidentais (dos pré-socráticos aos românticos alemães) que a ideia da fusão entre o humano e o universo terá ganhado força. Lembre-se do mana (essa força ao mesmo tempo sublimada e imanente, isto é, ameaçada por um risco / de perecimento) ou do nirvana (o lugar ao mesmo tempo sublimado e futuro, quer dizer, contingente ao [regência?] tempo, mesmo que este se faça então infinito na imobilidade), seu pensamento se levanta daqui, dessa outra face do mundo, assim como falamos repentinamente do fundo do navio negreiro, ou como corremos às cidades onde as luzes sobrevivem.</p> <p>#</p> <p>A ideia da fusão é dita ou reverenciada ou meditada. Ela era raciocinada antes de ser extasiada, com o deus único ou com a ideia do deus, assim virava-se ela à filosofia, à teosofia, tradicionalmente, as quais inspiravam em seguida os místicos. Por uma inversão primordial, ela era extasiada previamente a todo conhecimento organizado, absolutamente fora deste, com os deuses considerados obscuros ou primitivos, e assim era ela dita impura magia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • "bateau de la Traite": "navio negreiro". Essa tradução omite "Traite" ("tráfico")... • Procede a adaptação de "se dit (...)" para a voz passiva? • A proximidade entre as línguas brasileira e francesa traz problemas visíveis em algumas passagens desta página. Ao traduzir expressões, perco a percepção do que é próprio de cada uma. Isso carrega o risco de produzir passagens afrancesadas, mas também, em outro extremo, a possibilidade de um excesso de preocupação em não "afrancesar" o texto de chegada e o consequente risco em recorrer a adaptações desnecessárias no lugar de uma maior proximidade textual entre fonte e tradução.

<p>Texto fonte, p.100</p> <p>XVII ## (Puis, bien plus tard, et selon peut-être un des nombreux Heidegger possibles): "La différence est l'avatar que l'Étant essaie d'imposer à l'Être."</p>	<p>12/09/2018</p> <p>XVII ## (Então, bem mais tarde, e segundo talvez um dos inúmeros / diversos / numerosos Heidegger possíveis): "A diferença é o avatar que o Sendo tenta impor ao Ser."</p>	<p>Notas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Seria possível traduzir "nombreux" por "inúmeros"? "Numerosos" parece inusual em português brasileiro. • "Étant" > "Sendo" ou "Estar"?
<p>Texto fonte, p.101</p> <p>XVIII ## À partir de quoi, la différence, déjà considérée comme diminution, fut réputée absolue amputation. Toute et n'importe quelle différence. Il fallait un contraste à l'absolu, et la différence ne fut établie que comme éternellement une virtualité, un en-deçà, sans cesse repoussée par cet éclat dense et rayonnant de l'Être.</p> <p>Selon une philosophie de la Relation, la différence pourrait bien être aléatoire à l'Un, en tant que celui-ci réfléchirait l'Être (du monde), mais elle est avant tout le signe et le relais des unités-diversités, en tant que les différents rassemblent l'être-comme-étant (du tout). La différence contribue à la fusion aussi bien qu'à la distinction. Les bruits cascadians de la rivière d'en bas, qui remontaient le morne de Bezaudin, lieu de naissance et de continuité, constituaient le vrai paysage de l'environ, et le réalisme était de les entendre d'abord, si continus dans les</p>	<p>12e 13/09/2018</p> <p>XVIII ## A partir do que, a diferença, já considerada como diminuição, reputou-se [como] amputação absoluta. Toda e qualquer diferença. Era necessário um contraste ao absoluto, e a diferença foi estabelecida apenas e eternamente como uma virtualidade, um aquém, repellido sem descanso por esse brilho denso e radiante do Ser.</p> <p>Segundo uma filosofia da Relação, a diferença bem poderia ser aleatória [?] ao Um [Uno?], na medida em que este refletiria o Ser (do mundo), mas ela é, antes de tudo, o sinal e o revezamento / rodízio das unidades-diversidades, na medida em que os diferentes agregam [agrupam?] o ser-como-sendo (do todo). A diferença contribui para a fusão tanto quanto para a distinção. O barulho murmurejante do rio de baixo, que retorna ao morro Bezaudin, lugar de nascimento e continuidade, constituía a verdadeira paisagem do entorno, e o realismo era primeiramente ouvi-lo, tão contínuo nas</p>	<p>Notas</p> <ul style="list-style-type: none"> • "fut réputée" traduz-se por "reputou-se"? Necessita preposição para ligar-se ao complemento? Posso dispensá-la? • "ne fut établie que": "foi estabelecida ... apenas" ou "não ... senão"? Optando pelo "apenas", diversos minutos estão sendo gastos pensando onde alocá-lo segundo o sentido que a frase parece tomar. • "en-deçà": "aquém" ou "do lado de lá", ou "de cá" [pelo sentido no texto]? • "éclat": "brilho", "estouro", "explosão"... • "relais" é termo importante, ligado à noção de Relação. É preciso pensar bem em sua tradução. Primeira vez que penso em "rodízio" para dar a ideia de revezamento. (Depois voltei a "revezamento").

Texto fonte, p.102	13, 18/09/2018	Notas
<p>flamboiements de touffeur, puis de les oublier, amalgamés aux feuillages. Quand vous n'entendiez plus ce bruit (cette différence), vous étiez entré sans relais dans le paysage. (Non pas comme le voyageur qui à la fin, et par accoutumance, n'est plus encombré de la rumeur rythmée de la nuit tropicale, mais comme l'iguane et l'anoli qui se vêtent des chahuts de la chaleur et s'en nourrissent.) La différence est de la première innocence, ou de la grâce, de quoi? Du rapport du détail au tout. De mon détail (la roche d'eau) à mon environ (le pays). De mon détail (le lieu) à mon entour (le monde). Il n'y a dès lors pas de description réaliste qui tienne. Un détail n'est pas un fragment, il interpelle la totalité. Aucun "réalisme" n'aborde à la totalité (non totalitaire). À la totalité diffractée changeante. Le bruit d'eau qui étincelle d'en bas le morne et monte, c'est une poétique du lieu, quand même le dessèchement aura tari son écho. La case de la naissance est une des poétiques du lieu, même si vous la cherchez encore sous les éboulements où elle a disparu. La poésie révèle, dans l'apparence du réel, ce qui s'est enfoui, ce qui a disparu, ce qui s'est tari. Loin d'être un accident, ou un avatar, la différence, perceptible (réelle) ou non, est avant tout la conductrice de cette quête, par quoi l'écho égaré de la rivière ou la ruine enfouie de la case renaissent au chant: une composante, et plus avant, un relais,</p>	<p>cintilações de mormaço, e depois esquecê-lo, amalgamado às folhagens. Quando você não escutasse mais esse ruído (essa diferença), você teria entrado sem revezamento / rendição / suplência / descanso na paisagem. (Não como o viajante que, finalmente e por acostumar-se, não é mais perturbado pelo rumor ritmado da noite tropical, mas como a iguana e o anolis que se vestem do estorvo do calor e dele se alimentam). A diferença é da primeira inocência, ou da graça [?], do quê? Do elo / Da ligação do detalhe ao todo. Do meu detalhe (a pedra d'água) à minha cercania (o país / [minha?] a terra). Do meu detalhe (o lugar) ao meu entorno (o mundo). Desde então, não há descrição realista que se sustente. Um detalhe não é um fragmento, ele interpela a totalidade. Nenhum "realismo" se acerca da totalidade (não totalitária). Da totalidade difratada mutante. O barulho d'água, que lampeja debaixo do morro e sobe, é uma poética do lugar, mesmo quando a estiagem terá secado seu eco. A casa do nascimento é uma das poéticas do lugar, mesmo que você ainda a procure sob os escombros em que ela desapareceu. A poesia revela, na aparência do real, o que se foi, o que desapareceu, o que secou. Longe de ser um acidente, ou um avatar, a diferença, perceptível (real) ou não, é antes de tudo a guia dessa busca, pelo que o eco distante do rio ou a ruína perdida da casa renasce no canto: um componente e, mais adiante, um substituto,</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A princípio, julguei que não encontraria uma tradução para "flamboiemment de touffeur". Estranhamente, após pesquisar e contentar-me com uma solução, esta parece "natural". A expressão do texto fonte, em minha interpretação, aliava um aspecto visual ("flamboiemment") à sensação quase tátil da atmosfera úmida e quente ("touffeur"). O "flamejar" remetia-me às ondulações da atmosfera úmida tropical ("touffeur"). Sua tradução por "mormaço" só foi possível quando, por intuição, decidi verificar as acepções desse termo, o qual não comportava, para mim, esse sentido. • "chahut": "estorvo", tomando o termo fonte como tumulto, perturbação. • "rapport": traduzi por "elo" porque prevejo problema em traduzi-lo por "relação", já que este tem uso marcado na produção de Glissant. > Mudar para "ligação"? • "anoli" ou "anolis"? Parece existir em português. • "éboulement": "escombros". Como fica "souques"?

Texto fonte, p.103	18/09/2018	Notas
une liaison de ce qui persiste. Il me vient que depuis longtemps l'altitude me bouleverse, que le vertige d'en haut me chavire, et que pourtant rien ne me convient plus que d'équivaloir les élans de nos mornes familiers, de Pérou, de Bezaudin et de Reculée, dans ce nord de la Martinique soumis à la Pelée, et les immensités du Pérou précisément, et en particulier les pentes en gouffre qui mènent à Chavín de Huantar, d'où les cultures préincaïques ont basculé.	uma ligação do que persiste. Ocorre-me / Ocorre a mim que há muito a altitude me desorienta, que a vertigem da altura me transtorna, e que, no entanto, nada me convém mais do que equivaler os impulsos de nossos morros familiares, Pérou, Bezaudin e Reculée, neste norte da Martinica submetido ao Pelée, e as imensidões do Peru precisamente, e em particular as escarpas em fosso / abismo que levam a Chavín de Huantar, de onde as culturas pré-incaicas tombaram.	<ul style="list-style-type: none"> • Por culturas "pré-incaicas", quereria Glissant dizer "pré-colombianas"? - As pré-incaicas sucumbiram ao império inca. As pré-colombianas, ao império espanhol...

104-112
INTERVALO NÃO TRADUZIDO

Texto fonte, p.113	04/10/2018	Notas
Erres	Trilhas / Vestígios / Traços / Pistas / Pegadas	<ul style="list-style-type: none"> • "Pistas" parece ser a melhor tradução quanto aos supostos sentidos pertinentes ao texto. Mas não me agrada simbolicamente. Prefiro "Trilhas"...

Texto fonte, p.115	04 e 09/10/2018	Notas
# <i>La matière du monde s'éprouve échevelée, la pensée force à en surprendre la simple vue.</i>	# <i>A matéria do mundo se vivencia / se experimenta emaranhada, o pensamento força em / pressiona para / impele a / se esforça em surpreender sua simples vista.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • "échevelée" = "emaranhada". Não sei dizer se há inovação quanto à norma culta francesa, mas a tradução feita talvez o faça em relação a uma "normalidade" do português brasileiro. Isto é, estaria mais de acordo com o padrão escrever "se experimenta emaranhadamente", mesmo que o texto em francês não utilize advérbio de modo. Mas isso não contemplaria a poeticidade dessa possível "coloquialidade" (de não usar o sufixo -mente). "Échevelée" é a própria matéria do mundo como a percebemos (Glissant não que ela é ou está assim) antes de ser a forma como a experimentamos (ou é simultaneamente seu suposto estado na medida em que assim a experimentamos...). • Aqui, o maior problema é contemplar o sentido de "forcer": o pensamento ao mesmo tempo se esforça (ação sobre si) e força, pressiona a matéria do mundo (ação sobre o objeto).

Texto fonte, p.117	09 e 10/10/2018	Notas
<p>XXI ## Cette cabane était engloutie à la fin dans un enfoncement de la terre. Comme si toutes les naissances auxquelles elle avait donné lieu, et la mienne par conséquent, étaient retournées à un abîme primordial, aussitôt recouvert de banalités végétales organisées en chaos. Fragilité de la naissance, qui vous emporte. N'essayez pas de rejoindre ces profondeurs, alors même que vous les avez pressenties tout ce temps. À cet endroit où la case de la naissance s'est enfoncée, peut-être le temps ne roule-t-il plus, immobile parmi les temps qui ventent alentour. Mais selon ce même pressentiment, j'avais toujours eu l'impression de vieillir au rythme même de la terre, cette infime poussière de l'univers, moi poussière (archipel) encore plus inimaginablement infinitésimale de cette molécule terre, dont l'étrange grandeur est qu'elle nous sert à bâtir, ce qui porte à outrance nos vanités. Je sens que nous avons vieilli</p>	<p>XXI ## Essa / Aquela / A cabana foi / fora engolida por fim num afundamento da terra. Como se todos os nascimentos aos quais ela havia dado lugar, e o meu, consequentemente, houvessem retornado a um abismo primordial, tão logo recoberto por banalidades vegetais organizadas em caos. Fragilidade do nascimento que lhe transporta. Não tente chegar / atingir essas profundezas, mesmo que você as tenha pressentido todo esse tempo. Nesse lugar, onde a casa do nascimento se afundou, talvez o tempo não corra mais, imóvel entre os tempos que sopram em torno. Mas, segundo esse mesmo pressentimento, eu tive sempre a impressão de envelhecer no ritmo da própria terra, esse ínfimo grão de pó / poeira do universo, eu, grão de pó / poeira (arquipélago) ainda mais inimaginavelmente infinitesimal dessa molécula terra cuja estranha grandeza é que ela nos serve / a de nos servir para / a construir / edificar / tramar, o que abusa / desgasta / veste-leve ao exagero / à caducidade nossas vaidades. Sinto que envelhecemos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O começo dessa página já havia sido traduzido para uso em comunicações. Por isso, para tal trecho, não se trata da primeira tradução. • "Cette" = "Aquela". "Essa" soa estranho pela proximidade que indica. "Aquela" coloca a casa como objeto do discurso a certa distância do sujeito, inclusive pelo uso de "cabane" no lugar de "case", o que parece ser um distanciamento emocional ligado à percepção de sua efemeridade e do sentido que possui muito além da existência concreta, isto é, a formação do sujeito afetivo e sua identidade cognitiva e social. A precariedade ("cabane") é da matéria tanto quanto da palavra que a designava antes ("case"/"caye"). • "cabane" = "cabana": essa opção parece contemplar essa espécie de ruína, desnudamento e desmoronamento da casa da infância ("case" > "cabane"). • "était" (imparfait) = perfeito... Adaptar para mais que perfeito? • "poussière": verificar as conotações religiosas, por exemplo, para optar por uma tradução. • Frases: "qu'elle nous sert à bâtir" e "ce qui porte à outrance nos vanités". Estou tentando verificar se são expressões com sentido mais específico ou diferente do literal, especialmente a segunda.

Texto fonte, p.118	15, 17/10/2018	Notas
<p>ensemble, elle à coups de millions d'années, et moi distribuant ces quelques journées dont j'ai disposé, dont l'allure ralentit à mesure. Encore ai-je la grâce, comme beaucoup d'humains, de pousser avant dans ces journées en la compagnie de ceux que j'aime et que j'estime. Mais pour ce qui est de mes amis d'enfance et d'adolescence, j'éprouve ce sentiment d'avoir peu à peu constitué et honoré, à moi seul, un cercle des poètes disparus. Je cherche alors dans les espaces les compagnons évanouis de cette planète Terre, ses filaments de feux et de laves, ses rocs fuyants devenus comètes, les morceaux déchirés de ses premières entrailles. Je ne vois plus rien, serait-ce en esprit. La Terre est immaculée des cordons et des placentas de sa naissance, elle n'est plus couverte que des prurits de ses histoires. Parions que ses vraies relations s'inscrivent peut-être dans des infinis hors d'approche. Je la considère ainsi, seule et, il se peut, sans amis ni parents proches ou lointains, terre, et qui a donné lieu au Tout-monde, elle, ses débâcles, ses fulgurances, sa misère qui aura présagé s'il se trouve une autre vitalité de ses formes et de ses fonds: et, c'est tout inappréciable, je sens là que nous vieillissons ensemble. Je vois ses ravages accompagner mes infimes déclin (ou déclinaisons), et là où par miracle elle a préservé ses lisières vivantes et transparentes et ses herbes qui guérissent, il me semble aussitôt que je passe librement et que je rajeunis sans savoir</p>	<p>juntos, ela, de milhões em milhões de anos, e eu, distribuindo esses poucos dias dos quais dispus, cuja velocidade diminui / se afrouxa na mesma medida. Ainda tenho eu a graça / dádiva, como muitos humanos, de ir tocando esses dias na companhia daqueles que amo e estimo. Mas, quanto aos meus amigos de infância e adolescência, eu experimento / tenho esse sentimento de ter pouco a pouco constituído e honrado, apenas para mim, um círculo dos poetas desaparecidos. Eu procuro então nos espaços os companheiros desaparecidos [repetido] / sumidos / evanescidos / esvanecidos / esvaecidos desse planeta Terra, seus filamentos de fogo e lava, suas rochas furtivas tornadas cometas, os fragmentos / pedaços estraçalhados / dilacerados de suas primeiras entranhas. Não vejo mais nada, fosse isso em espírito. A Terra é / está imaculada dos / nos cordões e placentas de seu nascimento, ela não está mais coberta senão pelos pruridos de suas histórias. Apostemos / Confiemos que suas verdadeiras relações talvez se inscrevam em infinitos inabordáveis / inaproximáveis. Considero-a assim, sozinha, e, o que é possível / possivelmente, sem amigos nem parentes próximos ou distantes, terra, e que deu / fez lugar ao Todo-mundo, ela, seus desastres / sinistros, seus* fulgores / lampejos / clarões, sua miséria que terá pressagiado / predito talvez uma outra vitalidade de suas formas e de seus fundos / seus conteúdos / suas essências: e, o que é inapreciável / insondável, eu sinto agora que nós envelhecemos juntos. Vejo suas devastações / seus rompantes acompanhar meus ínfimos declínios (ou declinações), e ali onde por milagre ela preservou suas bordas / bosques / matas / tufos / faixas vivas e transparentes e suas ervas curativas / que curam / curandeiras, parece-me imediatamente que passo livremente e que rejuvenesço sem saber</p>	<p>Notas</p> <ul style="list-style-type: none"> • milhões / poucos / medida: adaptações: verificar sentidos das expressões originais. • "de ceux que j'aime et que j'estime": exemplo de frase que precisa de adaptações pelas diferenças entre as "normalidades" de cada língua.

<p>Texto fonte, p.119</p>	<p>18, 22/10/2018</p>	<p>Notas</p>
<p>pourquoi. Comme celui-ci qui déclara: "<i>Véritablement, je m'appelle Mathieu Béluse. Selon la loi du conte, qui est dans l'ordre des arbres secrets, je vivrai encore longtemps.</i>" Il avait des jours et des jours parcouru cet espace des bois, en vain cherchant la source de La Lézarde, il s'était arrêté au large d'un fer-de-lance lové au soleil sur une piste de terre, il avait essayé de le chasser à coups de roches, la bête n'avait pas bougé, et à ce moment son esprit s'était empli d'aridités, il s'était imaginé, non d'imagination mais d'imaginaire, des bois encore plus épais, si c'était possible, des fonds plus monstrueux, des déserts acharnés, mais pas un champ de cultures, pas une racine à faire bouillir, toujours des bois et des sables et des monts insolents. C'est à ce moment aussi que j'éprouve, quant à moi, la certitude que je connais toutes ces langues que nous avons laissées derrière nous pendant cette déportation vers les Amériques et qui ont suivi leur chemin sans savoir que nous les avions abandonnées, le wolof, le sérère, le kiswahili, par exemple, et leurs dizaines de variantes, je rêve que je les pratique, et je les pratique vraiment, elles sont ce que nous avons porté à la puissance d'oubli du Tout-monde, en même temps qu'elles illustrent ce que ceux qui n'ont pas cessé de les parler portent à la beauté de la Relation. Puis nous reprenons, elle (la terre) le cours de ses mille et mille années, moi la descente de mes quelques heures façonnées en jour-</p>	<p>porquê. Como aquele que declarou: "<i>Verdadeiramente, eu me chamo Mathieu Béluse. Pela lei do conto, que está na ordem das árvores secretas, eu viverei ainda muito tempo.</i>" Ele havia por dias e dias percorrido esse espaço de matas, em vão procurando a fonte da Lézarde, ele havia parado próximo / ao ver / em face / frente a uma jararaca enrolada ao sol sobre / no meio de / numa trilha de terra, ele havia tentado espantá-la arremessando pedras, o animal / bicho não havia se mexido, e nesse momento seu espírito se encheu de aridez, ele havia se imaginado, não pela imaginação, mas pelo imaginário, matas ainda mais espessas, se fosse possível, interiores mais monstruosos, desertos implacáveis, mas nenhum campo de cultura / plantio, nenhuma raiz para ferver, sempre / continuamente matas e areias e montes insolentes. É nesse momento também que eu sinto, quanto a mim, a certeza de que conheço todas essas línguas que deixamos para trás durante aquela / esta deportação para as Américas e que seguiram seus caminhos sem saber que nós as havíamos abandonado, o uolofe, o serer, o suaíli, por exemplo, e suas dezenas de variantes, sonho que as pratico, e as pratico realmente, elas são aquilo que levamos à potência de esquecimento do Todo-mundo, ao mesmo tempo em que ilustram o que aqueles que não pararam de falá-las levam à beleza da Relação. Então retomamos, ela (a terra), o curso de seus mil e mil anos, eu, a descida dessas algumas horas minhas moldadas / modeladas / esculpidas / convertidas em dias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Todo esse trecho em "mais-que-perfeito composto" parece muito ruim em português. Penso em usar passado do indicativo.

Texto fonte, p.120	22/10/2018	Notas
<p>nées, qu'à vrai dire nous n'avions pas quittés. Pourtant, nous ne vivons pas les mêmes sortes de temps, je n'imagine pas qu'elle tourne là "selon moi", à mon image, ni inversement que je m'immobilise en son centre, quel ridicule c'eût été. On ne chasse pas si facilement la bête longue de son soleil, et ces sortes de rapport du "chaosmos" à l'humain sont aveuglément simplistes, quand bien même elles seraient consolatrices: c'est que la visée cosmique pousse autrement, une histoire du tout au tout. Mais aussi, le poème enfoui dans la terre de la Terre, même si c'est légende, a suscité tant de poèmes trop humains. Peut-être serait-ce là l'occasion de fréquenter des éternités, successives? Car s'il est vrai que la terre vous fournit la cadence, le poème seul décide du dernier mot.</p>	<p>que, na verdade, não abandonamos. No entanto, não vivemos os mesmos tipos / as mesmas espécies de tempo, não imagino que ela gire / gira "à minha volta" / "em torno de mim" / "em função de mim", à minha imagem, nem, inversamente, que eu estou / esteja imóvel em seu centro, tão / quão ridículo isso seria. Não se espanta tão facilmente o animal / bicho comprido / longo de seu sol, e essas espécies / tipos de relação / ligação / transporte do "chaosmos" ao humano são cegamente simplistas, ainda que sejam consoladoras: é que a visada / perspectiva cósmica avança / cresce de outra forma / outra maneira / diferentemente, uma história do todo ao todo. Mas também, o poema desaparecido na terra da Terra, mesmo se for / que seja lenda, suscitou muitos poemas humanos demais. Talvez seja esta a ocasião / oportunidade de frequentar eternidades, sucessivas? Pois, se é verdade que a terra lhe fornece a cadência, só / apenas o poema / o poema sozinho decide a palavra final.</p>	

121-138

INTERVALO NÃO TRADUZIDO

Texto fonte, p.139	26/10/2018	Notas [copiadas e modificadas de leitura anterior da fotocópia]
Vires	Veredas Trilhas Viragens Viravoltas Voltas Reviravoltas Patamar[es?]	<ul style="list-style-type: none"> • Como se chama, na transição do fim da tarde para a noite, a brisa ou o vento que agita a folhagem das árvores, o anúncio de que o tempo atravessa essa fronteira, de que o Sol abandona a face (ou o ponto que habitamos) da Terra, Sol cuja derradeira e difusa claridade escorre pelo horizonte, como num esquecimento da atmosfera que dilui e consome seus últimos véus de luz: viragem? Mas não parece ser esta a acepção usada... • Ação de virar, "virer", "tournage"? • Anagrama de "Rives"? > margens, "dériver", "dériver"... • Adriana cita na gravação [gravação da qualificação??]: "d'un escarpement montagneux": <ul style="list-style-type: none"> - geografia, paisagem? - dobra? rugosidade? - escarpa...

Texto fonte, p.141	31/10/2018
<p style="text-align: center;">XXIV ##</p> <p>De l'ancien morne de Bezaudin, je veux dire de celui que j'ai connu et emporté avec moi (la trace de boue jaune striée de lattes de bambou comme des paliers dans la montée à pic, le bruit ruisselant qui piète avec vous, les baquets de géraniums sauvages qui bordaient la véranda), il reste ce tumulte d'ombres silencieuses qui parsèment les éclats du soleil à cru, et qui ont comme étouffé l'ancienne rumeur de rivière qui gravissait là. Mais l'accablement, une solitude que rien ne vient écorcher, plane encore. Qui est cet arbre sans fin, aux petits fruits translucides, près duquel nous ne nous sommes pas arrêtés? Les poétiques portent à nommer avec acuité, mais aussi à soulever les obscures passions du nom impossible, ou à vivre un désir impossible du nom. Le poète travaille entre ces appels. Ni ichtyologiste ni ornithologue, il ne trouve grâce aux désignations savantes des choses et des vies que</p>	<p style="text-align: center;">XXIV ##</p> <p>Do antigo morro Bezaudin, quero dizer, daquele que conheci e levei / trouxe comigo (o resto / resíduo / vestígio de lama amarela estriada pelas placas / varas / lâminas de bambu como platôs / patamares na subida íngreme / brusca / aguda, o barulho / ruído constante / incessante que caminha com você / lhe acompanha / segue, as cestas / jardineiras / bacias / tinas de gerânios selvagens que ladeavam / margeavam a varanda), resta este tumulto de sombras silenciosas que dispersam cruamente os raios de sol e que, de certa forma, sufocaram o antigo rumor de rio que chegava / subia até aqui. Mas o assombro / a estupefação / o cansaço, uma solidão que nada pode / vem aliviar, ainda paira. Quem é essa árvore sem fim / Que árvore sem fim é essa, com frutinhas translúcidas, perto / próximo[s] da qual nós não paramos? As poéticas levam a nomear com acuidade, mas também a suspender as obscuras paixões pelo nome impossível, ou a viver um desejo impossível pelo nome. O poeta trabalha entre esses chamamentos. Nem ictiólogo, nem ornitólogo, ele não acha graça nas designações cultas das coisas e das vidas senão</p>
<p style="text-align: center;">NOTAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • "le bruit ruisselant qui piète avec vous" = "o ruído incessante que caminha com você": Procurando evitar conduzir a tradução pelas supostas "perdas" (pois, se assim o fazemos, colocamo-nos na busca irremediável e perpétua de "compensá-las"), utilizei "incessante" para "ruisselant" porque, apesar de ser mais literal, dá o sentimento de constância mais próximo de um estorvo, sentido observado no conjunto da frase, mais especificamente pelo verbo "piéter", o qual define a ação do barulho como algo insistente, teimoso. Sua tradução por "caminhar" transfere a relação etimológica do "pé" para o "caminho", enquanto que a "teimosia" se expressa em "incessante". Mas isso não seria procurar, ainda, compensações por meio do tráfico de aspectos do texto de origem entre as palavras escolhidas na tradução? Ou seria possível simplesmente considerar que a opção tradutória resulta interessante não apenas ou necessariamente pelas "compensações" bem ou mal executadas, mas pela "(re/i)novação poética" que proporciona? Isto é, não um sentido similar, mas um caminho, processo e progresso, uma arquitetura, uma paisagem... • [Notas da fotocópia desta página do livro] O morro Bezaudin: memória afetiva e antiga X experiência real atual: o morro levado na memória é o que foi vivido pessoal e individualmente, não um consenso genérico do morro supostamente real ou perene. • "Le nom impossible": as poéticas, os nomes, o nomear: "nome não dá, nome recebe", ROSA, João Guimarães, <i>Grande sertão: veredas</i>. 	

Texto fonte, p.142	01/11/2018	Notas
<p>pour la part de qualités secrètes que ces désignations suggèrent. Ni non plus généalogiste, il ne fonde en rien sur l'éphémère inappréciable des filiations. Maintenant, à la mi-pente, le tumulte d'ombres pousse à monter virant et dévirant, la terre jaune bouge sans arrêter, nous ne savons pas où nous sommes. Vous vous perdez ainsi dans un timbre-poste (par exemple William Faulkner, dans son Yoknapatawpha), c'est si vous le connaissez réellement vôtre. À ce moment, nous ressentons des grondements dans les dessous, les habitants avaient pour coutume de frapper sentence en ces occasions, "c'est la grande baille qui veut découler là encore", parlant ainsi du volcan qu'ils considéraient d'abord comme une montagne épaisse qui verse, et dont ils disaient à propos de son éruption finale de 1902: "Il a brûlé sur nos corps seulement tout le côté à gauche." (La nuée ardente, dévalant au loin sur Saint-Pierre, c'est une histoire bien connue, les avait atteints de ce côté pendant qu'ils fuyaient vers la mer.) Ils ont gardé la manie de ces grondements, un camion qui force, un tonnerre au loin, c'est pour eux encore et toujours la profondeur qui remonte dans la gueule du mont, tellement qu'il s'en est fait des traditions, et par exemple que vers la fin des années 1920 la Pelée a bien failli réintroduire dans le monde son carnage intime, qu'en tout cas elle a grondé tant que de colère, au point qu'une petite</p>	<p>por conta das / pela parte de qualidades secretas que essas designações sugerem. Nem tampouco genealogista, ele em nada se baseia / apoia sobre o efêmero inapreciável / inestimável das filiações. Agora, no meio do barranco / da ladeira, o tumulto de sombras impulsiona a subida indo e voltando / revirando e revolvendo / volteando e revolvendo, a terra amarela se mexe sem parar, não sabemos onde estamos. Você se perde assim num selo postal (por exemplo, William Faulkner em seu Yoknapatawpha), isto é, se você o reconhece como realmente seu. Nesse momento, sentimos os rugidos / grunhidos / roncões no subsolo / nos subterrâneos, os moradores / habitantes tinham por costume de dar sentença nessas ocasiões, "é a grande tina / bacia / banheira que quer derramar / se esvaziar de novo", falando assim do vulcão que consideravam ser, antes de tudo, uma montanha espessa que derrama / verte e da qual diziam a respeito de sua erupção final em 1902: "Ele queimou nossos corpos apenas de todo o lado esquerdo." (O nevoeiro incandescente descendo ao longe sobre Saint-Pierre, essa é uma história bem conhecida, tinha-os alcançado deste lado enquanto eles fugiam para o mar.) Eles conservaram a mania / uma obsessão por / de esses rugidos / grunhidos / roncões, o ronco [do motor] de um caminhão, um trovão distante, tudo é para eles ainda e sempre a profundidade que sobe até a garganta do monte, e tanto se fez disso tradição que, por exemplo, por volta do fim dos anos 1920, a / o Pelée quase [mesmo] reintroduziu / derramou / verteu no mundo sua carnificina íntima / seu massacre íntimo e, em todo caso, ela / ele rugiu / rosnou / grunhiu tanto de cólera / raiva ao ponto em que uma pequena</p>	<p>• "gronder", "grondements": verificar manutenção possível da rede de relações lexicais e simbólicas. - "un camion qui force": a frase/expressão não tem "gronder", mas eu trouxe na tradução a explicitação do som de "un camion qui force"...</p>

Texto fonte, p.143	06/11/2018	Notas
<p>légende en a résultat, que je serais né dans un de ces débordements, et que ma mère, oppressée des mouvements de l'éruption tellement prochaine, en avait certainement bien moins souffert les tourments de l'accouchement. Pour un enfant qui sera poète, c'est une grande vanité que de songer qu'il est venu au monde dans le bruit d'un volcanique désordre, et peut-être d'une sacrée éruption, éphémère il est vrai, et qu'il en a hérité des liens profonds avec des forces qu'il ne peut pas lui-même imaginer. Ces enfouissements, du volcan qui n'arrêtait pas de parler ainsi aux gens autour de lui, pendant au moins trente ans après son apocalypse de 1902, ou de la maison de naissance, qui disparut dans une éruption des végétations d'en dessous, sont des chemins de la Relation, je les ai poursuivis dans la mangrove du Lamentin au centre du pays, avec Apocal qui connaissait tout du lieu, où les sources consacrées, dont l'eau chaude s'écoule par moments, relayée par les eaux glacées d'une nappe phréatique à peu près clandestine, qui a sans doute et par miracle échappé aux pollutions des bananiers, sont alimentées par le même mont Pelé d'en haut, d'où proviennent aussi les sables noirs qui périodiquement recouvrent la plage étincelante du Diamant au sud, et qui la font ressembler pour un temps aux plages du Carbet, tout au pied du volcan. Le pays vit un rythme qu'il faut tenter de surprendre par-</p>	<p>lenda disso resultou, segundo a / pela qual eu teria nascido num desses transbordamentos e que minha mãe, apreensiva / aflita pelos movimentos da erupção tão próxima, teria certamente sofrido bem menos os tormentos do parto. Para uma criança que será poeta, é uma vaidade sonhar que veio ao mundo sob / em meio a / com o barulho / estrondo de uma desordem / distúrbio / desconcerto / agitação vulcânica, e talvez de uma erupção sagrada, efêmera, é verdade, e que herdou laços profundos com forças que ele próprio não pode imaginar. Esses enterramentos / ocultações, do vulcão que não parava de falar dessa forma com as pessoas em torno de si, durante pelo menos trinta anos depois de seu apocalypse de 1902, ou da residência / habitação / casa de nascimento, que desapareceu numa erupção de vegetação por debaixo, são caminhos da Relação, eu os segui no mangue do Lamentin, no meio / centro do país, com Apocal que conhecia / sabia tudo do lugar, onde as fontes consagradas / sagradas, das quais a água quente verte por momentos, alternada por / alternadamente a águas geladas de um lençol freático mais ou menos clandestino [,] que, sem dúvida e por milagre, escapou da poluição das bananeiras / dos bananais, são alimentadas pelo mesmo monte Pelé, [(de) lá] de cima, de onde vêm também as areias negras que periodicamente recobrem a praia cintilante do Diamant[e?] ao sul, e que fazem-na assemelhar-se por algum tempo às praias de Carbet, bem ao pé do vulcão. O país vive um ritmo que se precisa tentar surpreender por</p>	<p>Notas</p> <ul style="list-style-type: none"> • "maison de naissance" aqui designa o mesmo que já foi chamado de "case" e "cabane". Caberia usar "residência" ou "habitação"? Por quê? - recuperar ocorrências... • Lamentin: ? • Carbet: ? • "relayée", "relais": alternada, alternância... • vírgulas...

Texto fonte, p.144	07/11/2018	Notas
<p>dessous, mais en grand midi. De même, l'enfouissement mythique du poème à peine concevable, né de soi-même, aux temps où la parole était prise aux bouillonnements des premiers magmas, donna-t-il vie à tous les jaillissements de poèmes non concertés du monde, qui apparurent par la suite pour nous rassurer sur une telle légende, tout comme nous cherchons encore la maison de la source, où l'on jure que la rivière prend naissance, et comme nous devinons que les laves sous-marines courent d'un volcan à l'autre au long de l'arc caraïbe, sans que pas un ne sache vraiment à quel moment ni par où elles remonteront en éruptions, peut-être pour enlever l'archipel tout entier. Et il en fut ainsi, un sentiment d'incertitude et de légèreté toujours remises à jour, quand je trouvai, au hasard d'un vieux papier officiel, jauni, délicatement dentelé de rouille, que ma mère se prénomrait, dans un épelé complet: Adrienne Marie Euphémie. Pour un jeune garçon qui sera peut-être écrivain, et quoi qu'il aura pu penser de la vanité des chaînes de filiation (aujourd'hui, c'est le monde entier, le Tout-monde, qui est somptueusement illégitime), il y avait quelque raison de croire à cette logique souterraine de la Relation, supposant que ce nom d'Euphémie, qui est si rare et si beau, et qui sans doute avait été dévolu au gré du calendrier ou de la fantaisie d'un parent ou du sarcasme d'un commis d'état civil, présageait au</p>	<p>debaixo, mas em pleno meio-dia. Da mesma forma / Igualmente, o enterramento / a ocultação mítico/a do poema apenas concebível, nascido de si mesmo, no tempo em que a fala / palavra estava presa ao borbulhar dos primeiros magmas, deu vida a todas as irrupções de poemas não concertados do mundo[,] que surgiram em seguida para nos assegurar / certificar / afirmar quanto a [uma] tal lenda, do mesmo modo / da mesma forma como procuramos ainda a casa da fonte, onde se jura que o rio nasce / está a nascente do rio, e como adivinhamos que as lavas submarinas correm de um vulcão ao outro ao longo do arco caraíba, sem que uma pessoa sequer saiba realmente em que momento nem onde elas subirão em erupção, quiçá / talvez para arrebatá-lo o arquipélago inteiro. E foi assim, um sentimento de incerteza e leveza sempre renovadas, quando descobri, pelo acaso de um velho documento, amarelado / amarelecido, delicadamente roído em rendas, que minha mãe se chamava / tinha por nome, num ditado completo: Adrienne Marie Euphémie. Para um menino pequeno que será talvez escritor, e o que quer que ele terá podido pensar / pensasse [a respeito] da vaidade / frivolidade das cadeias de filiação / linha genealógica (hoje, é o mundo inteiro, o Todo-mundo, que é suntuosamente ilegítimo), havia alguma razão para crer / acreditar nessa lógica subterrânea da Relação, supondo que esse nome, Euphémie, que é tão raro e tão belo, e que sem dúvida terá / teria / houvera sido ofertado / oferecido / concedido / dado segundo a definição / ao grado do calendário ou da fantasia / do capricho de um parente ou do sarcasmo de um funcionário cartorial, pressagiava / prenunciava ao</p>	<ul style="list-style-type: none"> • "<i>la maison de la source</i>": a expressão remete provavelmente ao enredo do romance <i>La Lézarde</i> em que o protagonista Mathieu, personagem possivelmente com traços autobiográficos, procura a nascente do rio que dá título à obra. Resta decidir se investirei nessa análise ou não.

Texto fonte, p.145	08/11/2018	Notas
<p>poète quelque avertissement qu'il eût à adoucir les éclats originels de ses transports d'écriture. C'était là manifestée une des formes bien rares du rattachement à une mère, à la mienne en particulier, qui était éloignée des soucis de littérature mais qui sans doute en avait une intuition enfouie, si l'on s'en rapporte à ce peu d'observations très pointues que, sans savoir en rien lire ni apprécier aucun texte, elle me faisait parfois. Ce sentiment s'agrandit quand ma mère mourut et que, dans les temps qui précédèrent, elle refusa la perspective d'une tombe au cimetière du Lamentin, qui se fonde dans la mangrove. Madame Adrienne voulait être enterrée dans une caisse de bois à même la terre, cérémonie à la fois dénudée et insoutenable, entourée de l'apparat de chants religieux éclatants, dont avaient pris soin les gens de sa confession. Refuser une tombe n'est pas chose ordinaire dans le pays de Martinique, les tombes sont les Maisons des morts, qui sans elles semblent là manquer de prestance, les fosses sont dévolues aux plus que pauvres et les grosses familles jouent de ces marques de préséance. Les cimetières des pays et des villes de créolisation, et généralement de grands cyclones, Guadeloupe, Haïti, Martinique, La Nouvelle-Orléans, Carthagène des Indes, sont à leur tour de petites villes étincelantes comme des plages blanches, dont les avenues ouvrent sur des fugacités illuminées plutôt que sur</p>	<p>poeta algum / um / certo aviso / alerta de que ele tivesse / teria de adoçar / atenuar os brilhos / fragmentos / ímpetos originais / a aspereza original de seus transportes de escrita [escritura?]. Era manifestada / Manifestava-se ali uma [das] forma[s] bastante rara[s] do apego a uma mãe, à minha em particular, que era alheia às preocupações de literatura / literárias, mas que, sem dúvida, delas tinha uma intuição oculta / enterrada, se confiamos / nos fiamos / contemplamos / nos submetemos a essas / àquelas poucas observações muito agudas que, sem saber nem um pouco ler ou / nem apreciar qualquer texto, ela às vezes me fazia [a mim]. Esse sentimento cresceu quando minha mãe morreu e [que], nas vésperas // na época / nos dias / nos tempos que precedeu/ram [pede objeto?], ela recusou a perspectiva / possibilidade de um túmulo no cemitério de / do Lamentin, que se funde ao mangue. [A] Senhora Adrienne queria ser enterrada numa caixa de madeira diretamente na própria terra, cerimônia ao mesmo tempo despojada / simples / singela / humilde / pobre / sóbria e insustentável, rodeada pelo aparato / adorno de cantos religiosos vivos / sonoros / notáveis / formidáveis / extraordinário / admirável / esplêndido, dos quais cuidavam as pessoas de sua confissão. Recusar um túmulo não é coisa ordinária na [terra de] Martinica, os túmulos são as Casas dos mortos que, sem elas, parecem carecer de feição / presença / aparência / forma, as fossas são destinadas aos mais que pobres e as grandes famílias tiram proveito / aproveitam-se dessas marcas de precedência / superioridade. Os cemitérios dos países e cidades de crioulaização, e geralmente de grandes ciclones, Guadalupe, Haiti, Martinica, Nova Orleans, Cartagena das Índias, são por sua vez pequenas cidades cintilantes como praias brancas [.] cujas avenidas [se?] abrem sobre fugacidades iluminadas antes do que sobre</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Refere-se ao nome da mãe, "Euphémie", como possível alerta para que ele "eufemisasse" sua expressão... (?) • Verificar opção para "à même la terre" = "diretamente na própria terra". • "Casas dos mortos": é possível que componha uma parte da tese um esmiuçamento do contexto e das conotações a cada ocorrência de "case", "maison" e afins. Muita coisa gira em torno disso, ou é apenas uma ótima "porta de entrada" para a análise da obra, ao menos no aspecto autobiográfico, o que também evidencia a ligação íntima entre afetividade e filosofia em Édouard Glissant. • Acredito que, ao mencionar o desejo da mãe de ser enterrada diretamente na terra, Édouard Glissant está fazendo alguma analogia à questão do retorno ao ventre primordial e ancestral, ao poema original, num "enfocement" ou "enfouissement", em oposição à "ostentação" dos túmulos.

Texto fonte, p.146	14/11/2018	Notas
<p>l'espace atone d'un Au-delà. Aujourd'hui, je peux concevoir que ma mère, dont je retrouve à peine la trace indubitable entre deux de ces monuments, emplit tout ce cimetière du Lamentin, où j'ai joué parmi les milliers de bougies allumées aux jours et aux soirées féériques de la Toussaint, d'une présence qu'aucune architecture tombale, baroque ou prétentieuse, sottise ou naïve, avec ses ferveurs maladroites d'herbe souffreteuse, n'a contrainte. Quittez ces rêveries, brûlées de soleil de nuit, d'un enfant en marge du monde et qui avec ses amis pressentait pourtant les ailleurs, et qui confondait ses sentiments, dont il n'avait aucune assurance, avec ce qu'il éprouvait des entours d'énergies qui venaient ainsi à sa rencontre (dans la fragilité même du lieu de sa naissance, qui plus tard devait s'enfouir), et estimez comment tout cela peut sembler relever d'une analyse aux allées tracées raides: la passion (la fatalité) de l'enfouissement, le besoin d'une légende des origines (non pas d'une source des humanités mais de la première cristallisation de leur parole), le rêve de la source elle-même matérielle de la rivière comme maison et comme intimité, à la fin la disparition tout à fait banale et imprévisible de la case à naissance précisément, et puis, si l'on fonde sur la rumeur, la naissance elle-même toute en éruption, et la relation nominale (quoique ce ne fût pas au travers d'un nom patenté de famille), et en</p>	<p>o espaço átono de um Além. Hoje, posso conceber que minha mãe, de quem reencontro apenas / dificilmente o vestígio / a pista indubitável entre dois desses monumentos, preenche / preencheu todo esse cemitério do Lamentin, onde eu brinquei entre as milhares de velas acesas nos dias e noites / tardes feéricas de Todos-os-Santos, com uma presença que nenhuma arquitetura tumular, barroca ou pretensiosa, tola ou ingênua, com seus fervores canhestros de planta / vegetal raquítico(a) / franzino(a), restringiu / limitou / constrangeu. Deixe esses devaneios [.] queimados de / do sol de noite / noturno [.] de uma criança à margem do mundo e que, com seus amigos, pressentia todavia os alhures e [que] confundia seus sentimentos, dos quais ele não tinha nenhuma segurança, com o que experimentava dos entornos / arredores de energias que vinham assim ao seu encontro (na própria fragilidade do local de seu nascimento que, mais tarde, deveria enterrar-se / enterrar-se-ia), e estime / pondere como tudo isso pode parecer relevar / sair de uma / basear-se numa análise de linhas / idas / vias / caminhos traçadas / riscadas / desenhadas rígidos / rigidamente / retos / retamente / retilíneos: a paixão (a fatalidade) do enterramento, a necessidade de uma lenda das origens (não de uma fonte das humanidades, mas da primeira cristalização de sua palavra / fala), o sonho da fonte [.] ela mesma material do rio como casa e como intimidade, ao fim, o desaparecimento totalmente banal e imprevisível precisamente da casa de nascimento e, então, se nos baseamos no rumor / boato / história, o próprio nascimento assim em erupção / eruptivo e a relação nominal (mesmo que não fosse através de um nome patente / patenteado de família) [.] [e] em</p>	<ul style="list-style-type: none"> • "indubitable": "indubitável", mesmo, ou um sinônimo? [Engraçado o pressuposto de que seriam a "mesma" palavra...]. É que "indubitável" parece contradizer "à peine" na acepção de "dificilmente". • De que "monumentos" ele fala? A casa e o cemitério? Ou de seu lugar de enunciação entre dois dos túmulos do próprio cemitério? • Quanto às vírgulas, é preciso ponderar melhor seu uso no texto de origem para buscar alguma analogia na tradução. Também é preciso avaliar sua função no período todo. Estes são longos...

Texto fonte, p.147	20/11/2018	Notas
<p>tout cas linguistique, à une mère non lettrée, la disparition (ou le soupçon d'évanescence) de la mort, la trace perdue des lincaux, les cimetières rians, le vieillissement cosmique et tant d'autres caractères que vous me signalerez sur l'heure comme relevant de la plus confirmée psychanalyse. Celle-ci serait-elle, en la circonstance, passée à côté ou hors le poétique? Son désir d'obscur ou son plaisir de jour seraient-ils restés tout d'esprit? Je vous répéterai, avec une inquiétude peut-être à vos yeux aliénée, qu'il s'agissait là (ici) des éléments d'une poétique dévirée, qui a d'abord rassemblé l'idée ou le représenté ou l'imaginaire, c'est dire l'histoire, de ces lieux hasardés, le morne de Bezaudin, la mangrove du Lamentin, le rocher du Diamant (et de ce qu'il y a encore par-dessous, lequel ne relève pas de l'examen mais de l'exultation et de la respiration), autour de la nécessité imprévisible elle aussi des diversités du monde et des saveurs d'un pays, de leur rapport de pays à monde. Chacun a ses manières, individuelles et collectives, de réfléchir ce rapport, qui n'est en rien ce qu'on dit s'établir du particulier à l'universel. Car le lieu paraît dès l'abord partagé, et dès cet abord le Tout-monde serait infime (intime) lui aussi. Vous fouillez dans une même terre, ou vous rapprochez une mer de ses environnants, ou bien vous égaillez vos destins, ou vous combattez ici les mêmes vieilles morts que partout là, vous établissez</p>	<p>todo caso linguística [1] com uma mãe não letrada, o desaparecimento (ou a suspeita d[a] evanescência) da morte, o vestígio / resíduo perdido das mortilhas, os cemitérios risonhos / sorridentes, o envelhecimento cósmico e tantos outros aspectos que você assinalar-me-á nesta hora como oriundos da mais confirmada psicanálise. Haveria / Teria / Passara ela, nessa circunstância, [passado] ao largo ou fora do poético? Seu desejo pelo obscuro ou seu prazer pelo dia haveriam(ão) / teriam(ão) permanecido apenas em espírito / mente / intelecto? Eu lhe repetirei, com uma inquietação talvez alienada aos seus olhos, que se tratava lá / ali (aqui) de elementos de uma poética desvairada / invertida / inversa / reversa / transtornada [1] que antes / primeiramente reuniu / elaborou / juntou / montou a ideia ou o representado ou o imaginário, quer dizer / isto é, a história, desses lugares vulneráveis, o morro Bezaudin, o mangue do Lamentin, o rochedo [do] Diamante (e do que ainda há sob- / embaixo / por debaixo, aquilo que / o qual não sobressai / se origina / se eleva / surge do exame / observação / análise, mas da exultação e da respiração), em torno da necessidade imprevisível, ela também, das diversidades do mundo e dos sabores de um país / região / localidade, de sua conexão / ligação de região / local ao mundo. Cada um tem suas maneiras, individuais e coletivas, de refletir essa conexão / ligação, o que em nada é o que se diz [sobre] estabelecer-se do particular ao universal. Pois o lugar aparece / surge desde a aproximação / abordagem compartilhada e, desde essa aproximação / abordagem, o Todo-mundo seria ínfimo (íntimo) ele também. Você escava / revira [um]a mesma terra, ou você aproxima um mar de suas cercanias / seus arredores ou, então, você dispersa seus destinos, ou você combate aqui as mesmas velhas mortas de toda parte, você estabelece</p>	<p>• "trace", "lieu": recuperar e comparar todas as ocorrências.</p> <p>• A provocação do Álvaro (sobre estabelecer correspondências tradutórias e repeti-las maquinalmente) provocou-me a reflexão de que, de fato, não é obrigatório encontrar uma tradução (de determinada palavra ou conceito) que contemple todas as ocorrências do termo original. A exceção deve provavelmente referir-se a conceitos mais elaborados e afirmados como "entes simbólicos". Todavia, penso que a base para alguma variação deve ser consciente e crítica.</p>

<p>Texto fonte, p.148</p> <p>frontières entre monts et ravines, pour suivre de l'un à l'autre et de tous à tous. Nous comprenons alors que ce qui nous distrait de l'<u>essence</u> d'un sacré, de la lecture d'un poème primordial, ce n'est pas la banalisation ni la technicité <u>inarrêtable</u> ni la laïcité légiférée de nos savoirs et de nos manières <u>désormais</u>, mais ceci: que la poétique de la Relation <u>a projeté en avant de nous</u> ce <u>poème en étendue</u> que nous <u>réputions</u> être né des laves primordiales. Il <u>n'approche</u> aucune essence, précisément, il établit un autre sacré, dans la Relation, non pas de ceci <u>à</u> cela mais de tout <u>à</u> tout. Nous reste encore à lui prêter vie dans les démesures du monde. Car nous traversons un autre obscur <u>que</u> celui des <u>premiers âges</u> de la terre, et nous l'illustrons d'une autre manière, c'est l'obscur des temps mêlés, et nos <u>paroles accourent</u> de partout, s'éteignent ensemble, recréent <u>leurs</u> chaos. La philosophie de la Relation est l'aspiration fragile, l'autre lieu où surprendre ces manières multipliées que nous avons de <u>partager</u> nos <u>rapports rhizomiques</u>, sans qu'elle confonde jamais ces manières les unes dans les autres, et sans que leurs différents, dont les opacités déjà correspondent, soient opposés <u>en absolu</u>, <u>fût-ce en une fois</u>. L'obscur n'est pas l'irréparable, même s'il <u>voyage</u> entre éruption et enfouissement. Nous voyons l'horizon en imagination, nous avançons, il recule et s'évanouit <u>sans cesse</u>, parce que notre seule manière</p>	<p>21/11/2018</p> <p>fronteiras entre montes e ravinas, para seguir de um a outro e de todos a todos. Compreendemos então que o que nos distrai da <u>essência</u> de um sagrado, da leitura de um poema primordial, não é a banalização nem a tecnicidade <u>imparável</u> nem a laicidade legislada de nossos saberes e de nossas maneiras <u>doravante</u>, mas isto: que a poética da Relação <u>projetou à nossa frente</u> esse <u>poema em extensão / espraiamento</u> que nós <u>considerávamos</u> ser nascido das lavas primordiais. Ele não <u>aborda / se aproxima de / se acerca de</u> essência alguma, precisamente, ele estabelece um outro sagrado, na Relação, não disto <u>para / com / à</u> aquilo, mas de tudo <u>para / com / a</u> tudo. Resta-nos ainda emprestar-lhe vida nas desmedidas do mundo. Pois atravessamos um outro obscuro <u>além / diferente / que não</u> aquele das <u>primeiras eras / idade[s] / anos</u> da terra, e o ilustramos de uma outra maneira, é o obscuro dos tempos mesclados, e nossas <u>falas / palavras afluem / provêm</u> de toda parte, apagam-se juntas, reciam <u>seus</u> caos. A filosofia da Relação é a aspiração frágil, o outro lugar onde surpreender essas maneiras multiplicadas que temos de <u>[com]partilhar</u> nossas <u>ligações / relações rizôm[át]icas</u> sem que ela confunda jamais essas maneiras umas com as outras e sem que seus diferentes, cujas opacidades já correspondem, sejam opostos <u>de forma absoluta / absolutamente</u>, <u>fosse isso de / sequer uma vez</u>. O obscuro não é o irreparável, mesmo que ele <u>viaje / transite</u> entre erupção e enterramento. Vemos o horizonte em imaginação, avançamos, ele recua e se esvai <u>toda vez / sem cessar</u>, porque nossa única maneira</p>
<p>NOTAS</p> <p>Parece que há muito o que considerar sobre essa "simulação" de tradução, isto é, em como traduzo e registro o processo de tradução para ser analisado posteriormente por mim mesmo. A preocupação com a "simulação" de um processo de tradução diz respeito a possíveis "falsificações" deste. Não saberia precisar, mas, por exemplo, podem ocorrer tanto um preciosismo quanto alguma omissão. Um exemplo de preciosismo associado a uma simulação seria sempre ter insegurança sobre a escolha tradutória de termos razoavelmente corriqueiros ou pouco importantes. A simulação seria uma espécie de fabricação da primeira versão através do registro das inseguranças. Estas aumentam no contexto de ciência de que serão objeto de análise posterior? Todavia, essa experiência talvez se encaminhe para a percepção de como cada ato tradutório é singular, da mesma forma que os atos de comunicação, em que inúmeras variáveis, de inúmeros aspectos e naturezas, se fazem presentes.</p>	

Texto fonte, p.149	21/11/2018
<p>de le concevoir vraiment, c'est par notre imaginaire. Celui-ci crée les horizons des îles ou des villes, et par conséquent la réalité des archipels. Ce serait (à jamais aussi) sur chaque horizon levé, où que ce soit au monde, et que cet horizon fût né de n'importe quel paysage, ou père de n'importe quel pays. Car la filiation, douteuse condition des humanités quand elles veulent la légitimer, vaut pour ces horizons et ces paysages et ces pays: ils n'héritent pas, ils <u>poursuivent</u>. Sinueux et indéfaisables comme les rivières Lézarde autour de nous, qui sont si nombreuses et indémêlables dans leurs tournants. Et hauts et droits et seuls comme le seul mont Fuji.</p>	<p>de concebê-lo realmente é por nosso imaginário. Este cria os horizontes das ilhas ou das cidades e, consequentemente, a realidade dos arquipélagos. Seria o mesmo (para sempre também) sobre cada horizonte levantado / erguido, onde quer que seja no mundo, e que esse horizonte fosse nascido de qualquer paisagem, ou pai de qualquer país. Pois a filiação, duvidosa condição das humanidades quando querem legitimá-la, vale para esses horizontes e essas paisagens e esses países: eles não herdam, eles <u>perseguem</u>. Sinuosos e indesfactíveis como os rios Lézarde ao redor de nós, que são tão numerosos e indesmisturáveis / indesmescláveis em suas curvas. E altos e eretos e sós como o só / sozinho / solitário monte Fuji.</p>
NOTAS	
<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a perda da repetição de "seul" ao final. • "Nome não dá, nome recebe" (ROSA, GSV). Por isso, traduzir também é poiesis, também pode propor e criar o sentido das palavras mesmo que ela não possua ou pareça não possuir o sentido ou complemento de sentido quisto. 	

Texto fonte, p.151	22/11/2018
L'obscur de l'étendue	O obscuro da extensão / estendimento / espraimento
NOTAS	
<ul style="list-style-type: none"> Este título é equivalente em hierarquia aos títulos de seções (Souques, Phases, Cassettes, Erres, Vires). As partes de que esta seção se compõe, diferentemente do restante do livro, não se iniciam apenas por um algarismo romano, mas por títulos especiais a cada um dos dois textos finais da obra, dos quais um é o único poema presente na publicação (ao menos pelo que se refere à forma em verso). Após o desenvolvimento do conceito de "étendue" ao final da parte anterior do texto fonte, penso que chegarei mais facilmente à decisão tradutória para o termo. 	

Texto fonte, p.153	22/11/2018	NOTAS
<p>Récitation pour Mahmoud Darwich ## Le poète gravit en cet écart veiné de roches Sous une ravine courue d'argiles immortelles Il sonne le Nom avec précision, brève loi, et toute la largeur de la lune Il épelle la fleur du Nom grandie au feu des crimes (crimes morts), il dérive Ses pieds dessinent sous la terre, ses yeux dansent au loin des sables, sa main frappe au vrai lieu des nuages Près des vieux lacs qui tremblent il halète Il plonge à l'astre où s'ennoblit le Nom Il l'y maintient inconnu obscur À jamais d'un granite puissant.</p>	<p>Recitação para Mahmoud Darwich ## O poeta escala / se agarra / se equilibra nesse vão pleno / cheio de rochas / pedras Sob / [N]uma ravina / [N]um vale conhecido das argilas imortais Ele soa o Nome com precisão, breve lei fugaz, e toda a largura da lua [Ele] Soletra a flor do Nome crescida / criada ao / no fogo dos crimes (crimes mortos), ele deriva Seus pés desenham sob a terra, seus olhos dançam nas areias distantes, sua mão golpeia / agarra o vero lugar das nuvens Próximo aos velhos lagos trêmulos / encrespados [,] ele arqueja / ofega [Ele] Mergulha no astro onde se enobrece / se esmera o Nome Ali ele o mantém / preserva / guarda / dispõe inominado obscuro não nomeado No jamais / sempre de um denso granito.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Quem é Mahmoud Darwich? Sobre o primeiro verso: sem ou compreender ou saber muito bem a que coisas e ações o autor se refere, é difícil resolver a tradução. Não devo esquecer o aspecto poético, mas incerto é quanto da suposta criação poética deduzida por minha interpretação se deve ao meu desconhecimento e quanto se deve à intenção poética do autor. Seria isto a simples insegurança de um falante não nativo do francês? Talvez, visto que alguém mais seguro, francófono ou não, poderia não ter essa dúvida. "Dérivé" tem um sentido elaborado por Glissant em conexão com "rive" e "dévire". Procurar onde vi.

<p>Texto fonte, p.154</p>	<p>26/11/2018</p>	<p>NOTAS</p>
<p style="text-align: center;">Végétation de l'acoma</p> <p style="text-align: center;">##</p> <p>Pour cette fois, nous cheminons au long des crêtes qui mènent du Prêcheur à Grand'Rivière, par endroits semées de noix d'acajou sur lesquelles vous faites attention de ne pas dérapier, mais l'ombre des grands arbres, les ébéniers, peut-être les mahoganis (ô mahagony), est si profonde et légère qu'il vous paraît que vous naviguez en plein dans la végétation d'un acoma. La multiplicité ne s'altère d'aucune disparité des lumières, et les ombres sont dilatées tout autant aux sommets que dans les fonds. La chaleur brille par noirs moments.</p> <p>C'est ce que nous appelons encore diversité, quand nous voulons approfondir et prolonger en solennité nos pensées, qui autrement courent partout. Mais le plus souvent nous n'y attachons rien, et si nous disons: le Divers, c'est parce que nous savons que dans les plantées d'oranges et de mandarines sur les pentes, entre les relevées bourrées d'eau, vous rencontrez des amertumes</p>	<p style="text-align: center;">Vegetação do acoma</p> <p style="text-align: center;">##</p> <p>Desta vez, caminhamos ao longo das cristas / dos cumes / das cumeeiras que levam [do bairro] do Prêcheur à Grand'Rivière, por lugares coalhados de castanhas de caju nas quais você deve tomar cuidado para não escorregar, mas a sombra das árvores grandes, ébanos, talvez mognos (ô mahagony), é tão profunda e leve que lhe parece que você está navegando / navega inteiramente na vegetação de um acoma. A multiplicidade não se altera por nenhuma disparidade das luzes, e as sombras são dilatadas / se dilatam tanto nos cumes como nos fundos / no chão / nos baixos. O calor brilha por negros momentos.</p> <p>É o que chamamos ainda de diversidade, quando queremos aprofundar e prolongar com solenidade nossos pensamentos, que, de outra forma, percorrem tudo. Porém, mais frequentemente, não acrescentamos / adicionamos / incorporamos nada e, se dizemos: o Diverso, é porque sabemos que nos pomares de laranja e tangerina / mexerica sobre os / dos / nos barrancos / taludes, entre os degraus encharcados [d'água], você encontra amargores</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Todo este texto está em itálico (exceto o título; o que sublinhei e negritei está redondo). • Por que todo este texto (último do livro) está em itálico? É uma espécie de posfácio? O tom e o estilo são diferentes? • "Acoma": "<i>Sloanea caribaea</i>, commonly known as acomat boucan, is a tree of the eastern Caribbean region" (Wikipedia, EN). • "fonds": fundos do vale? (Já que fala dos cumes...)

Texto fonte, p.155	27/11/2018	NOTAS
<p>inattendues et tant de têtues et sucrées récoltes. Ne craignez pas l'amertume, ni ne méprisez ces douceurs.</p> <p>Les saveurs rôdent et dévalent, toute nature fréquente où elle veut, comme elle veut. La bonté sans falbalas tourne autour du théâtre le plus sobre (des roses de porcelaine, poussées auprès de trois chutes d'eau), quand la pièce est finie, c'est-à-dire quand fatigué d'aller ainsi, vous retournez vos pieds. Ce que nous appelons la bonté, c'est la trace, qui nous permet de ne pas nous perdre dans cette multiplicité, laquelle n'a ni l'arrogance des accumulations sans failles ni la fatuité des désordres. La multiplicité conduit le divers avec cette même secrète patience qui régit à grosses coutures la façon des quilt les plus délicats de nos rêves. Et quand nous nous y perdons, croyant prendre tout détail pour un univers entier, nous errons pourtant de notre lieu à tout autre. C'est imaginer.</p> <p>Les esprits avertis disent ainsi que celle qui parcourt ces crêtes et ces fonds devine, dessine et rassemble, pour les accorder, les imaginaires de nos mondes. Les poétiques indiscernables, si difficiles à exprimer, dont les entournures se joignent pourtant: les vues et les divinations (optiques) de ce que nous pressentons être l'équivalent du réel, qui est l'équivalent de nos rêveries. L'œil rivé aux profondeurs de la terre, et qui en écoute les variations: c'est toute science.</p> <p>Nous pressentons les entracements que la tisseuse ardente sème alentour, c'est-à-dire, cette recherche de la</p>	<p>inesperados e tantas teimosas e açucaradas colheitas. Não tema o amargor, nem despreze / menospreze / reprima essas doçuras.</p> <p>Os sabores vagam e precipitam-se, toda natureza frequente onde quer, como quer. A bondade sem pompa / adorno / ostentação gira em torno do teatro mais sóbrio (rosas de porcelana, brotadas / florescidas próximas a / perto de três quedas d'água / cachoeiras / cascatas), quando a peça termina, isto é, quando cansamos / cansado de prosseguir assim, você dá meia-volta. O que chamamos [de] bondade é o rastro / o resíduo / o vestígio, que nos permite não nos perder nessa multiplicitade, a qual não possui nem a arrogância das acumulações sem falhas nem a fatuidade das desordens. A multiplicitade conduz o diverso com essa mesma paciência secreta que rege / define por costuras grosseiras a forma das colchas de retalhos mais delicadas de / dos nossos sonhos. E quando nos perdemos nela, acreditando tomar todo detalhe por um universo inteiro, vagamos, contudo, de / do nosso lugar a outro, completamente. Isto é imaginar.</p> <p>Os espíritos advertidos / cautos / ponderados / sábios dizem [assim] que aquela que percorre essas cumeeiras e esses fundos adivinha, desenha e reúne, para conciliá-los, os imaginários de nossos mundos. As poéticas indiscerníveis, tão difíceis a exprimir, cujas manifestações se juntam, no entanto: os vislumbres / as vistas e as adivinhações (óticas) do que pressentimos ser o equivalente ao real, que é o equivalente de nossos devaneios / nossas divagações. O olho bordejante / que aborda / margeia as profundezas da terra e que escuta suas variações: isso é toda ciência.</p> <p>Pressentimos as fragmentações / os vestígios / rastreamentos que a tecelã candente semeia nos arredores, quer dizer, essa busca pelo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • "quand la pièce est finie" parece muito claramente, no contexto frasal, equivaler a "quando a peça termina". É a forma mais "natural" de dizer o que diz a tradução escolhida, igualmente a mais "natural". No meu entender, obviamente. • Já não tenho a mesma segurança para traduzir "vous retournez vos pieds". A opção foi "você dá meia-volta". • Senti a necessidade de uma "tradução explicativa" porque "colcha" não parece ter o mesmo sentido em português quanto a um traço importante do sentido do original no contexto, isto é, a menção ao mosaico de retalhos de um "quilt". • "rivé" é um neologismo (?) e deriva de "rive" na obra do autor. Sondar possibilidades de tradução segundo o conceito construído. • Mais um neologismo, aparentemente: "entracement". Impossível encontrar uma definição.

Texto fonte, p.156	28/11/2018	NOTAS
<p>trace et l'idée aussitôt qu'il faudra la perdre si bellement. Nous suivons à nouveau un chemin des crêtes, cette fois-ci entre Le Vauclin et La Trinité, si près si loin de la montagne Pelée, ou entre Barranquilla et Carthagène, dans la Colombie caraïbe, ou bien entre Eget et la passe qui mène aux Espagnes, Geneviève Gallego y travaille ses sculptures, ou bien sur les hauteurs des Cinque Terre en Italie, avec Piva dont les pêches fournissent à sa trattoria de Vernazza, ou bien dans les nuages d'une pluie insulaire où la maison devient un cap. Nous aimons ainsi à désigner dans l'alentour, sans qu'il soit possible de savoir ce qu'il en est vraiment, le sachant pourtant. Nous poursuivons le désordre prophétique de l'homme du Sud, qui a dit sans dire tout en disant. C'est de William Faulkner qu'il s'agit là. Que voyez-vous dans ces états de monde? Qui soit commun et partagé? Cela que la dame du lieu nous a enseigné avec tant de légèreté. Le grain serré du vêtement de la terre et l'espace irrépressible que soulèvent ces bleus-or nés d'une argile écru.</p>	<p>rastro / resíduo / vestígio e a ideia imediata de que será preciso perdê-lo assim tolamente / simplesmente / desapeadamente. Seguimos novamente um caminho de cumeeiras, desta vez entre Le Vauclin e La Trinité, tão perto tão longe da montanha Pelée, ou entre Barranquilla e Cartagena, na Colômbia caraíba, ou então entre Eget e o canal / a passagem que leva às Espanhas, onde Geneviève Gallego trabalha em suas esculturas, ou então nas alturas das Cinque Terre na Itália, com Piva cuja pesca / cujos pêssegos abastece sua cantina de Vernazza, ou então nas nuvens de uma chuva insular onde a casa se torna um cabo / promontório / pontal. Apreciamos designar assim nos arredores, sem que seja possível saber do que se trata realmente, sabendo-o, no entanto. Perseguimos a desordem profética do homem do Sul, que disse sem dizer apenas dizendo. É de William Faulkner que se trata [aqui]. O que você vê nesses estados do mundo? Que seja comum e compartilhado? Aquilo que a senhora do lugar nos ensinou com tanta leveza. A tessitura cerrada da veste da terra e o espaço irreprimível que levantam / erguem / suspendem esses azuis-ouro nascidos de uma argila crua / bruta.</p>	